

Escola Superior de Educação João de Deus
Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino de 1.º Ciclo
do Ensino Básico
Estágio Profissional I, II e III

Relatório de Estágio Profissional

Vanessa Alexandra da Branca Cardoso

julho 2013



Escola Superior de Educação João de Deus

Parecer do(a) Orientador(a)

Nome do(a) orientador(a) José Miguel de Castro Marches Castello, SC

tendo presente o Relatório da Prática de Ensino Supervisionada (Estágio Profissional) desenvolvido pelo(a) licenciado(a) Vanessa Alexandra da Borges Mendes

realizado no âmbito do Mestrado – 2º Ciclo de Estudos (Formação de Docentes) Bi-Escolas a
Ensino de 1º Ciclo do Ensino Básico

considero que se trata de um trabalho que reúne as condições necessárias para ser defendido e apresentado.

Nestes termos, solicito à Comissão de Mestrado do Conselho Técnico-Científico desta Escola a nomeação de um Júri para apreciação do respetivo Relatório apresentado pelo(a) candidato(a).

Lisboa, 31 de Julho de 2013



Escola Superior de Educação João de Deus
Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino de 1.º Ciclo
do Ensino Básico
Estágio Profissional I e II

Relatório de Estágio Profissional

Vanessa Alexandra da Branca Cardoso

Relatório apresentado para a obtenção do grau de mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino Básico do 1.º Ciclo do Ensino Básico, sob a orientação do Professor Doutor Luís Miguel Larcher

julho 2013

Agradecimentos

Durante a realização deste relatório muitas foram as pessoas que me ajudaram na sua realização. Quero, portanto, agradecer-lhes.

Agradeço às professoras cooperantes dos Jardins-Escolas pela oportunidade de estagiar na sala delas e pelo que me ensinaram.

À Escola Superior de Educação João de Deus e ao seu corpo docente, que muito me ensinaram durante estes anos de formação e ao corpo não docente pela simpatia e disponibilidade que sempre demonstraram.

À minha colega e amiga, a Ana Margarida Ribeiro, pelo companheirismo, amizade, apoio e força que me deu ao longo deste nosso caminho.

À minha família, pelo apoio que sempre me deu e pela disponibilidade que sempre demonstraram em ajudar-me ao longo do curso.

E principalmente a todas as crianças que sempre me inspiraram, incentivaram e motivaram para me tornar a pessoa que sou hoje e enverdar pelo caminho que escolhi.

A todos um grande obrigada!

ÍNDICE

Índice de Quadros	xi
Índice de Figuras	xiii
INTRODUÇÃO	1
1. Descrição da estrutura do Relatório de Estágio Profissional	3
2. Identificação do local de estágio	3
2. Metodologia utilizada	4
4. Pertinência do Estágio Profissional	5
5. Identificação do grupo de estágio	6
6. Importância da elaboração do Relatório de Estágio Profissional	6
7. Cronograma	6
CAPÍTULO 1 – RELATOS DIÁRIOS	9
1.1. Descrição do capítulo	11
1.2. A Metodologia João de Deus	11
1.3. 1.ª Secção: Sala dos 5 anos	14
1.3.1. Caracterização da turma	14
1.3.2. Caracterização do espaço	14
1.3.3. Horário do grupo dos 5 anos	15
1.3.4. Rotinas	15
1.3.5. Relatos diários	18
1.4. 2.ª Secção: Sala dos 3 anos	40
1.4.1. Caracterização da turma	40
1.4.2. Caracterização do espaço	40
1.4.3. Horário do grupo dos 3 anos	41
1.4.4. Rotinas	42
1.4.5. Relatos diários	44
1.5. 3.ª Secção: Sala dos 4 anos	61
1.5.1. Caracterização da turma	61
1.5.2. Caracterização do espaço	62
1.5.3. Rotinas	63
1.5.4. Horário do grupo dos 4 anos	64
1.5.6. Relatos diários	65
1.6. 4.ª Secção 1.º ano	82

1.6.1. Caracterização da turma	82
1.6.2. Caracterização do espaço	83
1.6.3. Horário do 1.º ano (estágio intensivo)	83
1.6.4. Rotinas	84
1.6.5. Relatos Diários	85
1.7.1. 5.ª Secção: 2.º Ano	89
1.7.2. Caracterização da turma	89
1.7.3. Caracterização do espaço	89
1.7.4. Rotinas	90
1.7.5. Horário do 2.º ano	91
1.7.6. Relatos diários	92
1.8.1. 6.ª Secção: 1.º Ano	106
1.8.2. Caracterização da turma	106
1.8.3. Caracterização do espaço	106
1.8.4. Rotinas	107
1.8.5. Horário do 1.º ano	108
1.8.6. Relatos diários	108
1.9.1. 7.ª Secção: 3.º Ano	129
1.9.2. Caracterização da turma	129
1.9.3. Caracterização do espaço	129
1.9.4. Horário do 3.º ano	130
1.9.5. Rotinas	131
1.9.6. Relatos Diários	131
1.10.1. 8.ª Secção: 4.º Ano	145
1.10.2. Caracterização da turma	145
1.10.3. Caracterização do espaço	145
1.10.4. Horário do 4.º ano	146
1.10.5. Rotinas	147
1.10.6. Relatos Diários	147
CAPÍTULO 2 - PLANIFICAÇÕES	163
2.1. Fundamentação teórica	165
2.1.1. O que é a planificação?	165
2.1.2. Quais as finalidades da planificação	166
2.1.3. Como se planifica?	167

2.2. Planificações	169
2.2.1. Planificação de Iniciação à Leitura e à Escrita	170
2.2.2. Planificação do Domínio da Matemática	172
2.2.3. Planificação da Área de Matemática	173
2.2.4. Planificação da área de Estudo do Meio	175
CAPÍTULO 3 - DISPOSITIVOS DE AVALIAÇÃO	179
3.1. Fundamentação teórica	181
3.2. Avaliação da atividade de Domínio da Matemática	183
3.2.1. Contextualização	183
3.2.2. Descrição de parâmetros e critérios de avaliação	184
3.2.3. Grelha de avaliação	185
3.2.4. Descrição da grelha	186
3.2.5. Apresentação dos resultados em gráfico circular	187
3.2.6. Análise do gráfico	187
3.3. Avaliação da atividade do Domínio da Iniciação à Leitura e à Escrita	187
3.3.1. Contextualização	187
3.3.2. Descrição de parâmetros e critérios de avaliação	187
3.3.3. Grelha de avaliação	189
3.3.4. Descrição da grelha	190
3.3.5. Apresentação dos resultados em gráfico circular	191
3.3.6. Análise do gráfico	191
3.4. Avaliação da atividade da Área de Português	191
3.4.1. Contextualização	191
3.4.2. Descrição de parâmetros e critérios de avaliação	192
3.4.3. Grelha de avaliação	193
3.4.4. Descrição da grelha	194
3.4.5. Apresentação dos resultados em gráfico circular	194
3.4.6. Análise do gráfico	195
3.5. Avaliação da atividade da Área de Estudo do Meio	195
3.5.1. Contextualização	195
3.5.2. Descrição de parâmetros e critérios de avaliação	195
3.5.3. Grelha de avaliação	196
3.5.4. Descrição da grelha	198
3.5.5. Apresentação dos resultados em gráfico circular	198

3.5.6. Análise do gráfico	199
REFLEXÃO FINAL	201
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	207
ANEXOS	217

Índice de Quadros

Quadro 1 – Cronograma de Estágio no Pré-Escolar	18
Quadro 2 – Cronograma do Estágio Intensivo	19
Quadro 3 – Cronograma de estágio no 1.º Ciclo	19
Quadro 4 – Horário do Bibe Azul A	30
Quadro 5 – Horário do Bibe Amarelo A	57
Quadro 6 – Horário do Bibe Encarnado A	79
Quadro 7 – Horário do 1.º Ano do Estágio Intensivo	98
Quadro 8 – Horário do 2.º ano	107
Quadro 9 – Horário do 1.º ano	125
Quadro 10 – Horário do 3.º ano	148
Quadro 11 – Horário do 4.º ano	164
Quadro 12 – Exemplo de uma planificação baseada no modelo T de aprendizagem	186
Quadro 13 – Planificação de uma aula de Iniciação à Leitura e à Escrita	188
Quadro 14 – Planificação de uma aula do Domínio da Matemática	190
Quadro 15 – Planificação de uma aula de Matemática	191
Quadro 16 – Planificação de uma aula de Estudo do Meio	193
Quadro 17 – Escala de avaliação utilizada	198
Quadro 18 – Cotações e critérios definidos para a atividade do Domínio da Matemática	197
Quadro 19 – Grelha de avaliação da ficha da atividade do Domínio da Matemática	200
Quadro 20 – Escala de avaliação do Domínio da Matemática	201
Quadro 21 - Cotações e critérios definidos para a atividade de Iniciação à Leitura e à Escrita	203
Quadro 22 - Grelha de avaliação da ficha da atividade de Iniciação à Leitura e à Escrita	204
Quadro 23 - Escala de avaliação de Iniciação à Leitura e à Escrita	205
Quadro 24 - Cotações e critérios definidos para a atividade de Iniciação à Leitura e à Escrita	207
Quadro 25 - Grelha de avaliação da ficha da atividade de Português	208
Quadro 26 - Escala de avaliação de Português	209
Quadro 27 - Cotações e critérios definidos para a área de Estudo do Meio	209
Quadro 28 - Grelha de avaliação da ficha de Estudo do Meio	210
Quadro 29 - Escala de avaliação de Estudo do Meio	211

Índice de Figuras

Figura 1 – Cartilha Maternal João de Deus	13
Figura 2 – Sala do Bibe Azul	15
Figura 3 – Esquema da roda do Pré-Escolar	17
Figura 4 - Material Cuisenaire	20
Figura 5 - Calculadora Papy	21
Figura 6 - Tangram	25
Figura 7 – Imagem de “Os ratos das botas”	36
Figura 8 – Sala do Bibe Amarelo	42
Figura 9 – Cantinho das histórias do Bibe Amarelo	42
Figura 10 – Blocos Lógicos	46
Figura 11 – 1.º Dom de Fröbel	50
Figura 12 – O livro “O Cuquedo”	52
Figura 13 – Cantinho das Histórias do Bibe Encarnado	63
Figura 14 – Despenteadado	67
Figura 15 – Decoração da sala do Bibe Encarnado	74
Figura 16 - Geoplano	74
Figura 17 – Livro “O Ponto”	75
Figura 18 – Sala do 2.º ano	92
Figura 19 – Sala do 1.º ano	109
Figura 20 - Sala do 3.º ano	132
Figura 21 - Sala do 4.º ano	149
Figura 22 - Gráfico de resultados da atividade do Domínio da Matemática	187
Figura 23 - Gráfico de resultados da atividade de Introdução à Leitura e à Escrita	191
Figura 24 - Gráfico de resultados da atividade de Português	194
Figura 25 - Gráfico de resultados da atividade de Estudo do Meio	198

INTRODUÇÃO

Um dos pré-requisitos para a conclusão do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico é a apresentação de um Relatório de Estágio Profissional. Este relatório foi realizado no âmbito das unidades curriculares de Estágio Profissional I, II e III do Mestrado e nele apresento o resultado das minhas observações durante o período de estágio, de 27 de setembro de 2011 a 10 de fevereiro de 2013, em que estagiei numa Escola em Lisboa.

1. Descrição da estrutura do Relatório de Estágio Profissional

Este relatório é constituído por quatro grandes partes.

Começa pela Introdução, onde se encontra a caracterização do local de estágio, a descrição da estrutura do relatório assim como a importância do mesmo, a identificação do grupo de estágio, a metodologia utilizada, a pertinência do estágio profissional, bem como a cronologia referente ao relatório de Estágio Profissional.

No *Capítulo 1 – Relatos diários*, encontram-se os relatos diários de todas as atividades que considerei pertinentes durante o período de estágio, juntamente com as minhas inferências e a fundamentação teórica.

No *Capítulo 2 – Planificações*, apresento as planificações em Modelo T de quatro das minhas aulas planeadas, assim como as minhas inferências e a sua fundamentação teórica.

No *Capítulo 3 – Dispositivos de avaliação*, neste, encontram-se quatro dispositivos de avaliação, devidamente fundamentados, que realizei durante o período de estágio, assim como a importância da avaliação no ensino.

Por fim apresento a Reflexão Final sobre a importância deste relatório e de todo o estágio, as limitações e novas pesquisas. Termina com as Referências Bibliográficas e os Anexos.

2. Identificação do local de estágio

A Escola onde estagiei encontra-se localizada num bairro na parte ocidental de Lisboa. É considerado o maior bairro de Lisboa em termos de população, servindo essencialmente como um dormitório. Tem uma zona industrial e comercial (um pequeno centro comercial, um mercado, uma esquadra da P.S.P., cafés, uma igreja, outras escolas, agências bancárias, uma mata e farmácias perto), satisfazendo assim as necessidades dos habitantes.

A Escola tem valência em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico sendo a direção constituída por duas diretoras: uma responsável pelo 1.º ciclo do ensino Básico e a outra responsável pelo Pré-Escolar. Este Jardim-Escola pertence à Associação de Jardins-Escolas João de Deus, que mantém perto de 50 centros educativos, espalhados pelo país.

Tem uma arquitetura moderna e segue o estilo de todos os outros, é uma vivenda de grandes dimensões com doze salas de aula, um salão, um ginásio, uma sala de informática, uma sala de professores e outra de estagiárias, um gabinete de direção, uma secretaria, um refeitório, uma cozinha, quatro zonas de casa de banho para crianças e uma de adultos, dois espaços exteriores e um coberto.

As crianças que frequentam o Jardim-Escola têm idades compreendidas entre os dois e os dez anos e estão distribuídas por turmas, conforme as idades, existindo duas salas para cada idade.

Segundo a metodologia de João de Deus, nos jardins-escola da Associação todas as crianças devem usar bibe ou bata para evitar as distinções sociais. Ainda de acordo com a mesma e, como já referi, estando as crianças separadas em grupos por faixa etária, a identificação dos grupos é feita pelas cores dos bibes, sendo esta a ordem:

Bibe Amarelo – grupo dos 3 anos;

Bibe Encarnado – grupo dos 4 anos;

Bibe Azul – grupo dos 5 anos;

Bibe Castanho – grupo dos 6 anos / 1.º ano;

Bibe Verde – grupo dos 7 anos / 2.º ano;

Bata Azul Clara – grupo dos 8 anos / 3.º ano;

Bata Azul Escura – grupo dos 9 anos / 4.º ano.

2. Metodologia utilizada

Os instrumentos utilizados para a concretização deste relatório foram a observação e a análise documental. A amostra empregue é constituída por sete turmas de faixas etárias diferentes (dos 3 aos 9 anos), considerando os três níveis da Educação Pré-Escolar e os quatro níveis do 1.º ciclo do Ensino Básico.

A análise documental refere-se aos documentos a que acedi, por exemplo, a caracterização de cada turma (contemplada no Projeto Curricular de Turma); o horário das mesmas (documentos estes fornecidos pelas educadoras/professoras cooperantes das respetivas turmas), os dossiers dos alunos e a legislação em vigor.

Realizei ao longo do estágio uma *observação participante* (pois foi feita no terreno, localizada no tempo e no local onde decorreu toda a ação) e participei ainda no dia-a-dia das crianças e, tal como referem Carmo e Ferreira (1998, p.107), “como o desempenho de vários papéis o fez de algum modo participar na vida da população observada, dá-se a esta técnica o nome de observação participante”.

Ainda segundo estas autoras (1998), este tipo de observação participante tem vantagens e desvantagens

(...) a possibilidade de entender profundamente o estilo de vida de uma população e de adquirir um conhecimento integrado da sua cultura é, sem dúvida, a sua principal vantagem; como limitações dominantes salientam-se a morosidade que tal técnica exige e as dificuldades que levantam a uma posterior quantificação dos dados. (p.107)

De acordo com Alarcão & Roldão (2008, p. 29), temos que olhar com atenção, pois “observar não implica apenas constatar o que se está a passar, mas também colocar questões, ou seja, desmontar a situação. Porque é assim? Quais as razões? E se fosse de outra forma?”, este tipo de reflexão é importante para a compreensão do que estamos a observar.

4. Pertinência do Estágio Profissional

Na minha opinião o estágio é uma parte fulcral para o nosso desenvolvimento profissional, conciliado com a nossa experiência estudantil e a nossa formação inicial. A conjugação destas faz-nos estar mais preparadas para o ensino das crianças, pois é através da experimentação que o ser humano realmente aprende.

É ainda graças à prática pedagógica que nos deparamos com situações reais e com experiências únicas, que nos permitem colocar em prática, metodologias e conhecimentos e descobrir, ainda, fraquezas que, com a orientação adequada (por parte das professoras e educadoras presentes no local, ou pelas professoras da Equipa de Supervisão Pedagógica da Escola Superior de Educação João de Deus) podemos ultrapassar.

Flores e Simão (2009, p.34) referem que “os alunos, futuros professores desenvolvem compreensões profundas acerca do ensino e da aprendizagem quando

investigam a sua própria prática e quando são convidados a adoptar uma perspectiva de investigadores”. A prática pedagógica contribui bastante para a nossa evolução, pois leva-nos ainda a refletir sobre as nossas ações e sobre as dos outros. É através da reflexão dessas mesmas ações, dos aspetos positivos e dos menos positivos, que podemos evoluir e melhorar o nosso desempenho.

5. Identificação do grupo de estágio

O grupo de estágio onde me encontrava inserida era constituído, inicialmente, por mais duas colegas, mas no final do 2.º momento de estágio, quando nos encontrávamos no Bibe Amarelo (grupo dos 3 anos), uma das colegas desistiu do curso, ficando o grupo reduzido a dois elementos.

Depois da desistência dessa colega, a relação entre mim e a outra colega de estágio cresceu e tornou-se uma grande amizade, que se refletiu e facilitou a nossa relação durante o estágio, criando companheirismo, cumplicidade, trabalho entre pares e intercâmbio de ideias durante todo este período.

6. Importância da elaboração do Relatório de Estágio Profissional

Na minha opinião, o relatório de estágio é de extrema importância. Em primeiro lugar porque é imprescindível para a conclusão do Mestrado e assim a obtenção do certificado necessário para poder exercer a profissão de educadora e professora do 1.º ciclo do ensino básico. É também importante, pois a sua realização implica uma investigação, estudo e assimilação de conceitos úteis tanto na vida académica como na futura vida profissional. Ajudou-me a refletir sobre o que li, a retirar conclusões dessas mesmas leituras, obtendo perspetivas de vários autores de livros, revistas e artigos, a sustentar os meus relatos teoricamente, e ainda, a pensar nas metodologias mais adequadas quando as aulas eram planificadas e lecionadas por mim.

7. Cronograma

O estágio profissional decorreu entre o dia 27 de setembro de 2011 a 10 de fevereiro de 2013, consistia em 12 horas semanais distribuídas pelo período da manhã de segundas, terças e sextas-feira.

Nos cronogramas seguintes (Quadro 1, 2 e 3) podem-se observar os vários momentos de estágio e as salas em que estagiei.

Pré-Escolar		
1.ª secção	2.ª secção	3.ª secção
27 de setembro a 4 de novembro de 2011	7 de novembro a 16 de dezembro de 2011	2 de janeiro a 10 de fevereiro de 2013
Sala dos 5 anos	Sala dos 3 anos	Sala dos 4 anos

Quadro 1 – Cronograma de estágio no Pré-Escolar

Estágio intensivo (Seminário de Contacto com a Realidade Educativa)
4.ª secção
27 de fevereiro a 2 de março de 2012
1.º ano de uma escola pública

Quadro 2 – Cronograma do estágio intensivo

1.º Ciclo			
5.ª secção	6.ª secção	7.ª secção	8.ª secção
30 de abril a 22 de junho de 2012	30 de abril a 22 de junho de 2012	27 de setembro a 16 de novembro de 2012	19 de novembro de 2012 a 25 de janeiro 2013
2.º ano	1.º ano	3.º ano	4.º ano

Quadro 3 – Cronograma de estágio no 1.º Ciclo

CAPÍTULO 1 – RELATOS DIÁRIOS

1.1. Descrição do capítulo

Este capítulo pretende descrever as práticas observadas durante o período de tempo relativo ao Estágio Profissional; encontra-se dividido em oito secções de acordo com os momentos de estágio e, em cada secção, encontram-se descritas: a caracterização do grupo, do espaço, das rotinas, o horário e os relatos diários com as minhas inferências devidamente fundamentadas através de autores com acuidade científica, sempre que necessário e pertinente.

Na primeira secção, em particular, estará presente uma pequena introdução à metodologia João de Deus, pois é esta a adotada pelo Jardim-Escola e professoras cooperantes.

A primeira secção do capítulo refere-se à faixa etária dos cinco anos (Bibe Azul), a segunda secção à faixa etária dos três anos (Bibe Amarelo), a terceira secção à faixa etária dos 4 anos (Bibe Encarnado), a quarta secção ao estágio intensivo realizado fora da Associação dos Jardins-Escola João de Deus, numa Escola Primária pública no 1.º ano do Ensino Básico, a quinta secção à faixa etária dos 7 anos (2.º Ano), a sexta secção à faixa etária dos seis anos (1.º ano), a sétima secção à faixa etária dos oito anos (3.º ano), e, finalmente, a oitava secção refere-se à faixa etária dos nove anos (4.º ano).

Assim, em cada secção serão incluídos o horário da turma, a descrição das suas rotinas e espaço, serão devidamente fundamentados sempre que seja pertinente.

1.2. A Metodologia João de Deus

Considerarei pertinente, antes de iniciar os relatos diários, abordar a metodologia João de Deus, para uma melhor compreensão das estratégias e hábitos dentro desta associação.

Moreira (2008) cita a professora Elisa Leandro que, em conjunto com a professora Isabel Ruivo, numa palestra acerca dos Modelos Pedagógico em Educação de Infância abordou o Modelo Pedagógico João de Deus e referiu que o método mencionado:

(...) privilegia as aprendizagens nos domínios da leitura, da escrita e da Matemática, de acordo com um plano prévio de trabalho, com o objectivo de preparar a criança para a escola. O/A educador(a) situa-se na linha de uma pedagogia directiva, tendo em vista o desempenho e sucesso escolar da criança.

Ou seja, este método prepara as crianças do Pré-Escolar nestes domínios, para garantir o sucesso dos seus futuros alunos quando entrarem no 1.º ciclo.

Como João de Deus, citado por Deus (1997), advertia “(...) a primeira condição para ensinar por este método é o estudo da fala” e que o seu método, ao contrário dos restantes, “funda-se na língua viva”, apresentando apenas um abecedário do tipo mais frequente:

combinando esses elementos conhecidos em palavras que se digam, que se ouçam, que se entendam, que se expliquem; de modo que em vez do principiante apurar a paciência numa repetição néscia, se familiarize com as letras e os seus valores na leitura animada de palavras inteligíveis. (p. 6)

Ainda de acordo com as mesmas professoras, citadas por Moreira (2008), a Metodologia João de Deus baseia-se nos seguintes pontos:

(i) Ensino da leitura iniciado aos cinco anos pelo método da cartilha maternal (ensino individualizado); (ii) Exercícios de Matemática com material específico; (iii) Temas de Vida; (iv) “Lição de Coisas”; (v) Observação direta das coisas apresentadas sobre a forma de surpresa com os elementos que as envolvem; (vi) Jogos de educação sensorial e percetiva (visão e audição); (vii) Jogos de expressão gestual; (viii) Educação Musical; (ix) Introdução das noções de Espaço e Tempo; (x) Exercícios de linguagem (dicção e vocabulário); (xi) Trabalhos Manuais, Modelagem, Entrelaçamentos, Origami; (xii) Desenho (como linguagem e meio de expressão, como exercício gráfico preparatório para a escrita).

A organização do contexto educativo é alcançada através da organização dos grupos em salas separadas; os grupos são de formação horizontal por níveis etários, com um programa específico para cada nível. Para a organização do clima de interações preconiza-se um ambiente de relações humanas equilibradas e é privilegiada a prática de disciplina ativa com a exclusão de prémios e castigos.

A organização do espaço e materiais na metodologia é bastante privilegiada; aí os espaços têm uma arquitetura funcional com uma decoração simples e agradável, mas onde a arte tem presença e os espaços são amplos.

Existem disponíveis diversos materiais para atividades e aulas (educação sensorial, percetiva, motora e física), materiais para os trabalhos manuais e atividades plásticas, livros e imagens e toda a documentação necessária para os “Temas de Vida”, materiais de apoio para a aprendizagem da Matemática como o Cuisinaire, Blocos Lógicos, Tangram, Calculador Multibásico, Dons de Fröbel. Para o Pré-Escolar existem cantinhos com materiais estimulantes do imaginário, para imitar e aprender a viver e integrar-se no meio social: a Loja, a Casa das bonecas e os Jogos de trânsito.

O planeamento e a avaliação são feitos pelos educadores/professores e são feitos diariamente, de acordo com os objetivos para cada grupo etário; a avaliação que

realizam é feita tendo em conta a individualidade de cada criança e a programação efetuada.

O trabalho com as famílias e a comunidade é também levado em conta e os pais, para além dos encontros e reuniões programadas, são também convidados a colaborar em algumas atividades organizadas (contar histórias, dar aulas, etc.) e a participarem em festas e eventos.

As crianças, nos Jardins-Escola, são acompanhadas pela educadora, de uma forma permanente no seu dia-a-dia, esta transmite-lhes segurança e confiança. É objetivo no seu planeamento de trabalho valorizar, desenvolver e avaliar o desempenho das suas crianças de forma diversificada, onde as relações afetivas e os estímulos positivos são presença constante. A autonomia é também um objetivo primordial neste modelo pedagógico, para um crescimento pessoal e social que permita às crianças enfrentarem desafios e mudanças que lhes surjam no presente e no futuro; de um modo quase sistemático a Área de Formação Pessoal e Social é trabalhada.

A Cartilha Maternal (Figura 1) é um dos principais recursos utilizados no processo aprendizagem-formação. É o cartão-de-visita deste modelo educativo, que promove um interesse e envolvimento na descoberta da leitura, tanto no sentido restrito da descodificação, como no sentido mais amplo da compreensão.

Também a Matemática é trabalhada nos Jardins-Escolas desde os 3 anos de idade. As crianças interagem com a Matemática de uma forma concreta e experimentada, através do uso e manipulação de materiais didáticos de apoio (acima referidos); a área das expressões motora, dramática, plástica e musical é igualmente valorizada.

Para além destes objetivos está subjacente ao modelo desenvolver valores, promover o brincar, estimular a iniciativa e a criatividade, favorecer um trabalho de interação, despertar o espírito de tolerância e liderança.

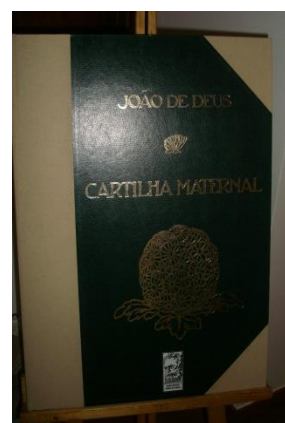


Figura 1 – *Cartilha Maternal João de Deus*

1.3. 1.^a Secção: Sala dos 5 anos

Nesta secção irei abordar o estágio decorrido numa sala conhecida como a sala do Bibe Azul (faixa etária dos 5 anos). Estagiei nesta faixa etária entre o dia 27 de setembro e 31 de outubro de 2011.

1.3.1. Caracterização da turma

Os dados relativos a esta turma foram fornecidos pela professora cooperante; esta turma é composta por vinte e nove crianças, catorze do género feminino e quinze do género masculino. Todas estas crianças concluíram os 5 anos até 31 de dezembro de 2011.

Na turma existem duas meninas inscritas pela primeira vez no Jardim-Escola João de Deus, e, por isso, não estão tão estimuladas para a Matemática e para a motricidade, nem conhecem os materiais como o resto dos alunos; apesar disso, todas as crianças estão bem integradas na dinâmica do Jardim-Escola e demonstram motivação e interesse pelas diversas aprendizagens.

1.3.2. Caracterização do espaço

A sala do Bibe Azul encontra-se no espaço reservado à Educação Pré-Escolar, é bastante luminosa, com várias janelas de acesso à parte exterior, mas não é muito ampla. Contém uma carteira para cada criança, onde estas realizam as suas



Figura 2 - Sala do Bibe Azul

atividades, e encontram-se organizadas em três filas viradas para dois quadros de ardósia, juntas duas a duas. Existem duas portas de acesso à sala, uma dá acesso ao salão e a outra dá acesso ao recreio. Num canto, encontra-se a secretária da professora e a Cartilha Maternal, na parede oposta aos quadros de ardósia encontram-se quadros de cortiça, com trabalhos dos alunos expostos. Existem ainda vários armários

para a organização e arrumação do material de sala de aula e os *dossiers* e cadernos dos alunos. De seguida apresento uma fotografia da sala (Figura 2).

1.3.3. Horário do grupo dos 5 anos

No quadro 4 podemos encontrar o horário do grupo onde iniciei o meu estágio. Este é alterado sempre que se justifique e for do interesse das crianças.

Quadro 4 – Horário do Bibe Azul

Horas	2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira
9h00m–10h15m	Iniciação à Leitura e Escrita	Iniciação à Matemática Material Escrita	Iniciação à Leitura e Escrita Ed. Movimento 10h00m – 10h30m	Iniciação à Matemática Material Escrita	Iniciação à Leitura e Escrita
10h15m – 10h45m	RECREIO – W.C.				
10h45m – 11h30m	Iniciação à Matemática Material Escrita	Iniciação à Leitura e Escrita	Iniciação à Matemática Material Escrita	Música 10h00m – 10h30m Iniciação à Leitura e Escrita	Iniciação à Matemática Material Escrita
12h00m – 13h00m	ALMOÇO				
13h00m – 14h00m	RECREIO ORIENTADO E LIVRE				
14h00m – 15h00m	Inglês	Escrita e letras	Jogos matemáticos Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Mundo Dinamização de tema	Experiências Histórias - Jogos
15h00m – 16h30m	Escrita e letras	Ditados Gráficos Desenho Série Dobragens Entrelaçamentos	Dinamização de tema Cidadania Área Projeto	Computadores 15h20 – 16h10m	Ed. Movimento 15h30m – 16h00m
16h30m	LANCHE E SAÍDA				

Fonte: Educadora do grupo

1.3.4. Rotinas

As rotinas são uma estrutura organizada da dinâmica de uma escola e/ou turma, que retrata os momentos repetidos diariamente. Em todos os Jardins-Escola João de Deus, as rotinas são levadas em grande consideração, tanto pelas educadoras como pelas crianças. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (O.C.E.P.E.) (Ministério da Educação, 1997):

A sucessão de cada dia ou a sessão tem um determinado ritmo existindo, deste modo, uma rotina que é educativa porque é intencionalmente planeada pelo educador e porque é conhecida pelas crianças que sabem o que podem fazer nos vários momentos e prever a sua sucessão, tendo a liberdade de propor modificações. As referências temporais são securizantes para a criança e servem como fundamento para a compreensão do tempo: passado, presente, futuro; contexto diário, semanal, mensal, anual. (p.40)

Zabalza (1998, p.52) tem uma opinião similar e defende ainda que as “rotinas atuam como as organizadoras estruturais das experiências quotidianas” ou seja, organizam a mente da criança pois, “esclarecem a estrutura e possibilitam o domínio do processo” e “subsituem a incerteza do futuro por um esquema fácil de assumir. O quotidiano passa, então, a ser algo previsível, o que tem importantes efeitos sobre a segurança e autonomia.”.

De acordo com o explicitado acima, vou agora descrever as rotinas implícitas no horário, como o acolhimento, higiene, o recreio e as refeições. Nos bibes seguintes irei apenas descrever as alterações a estas mesmas rotinas.

Acolhimento

Até às 9h00m é feito o acolhimento das crianças do Pré-Escolar por uma educadora, esta recebe-os e fala com os pais, quando necessário. Segundo Cordeiro (2010), este momento é “mais uma oportunidade para estimular a relação família/escola, e transmitir informação do que se passou e de alguma preocupação dos pais” (p. 370); é ainda um momento de difícil separação e, para ser facilitado, o ambiente envolvente deve ser “calmo, tranquilo, seguro e alegre, para que a criança se sinta sempre desejada pelas suas educadoras e pela sua escola” (p. 371).

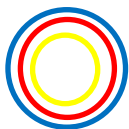


Figura 3 -
Roda do
Pré-Escolar

Das 9h00m às 9h30m todo o Pré-Escolar (Bibe Amarelo, Encarnado e Azul) se reúne no salão numa roda organizada por cores de bibes, tal como demonstra a Figura 3. Segundo Zabalza (1998, p.194) a roda é o momento em que “crianças e adultos reúnem-se em grande grupo para cantar canções, conversar, contar histórias, dançar ao som da música...”. Durante o estágio que realizei, observei todas estas atividades a serem realizadas pelas educadoras, momentos estes em que as crianças participavam entusiasticamente, sugerindo músicas que se lembrassem ou que os pais tivessem ensinado e quisessem ensinar aos colegas e educadoras; é ainda neste momento que se canta os parabéns aos aniversariantes.

Estes momentos são, segundo Zabalza (1998, p.194), “excelentes momentos para proporcionar à criança oportunidades de realizar experiências-chave (...) de desenvolvimento socio-emocional, representação, música, movimento, etc.”.

É, portanto, durante estes momentos que as crianças se divertem a brincar, a cantar e a desenvolver a linguagem, a expressão e os comportamentos sociais.

Higiene

A lavagem das mãos é um dos melhores métodos de prevenção de doenças e, de acordo com Cordeiro (2010, p. 105), “são várias cuja transmissão pode diminuir consideravelmente com esta medida: diarreia infecciosa e outras perturbações gastrointestinais, hepatite A, infecções respiratórias, como a constipação, a gripe, a pneumonia”.

Esta rotina é realizada várias vezes ao dia, sempre antes e depois de realizarem uma refeição (lanche da manhã e da tarde e almoço), depois de terminadas as atividades de sala de aula e sempre que as crianças sintam necessidade.

Esta rotina permite, ainda de acordo com o mesmo autor, promover a autonomia na criança e o gosto em “ser crescido”, assim como o sentido de responsabilidade em cuidar de si próprio e do seu próprio corpo.

Recreio

Sempre que as condições climatéricas o proporcionem, as educadoras levam as crianças até ao recreio exterior para aproveitarem o ar livre; quando tal se revela impossível de realizar, as educadoras levam as crianças para as salas de aula, para o salão ou ginásio, aproveitando o tempo para brincarem com o que desejarem.

As atividades praticadas no exterior tornam-se muito mais motivadoras e prazerosas para as crianças, pois permitem ter brincadeiras que no interior não são possíveis. De acordo com Cordeiro (2010, p. 377) as crianças vêem o recreio como uma oportunidade para se envolverem em atividades lúdicas “vigorosas e barulhentas” num local mais espaçoso, através do qual desenvolvem a sua “motricidade larga ao correrem, saltarem e fazerem vários jogos”.

É também neste momento que as crianças gastam as energias acumuladas durante as atividades de sala de aula, permitindo que estejam mais calmas e relaxadas para as restantes atividades.

Este tempo, no interior ou exterior, permite também ao docente observar as crianças num contexto mais natural e espontâneo, descobrindo assim características individuais que não se revelam dentro da sala de aula e apenas em convívio com os seus pares.

Refeições

Durante o estágio, observo duas refeições, a meio da manhã quando a educadora distribui uma refeição ligeira (bolachas, fruta ou pão com manteiga e/ou doce) e a hora de almoço. Para Cordeiro (2010) as refeições devem ser um momento de aprendizagem social, ou seja, um momento em que se aproveita para aprender a utilizar os talheres, guardanapos (p. 75), aprender a mastigar bem (p. 82) e habituar-se a comer de tudo um pouco (as educadoras, auxiliares e estagiárias explicam sempre o porquê de ter de comer a carne, o peixe e as verduras). É um momento em que a criança ganha maior autonomia, através da competição com os pares, mas também respeitando sempre o ritmo do grupo e em que aprende a comportar-se à mesa (p. 373).

1.3.5. Relatos diários

Terça-feira, 27 de setembro de 2011

Neste primeiro dia de estágio reunimo-nos com a Diretora do 1.º Ciclo com a seguinte ordem de trabalhos: (i) discutir o regulamento; (ii) o número de aulas que iríamos dar, (iii) onde iríamos estagiar. Depois de tudo esclarecido, cada grupo de estágio foi para a respetiva turma, no caso do grupo de estágio onde estou integrada dirigimo-nos para o Bibe Azul A.

Quando entrámos na sala, a educadora estava a realizar atividades de Iniciação à Leitura e Abordagem à Escrita. Naquele momento encontrava-se a ensinar o ditongo “ai” a um grupo de três crianças com a ajuda da Cartilha Maternal de João de Deus, enquanto uma auxiliar e uma outra estagiária ajudavam alguns alunos a aprenderem a escrever.

Depois do intervalo, em que a educadora aproveitou para nos conhecermos e pôr-nos a par das características da



Figura 4 - *Material de Cuisenaire*

turma e das suas rotinas, esta deu início à aula de Iniciação à Matemática. Começou por dividir a turma em quatro grupos, pedindo para que cada estagiária fosse ajudar um dos grupos.

A aula foi sobre os números pares e ímpares, utilizando o material de Cuisenaire (Figura 4), levando à descoberta pela escada por ordem crescente e pela colocação de peças encarnadas em cima das outras peças e fazendo grupos das que podem ser cobertas e das que não podem.

Inferências e fundamentação teórica

Neste primeiro encontro, a maneira como a educadora nos recebeu foi importante para a criação de laços positivos entre nós estagiárias e a mesma. Essa relação irá prolongar-se durante todo o momento de estágio e é imprescindível que exista uma boa relação entre “colegas” pois nós, adultas, somos um modelo para as crianças.

As crianças, que frequentam os Jardins-Escola João de Deus, iniciam a aprendizagem da escrita e da leitura aos 5 anos através da Cartilha Maternal e, desde a primeira lição, como refere Ruivo (2009, p.1), é “convidada e estimulada a ser «analista da linguagem», porque as dificuldades são explicadas por regras que satisfazem o raciocínio lógico do aluno”. Através deste modelo de ensino da leitura, as crianças aprendem a ler e escrever no Pré-Escolar e amadurecem esse conhecimento ao longo do 1.º Ciclo. Cada criança segue a Cartilha com um ritmo próprio e, assim, a educadora regista diariamente a lição que cada criança aprende, para que possa desenvolver os trabalhos individuais.

Neste Jardim-Escola existe um método de aprendizagem da leitura através da Cartilha Maternal mais convencional que o utilizado nos outros Jardins-Escola da Associação, difere no facto de, depois das crianças aprenderem a ler a letra na Cartilha, vão ao quadro treinar a letra bicuda e é-lhes dada uma folha de treino para treinarem a letra no lugar (primeiro a lápis e depois a caneta) e, finalmente passam, a caneta, para o caderno. A escrita, de acordo com Ajuriaguerra (1988, p.9) “é uma forma de expressão da linguagem que implica uma comunicação simbólica com a ajuda de sinais criados pelo homem”. Defende ainda o mesmo autor que tem as suas “exigências próprias”, das quais a essencial é “a capacidade de transmissão da expressão gráfica”.

O material Cuisenaire é, segundo Alcina, citado por Caldeira (2009b, p. 126), “um material manipulativo especialmente adequado para aquisição progressiva das

competências numéricas. São um suporte para a imaginação dos números e suas leis (...)", é portanto uma via indispensável, para a transformação do cálculo concreto para o abstrato das crianças e é, ainda de acordo com a autora atrás referida, "aconselhado desde a infantil até ao ensino básico". Devemos, por isso, ensinar as crianças a manipular o material desde pequenos e ir dificultando os exercícios, desafiando assim as crianças e mantendo a sua atenção na aula.

Foi muito gratificante verificar que as crianças fazem as suas aprendizagens de uma forma lúdica, com facilidade e interesse.

Segunda-feira, 3 de outubro de 2011

Cheguei ao Salão às 9h e as crianças estavam a conviver uns com os outros até a educadora os chamar e, com a nossa ajuda levá-los à casa de banho, e de seguida, para a sala. Aí sentaram-se nas cadeiras e cantaram a canção "Bom dia". Após um pequeno convívio, em que a educadora pediu para as crianças partilharem o que fizeram no fim-de-semana, a educadora fez uma revisão da Cartilha Maternal até à consoante "f", incluindo a diferença das vogais e consoantes. Depois da revisão, foi "dar" Cartilha Maternal aas crianças em pequenos grupos, enquanto o resto da turma treinava a letra ou realizava propostas de trabalho referentes à letra em que se encontravam.

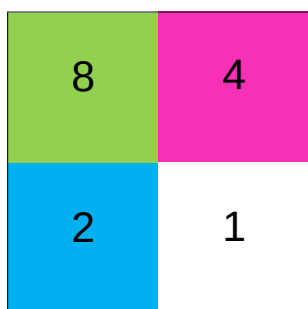


Figura 5 -
Calculadora Papy

Na hora de Matemática a educadora introduziu um novo material: as Calculadoras Papy (Figura 5). A professora começou por deixar as crianças ver, sentir e descobrir as formas, cores e texturas da Calculadora Papy; depois de chegarem a várias conclusões, a educadora explicou como se trabalhava com a Calculadora Papy.

Pediu para todos as crianças rodarem a placa, para que o quadrado branco ficasse no canto inferior direito de cada placa. Reviu, então, com as crianças qual o maior e menor número (1, 2, 4 e 8); um dos alunos teve dúvidas acerca de qual número era o menor e a educadora utilizou números móveis e peças do Cuisenaire para demonstrar a quantidade. Depois de esclarecer a dúvida, a professora continuou a explicação e começou os exercícios, primeiro pedindo coisas simples, representações do número 1 ao 3 (quando existia mais do que uma hipótese de resposta, a professora explicava todas as respostas possíveis) e depois tornando os exercícios mais complexos.

Realizaram vários exercícios até a hora de almoço.

Inferências e fundamentação teórica

A cada segunda-feira, depois do acolhimento no salão, a educadora reserva um pouco de tempo para deixar as crianças contarem o que mais gostaram de fazer no fim-de-semana, de modo a poderem partilhar com os colegas esses momentos. Existem outros benefícios inerentes a este momento, como o estímulo à memória, adquirir vocabulário, organização de pensamentos e treinar a noção de espaço e tempo.

A rotina, adotada pela educadora, de todos os dias cantar com as crianças a música “Bom Dia” permite às crianças, de acordo com Cordeiro (2010, p. 373), “estimular a memorização, adquirir mais vocabulário, (...), interiorizar regras, expressar o sentido rítmico, explorar o corpo e complementar a noção de espaço e tempo”.

Na área de Matemática a educadora introduziu o Calculador Papy, este material consiste numa placa de madeira e cortiça, dividida em quatro partes, cada uma com uma cor diferente que representa um valor numérico. O do canto superior esquerdo é verde e vale 8, o canto superior direito é rosa e vale 4, o canto inferior esquerdo é azul e vale 2 e o canto inferior direito é branco e vale 1; as peças utilizadas como marcadores são à escolha.

A introdução deste material nos 5 anos é muito importante, de acordo com Caldeira (2009b, p. 347), pois permite às crianças aprender o conceito do sentido do número e das operações e desenvolver o cálculo mental.

Terça-feira, 4 de outubro de 2011

Neste dia a educadora distribuiu os cadernos de Matemática e os alunos treinaram e aprenderam novos algarismos. Estive a corrigir pequenos erros que as crianças cometiam ao desenhar os algarismos.

Depois de arrumados os cadernos, a educadora distribuiu pelos alunos o 3.º e o 4.º Dom de Fröbel. Enquanto esperava que chegassem três caixas que faltavam (pois uma outra educadora estava a acabar de dar uma aula com o mesmo material), a educadora explorou com as crianças os Dons (formas dos dons, número de faces, vértices e arestas, assim como o número de peças em cada Dom).

Quando chegaram as caixas que faltavam e, através de uma narrativa a educadora trabalhou a imaginação e outras competências como o cálculo mental, a localização espacial, etc. A história era acerca de uma borboleta: “Ela tinha duas pintas na sua asa direita e mais duas pintas na sua asa esquerda, ao todo quantas pintas tinha a borboleta? Mas de repente surgiram outras duas pintas, uma de cada lado, quantas pintas tem agora a borboleta? E, ainda apareceu outra pinta na asa esquerda, quantas pintas tem a menos na asa direita? Cansada de andar a voar, a borboleta foi para casa e foi sentar-se numa cadeira da sala de jantar.” Chegada a este ponto da história, a educadora pediu para as crianças realizarem a construção da sala de jantar e exemplificou a sua realização através de um modelo em ponto grande do 3.º e 4.º Dom, em cima de uma mesa de apoio alta; de seguida continuou a narrativa “A borboleta tem dois filhos, um macho e uma fêmea e, para chamá-los para o jantar abanou duas vezes as suas antenas. Quando uma borboleta abana as antenas, significa que está a chamar os seus filhos, como eles não ouviram a mãe a chamar, ela abanou outras duas vezes as antenas, mas mesmo assim não a ouviram, então com mais força ainda ela abanou ainda mais duas vezes as suas antenas. Quantas vezes abanou a borboleta as suas antenas?” Orientou o pensamento das crianças para chegarem ao resultado e, depois de alcançado, foi colocando outras questões: “Quando os seus filhos finalmente vieram jantar, quantas cadeiras estão à volta da mesa? A filha da borboleta sentou-se numa cadeira. Quantas cadeiras ficaram vazias? Depois a borboleta e o seu filho também se sentaram. Quantas cadeiras estão vazias? E ocupadas? Depois de todos jantarem e arrumarem a mesa, a borboleta estava tão cansada que foi para o quarto para se deitar.” Aqui realizaram a construção do quarto e a educadora orientou-a, depois de realizada os alunos arrumaram o material e foram para o recreio.

Quando voltaram do recreio, a educadora trabalhou, em grupos de três, a leitura da lição na Cartilha Maternal, enquanto os outros alunos estiveram a trabalhar os cadernos de escrita com a ajuda das estagiárias.

Inferências e fundamentação teórica

A função do material estruturado numa sala de aula é, de acordo com Royo (citada por Caldeira, 2009b), “aproximar a realidade da criança, fazendo-a mais próxima; é o mediador entre a criança e a realidade” (p.16), ou seja, serve para facilitar o ensino da matéria.

O material utilizado nesta aula, o 3.º e o 4.º dom de Fröbel, tem como objetivos, de acordo com Caldeira (2009b):

“(i) o desenvolvimento do vocabulário e linguagem; (ii) desenvolvimento da criatividade; (iii) lateralização; (iv) motricidade fina; (v) desenvolvimento corporal; (vi) noção de equilíbrio; (vii) noção de ordem; (viii) aquisição de hábitos; (iv) iniciação de noções básicas para o desenvolvimento da Matemática: quantidade, situações problemáticas, formas geométricas.” (p.267).

A intenção de utilizar uma história na aprendizagem da Matemática não é apenas pelo seu caráter lúdico; de acordo com Egan (1994, p. 87), se as crianças aprenderem uma tarefa de cálculo, não apenas como uma técnica abstrata que têm de aprender a usar, mas sim como uma solução para um problema humano, então essa competência adquire um contexto significativo.

Quinta-feira, 6 de outubro de 2011

Nesta manhã a educadora começou com a Iniciação da Escrita e as crianças completaram fichas de acordo com o seu avanço na escrita. As crianças, que tinham acabado as vogais na Cartilha Maternal João de Deus, tinham que colorir um bago de uvas, as vogais iguais pintavam com a mesma cor. Os que estavam na consoante “v” tinham que recortar, colorir e pintar a consoante em maiúscula.

Às 10h30 chegou o professor de Música, que lhes mostrou flautas de vários tamanhos, lembrando que flautas de diferentes tamanhos produzem diferentes sons. Relembrou ainda a clave de sol e a pauta, assim como as diferentes representações das notas musicais na pauta. Cantaram uma música que explica essa matéria, permitindo assim que as crianças aprendam de uma forma mais lúdica. O professor colocou ainda o desafio às crianças: cantarem a duas vozes essa mesma música.

Depois da aula de música, as crianças treinaram os algarismos.

Inferências e fundamentação teórica

O professor de música adota uma estratégia de ensino extremamente lúdica, o que leva as crianças a encararem a aula como um momento de divertimento. De acordo com Willems (citado por Cevera, Fuentes e Fernández, 1997, p.1337) “não é necessário jogar com a música, a música é por si própria um jogo nobre. É necessário apresentar os elementos da educação musical como se se tratasse sempre de um jogo”.

Todos os conceitos, todas as aprendizagens são contextualizados de um modo lúdico e musical, o que se torna mais fácil de compreender, memorizar e, ao mesmo tempo, cria um momento de divertimento.

O estudo, prática e aprendizagem da música permitem ainda às crianças, de acordo com Cordeiro (2010, p.418), “adquirir conhecimentos e modelar competências e atitudes” que o irão influenciar toda a sua vida, estimula a coordenação, a objetivação, concentração e a capacidade de cooperação.

Além disso, e ainda de acordo com o mesmo autor, a música e os sons são ainda capazes de fazer a diferença entre o bem-estar e a angústia, a segurança e o abandono (p.418). Todos nós sabemos o bem que a música nos faz, assim como o equilíbrio que trás ao nosso dia-a-dia.

Segunda-feira, 10 de outubro de 2011

A aula começou com a leitura do livro *O Urso Amarelo*, após a qual a educadora dinamizou a aprendizagem da leitura com a Cartilha Maternal João de Deus através da exposição de palavras em cartolina no quadro: *viva*, *viajava* e *viveu*. Estimulou ainda a associação entre letra bicuda e de imprensa, ao pedir a uma criança que fosse ao quadro escrever com letra bicuda a palavra que se encontrava na cartolina.

Enquanto as crianças preenchiam uma ficha e/ou acabavam as folhas de treino da escrita, a educadora levava pequenos grupos à Cartilha. A ficha consistia numa pequena tenda de circo com o ditongo “*iu*” e “*ui*” e as crianças tinham que colorir cada parte da tenda de azul ou laranja, conforme o código de cores.

Depois do intervalo, a educadora utilizou o Tangram (Figura 6) com as crianças, começando por construir o espelho da princesa e trabalhando assim a orientação espacial através da colocação das peças.

Como conclusão a educadora distribuiu uma folha A5 pelas crianças e, colocando o espelho em cima da folha, desenharam os contornos das peças com lápis de carvão, passando depois as linhas a caneta preta e colorindo, por fim, a lápis de cor.

Inferências e fundamentação teórica

Deus (1997, p.92) salienta que o método de Cartilha Maternal deve ser uma “lição curta com noções bem claras e dada todos os dias durante o ciclo da

aprendizagem” e por isso mesmo a educadora tenta, todos os dias, levar as crianças à Cartilha Maternal.

O Tangram é um material de ensino bastante lúdico, de origem chinesa, que tem como finalidade, de acordo com Caldeira (2009b, p.384), desenvolver as inteligências lógico-Matemática, espacial e intrapessoal. É também usada na “construção da pré-geometria”, estimula ainda a concentração, a investigação e criação ao permitir a manipulação das figuras geométricas de



Figura 6 - *Tangram*

modo a criar figuras de animais, humanos ou objetos. No âmbito do desenvolvimento de capacidades e destrezas, e de acordo com a mesma autora, este material desenvolve a concentração, a curiosidade e perseverança, a escrita, a linguagem, a criatividade, a capacidade de transformar, a percepção espacial, o sentido de comparação, a noção de área e a capacidade de relacionar área/perímetro (p.399).

É portanto um material com imensas potencialidades e possibilidades que apela aos alunos pela sua cor e textura. As possibilidades de criação incentivam as crianças a manipulá-lo e estimula a sua criatividade e imaginação.

Terça-feira, 11 de outubro de 2011

Enquanto não chegavam todas as crianças, a educadora distribuiu pelos alunos os cadernos de Matemática para treinarem os algarismos. Às 9h45m começou a aula levando os alunos para o recreio e aí sentou-os em semicírculo e realizou vários exercícios da Teoria de Conjuntos com os Blocos Lógicos.

Utilizando arcos de ginástica como linha fronteira, organizaram conjuntos da seguinte forma: a educadora pedia a um aluno para colocar num arco, todas as peças de forma triangular e a outro, para contar o número de peças aí existentes, sendo o resultado 18 e explicou como se identifica um conjunto, desenhando no chão com um pau de giz.

Fizeram ainda conjuntos com peças grossas e peças finas, ambos os conjuntos com 12 peças cada, tendo a educadora aproveitado essa situação para rever com as crianças o conceito de uma dúzia e de conjuntos equivalentes.

Para ensinar o conceito de conjunto vazio, pediu a uma criança para colocar dentro da linha fronteira todos os paralelogramos que encontrasse no monte de peças dos Blocos Lógicos, após a criança responder que não existiam paralelogramos no monte, a educadora explicou a todas as crianças que, neste caso como o cardinal do conjunto de paralelogramos é 0, a este conjunto dá -se o nome de conjunto vazio.

No final, realizaram sequências com os blocos. A educadora criava uma sequência e todos os alunos tentavam decorar a ordem das peças, depois escolhia um dos alunos e este tinha de tapar os olhos, enquanto a educadora trocava uma peça e tentar descobrir qual foi a peça alterada.

Depois do recreio, treinaram as letras e passaram-nas para o caderno de escrita, enquanto pequenos grupos iam à Cartilha aprender a sua lição.

Inferências e fundamentação teórica

A estratégia utilizada pela educadora na aula de Matemática, a mudança de espaço e a adaptação dos arcos, normalmente utilizados em ginástica, foi bem-sucedida, pois motivou e prendeu a sua atenção na aula.

Neste dia é imprescindível referir a aula de Iniciação à Matemática, dada pela educadora. O material utilizado, os Blocos Lógicos, é um material estruturado com quatro qualidades: a forma, a cor, o tamanho e a espessura. Essas características não podem ser ensinadas a uma criança, de acordo com Caldeira (2009b, p.363) é necessário “colocá-la em situação de, por si mesma, poder construir, ao seu nível, as primeiras estruturas lógico-Matemáticas. Deve-se para o efeito partir do concreto para o abstrato”.

As capacidades e destrezas desenvolvidas na aula de Teoria de Conjuntos com este material são o raciocínio lógico, a atenção, concentração, cálculo mental, comparação de cardinais e noção de pertença.

O jogo de sequências nesta idade desenvolve a atenção, concentração e raciocínio lógico.

Sexta-feira, 14 de outubro de 2011

Nesta sexta-feira as crianças tinham a sua primeira aula de cerâmica do período; metade da turma foi com o professor e a outra metade ficou na sala a treinar as letras,

passá-las para o caderno de escrita e a ler a lição de cartilha; quando o primeiro grupo chegasse, o segundo iria por sua vez à cerâmica.

Na aula de cerâmica os alunos puderam manipular o barro e brincar, fazendo formas à escolha, fizeram semáforos, flores, pizzas, carros, cachorros, etc.

Depois do intervalo, a minha colega e eu tínhamos combinado previamente com a educadora dar uma aula em conjunto, o tema era a simetria. Começámos por explicar teoricamente o que era a simetria, e depois mostramos um desenho de metade de uma casa. A seguir, com um espelho, refletimos a metade da casa que faltava, mostrando então uma casa completa. Demos o conceito de simetria e referimos vários animais e objetos que são simétricos (dando também o nosso próprio exemplo).

Para consolidar, entregámos uma ficha em papel quadriculado, com o eixo de simetria desenhado, em que do lado esquerdo estava metade de uma casa e do lado direito eles teriam de reproduzir o resto da casa e orientamos a execução da ficha.

Depois de levarmos os alunos para o almoço, sentámos-nos com a educadora e refletimos sobre a aula que demos, o que resultou e o que não resultou e como melhorar.

Inferências e fundamentação teórica

A importância da atividade de cerâmica no Pré-Escolar ainda não é inteiramente reconhecida, devido à excessiva preocupação dos educadores em manterem a ordem e evitarem a sujidade, ambos fatores inerentes a este tipo de atividades. O que também é de pouco conhecimento geral são as vantagens para o desenvolvimento das crianças. De acordo com Díez-Hochleitner, García e Sanchidrián (1997, pp.1253, 1254) a modelagem de materiais nesta idade apresenta os seguintes valores: valor motivador, pois preenche as necessidades e interesses das crianças; valor formativo, desenvolvimento sensorial, percetivo e psicomotor; valor estético, fomenta a criatividade, “o gosto estético e a satisfação de contemplar a própria obra”; valor comunicativo, é um meio de expressão; valor diagnóstico, pois podemos observar as crianças e a sua evolução; valor terapêutico, é utilizada a modelagem como método corretivo de vários problemas.

Ao longo da prática pedagógica, começámos pela simples observação e fomos gradualmente confrontados com atividades de participação na sala de aula, até sermos encarregues de introduzir e treinar conteúdos com uma turma. De acordo com

Alarcão e Tavares (2003, p.20), a este método de supervisão pedagógica dá-se o nome de “cenário da aprendizagem pela descoberta guiada”, e defendem que os “candidatos a professor” devem observar vários professores em interação com a turma.

Esta é a metodologia aplicada nos Jardins-Escolas João de Deus, e que é, na minha opinião, de grande importância para a consciencialização da responsabilidade de um professor e para o desenvolvimento do espírito de auto-crítica. Os momentos de reflexão após as aulas, em que as educadoras/ professoras e nós estagiárias, nos sentamos e refletimos sobre o que fizemos, como podemos melhorar e as opiniões das restantes pessoas que observaram, são importantes para a nossa melhoria enquanto futuros profissionais.

Segunda-feira, 17 de outubro de 2011

A manhã de hoje estava reservada para aula de uma estagiária do meu grupo. Começou às 9h15m a aula com a dinamização da Cartilha Maternal, contou uma história por ela inventada, apoiada por pequenos bonecos/fantoches (batizados pelos alunos): a Maria uma menina loira de olhos azuis, a Carina uma menina negra de cabelo preto e a Yang uma menina asiática. As três meninas viajavam em balões de ar quente até Portugal e trouxeram algo típico do seu país (uma foca, uma vaca e um jasmim, correspondentemente). Terminada a história preparou a leitura e leu com as crianças três palavras: “vaca”, “foca” e “jasmim”. Depois entregou uma ficha com um balão de ar em que tinham que pintar o “j” em letra bicuda de verde e o “j” em letra de imprensa de encarnado, às 10h arrumaram a ficha.

Na aula de introdução à Matemática o tema era os números pares e ímpares; para a sua introdução utilizou a estratégia de formar pares de dança com bonecos.

Como exercício, fez um jogo com pontuação, em que dividiu a turma em dois grupos, alternadamente um elemento de cada grupo lançava o dado e o número que saísse teriam que dizer se era par ou impar. Depois de algumas jogadas, aumentou o grau de dificuldade adicionando ao número que saísse um. No final, alterou a pontuação para que ambos os grupos “ganhassem”.

Depois do intervalo introduziu as fundações de uma casa. Começou por exemplificar, através da construção da casa com o 3.º Dom de Fröbel, que “uma casa sem cimento, caso haja um terramoto, vai abaixo”, e ao abanar a construção, a casa desmoronou. Após essa demonstração explicou para que servem as fundações e

como são construídas, para isso entregou a cada par de alunos um pedaço de esferovite (que simbolizava o nosso terreno), arames (simbolizavam o cimento) e plasticina (simbolizava o betão) e, em conjunto, seguindo as orientações por ela dadas, construíram as fundações.

Terminada esta aula, as crianças foram levadas ao almoço e nós, estagiárias, e a educadora reunimo-nos para conversar sobre a aula.

Inferências e fundamentação teórica

Na minha opinião as três aulas tiveram os seus pontos altos e os seus pontos baixos. Na aula de Introdução à Leitura e Escrita, como ponto alto, saliento a história que estava muito engraçada e o fato de ela ter trazido uns fantoches muito apelativos e criados por ela própria, assim como imagens dos objetos e uma flor a imitar o jasmim. Foi muito enriquecedor.

Segundo Carvajal, García e Vallejo (1997, p.1524), existem vantagens na utilização de fantoches, como a fomentação da concentração, “são atrativos e motivadores”, “estimulam a imaginação e convertem-se em fonte inventiva”. As crianças gostaram imenso dos fantoches e interagiram mais no decorrer da história.

A minha colega cometeu, entretanto, um erro durante o decorrer da história, enquanto narrava a viagem que uma das meninas efetuou, disse que tinha demorado 3 dias e 3 noites e perguntou a uma criança qual o resultado dessa operação, a criança disse que era 6 dias e ela considerou certo, quando efetivamente eram apenas 3 dias no total.

Na parte da leitura houve falhas, as palavras não tinham dois tons e começavam por letras maiúsculas (como não se encontravam aplicadas numa frase, todas as palavras deviam estar em letra minúscula). Outro erro que cometeu foi que as crianças ainda não tinham aprendido a ler as letras “c”, “j”, “s” e “m”. Fez bem em atrair a atenção do grupo para as letras de maiúsculas e minúsculas, algo importante, mas chamou-as erradamente de letras “grandes e pequenas”.

Na proposta de trabalho do balão de ar, a educadora chamou a atenção de que é suposto os alunos associarem estes dois grafemas como uma só letra, um só som e não terem a ideia de que são coisas diferentes, como era o objetivo do exercício; como resultado muitos das crianças se enganaram.

Na aula de Matemática, achei muito interessante o jogo de consolidação e só tenho a pontar o facto de ter alterado a pontuação para que ambas as equipas

tivessem ganho. Na aula de Conhecimento do Mundo, correu tudo muito bem, deveria apenas ter apelado mais à cooperação e não deveria ter gritado para tentar recuperar o controlo em alguns momentos.

No geral, deveria ter dirigido mais vezes as perguntas e incentivado a colocarem o dedo no ar.

Terça-feira, 18 de outubro de 2011

Neste dia a educadora pediu a uma estagiária para dinamizar uma aula de Cartilha Maternal (aula surpresa), forneceu-lhe as palavras e deixou-a preparar-se durante 10 minutos. Começou por contar uma história utilizando as palavras que lhe foram dadas e depois colocou-as no quadro, fez uma leitura preparatória com a turma e leu a palavra.

Depois do intervalo, a educadora realizou com as crianças duas construções utilizando o 3.º e 4.º dom de Fröbel, a sala de jantar, o quarto e a ponte baixa. A tipologia de perguntas na construção da sala de jantar era a seguinte: “Quatro pessoas foram comer, quantas cadeiras sobraram? E quantas cadeiras ficaram ocupadas? E quantos talheres/pratos foram colocados na mesa para esse número de pessoas? Se caírem 2 talheres, quantos ficam em cima da mesa?”. Para facilitar a compreensão a algumas crianças, a educadora ilustrou no quadro a situação.

Na ponte baixa fez as seguintes situações problemáticas: “Passaram 5 barcos por baixo da ponte do lado direito, 3 no meio e 1 no lado esquerdo. Onde passaram mais barcos? Ao todo, quantos barcos passaram no meio e no lado esquerdo? Onde passaram mais? No meio e esquerdo ou no direito? Quantos barcos passaram ao todo?”.

As crianças respondiam com entusiasmo e todas colocavam o dedo no ar para responder às questões da educadora.

Inferências e fundamentação teórica

A possibilidade de observar as aulas dadas pelas professoras do Jardim-Escola é importante na formação de um futuro professor; de acordo com Alarcão e Tavares (2003, p. 19), a sua formação pressupõe que tenha “conhecimento dos modelos teóricos” e a “oportunidade de observar diferentes professores em diferentes situações”.

Segundo Dewey citado por Alarcão e Tavares (2003, p.19), a formação dos professores deve ter a componente teórica e a componente prática. Este autor distinguia dois objetivos para a componente prática, sendo estes: “concretizar a componente teórica, torná-la mais viva, mais real” e “permitir que os professores desenvolvam as «ferramentas» necessárias à execução da sua profissão”; como «ferramentas» o autor referia-se a todas as capacidades, técnicas, atitudes, valores, tudo o que faz de alguém um verdadeiro profissional.

As aulas-surpresa são também muito enriquecedoras para nós estagiárias, pois permitem-nos treinar, aprender a controlar os nervos e aprender a improvisar aulas e diferentes estratégias de ensino. A aula-surpresa da minha colega correu bem e os únicos pontos apontados como a melhorar foram os seguintes: quando está a esclarecer uma dúvida a um menino deve falar para toda a turma; no futuro deve pedir a participação dos alunos também nas regras de Cartilha; e não deveria demorar muito tempo com as crianças que se encontravam no quadro, pois isso leva a que os outros se distraiam.

Sexta-feira, 21 de outubro de 2011

Depois das rotinas de acolhimento e higiene, os alunos vieram para a sala e trabalharam nos cadernos de Matemática, foram ao quadro e terminaram fichas em atraso.

Às 10h a educadora distribuiu o Tangram e fez uma revisão sobre o que eles sabiam do material: o número de peças, nome do material e se conseguiam fazer o espelho da princesa. A partir do espelho criou uma história, em que o espelho mostrava: joaninhas, borboletas, formigas e realizou cálculo mental com o seguinte tipo de perguntas “Estavam 3 joaninhas, mais 5 borboletas refletidas no espelho. Quantas borboletas e joaninhas estavam ao todo?; Estavam 4 formigas apareceram outras 2 e depois mais 2, quantas formigas trabalhadoras estavam no espelho agora?”.

De seguida, e para introduzir uma nova construção, perguntou “entretanto apareceu um animal com 4 patas, 2 orelhas, com pelo e que faz miau. Que animal é?”. Quando as crianças responderam que era um gato pediu para realizarem a construção do gato. Depois de explorar a construção e realizar alguns exercícios com cálculo, terminou a aula com a lengalenga do Gato Lambareiro.

Inferências e fundamentação teórica

Existem várias lendas que retratam a origem deste material e que podem servir como início da aula. A educadora preferiu contar uma história sobre uma princesa ter encontrado um espelho e pedir às crianças que o construísem e partiu daí para o cálculo mental através dos animais que aí apareciam. O Tangram é, de acordo com Santos citado por Caldeira (2009b, p. 394) “como um jogo ou como arte, possui um forte apelo lúdico e oferece a quem brinca um envolvente desafio.”.

As crianças, durante esta aula, sem se aperceberem, exploraram várias áreas da Matemática, Conhecimento do Mundo e do Português, desde o cálculo mental, geometria, orientação espacial a lengalengas.

Haigh (2010, p.31) defende que o professor/educador deve, sempre que possível, fazer ligações com aprendizagens anteriores de forma a “recapitular o conhecimento”, não apenas da mesma matéria mas, também, “conhecimentos de outras matérias que lhe estejam associadas e que possam fornecer um contexto”. A interdisciplinariedade permite “fazer ligações a experiências dos próprios alunos. Trata-se de usar o bom senso e fazer ligações que os alunos possam captar de forma a ligarem ideias a aprendizagens anteriores”.

A educadora, ao explorar este material de uma forma tão lúdica, permitiu às crianças aprenderem enquanto brincavam, algo que todas as crianças gostam de fazer.

Segunda-feira, 24 de outubro de 2011

Nesta aula a educadora pediu para nos prepararmos porque iríamos dar aulas-surpresa. A educadora pediu às crianças para terminarem os trabalhos em falta até às 10 horas, altura em que pediu a uma colega para realizar uma dinamização de Cartilha com o apoio da história “Quando eu fico assustado”.

Pediu aos alunos para interagirem, gritando por socorro, e as palavras que trabalhou após a leitura e interpretação do texto foram “batia”, “pé”, “pata” e “tu”. Pediu ainda, durante a dinamização, para definirem o que é uma sílaba, para contar as vogais e formar frases. Explicou ainda que os coelhos não têm cabelo e sim pelo (um erro induzido pelo livro).

Outra colega de estágio planeou dois jogos de mímica para fazer com as crianças: no primeiro jogo cantou a música “o meu chapéu tem três bicos” e combinou com as crianças que gestos iriam utilizar para ir substituindo as palavras; o segundo

consistia num jogo de mímica em que um aluno ficava na frente da turma e, através de gestos, tentava levar os colegas a pensar na palavra em que estava a pensar.

Quando voltámos do intervalo, foi a vez da minha aula-surpresa. O tema foi a orientação espacial. A educadora disponibilizou material, que consistia em várias árvores, animais, casas e crianças, que coloquei no quadro e trabalhei as seguintes orientações: direita, esquerda, em cima e em baixo e entre, e ainda realizei contagens.

Inferências e fundamentação teórica

Na primeira aula surpresa a minha colega realizou a leitura da história, fez inflexões de voz e pediu a participação dos alunos no decorrer da história. Este tipo de interação da criança é importante pois possibilita a sua participação ativa na leitura, uma maior concentração e permite um momento mais lúdico. No decorrer da sua aula-surpresa mostrou à-vontade em frente da turma e uma boa disposição que contagiou as crianças e as levou a colaborar com ela ao longo de toda a sua aula.

A aula dada pela estagiária seguinte foi bastante apelativa, pois tratava-se de um jogo. Na primeira parte, o primeiro jogo, a minha colega treinou com as crianças os gestos que iriam fazer para substituir as palavras da música. As crianças gostaram imenso e pediram para repetir. No segundo jogo não explicou bem o procedimento e as ações que as crianças tentavam representar eram difíceis de perceber. Como ponto a melhorar, a estagiária deveria ter definido e mantido as regras do jogo até ao final da aula e sido a própria a escolher o que as crianças iriam representar ou, pelo menos, escolher um tema, como por exemplo animais ou vestuário. Devido à confusão que se instalou, pela incompreensão do jogo, ela acabou por alterar a pontuação e as regras a meio, contribuindo ainda mais para a confusão.

Durante o meu estágio no Bibe Azul nunca tinha observado uma aula sobre a posição e perspetiva, apesar de ser um tema fundamental nestas idades para que as crianças aprendam os conceitos de posição: em cima, em baixo, à direita e à esquerda e de perspetiva: a proximidade, de dentro, fora e entre, de aberto e fechado. Barros e Palhares (1997, p.88, 89) baseiam-se nos estágios de Piaget, quando afirmam que as crianças “são especialmente egocêntricas e não compreendem muito bem a ideia de diferentes perspetiva até atingirem o estágio das operações concretas”, defendem então que as atividades no jardim-de-infância devem ser “tão variadas quanto possível” e que o educador “ao dialogar com uma criança, deverá usar o referencial desta e dirá: Está à tua direita, atrás de ti, à tua frente.”.

As únicas orientações que dei foi “à esquerda de”, “à direita de”, “em cima de”, “em baixo de” e “entre”, esquecendo-me de trabalhar as orientações “atrás de”, “à frente de” e o conceito de proximidade. Apesar disso, usei sempre como referencial as crianças, e apesar dos pontos a melhorar, achei a aula importante para aprender a improvisar, evitando erros científicos.

Terça-feira, 25 de outubro de 2011

Para este dia, a educadora e uma colega estagiária combinaram que a última iria dar uma aula com as três áreas, pela seguinte ordem: dinamização da cartilha, iniciação à Matemática e Estudo do Meio. Começou por manter o ritual diário de cantar a música “Bom dia” com as crianças. Recebeu as crianças que foram chegando, enquanto colocava no quadro as seguintes palavras “ajudava”, “bolo”, “viu”, “uva” e “leva”. Pediu a várias crianças para participar na revisão das regras de leitura e na leitura das palavras.

Propôs uma ficha para as crianças irem realizando, enquanto levava um grupo de crianças à Cartilha, que consistia na picotagem de palavras e colagem das mesmas em frases.

Depois do intervalo, deu a aula de Conhecimento do Mundo, que tinha como tema as divisões da casa. A minha colega destapou uma casa de madeira com os objetos correspondentes a cada divisão e chamou um menino de cada vez, pedindo-lhe para escolher um objeto, identificá-lo, dizer qual a sua função e colocá-lo na divisão a que pertence.

Na aula de Matemática, o tema era a Teoria de Conjuntos, a única coisa que falhou foi a correta definição da linha de fronteira, em que definiu como a “linha que divide o conjunto de fora do conjunto de dentro”. Fez conjuntos com ursinhos de várias cores, explicou e realizou exercícios com conjuntos vazios, conjuntos universais e conjuntos singulares.

Inferências e fundamentação teórica

Durante a manhã de aulas, a minha colega manteve sempre uma estrutura de aula, ou seja um princípio, meio e fim. De acordo com Haigh (2010, p.30), ao estruturar uma aula o professor/educador deve ter em atenção as capacidades dos alunos e o conteúdo do programa. Ainda de acordo com o mesmo autor, a estrutura da aula deve ser dividida em três partes:

- a primeira é denominada de início: deve ser realizada a introdução e a explicação do contexto aos alunos;
- a segunda é o meio: que contém o “objectivo do ensino”;
- a terceira é um resumo e consolidação da aprendizagem.

A minha colega estruturou todas as aulas desta maneira e teve uma resposta positiva da parte dos alunos.

Nas aulas em geral, pediu sempre a participação ordenada dos alunos e tentou que todos participassem pelo menos uma vez.

Sexta-feira, 28 de outubro de 2011

Para este dia, a educadora e eu tínhamos combinado que daria a minha manhã de aulas planeadas. Comecei pela aula de Introdução à Leitura e à Escrita lendo a história “Ratos das Botas” de António Torrado (Figura 7). Baseei-me em palavras desta história para dinamizar a aula de Cartilha e realizei uma dinamização da Cartilha, em que fiz a leitura em conjunto com a turma, pedindo a diversos alunos para identificarem as sílabas, letras, realizarem a leitura e contextualizarem as palavras.



Figura 7 – *Imagem de “Os ratos das botas”*

Depois da dinamização, entreguei uma ficha aos alunos, em que tinham que pintar de acordo com um código de cores. Enquanto a turma realizava a ficha, fui com um grupo para o cantinho da leitura da Cartilha Maternal em que revi a letra “p” e introduzi a letra “l”.

O tema da aula de Conhecimento do Mundo era as diferenças e localização das casas típicas de todo o país; mostrei, através de uma apresentação em *Powerpoint*, as várias diferenças (material de construção, arquitetura adaptada ao clima e às condições de vida, assim como o principal modo de vida das pessoas), pedindo sempre a participação das crianças.

Na aula de Introdução à Matemática entreguei a cada criança um saco com flores feitas em eva e um prédio, com janelas que abriam e fechavam. Em cada janela encontrava-se uma imagem (crianças a pintar, uma mãe a ler uma história aos filhos,

etc.), coloquei ainda, exposta no quadro, uma réplica do prédio em tamanho grande. Através das imagens, abrindo e fechando as janelas, e das flores, trabalhei a contagem e cálculo mental.

Inferências e fundamentação teórica

Na aula de Introdução à Leitura e à Escrita¹, li a história com inflexões de voz e depois pedi aos alunos para, com a minha ajuda, recontarem a história e interpretá-la. Na dinamização da Cartilha, as palavras foram retiradas do texto e estavam adaptadas aos conhecimentos da turma. Na ficha, as letras, dentro das escamas, estavam um tamanho abaixo do ideal, isso fez com que algumas crianças falhassem na sua realização. Na lição da Cartilha estive um pouco nervosa, mas correu bem e não dei nenhum erro revendo com as crianças a lição anterior e explicando às crianças a nova, pedi sempre para contextualizarem a palavra numa frase e iniciei um pequeno diálogo com cada uma delas.

Na aula de Conhecimento do Mundo, as crianças mostraram-se bastante interessadas em conhecer as casas e em partilhar os seus conhecimentos e vivências do dia-a-dia.

Na aula de Matemática, ao trabalhar com o material que levei, treinei com as crianças capacidades inerentes à contagem de objetos (um dos pontos de trabalho para o desenvolvimento do sentido do número); de acordo com o Castro e Rodrigues (2008, p.18), essas capacidades vão se desenvolvendo através da experimentação, observação e contagem oral: “i) que cada objeto corresponde a um e um só termo da contagem; ii) como não perder nem repetir nenhum objeto; iii) o conceito de cardinalidade (o último termo dito corresponde ao número total de objetos contados); iv) que a contagem não depende da ordem pela qual os objetos são contados.”. Durante toda a aula, deparei-me com alguns alunos, que ainda não tinham desenvolvido por completo a capacidade de não perder nem repetir os objetos, e outros em que tinha que reforçar o conceito de cardinalidade.

De uma forma geral a aula decorreu bem e um dos pontos apontados como a melhorar era a mudança de estratégias ao longo da aula, para se tornar mais dinâmica.

¹ Esta é a terminologia utilizada na Escola para esta área, correspondente à área de Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar.

Segunda-feira, 31 de outubro de 2011

Nesta segunda-feira, e devido ao feriado de 1 de novembro, as educadoras e professoras do Jardim-Escola encontravam-se em *roullement*. A educadora da turma B ficou com os alunos que vieram neste dia e fizeram construções com legos, puzzles, jogos de tabuleiro, jogos de reconhecimentos de números, etc. até à hora do recreio, depois foram almoçar e voltaram para o recreio.

Inferências e fundamentação teórica

Como muitos pais decidem ficar em casa com os filhos nestes dias, para terem um fim-de-semana “grande”, são muitas as turmas que ficam incompletas, neste caso não é necessário duas educadoras/professoras para 20 ou 30 crianças. As diretoras optam por dar folga a uma das profissionais; neste dia foi a educadora da turma onde me encontrava que teve folga. Foi interessante observar a relação que a educadora tinha com as crianças, assim como observar a sala da turma B e conhecer o outro grupo.

Para que os alunos que não vieram à escola não fiquem atrasados nas matérias, as professoras e educadoras optam por distribuir jogos, atividades e tarefas aos alunos. Os jogos escolhidos têm sempre uma aprendizagem inerente, de modo a que as crianças aprendam de uma forma lúdica. Barros e Palhares (1997, p.121) defendem que “muitas das tentativas de ligar a aprendizagem Matemática via ambiente lúdico têm sido feitas mediante a utilização de jogos especificamente construídos para o efeito”, a sua utilização facilita a construção de capacidades lógico-Matemáticas através do concreto e da ludicidade, as crianças experimentam e manipulam materiais que, sem se aperceberem, os ajudam na construção das capacidades Matemáticas que mais tarde irão aprofundar nas aulas.

Sexta-feira, 4 de novembro de 2011

Depois da rotina de higiene, as crianças sentaram-se nas carteiras e iniciaram a rotina da Iniciação à Escrita, terminaram as propostas de trabalho e o treino de letras atrasados, aprenderam uma nova letra na Cartilha Maternal, treiná-la no quadro e, depois passar para as folhas de treino e finalmente, para o caderno de escrita.

Depois, o primeiro grupo foi à aula de cerâmica, realizaram caracóis, pizzas, semáforos, carros e cachorros.

Foram ao recreio e quando regressaram trabalharam nos cadernos de escrita de Matemática, e o segundo grupo foi para a cerâmica.

Enquanto isso, a educadora reviu, utilizando peças de cartolina a representarem as peças do material de Cuisenaire e algarismos móveis, os números pares e ímpares. Com a seguinte lógica de pensamento “procura o algarismo 1; qual o algarismo que vem a seguir? Qual é a peça de Cuisenaire que corresponde a esse número?” até ao número dez, depois dividiu as peças em pares e ímpares.

No fim da aula, distribuiu aos alunos uma proposta de trabalho na qual tinha dois retângulos quadriculados. No primeiro tinham que desenhar as peças cujo valor era par. No segundo tinham que desenhar as peças de valor ímpar.

Inferências e fundamentação teórica

A utilização de material manipulativo é sempre importante no Pré-Escolar, pois permite a concretização de noções que são abstratas na aprendizagem. Várias investigações, segundo Serrazina citado por Caldeira (2009b, p. 127), concluíram que “os estudantes que utilizam materiais manipulativos na construção de conceitos têm melhores resultados” do que aqueles que não utilizaram. Concluíram ainda que os alunos que utilizaram materiais são “indivíduos ativos” pois “constroem, modificam e integram ideias” que se interrelacionam com o mundo, os materiais e as pessoas.

Podemos portanto concluir que a utilização de material manipulativo, para as crianças alcançarem o sucesso na aprendizagem e na sua vida futura, é imprescindível e que o facto de a educadora utilizar materiais manipulativos diariamente é muito positivo.

Segunda-feira, 7 de novembro de 2011

Nesta tarde observei uma aula de Inglês; a professora apresentou-se à turma e pediu para a tratarem como *teacher*. Cada vez que conversava com a turma era em inglês, traduzindo de seguida para Português: “Hello class, how are you? Olá turma, como estão?”. De seguida pediu a todos as crianças para se apresentarem em inglês, “My name is...”, através de um jogo de quebra-gelo com uma bola.

Contou uma história sobre uma minhoca, com várias cores e pediu para reverem a história e repetirem as cores presentes na minhoca “red”, “orange”, “yellow”, “blue” e “green”. Quando a aula terminou, despediu-se da turma com “Goodbye class.”.

Na aula de Conhecimento do Mundo a educadora foi buscar a bandeira de Portugal e questionou as crianças sobre o que sabiam acerca da bandeira; explorou todas as suas características e o que simbolizam. Ensinou o hino “A Portuguesa” e explicou que não se deve bater palmas no final do hino e os gestos que devem ser feitos (mãos atrás das costas ou ao peito). Cantou com eles o hino algumas vezes e, por fim, distribuiu uma proposta de trabalho onde as crianças deviam colorir a bandeira de forma correta.

Inferências e fundamentação teórica

As aulas de línguas estrangeiras são muito importantes nestas idades; segundo Chugani (citado por Vos, 2008), “o ensino de uma língua estrangeira deve começar quando as crianças estão na pré-escola – quando os professores podem maximizar a boa vontade e a habilidade para aprender”. É nestas idades que o cérebro das crianças tem uma maior capacidade para aprender uma língua, através da motivação e habilidade do ensino por parte dos professores.

Haigh (2010, p.61) corrobora dizendo que em estudos recentes se tem constatado que “os alunos multilingues tendem a ser mais criativos e a ter mais aptidão para resolver problemas, ao mesmo tempo que se constatou que quantas mais línguas se fala mais fácil é aprender uma nova”. É de extrema importância a aprendizagem de outras línguas, com a globalização, a evolução da tecnologia e a necessidade de emigrar é uma mais-valia a aprendizagem de línguas estrangeiras. Gostaria de ter tido a oportunidade de observar mais aulas de inglês, não apenas no Pré-Escolar mas também no 1.º Ciclo.

1.4. 2.^a Secção: Sala dos 3 anos

Esta sala conhecida como a sala do Bibe Amarelo, é a sala reservada à faixa etária dos 3 anos. Estagiei nesta faixa etária entre o dia 7 de novembro e 16 de dezembro de 2011.

1.4.1. Caracterização da turma

A turma em que estagiei é composta por 27 crianças - 14 rapazes e 13 raparigas. E todas estas crianças completaram 3 anos de idade até final de dezembro.

O grupo encontrava-se bem integrado na dinâmica do Jardim-Escola e demonstrou motivação e interesse pelas diversas aprendizagens.

Na turma está inserido um par de gémeos, um deles têm problemas de audição, o que o torna mais irrequieto e dificulta a sua capacidade de se manter atento.

1.4.2. Caracterização do espaço

A sala do Bibe Amarelo onde estagiei possui a particularidade de ambas as turmas se encontrarem na mesma divisão, apenas separadas por uma arcada.

É uma sala ampla, acolhedora, colorida e cheia de luz natural graças às janelas, que ocupam toda uma parede. Esta sala tem duas portas de acesso, uma que serve de ligação para o recreio e que é por onde entram as crianças atrasadas e outra, que faz a ligação da sala para o salão (Figura 8).

As paredes estão revestidas de trabalhos das crianças, um quadro do tempo e na porta encontra-se o quadro de presenças e rotinas. Ainda nessa parede encontram-se os cabides das crianças que, quando chegam colocam o casaco e a saca no seu cabide, que identificam graças a uma fotografia e o seu nome ao lado.

A sala encontra-se dividida em vários espaços, o cantinho da imaginação (uma cozinha e um berço de bebé), o cantinho das histórias (Figura 9), onde se encontra uma estante com vários livros, um tapete multiusos, no qual as crianças participam em várias atividades, e a zona de trabalho onde se encontram cinco mesas retangulares, onde os alunos se sentam para realizarem os trabalhos.



Figura 8 - Sala do Bibe Amarelo



Figura 9 - Cantinho das histórias do Bibe Amarelo

1.4.3. Horário do grupo dos 3 anos

A elaboração de um horário semanal faz parte do Projeto Curricular de Turma. Neste, devem estar incluídas várias atividades que promovam o desenvolvimento das crianças ao longo da carga horária semanal. Deve ser exposto num local visível na sala de aula.

A educadora cooperante forneceu a todas as estagiárias uma cópia do horário (Quadro 5), que se transcreve a seguir.

Quadro 5 - Horário do Bibe Amarelo A

Horas	2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira
9h – 9h30m	Partilha de saberes	Acolhimento / Canções de roda		Partilha de saberes	Acolhimento/ Canções de roda
9h30 - 10h00m	Area Projeto: Estimulação à leitura			Música	Area Projeto: Estimulação à leitura
10h00m – 10h30m	Educação para o movimento	Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática	Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática
10h30m - 11h00m	Partilha de saberes	Proposta de trabalho	Proposta de trabalho	Proposta de trabalho	Educação do Movimento
11h00m – 11h30m	RECREIO				
11h30m – 12h00m	Higiene / Preparação para o almoço				
12h00m - 12h30m	ALMOÇO				
12h30m - 14h30m	Recreio (livre e orientado) / Hora da Sesta				
14h30m - 15h00m	Higiene / Preparação da sala				
15h00m - 16h00m	Atividades de arte plástica: desenvolvimento da motricidade fina; jogos orientados; estimulação à leitura; aulas de descoberta				
16h00m - 16h20m	Higiene				
16h20m - 17h00m	Lanche / Saída				

1.4.4. Rotinas

No Bibe Amarelo (3 anos) as rotinas diferem, em alguns aspetos, do Bibe Azul (5 anos). Neste grupo é necessária a introdução da sesta, que irei explicar mais à frente como se processa, as restantes rotinas que se mantenham iguais não serão referidas.

Acolhimento

Nestas idades, a separação entre as crianças e os pais é um momento de angústia, todas as crianças são diferentes, mas muitas delas choram imenso até se habituarem. De acordo com Brazelton e Sparrow (2006, p. 83) este é um processo saudável para a criança mas não para os pais, pois as crianças aprendem “capacidades sociais”, a “apreciar os seus pares” e a adaptarem-se, isto porque as crianças, após a despedida, recompõem-se e aceitam o conforto recebido pela

educadora e irmão, eventualmente, criar laços com os pares para preencher a perda dos pais.

Quando chegam à escola, os pais deixam as crianças com as educadoras ou auxiliares à entrada do salão, estas levam as crianças até à sala onde deixam os casacos, e eventualmente as sacas (contêm uma muda de roupa, um objeto de separação e a roupa da cama para a sesta).

Higiene

Esta rotina difere das outras idades em questão, as crianças vão à casa de banho em pequenos grupos, a educadora encontra-se na sala com as crianças e uma auxiliar vai buscar grupos de 5 a 10 crianças, leva-os à casa de banho, ajudando-os nas rotinas de limpeza ou nas necessidades fisiológicas.

Sesta

Este é uma rotina exclusiva dos 3 anos, nestas idades muitas crianças ainda precisam da sesta depois do almoço, mas existem alguns casos de crianças que já não dormem à tarde, essas partilham o espaço do recreio com as crianças de 4 e 5 anos.

A sesta é feita na sala em camas individuais dispostas pela sala, com uma cadeira aos “pés da cama”, onde a criança coloca o seu bibe, a saca e os seus sapatos. Na saca encontram-se alguns objetos que a educadora, antes do início do ano letivo, pediu aos pais para colocarem: um conjunto de lençóis identificados com o nome da criança, um cobertor para quando está mais frio e, se os pais acharem necessário, um objeto de transição.

Quando a criança entra na sala, depois do almoço, as cortinas já estão fechadas e a educadora indica a sua cama para começarem a despir o bibe, descalçar os sapatos e deitarem-se na cama; se necessário, ajuda algumas crianças, respeitando sempre o nível de autonomia. Todos estes pontos são defendidos por Cordeiro (2010, p. 373) que diz que a sesta deve ser feita num “ambiente calmo” e que deve ser estimulada a autonomia “as crianças devem tirar elas próprias os sapatos, deitar-se e tapar-se sozinhas”; diz ainda que os objetos de transição são importantes neste momento em que a lembrança dos pais é mais intensa. De acordo com Brazelton e Sparrow (2006) “um objeto favorito ajuda uma criança a acalmar-se a si própria ao atravessar um acontecimento” (p.92) e é em “alturas como esta que a criança precisa

de uma lembrança reconfortante da sua casa e da relação familiar” (p. 90). Ou seja, o objeto de transição, seja uma chucha, um cobertor ou um urso de peluche, é para a criança um conforto familiar que a ajuda a acalmar-se e relaxar podendo assim adormecer descansada e, mais tarde, acordar tranquila e descansada para uma tarde repleta de atividades.

1.4.5. Relatos diários

Segunda-feira, 07 de novembro de 2011

Nesta segunda-feira as professoras da Equipa de Supervisão vieram avaliar as estagiárias através de aulas-surpresa; uma das professoras veio avaliar uma colega do meu grupo através de uma aula no Bibe Azul, mas como ela estava com dores de garganta e um pouco afônica, dei eu a aula. A professora deu-me o livro “O Ratinho Torto” e pediu para o explorar com as crianças e dar a 12.^a lição da Cartilha Maternal a um grupo de três alunos.

Após a minha aula, foi-nos sugerido que observássemos outras aulas e fui observar a aula de uma outra estagiária que se encontrava no Bibe Encarnado, que leu a história “Mas que barulheira”. Ao longo da história foi fazendo interdisciplinaridade com a Matemática, ao ir contando os pintos que apareciam nas imagens, pediu ainda aos alunos para imitarem os pintainhos ao dizerem “piu-piu”. Cantou a canção “Todas as galinhas” e explorou a história com as crianças.

Depois disso voltei ao Bibe Amarelo, levei as crianças do refeitório para a casa de banho, em grupos de quatro, e deitei-as para a sesta depois de almoço, juntamente com a minha colega e a educadora do grupo.

Inferências e fundamentação teórica

Durante a leitura da história, na aula surpresa, fiz várias inflexões de voz e tentei sempre ler a história de forma que as rimas sobressaíssem durante a leitura. De acordo com García, Gil e Zaloña (1997, p. 697) um dos papéis da Educação Pré-Escolar é “aumentar a fluidez e o ritmo na sucessão de diversos sons que dão lugar à experiência oral” pois as crianças nestas idades precisam de “desenvolver uma boa fluidez na articulação”. Uma estratégia que tem bastante sucesso nestas idades são as rimas, as crianças consideram-nas divertidas e gostam de as repetir, é um exercício que exige uma boa articulação das palavras e que ajuda a alcançar esse mesmo objetivo.

Depois da leitura, fiz a interpretação da história com as crianças. Daí, parti para a uma atividade com plasticina, para as crianças moldarem pequenas palavras que já conhecessem. A educadora e a orientadora escolheram um par de crianças para eu dar a aula de cartilha, decorreu sem percalços e de uma forma descontraída, revi a lição anterior e ensinei a nova, pedindo sempre para contextualizarem as palavras que liam.

Terça-feira, 8 de novembro de 2011

Nesta terça-feira a educadora lecionou uma aula de Iniciação à Matemática com o material Blocos Lógicos (Figura 10). Pediu para as crianças identificarem o material através da caixa, de que material é feita, se era opaca ou transparente. Pediu para o grupo levantar peças com uma característica específica, a forma, cor, tamanho e espessura. Explorou principalmente a peça



Figura 10 - *Blocos Lógicos*

com a forma circular e pediu para realizarem uma proposta de trabalho, em que tinham de pintar de encarnado apenas os círculos.

Depois do intervalo, as crianças estiveram a rasgar papel de seda enquanto uma estagiária fez a avaliação da motricidade fina e a educadora a avaliação da contagem; eu orientava as crianças nos exercícios.

Inferências e fundamentação teórica

A utilização dos Blocos Lógicos nesta aula teve como objetivo desenvolver, de acordo com Caldeira (2009b, p.368) a “classificação”, o “conhecimento gradual do material”, “identificação dos diferentes atributos” e o “estabelecimento de comparações”.

Nestas idades existem crianças que já foram estimuladas para a observação dessas características e outras que não; Barros e Palhares (1997, p.88) afirmam que o educador deve “através de actividades do dia-a-dia e de actividades lúdicas intencionalmente preparadas, seguidas de questionação sobre o que as crianças vão descobrindo” e dessa forma vão “construir (...) processos de abstração e

generalização tendentes à construção, sistematização e consolidação de conceitos geométricos.”.

A educadora reforçou o conhecimento dos alunos sobre o círculo; de acordo com alguns estudos, esta é a figura mais fácil de compreender e que as crianças reconhecem mais facilmente pois, ao contrário das restantes, não contém nenhum ângulo tornando-se mais fácil de identificar. Existem várias músicas que são utilizadas para ajudar as crianças a decorar o nome das figuras geométricas e que enumeram as suas características, na minha opinião teria sido mais enriquecedor se a educadora as tivesse usado.

Sexta-feira, 18 de novembro de 2011

De manhã, e após a rotina de preparação para a aula de Expressão Físico-motora, as educadoras dos dois grupos pediram às estagiárias para cortarem os adereços para a Festa de Natal. O tema deste ano tem por base a história “O rato do campo e o rato da cidade”.

As educadoras pediram ainda que, durante o treino para a festa, preenchêssemos as grelhas de avaliação referentes ao reconhecimento dos sentidos – doce e amargo, quente e frio, salgado e insonso.

Às 10h30m as crianças foram para o ginásio para terem a aula já referida.

Inferências e fundamentação teórica

Quando a educadora nos solicitou o preenchimento das grelhas de avaliação, fiquei muito satisfeita por duas razões: ao pedir, estava a dizer que confiava em mim, e ao realizar esta tarefa tive oportunidade de aprender a fazer um registo e, assim, ficar a conhecer melhor as crianças com quem iria estar durante este momento. Quanto mais informações tivermos sobre estas, mais facilmente conseguiremos cumprir as nossas planificações. Nesse sentido, e de acordo com a Circular nº 17 de 2007 a avaliação tem como finalidade “(...) contribuir para a adequação das práticas, tendo por base uma recolha sistemática de informação que permita ao educador regular a actividade educativa, tomar decisões, planejar a acção (...)” para assim conseguir adaptar as suas atividades ao evoluir das crianças.

O registo da avaliação das crianças serve para acompanharmos o evoluir do grupo e de cada criança individualmente, para adaptarmos as atividades ao grupo em

geral, acompanharmos de perto e apoiarmos crianças que não estejam ao mesmo nível que as restantes. Serve ainda para podermos refletir sobre as atividades, se funcionam ou não, se estamos a conseguir alcançar os objetivos propostos e se temos que alterar algo.

Segunda-feira, 21 de novembro de 2011

Às segundas-feira, os alunos são entregues na sala pela porta do recreio, trazem a saca com os lençóis e, como é dia de Educação pelo Movimento, são logo preparados para a aula e levamo-los em grupos à casa de banho, quando voltam sentam-se nos seus lugares.

Nesta manhã, a educadora trabalhou com os Blocos Lógicos. Abordou as características das peças e realizou um ditado gráfico com as peças. Orientou as crianças na sua realização ao pedir para irem utilizando as peças e como as colocariam. Montaram uma paisagem com um sol e uma árvore, mas quando a educadora começou a pedir para realizarem um carro, reparou que não havia peças suficientes para todos e pediu para fazerem apenas o carro.

As crianças terminaram o exercício, arrumaram as peças e encaminhámo-los para a aula de Educação pelo Movimento. Quando voltaram ajudamos a vestirem os bibes e os sapatos, levámo-los à casa de banho e ao almoço, quando terminaram foram fazer a sesta.

Inferências e fundamentação teórica

Nesta aula as competências a alcançar com os Blocos Lógicos, de acordo com Caldeira (2009b, p. 368) foram “a localização espaço-temporal” e conseguir “construir o espaço”.

Ocorre muitas vezes, durante o exercer da profissão, que os professores/educadores tenham planeado um exercício para realizarem com as crianças e quando o aplicam em contexto de sala de aula, por uma ou outra vez, não corra como planearam. Nestas alturas a solução é improvisar, começar do início, reformular ou dar o exercício como terminado; a educadora, desta vez, reformulou o exercício e, depois dessa reformulação, a aula correu como planeada.

Na minha opinião a educadora agiu corretamente, é impossível em toda a carreira profissional uma aula por vezes não correr como se planeou, seja devido ao

estado de espírito dos alunos, do próprio profissional, um erro cometido no planeamento da aula ou a algo que nos seja impossível de controlar. O imprescindível nestas ocasiões é não ficar parado, agir e resolver o problema e, acima de tudo, aprender onde se errou e prevenir erros iguais no futuro.

Quando se é um profissional na área de educação, é imprescindível não esquecer que todos os dias se aprende e tem que se estar em constante evolução, pois o mundo está em evolução e o que hoje é certo, amanhã muda e, neste ciclo de mudanças, o educador/professor tem que estar sempre a par e um passo à frente.

Terça-feira, 22 de novembro de 2011

Para este dia a educadora tinha reservado a manhã para duas estagiárias do 2.º ano da Licenciatura em Educação Básica darem uma aula de Conhecimento do Mundo com o tema do vestuário.

Ambas tinham feito uma boneca a que chamaram de Alice e tinham exposto num *placard* dois géneros de roupa, para o tempo quente e para o tempo frio.

A aula começou com a explicação do que significa tempo quente e tempo frio e que tipos de roupa se deverão vestir em cada ocasião. Após esta introdução, as crianças ajudaram a vestir a “Alice” e explicaram para que servia cada tipo de roupa.

Aproveitaram ainda para abordar a roupa a vestir em cada ocasião, colocaram vários cartões em cima de uma mesa e pediram a uma criança para encontrar o cartão em que um menino estava “pronto para ir para a cama” e, quando foi encontrado, pediram para mostrar aos outras crianças e questionaram outra criança sobre o que tinha vestido – um pijama (entre outras situações – praia/biquíni; escola/bibe; etc.).

Depois da aula e, enquanto as duas turmas treinavam para o ensaio de natal, as estagiárias estiveram a terminar de preencher as grelhas de avaliação sobre os sentidos. Depois de comerem a bolacha, as crianças foram para o salão ver televisão e as estagiárias falaram com a educadora sobre a aula dada.

Inferências e fundamentação teórica

A aula que as nossas colegas deram foi muito bem planeada e correu bem, as crianças gostaram de ter de escolher a roupa para menina e todo o material foi muito bem elaborado e estava bem adaptado a esta idade.

O tema das estações do ano foi abolido do programa pois chegou-se à conclusão que o clima já não se encaixava dentro dos limites temporais impostos às estações do ano. Portanto o tema agora abordado é o clima.

É importante nestas idades abordar o clima e explicar o que se deve vestir para o tempo quente e para o tempo frio; fizeram uma pequena abordagem ao que se deve vestir em cada ocasião, achei isso oportuno e bem-sucedido.

Ambas mostraram estar à vontade, utilizaram uma linguagem adequada e os modos adotados eram os indicados; na minha opinião a aula foi bem conseguida.

Sexta-feira, 25 de novembro de 2011

Quando chegaram à sala ajudámos as crianças com a rotina de preparação para a aula de Educação pelo Movimento.

Foram, depois, sentar-se em roda no tapete para uma aula com o 1.º Dom de Fröbel (Figura 11). A educadora abordou a diferença entre material



Figura 11 - 1.º Dom de Fröbel

opaco e transparente, exemplificando com a caixa de madeira do 1.º Dom e com uma caixa de plástico transparente. Depois reviu as cores com as crianças e trabalhou-as pela ordem amarelo, laranja, encarnado, verde, azul e roxo. Trabalhou ainda a noção espacial, colocando as bolas em frente à caixa, em cima da mesa, debaixo da cadeira e entre duas crianças.

Depois retirou uma lagarta (réplica do 1.º Dom em tamanho grande e decorado de forma a parecer uma lagarta) e enquanto as crianças iam buscar as bolas pequenas, ela ia montando a lagarta com as cores respetivas às bolas resgatadas.

A educadora pediu a uma estagiária para realizar o “Quim Visual” com as crianças, depois a educadora realizou um exercício de retorno à calma e colocou música para as crianças dançarem. Distribuiu-se uma bolacha pelas crianças e foram para a aula de Educação para o Movimento, quando esta terminou realizámos as rotinas usuais.

Inferências e fundamentação teórica

O 1.º Dom de Fröbel é constituído por seis bolas pequenas (do tamanho de bolas de ping-pong) revestidas por lã de diferentes cores. Estas bolas encontram-se dentro de uma caixa de madeira com a forma de um paralelepípedo.

O interesse pedagógico, de acordo com Caldeira (2009b, p.244 - 245) é a aprendizagem das cores, a estruturação espacial, a lateralização, o desenvolvimento verbal, o enriquecimento de vocabulário, os jogos de memória, a seriação, os conjuntos e a contagem. Os seus objetivos são: a distinção de cores, diferenciação de formas, lateralidade, equilíbrio, o desenvolvimento da memória e a orientação espacial, entre outras.

Nesta aula, a educadora focou-se em trabalhar com as crianças as cores, lateralidade, memória e a orientação espacial; muitas das crianças mostraram-se entusiasmadas e desafiadas pelo jogo que a educadora realizava com eles, respondendo com alegria e coragem.

Segunda-feira, 28 de novembro de 2011

O dia começou com a rotina de preparação para Educação para o Movimento. Após a qual a educadora pediu a uma colega estagiária para dar uma aula de Estimulação à Leitura, que decidiu contar a história “O Capuchinho Vermelho”, dinamizado com fantoches de mão. Apelou à memória através das cores das flores que a Capuchinho colheu e cantou músicas referentes a cada personagem.

Depois da aula a educadora distribuiu uma folha de papel de lustro; no verso estavam desenhadas linhas onduladas que ao serem picotadas pelas crianças criavam o efeito de uma bola decorativa de natal.

Depois da Educação pelo Movimento realizámos o jogo das estátuas com as crianças, mas com outras regras em que tinham de se sentar no chão e saltar “à canguru”.

Inferências e fundamentação teórica

A minha colega contou uma história tradicional, “O Capuchinho Vermelho”. Barros (2008) refere que “os contos tradicionais são exemplo de uma herança cultural colectiva, focalizada nas vivências humanas” e que é “comum num conto de fadas ser exposto um dilema de forma concisa e directa, o que permite à criança enfrentar o problema na sua forma mais essencial.”.

Contar este tipo de histórias às crianças é de extrema importância, pois são parte da nossa herança cultural, são passadas oralmente de geração em geração e muitas têm pequenas mensagens e valores que as crianças devem apreender.

A versão por que a minha colega optou foi a adaptação ideal para as crianças destas idades, com músicas incorporadas, que prenderam a atenção das crianças e estimularam a memorização. Optou ainda por adicionar pequenas contagens que mantiveram e estimularam a concentração do grupo para os pequenos detalhes da história e os incentivou a participarem.

Terça-feira, 29 de novembro de 2011

Nesta terça-feira tive a minha aula surpresa de Estimulação à Leitura, em que li a história “O Cuquedo” (Figura 12), abordei com as crianças os animais da história e cantámos em conjunto canções sobre os animais da história.

Depois desta aula o grupo foi encaminhado para o ginásio onde assistiram a um espetáculo de artes circenses, no salão, juntamente com toda a infantil. O espetáculo chamava-se “Sonhando Acordado” com a seguinte sinopse “Um dia normal, uma casa banal. Um sonho profundo, vagueando por um mundo mágico, onde o impossível acontece e a realidade se transforma num sonho circense romântico”.

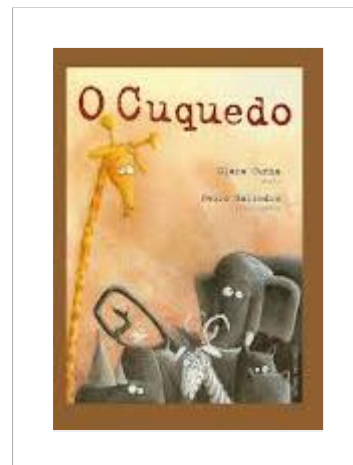


Figura 12 – O livro
“O Cuquedo”

Terminado o espetáculo, foram ao recreio e depois foram almoçar e, finalmente, fizeram a sesta.

Inferências e fundamentação teórica

A hora do conto, segundo Gomes (2000, p.35) “ocupa um lugar importante, pelo que julgamos fundamental elegê-la como uma das actividades capazes de, pela sua prática continuada, proporcionar o desenvolvimento do prazer de ler, resultante, numa primeira etapa, da simples satisfação do gosto pelas histórias”.

A narração de histórias e a sua dinamização na hora do conto, ou neste caso na área projeto - Estimulação à Leitura, é uma prática comum e são várias as estratégias adaptadas pela educadora: a simples narração, a improvisação de um conto, a dramatização através de fantoches, dedoches, sombras, etc.

Na minha aula optei pela leitura do livro com a participação coordenada das crianças na repetição de uma fala. Optei, ainda no final, por cantar músicas referente a

cada animal, as crianças aderiram facilmente a esta atividade e divertiram-se imenso a imitar os sons dos animais.

A possibilidade de contato com as artes circenses dentro do próprio Jardim-Escola é uma delícia para as crianças. Os espetáculos, dramatizações, concertos e outras atividades que ocorrem dentro dos jardins-escola pertencentes à Associação são uma prática recorrente, quebram rotinas e proporcionam às crianças momentos de lazer e maravilha dentro do Jardim-Escola.

Sexta-feira, 02 de dezembro de 2011

Neste dia de *roullement* a educadora presente era a da turma A; logo pela manhã, as crianças tiveram Música em que fizeram ensaios para o espetáculo de Natal. Enquanto o professor treinava com as crianças, nós estagiárias recortávamos imagens de personagens natalícias e bolas decorativas, em papel, para as crianças picotarem, para atividades de expressão plástica, as personagens iriam decorar a árvore da sala de aula.

Quando a aula de música acabou, as crianças foram para as mesas e começaram a picotar as bolas. Nós, estagiárias, fomos chamando as crianças e com elas realizávamos a atividade; esta consistia em colocar fitas de embrulho dentro de sacos (corpo) e colar as partes da personagem natalícia que tinham escolhido ao corpo, criando assim um Pai Natal, Mãe Natal, Duende ou Rena.

De seguida e depois de ambas as atividades terminadas, foram para o recreio e, quando começou a chover, foram ver televisão para o salão. Finalmente foram almoçar, realizaram a rotina de higiene e deitámo-los para a sesta.

Inferências e fundamentação teórica

As atividades manuais são de extrema importância para a motricidade das crianças, como referido por Barreto (s.d., p.58) “as crianças dão aso à sua imaginação através do desenvolvimento de actividades como a pintura, o desenho, a modelagem, rasgagem, recorte e colagem, picotagem, entre muitas outras”, refere ainda que estas atividades têm como objetivos i) “adquirir competências gráficas e plásticas”; ii) “desenvolver o controlo da motricidade fina”; iii) “desenvolver noções espaciais e de lateralidade”.

Muitas das crianças com três anos chegam ao Jardim-infantil com pouca motricidade e coordenação óculo-manual; são estas atividades minuciosas que treinam e estimulam as crianças a desenvolvê-las. Como acima referido, neste tipo de atividades, a criança treina ainda as competências gráficas e plásticas de que irá necessitar mais tarde na aprendizagem da escrita.

Segunda-feira, 5 de dezembro de 2011

Novamente realizaram a rotina de preparação para a Educação pelo Movimento. Para este dia, uma das minhas colegas de estágio tinha a sua aula programada e planeada e decidiu iniciá-la com a aula de Estimulação à Matemática

Criou um jogo de forma a abordar as cores do 1.º Dom de Fröbel, portanto trouxe para a sala um dado, em que cada face tinha uma das cores, e imagens em que tinha baldes de tinta com as cores referidas anteriormente. Pediu aos alunos para se sentarem em círculo, escolhia um menino para ir lançar o dado, identificava a cor que saía, retirava-a do dado (eram formas de eva removíveis) e associava a uma das imagens.

O tema da aula de Conhecimento do Mundo foi o tato, pois estavam a abordar o tema dos sentidos, para dinamizar a aula de uma forma diferente criou uma versão do jogo do loto.

Aproveitou a disposição da sala e colocou em cada mesa um “cartão”; este “cartão” era bastante grande e tinha seis texturas. A minha colega escolhia um menino que iria tirar de um saco uma textura, os restantes colegas iriam marcar, no cartão de grupo, a textura que tinha saído. Para marcar, utilizavam um conjunto bonecos, cada um com a sua cor, que tinha sido previamente distribuído.

Depois de terminada a sua aula de Conhecimento do Mundo, as crianças foram para a aula de Educação para o Movimento; quando regressaram, a minha colega terminou a sua manhã de aulas com a que faltava, Estimulação à Leitura.

Dinamizou uma história “O comboio das cores”, utilizando como material de recurso um livro com texturas revendo, assim, as duas aulas anteriores.

Quando terminou, a educadora levou as crianças para o almoço e realizamos as restantes rotinas.

Inferências e fundamentação teórica

Todos os materiais usados durante a manhã da minha colega foram criados por ela, mostravam um grande empenho e cuidado na preparação da aula e dos objetos que ela fez. O loto, o dado e tudo o resto estavam muito bem elaborados com cores e materiais apelativos.

Toda a aula girou em volta dos cinco sentidos; as crianças, nestas idades, para interpretar o estímulo sensorial devem, de acordo com Hohmann, Banet e Weikart (1979, p.220) “ter tido uma experiência com o objecto a que ele se refere”. Defendem ainda que “uma criança que já teve uma grande variedade de experiências consegue identificar muitos objectos pelos estímulos sensoriais”, consegue ainda “imaginar o objecto total pelas partes que vê, ouve, cheira, prova ou toca.” Devemos, portanto, desenvolver essa mesma capacidade nas crianças, de forma a terem um grande leque de experiências e assim desenvolver esta capacidade de associação e Conhecimento do Mundo à sua volta.

Terça-feira, 6 de dezembro de 2011

Esta terça-feira estava reservada para a minha aula planeada, tinha como tema as figuras geométricas em Iniciação à Matemática e a audição em Conhecimento do Mundo. Iniciei a aula com a primeira.

Coloquei as cadeiras em semicírculo, viradas para um comboio feito com quatro carruagens, cada uma representando uma figura geométrica. O objetivo era, com objetos do dia-a-dia, reconhecerem numa das faces as figuras geométricas aí representadas e depois colarem na carruagem correta. A educadora aproveitou a aula para preencher a grelha de avaliação sobre a identificação das figuras geométricas.

Na aula de Estimulação à leitura li “Geométrico e Latrónico”, a história de dois robôs feitos com sólidos geométricos e reproduzi em feltro ambos os robôs e utilizei-os para contar a história. No final da história, o Latrónico acaba desmontado e o Geométrico ajuda-o a montar-se, atividade que reproduzi com as crianças.

Na aula de Conhecimento do Mundo, utilizei imagens de animais e sons, realizando um jogo em que as crianças tinham de associar o som ao animal.

Terminada a minha aula, o grupo ensaiou para a festa de natal e finalmente realizaram as restantes rotinas.

Inferências e fundamentação teórica

De acordo com Barros e Palhares (1997, p.83) este grupo de crianças encontra-se no nível do reconhecimento, ou seja, “reconhecem uma figura geométrica como um todo” sem no entanto “se aperceberem das suas propriedades”, devemos portanto desenvolver as suas capacidades visuais e aplicá-las no quotidiano. Foi este o objetivo a que me propus nessa aula e que consegui alcançar.

A dificuldade com que me deparei nestas idades foi a pouca resposta por parte das crianças às questões que propunha, estavam envergonhadas e não respondiam com facilidade. Depois de ultrapassada essa hesitação, as crianças mostraram-se mais receptivas, mais à-vontade e queriam participar.

Na aula de Estimulação à Leitura, as crianças através da leitura e reprodução da história viveram intensamente a narrativa e no final mostraram-se empenhadas em ajudar a montar o Geométrico. Os autores Spodek e Saracho (1998, p. 335) defendem que as imagens «devem ser grandes o suficiente para poderem ser vistas por um grupo de crianças, e não devem conter um excesso de detalhes, para que elas se possam concentrar no que é importante» e, de acordo com essa mesma diretiva, levei um livro em que as folhas eram grandes e simples, chamando a atenção do grupo para estas apenas quando era necessário e contando a história de uma forma animada, realizando flexões de voz.

Na aula de Conhecimento do Mundo levei várias imagens de animais e as crianças divertiram-se a descobrir os animais que estavam a ouvir, tendo apenas manifestado dificuldade em identificar o papagaio.

Sexta-feira, 09 de dezembro de 2011

Neste dia de *roullement* foi a educadora da turma B que ficou com ambos os grupos.

Hoje era dia de Cerâmica para a turma A; como eram poucos as crianças presentes levou-os a todos com uma estagiária para os acompanhar. As restantes estagiárias estiveram a preparar material para as educadoras.

As estagiárias da turma B dividiram-se, uma foi para o tapete contar histórias e cantar músicas ao grupo de crianças, enquanto as restantes estagiárias preparavam o material para a atividade seguinte. Foram chamando as crianças do tapete e foram realizando a atividade com eles - árvores de Natal enfeitadas com massas.

Quando todos terminaram a atividade e o grupo que estava na Cerâmica voltou, foi-lhes dada uma bolacha, vestidos os casacos e foram para o recreio brincar.

Inferências e fundamentação teórica

As atividades de expressão plástica são, como o próprio nome indica, um meio para a criança se expressar através de desenhos, modelagens, etc.. Mas, para além disso, de acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 1997, p.62), é também um meio de “documentar projectos que podem depois ser analisados, permitindo uma retrospectiva do processo desenvolvido e da evolução das crianças e do grupo, servindo também para transmitir aos pais e comunidade o trabalho desenvolvido.”

Todos os trabalhos realizados pelas crianças são guardados na capa dos trabalhos, essa capa será entregue aos pais no final do ano, deste modo podem observar através dos trabalhos realizados, a evolução dos seus filhos. Ao longo do ano, podemos observar a melhoria das crianças nas atividades desenvolvidas e documentar as suas evoluções ao longo do ano através das atividades.

Segunda-feira, 12 de dezembro de 2011

Para esta manhã estava planeado um ensaio para a festa de natal e, de seguida, uma aula programada por uma estagiária. O tema de Conhecimento do Mundo era a família e o de Iniciação à Matemática era a orientação espacial.

Para a aula de Conhecimento do Mundo, tinha planeado explicar as relações de parentesco numa família, através da montagem de personagens em esferovite, enquanto contava uma história sobre uma família de caucasianos e uma família de africanos (círculos rosa ou castanhos, acrescentou olhos, nariz, boca, orelhas e cabelo, mais acessórios). Como as crianças estavam inquietas e minha colega não conseguiu recuperar o controlo do grupo, deu a aula como terminada, porque as crianças “estão-se a portar mal e eu já não vou mostrar mais bonecos nenhuns!”.

Passou então para a aula de Iniciação à Matemática, planeou um jogo em que iriam ser colocadas imagens de animais (joaninha, mosca, abelha, gafanhoto...) no corpo de uma criança para assim ensinar a orientação espacial às crianças (frente, trás, ao lado, em cima, em baixo...). A criança que escolheu para ajudá-la na aula começou a ficar triste e não queria participar na atividade. Ao longo da aula utilizou uma música para cantar e animar a aula:

“Olha ____ (o nome do animal), que barulho
Que zumbido que ele/a faz!
Para cima, para baixo,
Para a frente e para trás!”

Depois de dez minutos a tentar controlá-los, novamente a minha colega desistiu da aula e quis sair, mas a educadora pediu às crianças para irem para o tapete e pediu à estagiária para lhes ler uma história. Com a educadora a controlá-los, a minha colega leu a história.

Terminada a leitura, as crianças foram levadas a realizar as rotinas usuais.

Inferências e fundamentação teórica

A família é um tema abordado várias vezes ao longo do ensino; no Pré-Escolar são explicadas as suas possíveis estruturas e as relações entre familiares.

A família, de acordo com Reis (2008, p.43) é "um dos grupos mais importantes de aprendizagem e assimilação de conhecimentos pois não é só o primeiro grupo com o qual o indivíduo contacta mas porque nos primeiros anos de vida se encontra mais permeável à reprodução social".

O tema é de extrema importância, pois é o núcleo onde as crianças se encontram e se sentem acarinhadas. Nestas idades, perceber as relações existentes entre os familiares e conhecer outros tipos de família é importante. Reis (2008, p.43) refere ainda que a "estrutura e funções familiares foram-se alterando ao longo dos tempos, pois a Família e a Sociedade encontram-se interligadas". Muitas crianças vêm de famílias cujos pais estão divorciados, outras são adotadas, é de extrema importância as crianças conhecerem esse tipo de realidades; conversar com elas sobre esses temas e apresentar-lhes realidades diferentes é portanto imprescindível. De acordo com a autora atrás referida a escola deve construir, através dos seus profissionais, relações de proximidade e confiança com as famílias.

Na aula da minha colega o que acho que faltou foi a capacidade de manter as regras, devia ter sido mais assertiva quando as crianças falavam umas com as outras ou se levantavam para brincar, não devia ainda ter demonstrado que estava a perder o controlo pois as crianças sentem isso e pioram a situação.

Terça-feira, 13 de dezembro de 2011

Nesta terça-feira as crianças foram levadas para o ginásio onde iria ser a Festa de Natal para realizarem um ensaio geral. Depois do ensaio voltaram para a sala e realizaram rasgagem de folhas de jornal, que depois colaram dentro de um círculo desenhado, esse mesmo círculo foi picotado, destacado e colado numa folha branca.

Foram distribuídas bolachas pelas crianças, foram para o recreio, onde ficaram até às rotinas usuais para o almoço.

Inferências e fundamentação teórica

Para Papalia, Olds e Feldman (2001, p. 287) "As competências motoras finas (...) envolvem a coordenação óculo-manual e de pequenos músculos. (...) permitem à criança assumir maior responsabilidade pela sua própria pessoa". Estas competências são treinadas no Pré-Escolar com atividades como a picotagem, colagens, rasgagens, etc... São atividades imprescindíveis no crescimento de uma criança e que as prepara para outras atividades futuras, como a escrita.

Quinta-feira, 15 de dezembro de 2011

Neste dia realizou-se a festa de Natal. Esta começou às 9h com o Bibe Amarelo e prolongou-se durante o resto do dia com as restantes turmas.

Inferências e fundamentação teórica

É interessante ver que todos aqueles ensaios e preparações para a festa de Natal vão finalmente dar frutos. É um dia muito stressante para as educadoras e professoras, certificarem-se que estão todas as crianças, que todos os cenários estão prontos e que todos representam bem o seu papel.

A dramatização da peça de teatro, em que as crianças participam, treina-se através de três âmbitos principais, são eles a expressão musical, a educação do movimento e a expressão corporal. De acordo com Carvajal, García e Sanchidrián (1997, p.1434) estes âmbitos treinam-se capacidades diversas, na expressão musical inserem-se os "ritmos, capacidade de emissão e discriminação de sons, dança, instrumentação, etc.", na educação do movimento encontram-se a "coordenação, equilíbrio, orientação, flexibilidade, etc." e na expressão corporal desenvolvem-se a "mímica e pantomima, teatro de fantoches, teatro de sombras, teatro infantil, etc."

Todas estas capacidades são desenvolvidas ao longo dos ensaios e é com bastante orgulho que as crianças vão até ao palco e mostram aos pais tudo aquilo que aprenderam até ao momento. Também para os pais é motivo de orgulho verem os seus educandos a participar.

Sexta-feira, 16 de dezembro de 2011

Nesta sexta-feira foi feita a leitura de uma história às crianças, após a qual foi pedida a sua colaboração para a realização de bolas de papel de alumínio para colocar nos envelopes de avaliação.

Em seguida foram para o recreio até à hora de almoço.

Inferências e fundamentação teórica

O recreio é um momento onde as crianças podem brincar livremente e fazer jogos com os colegas; por jogo entende-se a oportunidade de dar à criança a liberdade de se exprimir livremente e de explorar o espaço e as suas relações sociais como os outros.

De acordo com Neto (1997, p.19) o jogo e a atividade física revelam um "melhoramento da percepção de si próprio, eficácia pessoal, auto-estima, interação social e bem-estar psicológico" sendo portanto uma oportunidade única para a criança se exprimir livremente, relaxar e libertar energias antes de retornar para a sala.

Segunda-feira, 13 de fevereiro de 2012

Depois das rotinas habituais e, enquanto não chegava todo o grupo, realizei um jogo com os alunos, "a tartaruga", que consiste em um aluno encolher-se no chão, representando a tartaruga, canta-se uma canção e um dos colegas faz com que este rebole um pouco.

Quando quase todos os alunos já se encontravam na sala, a educadora conversou com o grupo sobre o Carnaval e foi perguntando, um a um, sobre como se iriam mascarar.

Por volta das 10 horas os alunos foram levados para o ginásio, para assistir a um concerto de os "Corvos"; quando terminou, a educadora levou os alunos para o recreio até a hora do almoço.

Antes do almoço, foram colocados às crianças os babetes e foram à casa de banho. Depois do almoço os alunos realizaram as suas rotinas para a sesta.

Inferências e fundamentação teórica

A realização de jogos até a maioria do grupo estar presente é bastante comum na associação, por motivos práticos, como esperar pelos restantes alunos para não estar sempre a interromper as atividades e não ficarem atrasados nessas mesmas atividades, e por motivos pedagógicos. De acordo com Leite e Rodrigues (2001, p.30) “o jogo pode ser encarado como um destes instrumentos [cultural], que permitem articular o desenvolvimento físico e intelectual ao desenvolvimento sócio-cultural”. O jogo pode, portanto, ser utilizado como um contributo para o desenvolvimento das crianças e como é lúdico, ou seja, as crianças divertem-se com ele e não o encaram como uma tarefa a ser executada, são facilmente convencidas a participar nele.

“Os Corvos” são uma banda portuguesa de rock instrumental, o objetivo da vinda do seu concerto ao Jardim-Escola foi de acordo com um dos seus elementos, a quebra da ideia de que os instrumentos considerados “clássicos” só servem para criar música clássica. Os instrumentos que tocam são o violino, a viola-d’arco, o violoncelo e a bateria, com estes tocaram músicas infantis e uma das suas peças.

A oportunidade das crianças assistirem a música ao vivo com este tipo de instrumentos é rara e foi muito apreciada por eles, pedindo mais músicas, e para o grupo vir mais vezes atuar e questionando-os sobre os instrumentos.

Terça-feira, 14 de fevereiro de 2012

Após o acolhimento na roda a educadora pediu a nossa colaboração na decoração das capas de Área Projeto. O tema do corrente ano é a natureza e as educadoras do Bibe Amarelo decidiram pintar uma árvore, utilizando as partes do corpo das crianças como carimbo (o pé seria o tronco, as mãos a copa da árvore e com dedadas encarnadas representariam as maçãs).

Enquanto minha colega e eu íamos realizando esta atividade a educadora leu o livro “O urso amarelo” e realizou uma proposta de trabalho sobre o tamanho.

Inferências e fundamentação teórica

É de extrema importância estimular as crianças para a leitura, pois tendo em atenção o defendido pelo Ministério da Educação no Plano Nacional de Leitura (s.d.) “(...) os estudos demonstram que as competências básicas (de leitura) ou se adquirem precocemente, nas primeiras etapas da vida, ou dão lugar a dificuldades que progressivamente se acumulam, se multiplicam e transformam em obstáculos quase intransponíveis.”

Foi muito pertinente ver o interesse com que as crianças escutavam esta história e o diálogo que após a mesma a educadora estabeleceu com elas.

Ainda no tema da leitura e como ressalva Santos (2000)

é através da leitura que somos confrontados com ideias e mundivivências que enriquecem o nosso património cultural e nos ajudam a refletir e a consolidar opiniões. E é, igualmente, no ato de ler que, por vezes, encontramos um espaço lúdico e de evasão, que abre as portas a uma dimensão tão importante, no homem, como é a da imaginação e criatividade. (p.68)

É por isso de extrema importância que estimulemos as crianças a entrarem num mundo de fantasia ainda antes de contarmos a história; quando as levamos para o cantinho das histórias acredito que devemos utilizar estratégias que as transportem para uma dimensão da fantasia, como por exemplo, a entrada num castelo mágico ou a entrada numa bolha de fantasia. Para que esta “entrada” no mundo da fantasia possa decorrer de uma forma mais mágica a educadora pode optar por utilizar frases “mágicas”, canções, dramatizações ou objetos que incentivem esse comportamento.

A educadora aproveita todas as atividades para trabalhar a linguagem oral, a aquisição de vocabulário e incentiva as crianças para que gostem de estabelecer o diálogo, quer com ela, quer entre si. Gostei muito deste dia de estágio e tenho imensa pena de ter sido o último dia neste grupo.

1.5. 3.^a Secção: Sala dos 4 anos

Esta secção refere-se ao estágio no Bibe Encarnado, ou seja, à faixa etária dos 4 anos. Estagiei nesta faixa etária entre o dia 2 de janeiro e 10 de fevereiro de 2012

1.5.1. Caracterização da turma

A turma do Bibe Encarnado é composta por 28 crianças, 17 do género masculino e 11 do feminino, todas estas crianças completaram 4 anos até ao dia 31 de

dezembro. O grupo está bem integrado na dinâmica do Jardim-Escola e demonstra motivação e interesse pelas aprendizagens.

1.5.2. Caracterização do espaço

As salas do Bibe Encarnado correspondem ao espaço designado por salão. Encontram-se divididas, a sala da turma A e da turma B, por um biombo de madeira. Sendo este um espaço de passagem movimentado, pois encontram-se aí as portas para o 1.º ano A e B, as casas de banho, a entrada para o refeitório assim como a entrada do Pré-Escolar (Figura 13).



Figura 13 – Cantinho de Histórias do Bibe Encarnado

A sala tem 4 mesas com 8 cadeiras cada, cada mesa encontrava-se identificada com um número (de 1 a 4), cada um decorado com técnicas diferentes (aparas de lápis, dedadas, etc.). O resto da sala encontra-se decorado com trabalhos das crianças e *placards* de presença, sentimentos, etc. (Figura 14).



Figura 14 - *Decoração da sala do Bibe Encarnado*

1.5.3. Rotinas

À semelhança do bibe anterior, as crianças começam o dia com o acolhimento na roda, assim como os restantes bibes, educadoras e estagiárias. Às 9h30 as crianças realizam a rotina de higiene, antes de regressarem ao salão para as suas aulas. No Bibe Encarnado, ao contrário do que acontece no Bibe Amarelo, nenhuma criança faz a sesta e já não precisam de tanta ajuda nas rotinas de casa de banho.

Observei, ao longo do estágio, a grande evolução das crianças do Bibe Amarelo para o Bibe Encarnado. São mais extrovertidas, conversadoras e independentes, observei principalmente esta última característica durante as refeições, em que já não necessitam de ajuda no manuseamento dos talheres e a passagem do uso do babete para os guardanapos. Pude ainda observar as crianças na rotina para a ginástica e observei a sua evolução, colocam-se em fila para desapertarem os bibes uns aos outros, arrumam os bibes nas cadeiras e descalçam-se sozinhos para calçarem as sapatilhas. Quando voltam da ginástica pedem apenas ajuda para calçarem os sapatos, caso tenham atacadores.

Considero uma grande evolução, podendo concluir que, desde que bem estimuladas e orientadas, as crianças são capazes de alcançar grandes feitos nestas idades.

1.5.4. Horário do grupo dos 4 anos

No quadro 6 apresento o horário do Bibe Encarado. À semelhança dos anteriores, o mesmo pode ser alterado sempre que for pertinente.

Quadro 6 - Horário do Bibe Encarnado

Horas	2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira
9h - 9h30m	Canções de Roda/Acolhimento				
9h30m - 10h	Iniciação à Matemática (Dons de Fröbel)	Iniciação à Matemática (contagem/ Material alternativo)	Iniciação à Matemática (Geoplano/ Tangram/ Calculadores Multibásicos)	Iniciação à Matemática (Cuisenaire)	Iniciação à Matemática (Blocos Lógicos/ Diagramas/ Conjuntos/ Sequências)
10h - 10h30m	Descobrir o que se sabe	Formação Cívica	Grafismos	Formação Cívica	Trabalhos de Grupo
10h30m - 11h	Recreio	Ginástica	Recreio	Partilha de Saberes	Recreio
11h - 11h30m	Conhecimento do Mundo	Recreio	Conhecimento do Mundo	Ginástica	Conhecimento do Mundo
11h30m - 12h	Jogos de Roda / Preparação para o Almoço				
12h - 12h30m	Almoço				
12h30m - 14h30m	Recreio Orientado e Recreio Livre				
14h30m - 15h	Expressão Dramática	Estimulação à Leitura	Expressão Plástica (pinturas digitinta/ carimbos)	Atividades Gráficas (ditados/ desenho de série)	Descobertas dos pequenos cientistas
15h - 15h30m	Área Projeto	Expressão Plástica (desenho livre/ ilustrações)	Jogos de mesa e Plasticina/ modelagem		Estimulação à Leitura
15h30m - 16h	Dobragens/ entrelaçamentos/ enfiamentos/ harmónios	Atividades nos Cantinhos/ Jogos de tapete)	Música	Jogos Tradicionais	Expressão Corporal
16h - 16h25m	Lengalengas/ destrava-línguas e adivinhas	Expressão Dramática/ Biblioteca	Picotagem/ rasgagem/ recorte colagem/ contorno	Rimas/Poesia	Reflexão Semanal
16h25m - 16h45m	Lanche				
16h45m - 17h	Despedidas				

1.5.6. Relatos diários

Segunda-feira, 02 de janeiro de 2012

Nesta segunda-feira as educadoras fizeram *roullement* e foi a educadora da turma A que ficou responsável por ambas as turmas. A manhã foi passada no recreio a brincarem livremente e a fazerem jogos orientados pelas estagiárias.

Inferências e fundamentação teórica

Como já referi anteriormente, apenas uma educadora fica encarregue das crianças nos *roullement*; como nenhuma das turmas se encontra completa, as educadoras reservam estes dias para brincadeiras livres.

De acordo com Papalia, Olds e Feldman (2001, p. 287) as crianças "desenvolvem-se melhor fisicamente quando têm a oportunidade de ser activas a um nível maturacional apropriado, em situações de brincadeira livre".

Os momentos em que as crianças podem experimentar a brincadeira livre, desenvolvem várias capacidades pessoais e sociais que irão ser imprescindíveis para uma vida futura.

Terça-feira, 3 de janeiro de 2012

Como é habitual, as crianças reuniram-se no salão e cantaram na roda e de seguida foram à casa de banho.

Tendo em conta que tinham acabado de vir de férias de Natal, a educadora sentou as crianças em roda e incentivou-os a falar sobre o que fizeram e como passaram o Natal e a passagem de ano. Como algumas crianças estavam um pouco tristes, pois habituaram-se durante as férias a estarem com os pais, a educadora falou um pouco com eles: "A Francisca² sabe que custa vir para a escola depois de tanto tempo com os pais. Mas não tinham saudades da Francisca? A Francisca tinha muitas saudades vossas. Por isso agora vamos matar essas saudades. Logo já voltam para os papás e matam as saudades que têm deles." Depois do diálogo foram para a ginástica, quando voltaram vestiram os casacos e foram para o recreio até à hora de almoço.

² O nome utilizado é fictício e serve apenas para efeitos de exemplificação do diálogo.

Inferências e fundamentação teórica

Como este foi o primeiro dia que tive com a turma inteira na sua rotina, observei as diferenças que existem entre o Bibe Amarelo e o Encarnado. O Bibe Encarnado veste-se com muito pouca ajuda, são mais independentes e menos envergonhados. Uma meta que neste dia alcançaram foi no almoço; a educadora decidiu que deixavam de usar babete e passavam a usar o guardanapo. Para eles, esta conquista foi de um grande orgulho, observei como tinham cuidado para não sujarem o bibe e como todos eles usavam o guardanapo para se limparem.

Na Educação Motora as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 1997) defendem que:

“tendo em conta o desenvolvimento motor de cada criança a educação Pré-Escolar deve proporcionar ocasiões de exercício da motricidade global e também da motricidade fina, de modo a permitir que todas e cada uma aprendam a utilizar e a dominar melhor o seu próprio corpo.” (p.60)

Foi interessante observar o modo como a educadora conversou com eles sobre as férias, perguntando o que mais tinham gostado de fazer e mostrando-se tão entusiasmada como eles sobre o que tinham feito. Neste pequeno momento, deu às crianças tempo para se expressarem, aumentou a sua confiança ao mostrar-se entusiasmada com o que tinham feito e deixando-os falar sobre o que alcançaram nas férias e reforçou a relação entre ela e o grupo, ao abordar as saudades dos pais e as saudades que ela sentiu deles e prometeu que mais tarde voltariam para os pais, o que reforça a confiança entre as crianças e a educadora.

Sexta-feira, 6 de janeiro de 2012

Depois das rotinas matinais de acolhimento e higiene, a educadora iniciou a atividade de Iniciação à Matemática e trabalhou com as crianças o 3.º Dom de Fröbel. Depois de explorar o material, a forma e o numeral, na face da caixa, orientou as

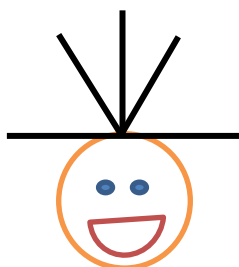


Figura 15 -
Despenteado

crianças nas construções: a coluna com base, passando depois para o cruzeiro e depois para as duas cruzes.

Durante a aula foi contando uma história. Para orientar as crianças na colocação das peças, utilizou expressões como “junto de vocês”, “perto do centro da mesa” e na horizontal, vertical e diagonal, para orientar nessas três últimas definições desenhou o “Despenteado” (o boneco com que ensinou estas expressões através da orientação dos seus cabelos, Figura 15) no quadro de

ardósia.

Durante a aula trabalhou a localização espaço temporal, contagem, adições no abstrato e, quando foi necessário, no concreto.

Inferências e fundamentação teórica

O 3.º Dom de Fröbel é um material com um imenso interesse pedagógico, tal como explica Caldeira, p.255), proporciona o desenvolvimento da “linguagem e do vocabulário; Desenvolvimento da criatividade; Lateralização; Motricidade fina”, entre outras. Ainda de acordo com esta autora (2009b) é sempre:

(...) mais apelativo para a criança estar a ouvir uma história, em que as construções vão surgindo como elementos vivos da mesma e em que os pedidos de cálculo surjam justificados pela necessidade de resolver a situação posta naquele momento e naquela história. (p.255)

A maneira como a educadora criou a história, durante a aula com os materiais, levou as crianças a manterem-se atentas e ao mesmo tempo a aprenderem de forma lúdica.

Todos os dias, de manhã, a educadora faz questão de deixar as crianças irem para o recreio durante 30 minutos, na minha opinião este momento é de extrema importância todos os dias. De acordo com a Convenção sobre os Direitos das Crianças (1995, p.24) todas as crianças tem “o direito ao repouso e aos tempos livres, o direito a participar em jogos e atividades recreativas próprias da sua idade e de participar livremente na vida cultural e artística”.

Esta é uma das razões porque todos os dias, de manhã, as crianças têm 30 minutos de recreio e é também uma das razões porque, nesta idade, todas as atividades terem como principal estratégia a aprendizagem de uma forma lúdica.

Segunda-feira, 9 de janeiro de 2012

A educadora, depois do acolhimento e da rotina da higiene, levou as crianças para as mesas e começou a trabalhar com o material de Cuisenaire, através deste material trabalhou a adição até às cinco unidades.

Começou por exemplificar o que queria com barras de cartolina coladas no quadro e, depois, com exercícios realizados pelas crianças. Pediu-lhes para colocarem à sua frente, na horizontal, uma peça encarnada e uma peça verde clara, “juntinha pela extremidade” à encarnada. De seguida pediu para encontrarem a peça que tinha

“exatamente o mesmo tamanho” que essas duas peças juntas. Pediu ainda outros exercícios do mesmo género que levassem ao mesmo resultado e concluiu escrevendo as indicações das contas no quadro de ardósia.

Depois desta atividade decidiram, em grupo, quem seriam os chefes da semana e foram para o recreio.

Inferências e fundamentação teórica

A educadora trabalhou a adição com o material de Cuisenaire, começou por demonstrar às crianças o que pretendia que estas realizassem, o que de acordo com Nabais (s.d., p.6) “esta observação e manipulação da realidade tem que ser também real, isto é, exercida realmente por cada aluno, através de experiências pessoais, repetidas e variadas, que lhe permitam recolher todos os materiais necessários para a sua construção”. O autor refere que a aprendizagem da Matemática tem que ser “construída” como um edifício, primeiro construindo as bases, preparando-o assim para receber o resto do edifício, ou seja, para uma criança ser bem-sucedida na aprendizagem e uso da Matemática no futuro, é preciso que ela experencie a Matemática num contexto real, para que mais tarde a compreenda de uma forma abstrata.

Terça-feira, 10 de janeiro de 2012

Para esta manhã a educadora planeou a iniciação do 4.º Dom de Fröbel. Através de uma história, ensinou às crianças a construção do banco e das cadeiras; a história consistia num passeio pelo parque em que a educadora vai encontrando vários animais e fazendo adições e subtrações. Para adições sucessivas, utilizou uma sandes com: manteiga, fiambre, queijo, presunto, doce, salsichas. “Dei 3 dentadas e depois 5. Quantas dentadas dei?”

Tiveram a aula de ginástica e foram para o recreio brincar até todas as turmas voltarem para a sala; nessa altura foram para o coreto, onde se sentaram e a educadora lhes explicou o que era um ser vivo e um ser não vivo e onde observaram o meio envolvente e aplicaram o conhecimento aprendido com os objetos, animais e plantas aí existentes.

Inferências e fundamentação teórica

As crianças, desde que nascem, demonstram uma curiosidade inata para tudo o que as envolve e, de acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 1997, p.79), a “área de Conhecimento do Mundo enraíza-se na curiosidade natural da criança e no seu desejo de saber e compreender porquê”, ou seja, a possibilidade de “contactar com novas situações que são (...) ocasiões de descoberta e de exploração do mundo” é uma oportunidade única para que a criança assimile novos conhecimentos saciando assim a sua curiosidade do mundo envolvente.

As aulas de Conhecimento do Mundo dadas no Pré-Escolar são lúdicas e normalmente acompanhadas de atividades de observação e experimentação; no caso desta aula sobre os seres vivos e os seres não vivos, a educadora levou o grupo para o recreio onde explicou o conceito, e levou as crianças a observarem o mundo ao seu redor.

Sexta-feira, 13 de janeiro de 2012

Depois das rotinas usuais a educadora distribuiu as placas do geoplano como material auxiliar para uma aula de Iniciação à Matemática, em que iria trabalhar as linhas (verticais e horizontais), as figuras geométricas, e as sequências. Neste último tema a educadora trabalhou com linhas verticais, em que os elásticos tinham 5 ou 3 espaços de comprimento e em que tinham que terminar a sequência.

Depois da aula deixou-os brincar um pouco com o material e depois arrumaram e foram para o recreio.

Quando voltaram, a educadora fez a leitura de uma história “As orelhas de borboleta” e conversou sobre o tema da história “gozar com os outros” até à hora de almoço.

Inferências e fundamentação teórica

A educadora, ao realizar a leitura da história “As orelhas de borboleta”, pretendia que o grupo, através da história, encarnasse o papel da personagem principal que era gozada por algumas crianças. Este tipo de aulas encaixa-se nas aulas de Formação Pessoal e Social que, de acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 1997, p.79) proporcionam às crianças

“oportunidades de se situar na relação consigo própria, com os outros, com o mundo social e também de refletir como se relaciona com o mundo físico”. O que a educadora pretendia era a introdução a uma conversa em que as crianças expressassem o que sentiam quando eram gozadas, de modo a que todos percebessem que não era bonito gozar e, a partir desse momento, deixassem esse comportamento de lado.

Segunda-feira, 16 de janeiro de 2012

Nesta segunda-feira fomos ver a aula de uma estagiária no Bibe Amarelo, em que o tema era “A Higiene”. Começou com a Introdução à Leitura, em que leu a história “A Camila não quer tomar banho” e falou sobre as consequências de tal prática.

Na Introdução à Matemática realizou, com frascos de champô e gel de banho de diferentes cores, exercícios sobre a posição dos objetos e a lateralização, realizou ainda situações problemáticas adequadas à idade das crianças e trabalhou as cores.

Para Conhecimento do Mundo construiu um pequeno cenário de casa de banho, aí tinha duas banheiras com dois bonecos sujos, com a ajuda das crianças deram-lhes banho, secaram-os com a toalha e vestiram-nos. No final, cantou uma música relativa ao tema.

Inferências e fundamentação teórica

Achei que toda a aula estava bem estruturada, com um fio condutor e que as passagens de uma aula para a outra eram subtis. Começou com a leitura de uma história, fez inflexões de voz e foi questionando as crianças acerca das práticas de higiene pedindo a sua participação com as suas próprias vivências. As crianças quando são questionadas acerca do que sabem, participam mais ativamente e ficam mais motivadas, é também importante deixarmos as crianças expressarem-se e corrigir a estrutura das suas frases de modo a melhorar a sua linguagem. Na aula seguinte achei que os exercícios foram os adequados para esta faixa etária e as questões foram bem formuladas. Terminou com a aula de Conhecimento do Mundo, onde estimulou e organizou os conhecimentos das crianças acerca da higiene.

A Educação para a Saúde na escola, de acordo com Williams citado por Andrade (1995, p.8) contribui para “o desenvolvimento de conhecimentos, atitudes e valores” que, mais tarde, irão ajudar a tomar decisões que contribuam para a saúde e bem estar.

Toda a manhã de aulas correu bem, sem qualquer problema de comportamento ou falta de atenção, gostei imenso da aula e acho que correu muito bem.

Terça-feira, 17 de janeiro de 2012

Depois das rotinas matinais a educadora deu uma aula com o material de Cuisenaire, onde introduziu ao grupo a peça verde escura que vale 6 unidades. Trabalhou os pares, a adição e a subtração e, no final, com as peças, fez uma flor que as crianças tiveram que reproduzir,

Foram para a aula de ginástica e de seguida para o recreio; quando voltaram a educadora apresentou ao grupo o jogo “Meia-lua”, o seu objetivo é expressar os sentimentos. Existem quatro caixas (triste, zangado, contente e assustado) e cartões com várias situações representadas com mini-histórias, e o aluno tinha que perceber em que caixa iria colocar o cartão. Existem também máscaras com os sentimentos representados nos cartões.

Inferências e fundamentação teórica

É importante referir o fato de a educadora, na aula de Dominio da Matemática ter terminado com um momento mais lúdico, deste modo as crianças relaxam no final e divertem-se a reproduzir a flor.

Com as aulas de Educação pelo Movimento, as competências que as crianças adquirem na época do Pré-Escolar são, segundo Papalia, Olds e Feldman (2001, p. 27) “a base para a prática do desporto, da dança e de outras actividades que começam durante o período escolar e se podem manter ao longo de toda a vida.”.

A Educação pelo Movimento que as crianças começam a praticar nestas idades é um começo imprescindível para uma vida saudável onde, sem se aperceberem, aprendem a movimentarem-se e treinam a sua motricidade.

O jogo “Meia-lua” é um exemplo bastante lúdico da importância das crianças aprenderem a lidar com os sentimentos; segundo Guerra (2006, p. 43) “reconhecer as próprias emoções, senti-las, ser capaz de ir até às suas raízes, é uma forma de viver e de nos sentirmos vivos (...) há quem não seja capaz de sentir (...) por não o saber fazer.”, ainda de acordo com o mesmo autor para saber reconhecer, encarar, acatar e saber lidar com as emoções é necessária uma “aprendizagem da vida emocional” e essa aprendizagem “exige a relação efectiva e afetiva com os outros” pois “não existe

eu sem tu”. Essa aprendizagem é muito importante, aprender a lidar com os outros e conosco próprios é imprescindível na sociedade atual, a conversa sobre os sentimentos e a utilização de jogos é uma boa estratégia para a aprendizagem da vida emocional na sala de aula.

Sexta-feira, 20 de janeiro de 2012

Neste dia dei a minha manhã de aulas programadas e planeadas. Comecei com a aula de Dominio à Matemática, em que utilizei o 4.º Dom de Fröbel, revi com as crianças a construção do banco e ensinei a da escada, realizei com as crianças alguns exercícios de cálculo mental.

Na aula de Conhecimento do Mundo o tema foi as aves, para isso fiz uma apresentação em *Powerpoint* para a introdução do tema e pedi a colaboração das crianças na observação das imagens, em ilustravam várias espécies de aves (pavões, águias, tucanos, avestruzes, pinguins, etc.), assim como os vários tipos de alimentação e a sua reprodução. Passei ainda pelas crianças diferentes penas, ovos e ainda levei um pinto para as crianças observarem as garras, bico, penas e asas.

Na aula de Dominio da Leitura e Abordagem à Escrita li a história “O Pinto Careca”, e depois pedi às crianças para ilustrarem, em grupo, um episódio da história.

Inferências e fundamentação teórica

No final da aula de Conhecimento do Mundo, quando inquiri as crianças se já tinham visto um pinto, muitas delas responderam que não. A oportunidade de contactarem com animais vivos é escassa na sociedade atual. Deixei que todas mexessem no animal e observassem as suas características, passei ainda por elas ovos de diferentes tamanhos. Estas experiências são enriquecedoras para as crianças e todas elas se divertem imenso no contacto com os animais, além de estimular a preservação da natureza.

A atividade que se seguiu à leitura da história foi também bastante apreciada pelas crianças, nestas idades representam muito mais o que sabem do que o que vêm, as representações correspondem a ideias ou noções daquilo que conhecem (Rodrigues, 2002, p.28). Estes desenhos permitem ao educador recolher informações sobre os conhecimentos das crianças e entender a sua relação afetiva com o mundo.

Segunda-feira, 23 de janeiro de 2012

Esta manhã foi reservada para a aula da minha colega em que os seus temas eram: para a aula de Dominio da Matemática as sequências com os Blocos Lógicos, Introdução à Leitura e à Escrita a leitura do livro “Quando a mamã grita” e a aula de Conhecimento do Mundo era sobre os pinguins.

Começou com a aula de Introdução à Matemática, em que utilizou os Blocos Lógicos e como material alternativo, imagens de pinguins com dois tamanhos (grande e pequenos). Realizou com as crianças um jogo em que tinham de seguir um mapa em que as pistas eram realizações de sequências com ambos os materiais.

Na aula de Conhecimento do Mundo apresentou um documento, em *Powerpoint*, com imagens de pinguins em todas as fases da vida, assim como a sua alimentação e reprodução.

Inferências e fundamentação teórica

Na aula de Dominio da Matemática a minha colega utilizou os Blocos Lógicos como material estruturado; como já anteriormente referido, este material ajuda na construção dos conceitos de lógica e à compreensão de noções básicas de Matemática. De acordo com Damas, Oliveira, Nunes e Silva (2010, p.13) as atividades propostas pela educadora devem “respeitar o dinamismo construtivo do pensamento das crianças levando ao desenvolvimento da comunicação, através de diálogos e reflexões constantes e, conseqüentemente, a um enriquecimento profundo das primeiras noções matemáticas”. Acrescentou ainda material não estruturado que trouxe alguma inovação à aula e que deixou o grupo mais motivado.

Terça-feira, 24 de janeiro de 2012

Para este dia a educadora surpreendeu a minha colega, ao pedir-lhe uma aula com o material Geoplano (Figura 16). Deu a aula com um pouco de dificuldades na explicação da utilização dos espaços ou dos pregos, conseguindo depois organizar o pensamento e chegando a um acordo com o grupo sobre o que utilizar. Executou um caminho com as crianças do

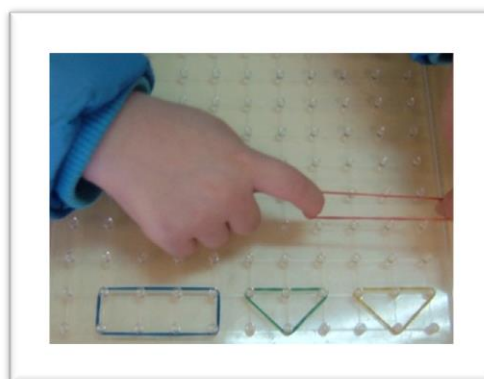


Figura 16 - Geoplano

canto superior esquerdo para o canto inferior direito, onde o objetivo era fazer chegar a lagarta à maçã.



Figura 17 – Livro “O ponto”

Depois do intervalo, a educadora leu para as crianças no canto de leitura da sala à luz de uma vela o livro “O ponto” de Peter Reynolds (Figura 17). Após a leitura, e uma conversa sobre a história, levou as crianças para o coreto e como atividade entregou uma folha apenas com um ponto e a partir desse ponto tinham de criar um desenho. O resultado foram desenhos muito diferentes e criativos.

Inferências e fundamentação teórica

O Geoplano, de acordo com Damas *et al.* (2010, p. 87) é um material estruturado em que a sua própria constituição e manipulação torna o material aliciante e “proporciona uma maior objetividade na exploração dos conteúdos programáticos”, oferece ainda um apoio concreto na representação mental das figuras geométricas “permitindo «fazer» e «desfazer», com facilidade, figuras e observá-las em várias posições”; é ainda um material que permite ensinar vários conteúdos, como as áreas, perímetros, padrões, caminhos, etc.

A atividade proposta pela educadora depois da leitura de “O Ponto” foi diferente e estimulante para as crianças, a mudança de espaço contribuiu também para um momento mais descontraído, permitindo assim uma maior liberdade de expressão.

Sexta-feira, 27 de janeiro de 2012

Nesta sexta-feira a educadora tinha marcado com a minha colega uma manhã de aulas, em que os temas eram os seguintes: para Conhecimento do Mundo, a diferença entre mamíferos marinhos e peixes, para o Domínio da Matemática tinha que dar um tema com o material de Cuisenaire e, para a aula de Introdução à Leitura, a minha colega escolheu ler o livro “A Mimi no fundo do oceano”.

Começou as suas aulas com Conhecimento do Mundo em que apresentou um documento em *Powerpoint*, rico em imagens de boa qualidade e em que podia-se observar as principais diferenças entre a classe dos peixes e os mamíferos aquáticos.

Depois partiu para aula de Dominio da Matemática em que o seu objetivo era introduzir a peça preta do Cuisenaire. Para isso, contou uma história através da qual reviu, com as crianças, as cores das peças e os seus respetivos valores. Orientou as crianças para a construção da escada por ordem crescente e fez exercícios de cálculo mental.

Na aula do Dominio da Leitura e Abordagem à Escrita depois de ler a história acima mencionada, questionou as crianças sobre a mesma, fazendo perguntas de interpretação e inferenciais, como por exemplo “se fosses uma bruxa como a Mimi, em que animal te terias transformado?”.

Inferências e fundamentação teórica

As aulas de Conhecimento do Mundo pressupõem uma transmissão de conhecimentos, se ao transmitirmos essa informação pudermos dispor de ferramentas, como o *Powerpoint* ou sistemas parecidos, que a tornem mais interessante e motivadora, devemos usá-las.

O uso dessas ferramentas é bastante comum nestas aulas e Stover (s.d.) defende que o uso de software como o *Powerpoint* e outros apresentadores de slides similares providencia uma “aproximação efetiva para os estudantes e a instrução de sala de aula”; defende ainda que quando usamos estes meios de comunicação preparamos “os estudantes para um mundo em que irão trabalhar como adultos”. Como hoje em dia a tecnologia envolve as crianças, para alcançá-los é necessário usar uma linguagem que eles compreendam, ou seja, a tecnologia. O uso de videos, gráficos, música prende a atenção dos alunos e o uso de ferramentas que envolvam tecnologia aumenta o seu envolvimento e interação.

Como nas aulas de Conhecimento do Mundo muitas vezes se torna impossível trazer às crianças os objetos, animais que estamos a estudar, por vezes torna-se imprescindível usar uma ferramenta onde possamos mostrar o objeto de estudo com imagens, videos e sons.

Segunda-feira, 30 de janeiro de 2012

Neste dia, as professoras da Equipa de Supervisão foram a este Jardim-Escola para observar e avaliar aulas de algumas estagiárias, eu e a minha colega fomos até ao Bibe Encarnado B observar uma das aulas.

Na aula de Dominio da Leitura e Abordagem à Escrita, tinha uma cartolina com o nome da fábula que ia contar “A Lebre e a Tartaruga”, onde faltavam letras no título da história e uma apresentação de *Powerpoint* com o mesmo título. O objetivo era a comparação de ambos os títulos e a descoberta de quais as letras em falta, muitas das crianças já sabiam os nomes pois fazem parte do seu nome. Depois de ler a fábula, interpretou com as crianças a sua moral.

No Dominio da Matemática deu uma aula com o 3.º Dom de Fröbel, construiu com as crianças a ponte, a mesa de jantar e cadeiras, que depois utilizou para realizar adições com as crianças, com pequenas imagens que aí ia colocando.

Na aula de Conhecimento do Mundo falou sobre as espécies de tartarugas existentes, abordou o tema da sua reprodução, características e alimentação. Ofereceu ainda à turma uma pequena tartaruga, que usou também para mostrar as características às crianças.

Às 11horas tivemos uma reunião com as alunas avaliadas, educadoras e as professoras da Equipa de Supervisão para uma reflexão e avaliação da prestação das estagiárias.

Inferências e fundamentação teórica

A atividade inicial sobre as letras correu bem. As crianças apesar de não terem ainda nenhuma formação estruturada por parte da escola acerca das letras, não devemos descurar o facto de que também aprendem fora desta, não são “tabuas rasas”. Como educadores devemos promover a partilha de vivências e estimular as crianças a partilhar, desenvolver e estruturar o conhecimento que têm.

Os contos tradicionais, atualmente, não desempenham o seu papel original, o de legislar a sociedade através das morais que contêm, mesmo assim, e de acordo com Guerreiro (citado por Bastos,1999, p.61) os valores da literatura tradicional continuam a ser o “estético, pedagógico, linguístico, sociológico, histórico, psicológico e filosófico” e “com o divertimento, vem a moralidade, o ensino da experiência, que nos vão modelando o carácter e enriquecendo o saber”. Ou seja, apesar de não desempenhar o seu papel original, o conto tradicional ainda desempenha um papel de moralidade e transmissão de experiências.

Terça-feira, 31 de janeiro de 2012

Na primeira parte da manhã a educadora deu uma aula com o material Tangram. Para se certificar que todas as crianças tinham as peças necessárias, começou por fazer um jogo de orientação espacial, pedindo para colocarem em vários locais da mesa cada peça.

Depois do jogo, construiu, com peças grandes de eva coladas na parede, o espelho em grande. O grupo reproduzia, simultaneamente, nas mesas; depois de todos o realizarem, pediu para o desmontarem e montarem desta vez sozinhos, registando quem o conseguiu. Quando terminaram puderam brincar um pouco com as peças, comeram uma bolacha e foram para a ginástica.

Quando voltaram da aula de Educação Física, sentaram-se em roda e a educadora, com o apoio de alguns animais em plástico, explicou a diferença entre animais domésticos e selvagens: “nos animais domésticos existem os que pode viver dentro de casa e os que vivem na quinta. Doméstico quer dizer que pode viver connosco”. Foi tirando animais da caixa e perguntando aos alunos se era um animal doméstico ou selvagem e se sabiam em que zona do planeta viviam, depois levou-os para o almoço.

Inferências e fundamentação teórica

Maluf (2008, p.41) define a lateralidade como “a capacidade de dominar os dois lados do corpo juntos ou separadamente”, este é um conceito que deve ser trabalhado até aos seis anos, idade em que a lateralização é definida. O Tangram é um material que permite estimular a criança na descoberta da sua lateralidade enquanto treina outras capacidades, como a orientação espacial e temporal e a motricidade fina.

Na aula de Conhecimento do Mundo a educadora tinha por objetivo ampliar o repertório do conhecimento das crianças acerca dos animais, falar dos que não conhecem e não têm contato, assim como esclarecer dúvidas; outro dos objetivos era promover a responsabilidade pelo meio ambiente e pelos animais. Achei esta aula bastante produtiva, pois a educadora, além de dar a matéria (animais domésticos e selvagens) ainda falou aos alunos sobre alguns dos animais e abordou o tema do meio ambiente e a preservação dos animais.

Sexta-feira, 03 de fevereiro de 2012

Nesta sexta-feira a minha colega deu uma aula avaliada pela educadora e uma professora da Equipa de Supervisão.

Começou com a aula do Dominio da Matemática e, utilizando o material de Cuisenaire como apoio, distribuiu uma ficha com um itinerário onde teriam que utilizar as peças para indicar o caminho que um tartaruga faria até chegar ao aquário. Usou ainda as batidas de uma pandeireta para indicar às crianças qual o valor da peça que teriam que colocar no itinerário (“o valor da peça que terão de colocar tem o número de vezes que vou bater com a pandeireta” ou “o dobro das vezes que vou bater” ou “metade das vezes que vou bater”) e dizia oralmente a sua posição.

Após todas as crianças terem terminado o itinerário, a minha colega levou-os a sentarem-se nos discos, aí deu a aula de Conhecimento do Mundo. A aula teve como material de apoio uma apresentação em *Powerpoint*, através do *Datashow*, sobre a tartaruga. Mostrou várias imagens através das quais explicou as características gerais das tartarugas e algumas diferenças entre as várias espécies. Mostrou ainda, ao longo da apresentação dois vídeos, um em desenho animado retirado do filme “As Aventuras de Sammy” onde se observava o nascimento de uma ninhada de tartarugas e um outro filme sobre as tartarugas de Galapos. Para consolidar a aula, mostrou às crianças uma tartaruga com cerca de 20 centímetros, chamou a atenção para as suas características (garras, escamas e carapaça) e deixou as crianças tocarem e alimentarem-na.

Na aula de Dominio da Leitura e Abordagem à Escrita leu a história “A que sabe a lua” de Michael Grejniec. Como material de apoio, criou todo o cenário da história e reproduziu-a com imagens. Terminada a leitura, abordou o tema do reflexo através de um alguidar escuro cheio com água, e as crianças – uma a uma – vieram ver o seu reflexo.

Às 11h todas as estagiárias tiveram reunião com as educadoras e professoras da equipa para ouvirmos a avaliação das aulas assistidas.

Inferências e fundamentação teórica

Quando entregamos às crianças o material, ou levamos para a sala material de apoio, este deve de estar em boas condições. As crianças olham para as educadoras como um exemplo, se virem nelas um modelo de organização, perfeição e alguém que estima o que tem vão tentar reproduzir essas características.

Na aula de Dominio da Matemática realizou o itinerário, e de acordo com Caldeira (2009b, p.173) as crianças desta faixa etária podem trabalhar com itinerários, desde que estes sejam inseridos em contextos quotidianos e com níveis de complexidade adaptados, quando a criança realiza estas tarefas treina a sua capacidade de visualização espacial.

O material de apoio à aula de Conhecimento do Mundo foi bastante lúdico, prendendo a atenção das crianças e motivando-as a questionar e participar na aula.

A partir da história “A que sabe a lua”, a minha colega abordou o tema do reflexo, é importante as crianças conhecerem estas curiosidades, muitas delas não sabiam desta particularidade e ficaram bastante agradadas, comentando que parecia “um espelho”. Pequenas experiências como estas agradam bastante às crianças e todas adoram experimentar coisas novas, faz parte da sua curiosidade natural.

Segunda-feira, 06 de fevereiro de 2012

Nesta segunda-feira a educadora desafiou-me para dar uma aula sobre sequências, utilizando o material Blocos Lógicos.

Comecei a aula explicando o que é um padrão e uma sequência e pedi a participação de alguns alunos para descobrirem o padrão ou criarem uma sequência sob a minha orientação. Depois disso, pedi ao grupo para, individualmente, dando eu o padrão, realizarem a sequência.

Terminada a aula, a educadora levou as crianças para o recreio; quando voltaram a educadora reuniu-as e conversaram sobre o fim de semana.

Inferências e fundamentação teórica

Adorei dar a aula surpresa, fui o mais clara possível sobre o que era um padrão e como se constitui uma sequência, as crianças perceberam claramente o que era e conseguiram perceber que uma sequência é constituída por um padrão repetido várias vezes. Quando lhes pedi que, numa sequência que eu dei, descobrissem o padrão, rapidamente vários levantaram os braços. Senti uma grande satisfação ao perceber que consegui fazê-los entender e que respondiam com entusiasmo ao que lhes pedia, assim como rapidamente faziam aquilo a que os propunha.

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 1997, p.74), definem os padrões como “sequências que têm regras lógicas

subjacentes”, defendem ainda que a sua descoberta e criação desenvolve o raciocínio lógico, além de promover a participação dos alunos e a sua auto-estima, ao alcançarem um objetivo com sucesso.

Terça-feira, 7 de fevereiro de 2012

Depois das rotinas habituais, a educadora sentou o grupo nas mesas e distribuiu um copo com palhinhas e outro com algarismos móveis, a cada criança.

Através destes materiais trabalhou as sequências com as crianças, a banda numérica pela ordem crescente, a adição, os sinais das operações, o cálculo mental e a orientação espacial.

Depois desta aula, foram para a aula de Educação para o Movimento, onde fizeram exercícios por estações. Numa estação tinham que subir um banco (apoiado no espaldar) de gatas e depois descer o espaldar, noutra estação tinham de conduzir uma bola em linha reta, noutra estação tinham de lançar uma bola ao ar e apanhá-la.

Terminada a aula a educadora aproveitou o fato de a aula do Bibe Azul A estar vazia e levou o grupo até lá e sentando-os em U à volta dela. Através do álbum “A Galinha e o Ovo”, e com a colaboração das crianças, contou a história presente no livro.

Inferências e fundamentação teórica

Nas aulas Educação para o Movimento, organizadas por estações, as crianças são desafiadas a realizarem vários tipos de exercícios, ou seja, exercitam todos os músculos existentes no corpo e desenvolvem várias capacidades motoras que até este ponto não eram capazes de realizar por motivos de desenvolvimento físico. De acordo com Papalia, Olds e Feldman (2001)

“durante o período Pré-Escolar as áreas sensoriais e motoras do córtex estão mais desenvolvidas do que anteriormente, permitindo à criança fazer mais aquilo que pretende. Os seus ossos e músculos estão mais fortes, a capacidade da sua caixa pulmonar é maior, tornando possível correr, saltar e trepar mais longe, mais rápido e melhor” (p.287).

É por estas razões que as aulas de Educação para o Movimento são tão importantes no Pré-Escolar, para que as crianças desenvolvam o seu corpo e o treinem de forma a tornarem-se mais fortes.

A interpretação de álbuns com as crianças é bastante importante, pois estimula a sua criatividade, imaginação e a interpretação de imagens. A educadora pediu várias vezes a participação das crianças para interpretar as imagens, contribuindo assim para a sua auto-estima, confiança e expressão oral.

Sexta-feira, 10 de fevereiro de 2012

Nesta manhã tinha planeado com a educadora dar uma manhã de aulas. Como temas tinha: para o Dominio da Matemática, uma aula com os Blocos Lógicos, para Conhecimento do Mundo dei a iniciação à classe dos insetos, e para o Dominio da Leitura e Abordagem à Escrita tinha por tema uma fábula.

Iniciei a manhã de aulas com aula com Dominio da Matemática, utilizei os Blocos Lógicos e preenchi, com o grupo, uma tabela de dupla entrada; com estes dois suportes, trabalhei então as características do material.

De seguida, levei os alunos até um espaço previamente preparado, onde tinha montado o *datashow* para uma apresentação em *Powerpoint* e colocado os discos em meia-lua para as crianças se sentarem. Mostrei várias imagens sobre os insetos e fui pedindo a participação dos alunos na sua observação e enumeração das características. No final da aula passei pelos alunos vários insetos conservados em barras de acrílico onde puderam novamente observar os insetos e as suas características. Terminada a aula levei-os para o recreio.

Quando terminou o recreio contei a fábula “A cigarra e a formiga”, tendo como apoio imagens em *Powerpoint*. No final iniciei uma conversa com os alunos sobre a moral da história.

Inferências e fundamentação teórica

Gostei imenso de dar a aula com os Blocos Lógicos sobre as suas características, usando a tabela de dupla entrada pois as crianças mostraram-se motivadas ao usarem materiais manipulativos. É importante o seu uso no ensino da Matemática, pois facilitam a compreensão de conceitos e de ideias Matemáticas. De acordo com Damas *et al.* (2010, p.6) “(i) envolvem os alunos, activamente, na aprendizagem; (ii) auxiliam o trabalho do professor; (iii) beneficiam o ritmo particular da aprendizagem; (iv) aumentam a motivação; (v) são instrumentos de avaliação”; além disso, os educadores/professores “ao desenvolverem actividades dinâmicas, como se de um jogo se tratasse, os alunos nem se apercebem de que estão a adquirir conhecimentos.

Abordar o tema dos animais para as crianças é fascinante e entusiasmante e o educador deve saber aproveitar o fascínio que estas nutrem pelo mundo animal. De acordo com Catita (2007, p.67) o educador “dotado de uma formação científica mais vasta, (...) terá que se libertar dos termos e noções de carácter mais científico e «descer» à realidade do mundo da criança utilizando uma linguagem e terminologia simples adequada à idade da criança”, é por isso importante que um educador tenha essa capacidade mas, ao mesmo tempo, na tentativa de “descer” ao nível da criança não cometa erros científicos.

A fábula é uma das formas de narrativa mais antiga, muitas das histórias e textos atuais têm a sua origem em fábulas. Define-se, segundo Bastos (1999, p.83), como uma “narrativa breve de uma situação vivida por animais, que alude a uma situação humana e tem por objetivo transmitir uma certa moralidade. As suas personagens são sempre símbolos”.

A fábula que contei foi bastante apreciada pelos alunos, era notório o facto de não estarem habituados a este tipo de narrativa e à sua interpretação, mas, depois de explicar calmamente o que pretendia, participaram avidamente na sua discussão, trazendo para a conversa as suas vivências e opiniões.

1.6. 4.^a Secção 1.º ano

Esta 4.^a Secção corresponde ao estágio intensivo, que realizei numa escola pública, no 1.º ano de uma Escola Básica do 1.º Ciclo em Lisboa.

Estagiei nessa sala das 9h às 15h entre o dia 27 de fevereiro a 2 de março de 2012.

A descrição do estágio desta semana será condensada num único relato.

1.6.1. Caracterização da turma

A turma era constituída por 20 crianças, na sua maioria do género masculino, com idades compreendidas entre os 6 e os 11 anos.

A maioria dos alunos faltava várias vezes à escola, tendo o professor normalmente entre 10 a 15 alunos por dia na sala. Devemos ter em conta que a maioria dos alunos é cigana e de acordo com Piasere (citado por Liégeois, 2001, p. 71) os procedimentos pedagógicos dos ciganos “desenrolam-se num contexto de tarefas reais, através da participação, em vez de uma instrução verbal fora de

contexto, e como preparação para uma futura participação”. Não sendo portanto a instrução escolar importante para os ciganos.

De acordo com informações dadas pelo professor um dos alunos tinha problemas de concentração, um outro aluno é provável ter um ligeiro espectro de autismo já tendo a psicóloga sugerido um currículo alternativo.

1.6.2. Caracterização do espaço

A escola é nova e encontra-se inserida num bairro problemático de Lisboa onde a maioria da população aí residente é de etnia cigana, sendo a relação escola-família difícil de estabelecer. A escola participa em diversos projetos de desporto, leitura, alimentação etc. de forma a promover bons hábitos nos seus alunos e a melhorar a vida da comunidade em redor.

Os objetivos desta escola são, de acordo com a sua coordenadora, transformar uma instituição educativa “num espaço de estudo, de cultura, de civismo, de aprendizagem de hábitos de trabalho e de esforço, de respeito pelas regras.”

Desde o momento do seu planeamento esta escola teve sempre como objetivos diminuir o analfabetismo, a exclusão e aproximar a escola da família para que as crianças tenham mais oportunidades de educação escolar.

A sala do primeiro ano é grande e espaçosa, tem duas portas, uma de ligação ao corredor e outra de ligação a uma sala de arrumação de material. Uma das paredes está coberta de janelas que deixam entrar bastante luminosidade para a sala, a parede oposta têm armários onde é guardado o material das crianças, livros, cadernos, a pasta de trabalho e o restante material didático. Quando entramos na sala, a parede do lado esquerdo tem cabides onde os alunos penduram os casacos e quadros de cortiça para a exposição dos trabalhos, a parede oposta está ocupada pelo quadro de escrita, do lado esquerdo encontra-se a secretária do professor.

1.6.3. Horário do 1.º ano (estágio intensivo)

O seguinte horário foi-me fornecido pelo professor da turma e têm descritas as atividades planeadas da turma. Este horário não é seguido pelo professor por variadas razões e a atividade de natação não se encontra aqui descrita.

Quadro 7 - Horário do 1.º ano do Estágio Intensivo

Horas	2.ªfeira	3.ªfeira	4.ªfeira	5.ªfeira	6.ªfeira
9:00-9:45	Português	Português	Estudo do Meio	Português	Português
9:45-10:30	Português	Português	Estudo do Meio	Português	Português
11:00-12:00	Matemática	Matemática	Português	Estudo do Meio	Matemática
12:00-13:00	Almoço				
13:00-15:00	Matemática	Português	Matemática	Matemática	Estudo Acompanhado
15:00-15:30	Intervalo da tarde				
15:30-16:30	Música	Apoio ao Estudo	Atividade Física	Inglês	Oficinas Livres
16:30-17:15	Música	Apoio ao Estudo	Atividade Física	Inglês	Oficinas Livres

1.6.4. Rotinas

As rotinas numa escola pública são muito diferentes das descritas até ao momento, irei portanto descreve-las.

Acolhimento/Entrada

Nesta escola as crianças são deixadas no portão pelos pais e convivem com os colegas no recreio até ao tocar da campainha às 9 horas anunciando o começo das aulas. Dirigem-se até a porta de entrada da escola onde aguardam que o professor chegue para irem para a sala. Cada turma sobe com o seu professor e dirigem-se para a sala. É permitida a entrada dos alunos entre as 9 horas e as 9 horas e 30 minutos.

Casa de banho/ Higiene

As idas à casa de banho e os cuidados de higiene são controlados pelo próprio aluno, não existe nenhuma rotina de ida à casa de banho orientada pelos professores. Caso o aluno queira deverá dirigir-se à casa de banho durante os intervalos.

Recreio

O recreio é livre e realiza-se duas vezes ao dia.

De manhã decorre entre as 10h 20m em que os alunos lancham na sala e às 10h30m vão para o recreio e voltam para a sala às 11h.

O segundo recreio decorre desde que os alunos terminam o almoço e vão para a sala às 13h 30m.

Almoço

O almoço é em simultâneo com todas as turmas da escola e decorre na cantina às 11h 45m. A refeição é constituída pela sopa, conduto e fruta e é sempre acompanhada com água. O professor orienta os alunos no almoço e tenta que comam tudo.

Lanche

O lanche é fornecido pela escola e distribuído pelo professor na sala de aula por volta das 14h 45m. Usualmente é constituído por um pacote de leite e uma sandes (de fiambre, queijo ou manteiga). Alguns dos alunos preferem trazer lanche de casa.

1.6.5. Relatos Diários

27 de fevereiro de 2012 a 2 de março de 2012

Durante esta semana de estágio o professor lecionou apenas as áreas de Matemática e Português, tiveram aulas de natação e demonstrações de *rugby*.

Em Português introduziu novas letras, fez revisão das antigas e realizava exercícios do livro, constituindo estes exercícios de reprodução da letra caligráfica, junção de sílabas e cópia de frases.

Em Matemática durante a semana o professor viu várias vezes os algarismos, os nomes das operações aprendidas, adição e subtração, realizou exercícios lacunares (por exemplo $3 + \underline{\quad} = 5$) e entregou fichas com várias operações de adição e subtração.

A meio da semana foi proporcionada pela Associação de Pais das Escolas da Alta de Lisboa uma demonstração de *rugby*, os alunos foram divididos em duas equipas e depois de esclarecidas as regras jogaram durante um pouco.

Duas vezes por semana os alunos têm aulas de natação na piscina municipal, são acompanhados pelo professor nessa atividade. O transporte é proporcionado pela junta que disponibiliza uma camioneta para levar e trazer os alunos.

Numa das tardes a minha colega leu o livro “O príncipe com orelhas de burro” de Luísa Ducla Soares, a propósito da sua vinda à escola, terminada a leitura realizaram uma ilustração sobre a história.

Combinámos com o professor que durante a semana iríamos dar um dia de aulas, a minha colega e eu planeámos então uma aula em conjunto. De manhã enquanto esperávamos que todos os alunos chegassem, pedimos a participação dos que já tinham chegado com músicas que conhecessem e cantámos algumas também. Quando a maioria da turma estava presente começámos com Português, revimos as letras que já tinham aprendido e introduzimos uma nova letra “j”. Pedimos aos alunos que participassem de uma forma ordenada, levantando o dedo e esperando que dissemos o seu nome, com palavras que comesçassem com o som “jê”. Participaram como lhes pedimos e disseram várias palavras começadas com esse fonema, algumas das quais começavam com a letra “g”, e explicamos que apesar de ser o mesmo som que ouvimos começava com uma letra diferente e para ter atenção, para que no futuro quando fosse escrever essa palavra, não se enganasse. Para consolidar o que aprenderam pedimos que resolvessem alguns exercícios do livro.

Na aula de Matemática, depois do recreio, entregámos palhinhas e algarismos móveis e trabalhamos as operações no concreto, realizamos ainda exercícios de maior, menos e igual. Todos estes exercícios eram pedidos oralmente, os alunos concretizavam no lugar com o material e pedíamos a um aluno que o fosse realizar no quadro, se necessário corrigíamos.

À tarde, abordámos os cinco sentidos com o jogo do loto, que a minha colega tinha criado para a sua aula do dia 5 de dezembro de 2011.

Inferências e fundamentação teórica

Já foi bastante investigado, debatido e analisado o ato de ler, atualmente e de acordo com Moller (2009, p.43) são considerados três tipos de modelos de processamento da informação, são estes: o modelo ascendente, o modelo descendente e o modelo misto.

No primeiro é defendido, segundo Martins (citado por Moller, p.44), que “o leitor começa por identificar as letras, que são depois combinadas em sílabas, que se juntariam para formar palavras e daí resultam as frases”.

O segundo baseia-se na crença de que o reconhecimento de palavra, os conhecimentos prévios do leitor sobre o assunto e o contexto imediato são suficientes para decifração do texto.

O terceiro e último modelo, segundo Vieira e Teixeira citados por Moller (p.46), defende que “a leitura é um processo que implica a interação de múltiplas fontes de conhecimento”.

Até agora só tínhamos abordado o método da Cartilha Maternal que, segundo Ruivo (2009, p.100) “insere-se no modelo interactivo de leitura”, sinónimo do anteriormente nomeado como modelo misto. João de Deus, citado por Moller, defendia que “não basta ler, é necessário ler com conhecimento de causa” e o seu método baseia-se na “análise da língua, feita através de um processo sério que se baseia num raciocínio lógico” (p.68).

O método de leitura utilizado pelo professor foi o método sintético/fónico, que se insere no modelo ascendente, tem por base a permissão de que a letra ou símbolo é a parte mais pequena da leitura e da escrita, ou seja, as letras quando associadas podem formar todas as palavras conhecidas. O processo de leitura, segundo Ferreiro e Teberosky citados por Moller, consiste em ir “das partes ao todo: leitura das letras, fase da sílaba, leitura de palavras e finalmente a leitura de frases” (p.47).

O método sintético/fónico é o mais popularmente utilizado nas escolas espalhadas pelo país e, de acordo com vários estudos, é um dos métodos que melhores resultados apresenta no final do primeiro ano de escolaridade. No entanto comparativamente ao que observo nos Jardins-escola João de Deus as crianças não estão entusiasmadas ao aprender a ler, consideram enfadonho todos os dias aprender uma letra pois não encontram qualquer razão para o fazer. O método da Cartilha Materna, de cada vez que a criança aprende uma letra também lê uma ou mais palavras, ou seja, a criança toma consciência e têm a prova de que está realmente a aprender a ler desde a primeira lição, e esse jubilo da leitura motiva-a a querer aprender mais.

Sei que o método sintético/fónico funciona, pois aprendi a ler dessa forma, mas considero que é pouco motivador, repetitivo e o facto de só apresentar resultados “palpáveis” mais tarde é um fator negativo quando comparado com o método da Cartilha Maternal.

A maioria da turma não teve qualquer educação Pré-Escolar, não tendo portanto treinado o grafismo ou sido preparada para a vida escolar, como atualmente os estabelecimentos Pré-Escolares preparam as crianças que os frequentam. Como

resultado apresentavam dificuldades no desenho de letras e algarismos e consequentemente demoravam bastante tempo a resolver os exercícios atrasando portanto a aprendizagem em geral.

Questionámos várias vezes o professor sobre a aprendizagem das crianças e como lidava com a questão das crianças faltarem tantas vezes, a sua resposta era que tentava ao máximo aproveitar o tempo que as crianças cá estavam, concentrava-se no ensino da escrita e da leitura e nas operações básicas de Matemática. Referiu também que os dias em que mais crianças estavam presentes eram os dias de natação e nesses dias puxava mais pela turma, dando mais matéria, nos restantes dias apoiava as crianças com mais dificuldades. Confidenciou-nos ainda que era difícil manter uma planificação com a turma e cumprir o programa pois tinha sempre que voltar atrás para ajudar alguns alunos, e como muitos faltavam tinha que estar sempre a rever a matéria que tinham perdido.

Observámos várias vezes no decorrer da semana alguns alunos a faltarem ao respeito ao professor chegando mesmo a ofende-lo, este optou sempre por uma abordagem descontraída referindo apenas que se deve ter respeito aos mais velhos, e nunca valorizando o comportamento o que levava ao aluno a desistir do mesmo. Segundo Cury (2006, p.97) todos os professores “querem educar jovens dóceis, mas são os que nos frustam que testam a nossa qualidade de educadores. (...) Os seus alunos insuportáveis é que testam o seu humanismo.” Defende ainda que os bons professores e os bons educadores “não desistem dos jovens, ainda que eles os decepcionem e não lhes dêem um retorno imediato. A paciência é o seu segredo, a educação do afeto é a sua meta.” Os comportamentos agressivos nunca se revelaram na relação que estabelecemos (a minha colega e eu) com os alunos durante a semana, o seu comportamento para connosco era o oposto, mostrando-se bastante carinhos e afetuosos abraçando-nos e chamando por nós para lhes darmos atenção.

Na aula que a colega e eu demos todas as crianças se mostraram bastante motivadas e empenhadas, na minha opinião devido à quebra de rotinas e da abordagem completamente nova, pois levamos material novo (as palhinhas e os algarismos móveis, o jogo do loto) e como desde logo pedimos a sua participação ordenada todo o dia decorreu de forma ordenada mas divertida e motivadora.

Nesta semana de estágio fiquei a conhecer uma realidade completamente diferente daquela a que estou habituada a lidar nos jardins-escolas. Adorei a escola, as crianças e achei os professores uma inspiração, apesar dos poucos recursos, da dificuldade que têm em chegar às famílias e do trabalho que têm pela frente com esta

comunidade sempre se mostraram felizes e empenhados. Demonstraram ainda ter um estreito laço afetivo com alguns dos alunos, apesar das diferenças culturais e da dificuldade que têm em criar esse mesmo laço devido à pouca cooperação da comunidade.

1.7.1. 5.^a Secção: 2.º Ano

Esta secção refere-se ao período de estágio decorrido entre 5 de março e 30 de abril de 2012. Decorreu na sala do Bibe Verde referente à faixa etária dos 7 anos, ou seja ao 2.º ano de escolaridade.

1.7.2. Caracterização da turma

A turma do Bibe Verde A onde estagiei é constituída por 29 alunos, 16 do género masculino e 12 do género feminino. Todos os alunos completaram 7 anos até ao dia 31 de dezembro.

O grupo encontra-se bem integrado na dinâmica do Jardim-Escola e demonstra motivação e interesse pelas diversas aprendizagens.

1.7.3. Caracterização do espaço

A sala do Bibe Verde tem boa iluminação natural mas é pouco espaçosa para o elevado número de alunos. A sala encontra-se repleta de cartazes com pequenos resumos da matéria, que têm como objetivo ajudar os alunos a memorizar matérias que a professora considera mais difíceis de assimilar, assim como esclarecer a ortografia de palavras que são consideradas “palavras difíceis” (Figura 18).

Tem duas portas, uma de acesso ao interior da escola e outra de acesso ao recreio encontrando-se estas em paredes opostas. A parede onde se encontra a porta de acesso à escola encontra-se repleta de armários onde são arrumados os materiais da sala, os dossiers e livros dos alunos, a parede oposta tem várias janelas que permitem a entrada de luz natural.

Na parede do fundo encontra-se um quadro de ardósia e a secretária da professora, na parede oposta encontram-se os cabides dos alunos e dois quadros de cortiça para exposição dos trabalhos dos alunos.

No espaço livre encontram-se dispostas as 29 carteiras em quatro filas voltadas para o quadro de ardósia. Por cima do quadro encontra-se instalado uma tela para a projeção do *Datashow*.



Figura 18 - Sala do Bibe Verde

1.7.4. Rotinas

No primeiro ciclo o espaço reservado ao acolhimento dos alunos muda. Quando chegam à escola as crianças já sabem que se devem dirigir ao ginásio onde se encontra uma professora que se encontra responsável por elas.

As crianças convivem umas com as outras e realizam jogos orientados pela professora, quando chegam as 9 horas cada professora chega e leva a sua turma até à sala. Depois de arrumarem as suas mochilas nos lugares vão rapidamente à casa de banho e voltam para a sala para o início da aula.

Às 11h têm o intervalo onde brincam, tomam um pequeno lanche constituído por fruta ou várias bolachas e vão à casa de banho antes de voltarem para a sala.

Um outro momento de higiene ocorre no final das aulas da manhã antes de se dirigirem para o almoço às 13 horas.

1.7.5. Horário do 2.º ano

O seguinte horário (Quadro 8) foi-me fornecido pela professora da turma e têm descritas as atividades planeadas para a turma.

Quadro 8 - Horário do Bibe Verde

Horas	2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira
9h – 10h	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática (materiais)	Língua Portuguesa
10h – 11h	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
11h – 11h30	Recreio				
11h30 – 12h	Matemática (materiais)	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática (materiais)
12h – 12h50	Matemática	Língua Portuguesa	Educação Física	Música	Estudo do Meio
13h – 14h30	Almoço e Recreio				
14h30 – 15h20	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Música	Estudo do Meio	Estudo do Meio
15h20 – 16h10	Educação Física	Experiências	Expressão Plástica 15h45 – 17h	Inglês 15h30 – 16h30	Estudo acompanhado
16h10 – 17h	Formação Cívica	Biblioteca: no âmbito de Língua Portuguesa		Área Projeto	Assembleia de Turma
17h	Saída				

Devido ao fato de o estágio realizar-se apenas durante a manhã fui impossibilitada de assistir a outras áreas, nomeadamente a Formação Cívica, Área Projeto, Biblioteca, Experiências e a Assembleia de Turma.

1.7.6. Relatos diários

Segunda-feira, 5 de março de 2012

Quando os alunos chegam à sala a professora distribuiu uma ficha de trabalho de Português, realizou a leitura modelo, e pediu aos alunos para a lerem também. Terminada a leitura, explicou a realização da ficha, e deixou os alunos realizarem-na até à hora do intervalo.

Após o retorno dos alunos à sala, a professora distribuiu uma proposta de trabalho com situações problemáticas. Terminada a ficha foram almoçar.

Inferências e fundamentação teórica

A realização da leitura modelo deveria ser uma prática mais frequente em ambiente de sala de aula, segundo o Programa de Português do Ensino Básico (Ministério de Educação, 2009):

as crianças devem ouvir ler o adulto para se apropriarem de bons modelos de leitura: ler em voz alta às crianças fortalece os vínculos afectivos entre quem lê e quem ouve, estimula o prazer de ouvir, o prazer de imaginar, facilita a aquisição e o desenvolvimento da linguagem e faz emergir a vontade de querer aprender a ler. O professor desempenha um papel de mediação fundamental nesta fase, criando condições favoráveis à descoberta do livro e da leitura. (p.63-64)

A prática da leitura modelo estimula tantas capacidades nas crianças que deveria ser uma prática diária, os alunos apropriam-se de bons modelos de leitura e tornando-se assim bons leitores.

O professor deve treinar a sua própria leitura, de forma a tornar-se o melhor modelo possível para as crianças, deve ler e reler o texto sozinho antes de apresentá-lo às crianças, e deve compreender completamente o texto antes de explorá-lo com elas, para que a descoberta da leitura na criança se torne agradável e bem-sucedida.

Terça-feira, 6 de março de 2012

Nesta manhã de aulas, a professora realizou exercícios de Matemática que consistiam em operações de adição, com duas e três parcelas, com as respetivas provas reais (pela operação inversa e prova dos nove fora). Praticaram também as operações de divisão com a prova real pela operação inversa. De seguida, completaram uma ficha com os sinais de maior, menor ou igual.

Depois do intervalo, realizaram exercícios de Português, onde trabalharam a família de palavras e realizaram uma composição. Para realizarem a composição foi-lhes entregue a introdução, e os alunos inventavam o desenvolvimento e a sua conclusão. Como uma das personagens era uma tartaruga, para enfeitar a folha, a professora distribuiu cápsulas de café vazias, esmagaram-nas e colaram na folha, servindo a cápsula como a carapaça da tartaruga, e desenhando os alunos a lápis o corpo do animal.

Inferências e fundamentação teórica

A resolução de exercícios é uma prática bastante comum nas aulas de Matemática, assim como a resolução de situações problemáticas. Os exercícios foram impostos no século XX por Thondyke e, de acordo com Serrazina (2002, p.23), “tiveram tanto sucesso que os exercícios passaram a fazer parte de qualquer aula de Matemática” e por isso se mantém como parte fundamental do seu ensino.

É, no entanto, importante não confundir problemas com exercícios, segundo Palhares citado por Serrazina (2002), nos problemas:

o resolvidor não sabe à partida qual o procedimento que resolverá a tarefa, tendo que pensar para descobrir o processo de a resolver, ao passo que, no caso do exercício, o procedimento é estipulado e o resolvidor terá apenas de se concentrar na sua aplicação (p.23)

É de extrema importância a resolução de situações problemáticas, pois estimula outras capacidades que o exercício não trabalha.

A ficha decorada com a cápsula de café ficou muito engraçada, foi um momento educativo de reciclagem, que as crianças não estavam à espera, mas que é muito importante desenvolver.

Sexta-feira, 9 de março de 2012

Esta manhã começou com a leitura de um texto “Todos diferentes”, a professora foi escrevendo no quadro perguntas de interpretação do texto e de gramática, os alunos passavam-nas para a folha pautada e, no final, realizavam-nas. Ocuparam a primeira parte da manhã com esta tarefa.

Quando voltaram do intervalo realizaram uma ficha de Matemática, utilizando o mesmo sistema, até à hora de almoço.

Inferências e fundamentação teórica

Ao realizar a leitura do texto “Todos diferentes” a professora poderia ter aproveitado para abordar a interculturalidade, promovendo assim a integração e o respeito pelo outro. Segundo as Linhas Professoras da Equipa de Supervisão para a Educação para a Cidadania (Ministério de Educação, 2012), ao promover a Educação Intercultural pretendemos

promover o reconhecimento e a valorização da diversidade como uma oportunidade e fonte de aprendizagem para todos, no respeito pela multiculturalidade das sociedades atuais. Pretende-se desenvolver a capacidade de comunicar e incentivar a interação social, criadora de identidades e de sentido de pertença comum à humanidade. (p.5)

A professora optou pela realização de uma ficha trabalhando então a interpretação de textos e a realização de exercícios de gramática com os alunos.

Segunda-feira, 12 de março de 2012

Como nesta semana as crianças iriam ter provas de avaliação, a professora na semana anterior entregou uma matriz da prova de Português, e pediu-lhes para estudarem no fim-de-semana, para que neste dia pudessem esclarecer as dúvidas que tinham, estiveram, portanto, a fazer revisões e a tirar dúvidas sobre a matéria.

Antes do intervalo realizaram, também, uma avaliação de leitura.

Quando voltaram a professora realizou com eles a subtrações e, de seguida, a prova dos nove fora com os Calculadores Multibásicos. Depois de arrumado o material, realizaram uma ficha com várias operações, incluídas as anteriormente referidas até ao almoço.

Inferências e fundamentação teórica

Como já foi referido anteriormente, na Associação de Jardins-escola João de Deus a aprendizagem da leitura ocorre aos cinco anos. No primeiro ciclo as professoras mantêm um treino diário pois a leitura exige “determinadas capacidades e operações cognitivas, que condicionam o nível de compreensão da mensagem” (Sim-Sim, 2007, p.42). Ainda de acordo com a mesma autora, existem dois níveis de leitura: a elementar e a de compreensão e, em ambas, descodifica-se a linguagem escrita, “na primeira, porém, o processo de descodificação é lento e faz-se com dificuldade, relegando, geralmente, o significado para segundo plano, enquanto que na segunda é

como que automático, permitindo ao leitor dedicação exclusiva ou quase à compreensão da mensagem” (2007, p.43).

A sua avaliação é necessária pois, de acordo com Perrenoud (2000, p.49) “para gerir a progressão das aprendizagens, não se pode deixar de fazer balanços periódicos das aquisições dos alunos. Eles são essenciais para fundamentar decisões de aprovação ou de orientação necessárias (...)”. É portanto imprescindível avaliar o progresso dos alunos nas suas aprendizagens, nesta avaliação a professora tinha como objetivos registar a evolução da leitura dos seus alunos e orientar nos pontos que tinham a melhorar.

Terça-feira, 13 de março de 2012

Na primeira parte da manhã os alunos realizaram a prova escrita de Português até ao intervalo.

Quando voltaram estiveram até a hora de almoço a terminar fichas em atraso.

Inferências e fundamentação teórica

A realização de provas de avaliação, também designadas por testes, é o tipo de avaliação escolhida pela maioria dos professores pois são considerados objetivos, simples e rápidos na recolha de informações dos alunos.

Segundo Estanqueiro (2010, p. 93) “um teste bem corrigido mede, com rigor aproximado, o nível de desempenho do aluno, numa determinada área de conhecimentos e num determinado momento. Permite, assim, detectar o que o aluno aprendeu e o que ainda não sabe”. Um professor após a conclusão do teste deve analisar os resultados obtidos pelos seus alunos e com base nesses resultados rever as estratégias aplicadas e manter, adaptar ou reformulá-las.

Sexta-feira, 16 de março de 2012

Quando chegaram à sala a professora distribuiu uma ficha com exercícios de gramática e um texto, explicou a ficha e pediu para lerem o texto em silêncio. A nós, estagiárias, pediu-nos para passarmos pelos alunos, ouvirmo-los a ler, corrigindo e esclarecendo quaisquer erros ou dúvidas que tivessem.

Depois do recreio a professora de expressão plástica foi até à sala, para terminarem o presente do dia do pai, uma caneca pintada pelas crianças, colocada num saco decorado com um colarinho e gravata. Os alunos que foram terminando realizavam fichas em atraso.

Inferências e fundamentação teórica

A expressão plástica, como referido anteriormente, é uma área que permite à criança exprimir-se livremente através de variadas técnicas, de acordo com o Programa de Expressão e Educação, incluído nos Programas do 1.º Ciclo do Ensino Básico (Ministério de Educação, 2004, p.93) “pintar exige um clima de disponibilidade e de liberdade. O professor deverá ir observando, sem interferir nos aspectos expressivos, como as crianças utilizam o espaço da pintura”.

Nesta atividade as crianças trabalharam com bastante prazer pois estavam a pintar um presente para os seus pais e mostraram-se bastante empenhadas.

Terça-feira, 20 de março de 2012

Neste dia todo o 1.º ciclo foi ao Teatro Politeama assistir à peça de teatro “O pinóquio”.

Inferências e fundamentação teórica

A Escola realiza várias visitas de estudo ao longo do ano, de acordo com Almeida (1998, p.50) uma visita de estudo é “qualquer deslocação efectuada por alunos ao exterior do recinto escolar, independentemente da distância considerada, com objectivos educativos mais amplos ao do mero convívio entre professores e alunos”.

Esta visita de estudo tinha como objetivos o contacto entre os alunos e a arte do teatro, assim como a abordagem dos contos tradicionais de um novo ponto de vista.

Sexta-feira, 23 de março de 2012

Este foi o último dia do 2.º período, como as crianças estavam distraídas com o início das férias, a professora preferiu a realização de atividades de expressão plástica com as crianças, para isso, distribuiu folhas impressas com imagens alusivas à

Páscoa, que serviriam como separadores no *dossier*. Aos alunos que iam terminando a pintura da ilustração, foram distribuídas tiras para realizarem um tapete.

Depois do intervalo, resolveram fichas em atraso e terminaram o tapete. A professora pediu às estagiárias que, ao longo da manhã, fossem pedindo aos alunos para lerem um texto em voz alta.

Inferências e fundamentação teórica

Um dos objetivos da leitura em voz alta em sala de aula, é o diagnóstico de erros cometidos pelos alunos e corrigidos pela professora, de forma a aumentar a eficiência de leitura das crianças. Existem vários tipos de leitura em voz alta, de acordo com Antão (1997, p.46) a utilizada neste dia de estágio foi a “leitura dirigida”, que tem por objetivo “corrigir as imperfeições (de pronúncia, velocidade, entoação, ritmo, fidelidade ao texto) à medida que as dificuldades forem surgindo”. A leitura em voz alta, em sala de aula, deve ser uma prática diária, para que os alunos se tornem bons leitores e amantes da leitura e literatura pois, apesar da leitura funcional ser importante, a leitura recreativa é fundamental. Segundo o mesmo autor, a leitura funcional é necessária para a assimilação de informação para a resolução de problemas, é caracterizada por uma capacidade de leitura rápida e eficiente, na busca de informação e na compreensão do que se lê, essencial ao longo de todo o ensino. No entanto, é na leitura recreativa que ler constitui uma das “maneiras mais agradáveis, enriquecedoras e duradoras de aprendermos com a experiência dos outros”, é a literatura que promove uma inesgotável fonte de aventuras, experiências e “viagens” a outros “mundos”, treina a imaginação e inspira a criatividade.

Terça-feira, 10 de abril de 2012

No primeiro momento da manhã, os alunos foram copiando do quadro exercícios de gramática, que a professora escrevia, a minha colega e eu íamos pedindo aos alunos para lerem um texto, e fazíamos perguntas de interpretação sobre o mesmo.

No segundo momento da manhã, resolveram situações problemáticas, quando terminavam era distribuída uma ficha com exercícios de simetria.

Inferências e fundamentação teórica

A resolução de situações problemáticas é de extrema importância, pois são várias as capacidades inerentes ao treinar a resolução das mesmas, de acordo com o Programa de Matemática do Ensino Básico (Ministério de Educação, 2007), ao realizar situações problemáticas os alunos serão capazes de

(i) compreender problemas em contextos matemáticos e não matemáticos e de os resolver utilizando estratégias apropriadas; (ii) apreciar a plausibilidade dos resultados obtidos e a adequação ao contexto das soluções a que chegam; (iii) monitorizar o seu trabalho e reflectir sobre a adequação das suas estratégias, reconhecendo situações em que podem ser utilizadas estratégias diferentes; (iv) formular problemas. (p.5)

Estas são capacidades que durante todo o tempo de estágio a professora estimulava, muitas das crianças realizavam operações e não tinham ainda o sentido crítico de no final perceber se a resposta dada era ou não plausível no contexto do problema. Para estimular e treinar essa e outras capacidades a professora entregava problemas e noutras alturas resolvia-os em conjunto com os alunos no quadro de ardósia.

A simetria é um outro tema que é bastante abordado nos jardins-escola. Através da simetria “podem caracterizar-se objectos geométricos e simplificar-se argumentos e, com o seu recurso, é possível elaborar estratégias de resolução de problemas em muitos casos de maior eficácia” (Programa de Matemática do Ensino Básico, Ministério de Educação, 2007, p.38). Os exercícios de simetria são inicialmente abordados no Bibe Azul e trabalhados ao longo dos restantes anos, são bastantes apreciados pelos alunos e considerados um desafio empolgante.

Sexta-feira, 13 de abril de 2012

Esta manhã de aulas foi iniciada com a área de Matemática, a professora distribuiu uma folha com situações problemáticas e, quando os alunos iam terminando, entregava um conjunto de pentaminós e uma folha com duas imagens, uma foca e um pinguim, os alunos escolhiam uma das figuras, reproduziam, copiavam para uma folha quadriculada e pintavam ao seu gosto.

Depois do intervalo a minha colega e eu íamos ouvindo os alunos a ler, entretanto os alunos iam realizando uma ficha de gramática, quando terminavam realizavam um exercício de escrita criativa.

Inferências e fundamentação teórica

Os pentaminós são um material que poucas vezes vejo serem aplicados no ensino apesar do seu uso ter imensas vantagens. Segundo Damas *et al.* (2010, p. 119) “os Pentaminós fazem parte da família dos poliomínos, que são figuras geométricas formadas por um determinado número de quadrados com, pelo menos, um lado adjacente” e constituem “um material didático que permite compreender os conceitos de área e perímetro fazendo distinção entre eles, através da composição e decomposição de figuras geométricas”.

Como é um material com uma componente lúdica, os alunos gostam de o trabalhar e a curiosidade natural das crianças leva-as a tentarem criar novas formas e imagens, construindo o seu raciocínio e a criatividade.

Segunda-feira, 16 de abril de 2012

Para esta manhã de aulas tinha combinado com a professora cooperante dar uma manhã de aulas com as três áreas principais: Matemática, em que o tema era o raio, Português, em que o tema era o discurso direto e indireto e em Estudo do Meio o tema era o coelho.

Comecei com a área de Matemática em que expliquei e dei as definições de círculo, circunferência e raio. Entreguei a cada aluno uma circunferência em cartolina já com o ponto de circunferência marcado (foram distribuídos pela turma três tamanhos diferentes). Pedi para os alunos marcarem o raio e chegaram à conclusão que existiam três circunferências diferentes.

Na aula de Português distribui uma ficha informativa sobre o discurso direto e indireto, pedi a participação da turma na leitura da ficha e depois de esclarecidas todas as dúvidas e de eu ter dado alguns exemplos, realizámos um exercício, consistia em passar um texto de discurso direto para indireto.

Terminada a aula levei os alunos até ao coreto, onde os sentei em roda e, pedindo para se juntarem muito bem, soltei o coelho no meio, deixei-os observar o coelho a deslocar-se e pedi para observarem as suas características. Através de um diálogo chegamos a várias conclusões acerca da classe a que pertence, o seu habitat, a alimentação, reprodução e outras curiosidades. Utilizei como material de apoio ainda uma folha com o ciclo de vida do animal.

Inferências e fundamentação teórica

Adorei dar esta aula, a turma participou ordenadamente e oportunamente, conforme as regras que defini com eles, e tentei que todos participassem, em algum momento, durante a manhã de aulas. Utilizei diferentes estratégias e tentei evitar momentos expositivos estimulando o diálogo na aula, Estanqueiro (2010, p.40) refere que “o diálogo na aula é, além do mais, uma oportunidade para o aluno desenvolver duas competências de comunicação oral, necessárias para toda a vida: saber escutar e saber falar. Aprende-se a escutar, escutando. Aprende-se a falar, falando”.

Na aula de Estudo do Meio optei por levar o coelho, porque nem todas as crianças têm a mesma oportunidade de observar animais domésticos, algumas nunca tinham visto um coelho e mostraram-se maravilhadas. O contacto das crianças com os animais e o meio ambiente é de extrema importância e Sobel citado por Almeida (2006) sugere neste âmbito

actividades de observação directa de aves, identificação de diferentes espécies animais e plantas, o estudo de pistas de animais, a procura de alimentos silvestres, a investigação em áreas húmidas, o mapeamento de bacias hidrográficas, a aprendizagem de aspectos relacionados com a história geológica e a testagem da qualidade da água e do ar. (p.122)

O contacto entre as crianças e os animais, assim como com o meio ambiente, é essencial para que na relação com a natureza as crianças tenham respeito, apreço e cuidado em manter o planeta em boas condições para o futuro.

Uma frase muito conhecida nos dias de hoje é: “We talk so much about leaving a better planet to our kids, that we forget to leave better kids to our planet”, uma tradução aproximada seria “falamos tanto sobre deixar um melhor planeta para os nossos filhos, que nos esquecemos de deixar melhores filhos ao nosso planeta”, concordo plenamente com esta frase e, por isso, acho que devemos educar as crianças para se preocuparem com todos os seres vivos, essencialmente, com todo o planeta de modo a termos um futuro sustentável.

Terça-feira, 17 de abril de 2012

As duas turmas do 2.º ano foram neste dia até ao museu Calouste Gulbenkian. A visita de estudo guiada tinha como título “A árvore das ideias”. A guia levou os alunos até um espaço onde se encontravam várias obras expostas e pediu-lhes que observassem certos detalhes como a textura, cor, a ausência ou presença de figuras geométricas ou corpos humanos. Os alunos, orientados pela guia, tinham de observar as obras e ter em atenção alguns detalhes.

Terminada a explicação do que teriam de fazer, a guia dividiu a turma por grupos e distribuiu por cada grupo uma imagem, os alunos tinham de encontrar naquele espaço uma obra que estivesse relacionada, através dos detalhes antes explorados, com a obra retratada na imagem.

Inferências e fundamentação teórica

Apesar de nestas idades os alunos já serem considerados como literatos (no uso mais comum da palavra, ou seja, capazes de ler e escrever) o desenvolvimento da sua literacia artística é mais demorada e difícil de desenvolver. Segundo Barnes (2002, p. 8) a criança

ao desenvolver a capacidade de observar em formas mais específicas, as crianças podem começar a ignorar o que é meramente superficial e focarem a sua atenção nas subtis qualidades e mudanças de forma que estão presentes em tudo o que as suas mentes e olhos pousam. (p.8)

As atividades, desenvolvidas pela guia, levaram a que as crianças tomassem atenção a pormenores que, conseqüentemente, levam ao desenvolvimento da literacia artística e desenvolvem o tipo de capacidades referidas por Barnes.

Sexta-feira, 20 de abril de 2012

Nesta manhã a professora pediu para os alunos terminarem as fichas que tinham em atraso e, a meio da manhã, uma orientadora da prática pedagógica entrou na sala e pediu uma aula surpresa à minha colega.

O tema que pediu foi a subtração com empréstimo com o material de calculadores multibásicos. A minha colega pediu para mudar o tema pois não se sentia confortável, alterou-se então para uma situação problemática que implicasse uma operação e uma prova. A minha colega acabou por realizar duas operações sem empréstimo com a prova dos nove.

Após a aula a professora pediu aos alunos para continuarem com as fichas em atraso e nós, estagiárias, fomos ouvir os alunos a ler um texto um a um.

Ao meio-dia, conforme previamente combinado, fomos ter com as professoras da Equipa de Supervisão de prática pedagógica para uma avaliação e reflexão sobre as aulas surpresa dadas no Jardim-Escola.

Inferências e fundamentação teórica

A resolução de situações problemáticas é uma metodologia que desenvolve várias capacidades, tais como: a observação, o estabelecer de relações, a comunicação, a argumentação e validação de processos e a estimulação de formas de raciocínio como a a intuição, indução, dedução e estimativa (Caldeira, 2009a, p.432). A utilização desta metodologia associada aos materiais torna esta estratégia mais rica e motivadora para os alunos.

Ao longo das várias aulas que observei pude constatar que são vários os alunos que ainda confundem a esquerda com a direita, de acordo com Condemarín e Chadwick (1987, p. 29) “a lateralidade gráfica implica uma actividade altamente simbólica que requer uma organização perceptiva motora específica e complexa. A lateralidade é expressa em actividades de manipulação e heterogéneas”. O desenvolvimento da lateralidade é extremamente importante nestas idades e trabalhar com os materiais manipuláveis é enriquecedor e promove esta diferenciação que é tão necessária no quotidiano.

Terça-feira, 24 de abril de 2012

A colega combinou com a professora dar, neste dia, uma manhã de aulas, na área de Matemática o seu tema era o diâmetro, em Português “deu” o campo lexical e em Estudo do Meio “deu” o pato.

Começou por rever com as crianças as definições de círculo, circunferência e raio e introduziu o diâmetro. Leu com eles uma ficha informativa para consolidar o que explicou e entregou uma ficha com várias circunferências marcadas, em que os alunos tinham de medir e marcar o seu diâmetro. Tinha também expostos numa mesa perto do quadro vários objetos (copos, garrafas, cd's, etc.), pediu a alguns alunos para irem medir o diâmetro da circunferência desses objetos e a turma tinha que escrever na ficha a que objeto estava associado cada circunferência da ficha.

Em Português iniciou a aula com o “jogo da força” em que a palavra era “campo lexical”, o tema que iria abordar com os alunos. Estes não conheciam o seu significado, nem a que se aplicava tendo então, a minha colega explicado. Distribuiu depois uma ficha informativa e outra de aplicação da matéria em que os exercícios eram de descoberta da palavra intrusa.

Num dos exercícios um aluno tinha uma dúvida “o que é um distrito?”, a minha colega usou o mapa de Portugal para explicar o que é um distrito, abordou também os conceitos de freguesia, cidade e país.

Depois do recreio deu a sua aula de Estudo do Meio, através de um *Powerpoint*, abordou a classe, o habitat, as características físicas, a alimentação, a reprodução e outras curiosidades acerca do pato. Após a apresentação e esclarecidas algumas dúvidas levou os alunos até ao recreio e sentou-os em roda no coreto, onde soltou dois patos para poderem observar no concreto algumas das coisas que tinham falado na sala. Quando voltaram a entrar, distribuiu uma folha “o bilhete de identidade do pato” que preencheram com as informações que aprenderam.

Inferências e fundamentação teórica

Os alunos mostraram-se concentrados e atentos durante a aula da minha colega, correu bastante bem e ela tentou sempre esclarecer quaisquer dúvidas que surgissem da melhor maneira possível.

Ao utilizar o mapa para esclarecer a dúvida de um aluno mostrou que consegue improvisar e que domina várias matérias assim como é importante a interdisciplinaridade. Os mapas, segundo Antão (1997, p.52 - 53) “simbolizam uma certa realidade através de uma escala determinada, (...) fazem uso de linhas imaginárias e assinalam aspectos da realidade natural, artificial ou cultural a partir de diferentes signos, como por exemplo um código de cores”, para saber interpretá-los os alunos devem conseguir traduzir em imagens mentais a realidade simbolizada por esse mapa.

Na aula de Estudo do Meio observei a minha colega a utilizar várias estratégias de aprendizagem numa única, utilizou slides, esclareceu dúvidas, levou os alunos para fora da sala e deixou-os observar no concreto o animal, concluindo a aula com uma proposta de trabalho. Todo o cuidado com que preparou a sua aula mostrou-me que estava atenta aos diferentes tipos de inteligência e estilos de aprendizagem que poderiam existir na turma.

Brighouse (citado por Day, 2004, p.125) defende que “precisamos de conhecer as suas complexidades [da mente do aluno], os seus estilos de aprendizagens preferidos, os seus diferentes tipos de inteligência” de forma a podermos ser bons professores e levar os alunos a assumir a realização da sua própria aprendizagem.

Antunes (2008, p.23) refere que:

a aula expositiva é uma maneira de se ministrar a aula, mas não é e não pode ser a única maneira. Se um profissional não concebe situações de aprendizagens diferentes para se respeitar diferentes estilos de linguagens em seus alunos e se as aulas que ministra não fazem do aluno o centro do processo de aprendizagem, o que a eles se está impingindo com o nome de aula, não é uma aula verdadeira. (p.23)

São vários os autores que defendem o uso as diferentes estratégias na aprendizagem, devemos ter em mente que nem todos os alunos aprendem da mesma maneira, cada aluno é um individuo único com as suas características e devemos respeitá-las. O papel do professor é respeitar essas suas particularidades e arranjar formas de alcançar o aluno e ensinar-lhe tudo o que sabe.

Segunda-feira, 30 de abril de 2012

O dia começou com a distribuição pelos alunos de uma ficha de gramática que iam realizando, a minha colega e eu íamos passando pelas crianças para o esclarecimento de dúvidas.

Depois do intervalo, a professora foi passando no quadro vários exercícios de Matemática, assim como uma situação problemática com um moinho.

Quando terminaram a ficha, a professora lembrou aos alunos como se realizava o *origami* do moinho, distribui uma folha de papel de lustro e os alunos realizaram a dobragem. No final colaram o moinho na folha e desenharam o resto da paisagem na folha.

Inferências e fundamentação teórica

A arte da dobragem do papel, como também é conhecida o *origami* é uma arte oriental de há muitos anos, permite treinar a motricidade fina, a concentração e a atenção aos detalhes, pois com um pequeno erro, imperfeita dobragem ou uma viragem errada, todo o nosso trabalho foi em vão. É um trabalho que as crianças adoram, começar com um quadrado de papel e terminar com a representação de algo real é algo que para as crianças roça o fantástico e a magia. Segundo Robinson (2002)

“O origami - ou a arte da dobragem de papel - permite-nos ver o próprio papel como um meio para a expressão artística. Para produzirmos pequenas obras de arte feitas de papel precisamos apenas de usar as mãos e a mente. O prazer de quem as faz pode ser tao grande como o prazer de quem as contempla e ultrapassa largamente o esforço necessário para a sua produção. (p.7)

Como as crianças adoram trabalhar a dobragem de papel é um ótimo meio de trabalho nestas idades.

Quinta-feira, 26 de junho de 2012

Neste dia fui compensar um dia de estágio, todo o Jardim-Escola foi até ao jardim-zoológico para a visita final de ano. Vimos o espetáculo dos golfinhos, o das aves e o resto da visita foi orientada por um guia que realizou várias atividades com os alunos para descobrirem os animais.

Como o Bibe Encarnado tinha pouco apoio e é preciso mais pessoas a controlar as crianças foi com esse grupo que realizei a visita.

Regressamos ao Jardim-Escola por volta das 17h.

Inferências e fundamentação teórica

As visitas de estudo são sempre extremamente apreciadas pelas crianças, quando o destino é o jardim zoológico as crianças vivem o momento de uma forma mais intensa. Todas as pessoas, crianças ou adultos, gostam imenso de visitar este espaço e observar os animais, essa mesma oportunidade proporciona também um momento de exercício físico.

Neste tipo de visitas de estudo, de acordo com Guimarães, Brito, Junior e Silva (s.d., p.3), é necessário que o educador planeie a visita de forma a permitir que “os conhecimentos prévios trazidos pelos alunos sejam elementos importantes a serem usados como ponto de partida para a construção do conhecimento”, ou seja, uma das preocupações do professor nestas visitas é a prévia preparação de estratégias em que os conhecimentos dos alunos sejam as corretas fundações da construção dos seus próprios conhecimentos.

As crianças mostraram-se bastante entusiasmadas nesta visita, querendo ver todos os animais e colocando várias questões: às educadoras, mais tarde à guia e a mim.

1.8.1. 6.^a Secção: 1.º Ano

Esta secção refere-se ao período de estágio decorrido entre 30 de abril de e 2 de julho de 2012. Decorreu na sala do Bibe Castanho referente à faixa etária dos 6 anos, ou seja ao 1.º ano de escolaridade.

1.8.2. Caracterização da turma

A turma do Bibe Castanho é constituída por 28 crianças, 16 pertencem ao género feminino e 11 ao género masculino. Todas as crianças concluem os oito anos de idade até ao dia 31 de dezembro de 2012.

Nesta turma existe uma criança com dislexia que é acompanhada por um profissional.

A turma encontra-se bem integrada na dinâmica do Jardim-Escola e demonstra motivação e interesse pelas diversas atividades.

1.8.3. Caracterização do espaço

A sala do Bibe Castanho é ampla e bem iluminada, com bastantes janelas com vista para o recreio. As paredes encontram-se decoradas com trabalhos realizados pelos alunos e apontamentos feitos para eles pela professora. A parede oposta à das janelas tem espaço para a arrumação do material da sala e os *dossiers* dos alunos. A um canto da sala a professora tem a Cartilha Maternal no caso de algum aluno ter dúvidas, ou no caso de ainda não terem chegado ao final da Cartilha aquando o início do ano letivo.

Existe também um armário com jogos e livros que os alunos podem usar sempre que têm tempo livre, ou levar para o recreio, desde que devidamente autorizados pela professora.

Na parede oposta à dos quadros encontram-se dois quadros de cortiça para exposição dos trabalhos dos alunos e os cabides dos alunos, quando chegam ao Jardim-Escola os alunos dirigem-se à sala para depositar os seus pertences e voltam para o salão para participarem no Acolhimento.

Cada aluno tem a sua carteira e encontram-se agrupados aos pares virados para os quadros. Existem três quadros na sala, dois de ardósia e um quadro interativo, conforme se pode observar na figura 19.

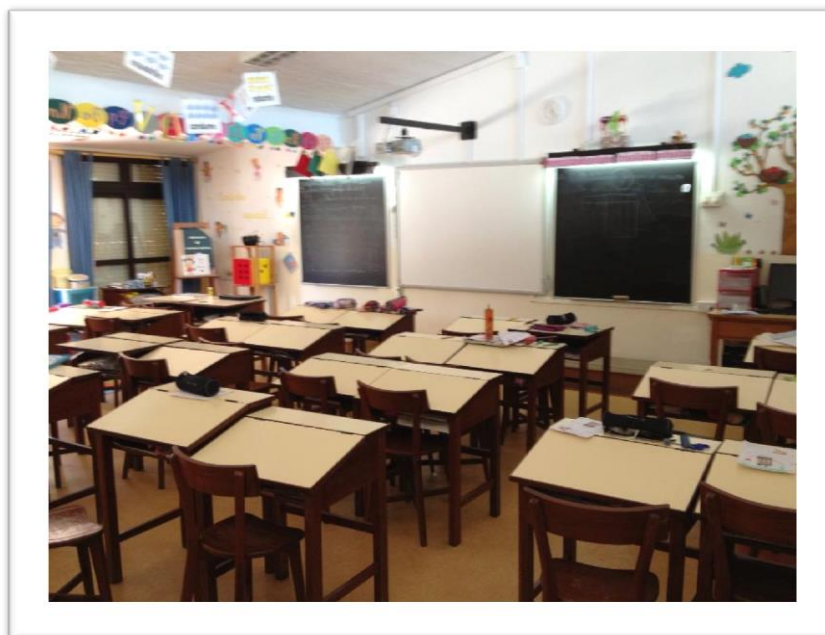


Figura 19 - Sala do 1.º ano

1.8.4. Rotinas

O acolhimento destes alunos é realizado no ginásio, à semelhança das restantes turmas onde todas as crianças participam ativamente nos jogos e convivem uns com os outros.

Depois do acolhimento e antes de se dirigirem à sala os alunos vão à casa de banho para o seu primeiro momento de higiene. Quando terminam o recreio e antes do almoço retornam à casa de banho para novos momentos de higiene. Sempre que algum aluno precisa pede à professora para ir à casa de banho, normalmente é sempre aceite o pedido.

Nesta sala como existem muitos alunos que não cumprem com o horário de entrada às 9 horas, a professora optou por criar uma rotina de 30 minutos todos os dias onde os alunos resolvem as fichas em atraso. Em todas as salas existe uma capa de fichas em atraso que os alunos no seu tempo livre terminam, mas esta foi a única sala em que observei uma rotina de realização de fichas.

Às 11h e durante 30 minutos os alunos brincam livremente no espaço exterior, que é partilhado por todos os alunos do primeiro ciclo. Durante o recreio as crianças fazem um pequeno lanche constituído por algumas bolachas ou uma peça de fruta.

O almoço ocorre às 13 horas no refeitório da escola em conjunto com o restante 1.º ciclo.

1.8.5. Horário do 1.º ano

Quadro 9 - Horário do 1.º ano

Horas	2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira
9h - 10h	Português	Matemática	Português	Matemática	Português
10h - 11h	Português	Matemática	Português	Matemática	Português
11h - 11h30m	Recreio				
11h30m - 12h	Matemática	Português	Matemática	Português	Matemática
12h - 12h50m	Matemática	Português	Matemática	Português	Ed. Física
13h - 14h30m	Almoço				
14h30m - 15h20m	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Música	Estudo do Meio
15h20m - 16h10m	Inglês	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Expressão plástica	Estudo do Meio
16h10m - 17h	Estudo do Meio (experiência)	Formação Cívica	Jogos de Matemática		Assembleia de Turma
17h	Saída				

1.8.6. Relatos diários

Sexta-feira, 4 de maio de 2012

Depois da rotina habitual a professora realizou com os alunos um ditado musical. Terminado o ditado, fizeram a cópia de um texto com lacunas, do quadro, sobre a mãe, em que as lacunas tinham que ser preenchidas com as características da própria mãe (a cor dos olhos ou do cabelo).

Quando terminaram a cópia foram para o intervalo e, findo este, tiveram uma aula de Educação Física.

Inferências e fundamentação teórica

Durante esta aula houve um aluno que, por várias vezes, interrompia a professora, ora com questões, ora com comentários e, por vezes, com assuntos que pouco ou nada tinham a ver com o que se estava a tratar. Ao longo do meu tempo de estágio no 1.º ano pude observar momentos de desafio do aluno perante a professora,

que, por vezes, tinha dificuldades em se impor, no entanto observei também um enorme carinho entre os dois.

Azcue (2012, p.43) defende ser importante a disciplina como um “elemento para facilitar as relações interpessoais e o processo de aprendizagem”.

O mesmo autor (2012, p.44) defende que “a disciplina e as regras são estruturantes e fundamentais no desenvolvimento psíquico das crianças e dos adolescentes, logo essenciais numa escola”. Refere ainda que é importante a definição de normas e uma aplicação consistente das mesmas e, principalmente, de um “esforço cooperativo entre pais e escola” (p.47) que pode, por vezes, tornar-se difícil caso tenham ideias divergentes sobre o assunto.

Neste caso específico, a professora e o pai, marcavam regularmente reuniões e falavam no acolhimento das crianças, para poderem orientar o comportamento do aluno. No final do meu estágio nesta sala já notava melhorias no seu comportamento.

Segunda-feira, 7 de maio de 2012

Na primeira parte da manhã a professora começou com a área de Português, distribuiu uma folha onde os alunos escreveram o cabeçalho (como na maioria dos estabelecimentos de educação é constituído pelo nome da escola, data e nome do aluno) e o título do ditongo que iriam trabalhar através de um ditado: ão. A professora ditou ao todo três frases e, terminado o ditado, passou no quadro perguntas de interpretação e gramática, que os alunos copiaram para a folha e responderam.

Na segunda parte da manhã foi distribuído o material de Cuisenaire, um por mesa, com que a professora trabalhou a multiplicação, a divisão, as frações (dobro, triplo, terços e quartos), o cálculo mental e a decomposição de números.

Para a consolidação dos exercícios a professora distribuiu uma ficha, onde os alunos teriam de representar com tiras de papel autocolante indicações de operações Matemáticas. Houve algumas dúvidas, que esclareceu através do quadro interativo. No final da ficha existiam exercícios de ângulos que os alunos tinham que identificar e uma simetria.

Inferências e fundamentação teórica

Nos jardins-escola da associação os alunos do primeiro ano, como já sabem ler e escrever, realizam várias cópias e ditados. O ditado é uma prática onde a criança necessita de prestar atenção às construções gramaticais, que favorece a aprendizagem de vocabulário, desenvolve a audição atenta da criança, ajuda na aprendizagem da ortografia, pontuação e o uso correto das maiúsculas (Condemarin e Chadwick, 1987, p.184).

Existem vários tipos de ditados, tendo a professora optado por um ditado cujo objetivo é a correção de uma dificuldade das crianças, a troca de “ão” por “am”. Esta é uma estratégia de correção que, na minha opinião, funcionou bem pois a professora explicou primeiro como fazer a distinção e, só depois, aplicou o ditado. Numa conversa posterior a professora informou que poucos foram os alunos que realizaram essa troca.

Terça-feira, 8 de maio de 2012

Às 9h30m distribuimos por cada aluno uma caixa do 5.º Dom de Fröbel. A professora orientou os alunos na abertura da caixa e realizaram a construção da igreja. Abordou as características do cubo (faces, arestas e vértices), trabalhou as frações, o cálculo mental. Ainda com o material orientou os alunos na criação de um enunciado de uma situação problemática para uma operação dada. Depois de arrumarem o 5.º Dom, distribuiu pelos alunos uma ficha e pequenas imagens de uma igreja para realizarem um pictograma. Concretizado o mesmo, respondiam a perguntas de interpretação.

Quando voltámos para a sala, os alunos trabalharam Português. Realizaram uma cópia para avaliação, e com esse mesmo texto responderam a questões de gramática.

Aos alunos que iam terminando a professora entregava-lhes folhas com imagens que tinham que descrever.

Inferências e fundamentação teórica

As Metas Curriculares de Matemática (Bilvar, Grosso, Oliveira e Timóteo, 2012) referem que no final do 1.º ano os alunos devem ser capazes de:

2. Recolher e representar conjuntos de dados
 1. Ler gráficos de pontos e pictogramas em que cada figura representa uma unidade.
 2. Recolher e registar dados utilizando gráficos de pontos e pictogramas em que cada figura representa uma unidade. (p.9)

Apesar das orientações dadas pelas Metas nesta Escola, os alunos já se encontram familiarizados com os pictogramas, e no caso deste exercício cada imagem representava não uma, mas sim dez unidades. Os alunos realizam ainda exercícios de interpretação de dados, algo que só é referido nas Metas como algo a alcançar no 2.º ano. Observei durante esta aula o à-vontade dos alunos na realização dos exercícios, mostraram prazer e entusiasmo na sua execução.

A composição é considerada um processo de estruturação de palavras organizadas, com o objetivo de elaborar uma mensagem oral ou escrita (Petrosky citado por Condemarín e Chadwick, 1987, p.209), o tipo de composição trabalhada neste dia foi a descrição, é uma forma tradicional de composição escrita, que se baseia na representação por escrito de uma imagem estática. A principal característica é o emprego de advérbios de lugar, tais como: atrás, perto, à direita, dentro, fora, longe, etc.. Esta composição tem também a particularidade de trabalharem a lateralização, pois através da observação das figuras e a sua posterior descrição, a professora pode recolher informações sobre o desenvolvimento dos alunos nessa área.

Sexta-feira, 11 de maio de 2012

Na primeira parte da manhã a minha colega e eu demos uma aula sobre as medidas de tempo, ou seja as horas. Como material de apoio levamos uma apresentação em *Powerpoint* e uma representação de um relógio em tamanho grande.

Começamos com a apresentação, continha a história da medição do tempo ao longo da história, desde o relógio de sol às ampulhetas e aos relógios atuais. Após essa introdução utilizamos a representação e questionamos os alunos sobre os seus conhecimentos acerca das horas e dos minutos. Depois de conhecermos as suas concepções acerca do tema, introduzimos a matéria e realizamos vários exercícios no relógio, pedindo a colaboração das crianças para marcarem as horas.

De forma a consolidar as aprendizagens, entregamos uma ficha de trabalho que os alunos resolveram.

Depois do intervalo, os alunos tiveram a terminar as fichas que tinham na capa por acabar.

Inferências e fundamentação teórica

Sendo esta a minha primeira aula dada no Bibe Castanho, senti uma grande diferença na forma de comunicação e nas estratégias utilizadas entre o 2.º ano e o 1.º ano do Ensino Básico. Na aula que dei em conjunto com a minha colega, senti um pouco de dificuldades na explicação do tema e do sistema utilizado para a medição do tema. Apesar de ter sido um tema abordado, nas Metodologias de Aprendizagem da Matemática, dadas pelas professoras da Escola Superior à minha turma, é extremamente diferente abordar crianças com 6 anos e explicar-lhes o que nos foi explicado. De qualquer maneira consegui ultrapassar essa dificuldade, e abordar o tema com os alunos, apercebi-me entretanto que as crianças entenderam melhor o que lhes expliquei depois de realizarmos vários exercícios e após repetir várias vezes a organização de um relógio.

De acordo com o Programa de Matemática do Ensino Básico (Ministério da Educação, 2007)

A noção de intervalo de tempo e a percepção de que há acontecimentos que são sequenciais no tempo são adquiridas progressivamente ao longo dos quatro anos. Além disso, os alunos devem ser capazes de comparar a duração de acontecimentos e de utilizar instrumentos para medir o tempo (p.21).

A Escola organiza o seu currículo de forma diferente e apesar de no Programa de Matemática (Ministério da Educação, 2007) e nas Metas Curriculares atrás referidas a aprendizagem da medição do tempo deve-se dividir pelos quatro anos do ensino básico, aqui essa aprendizagem é efetuada no primeiro ano e trabalhada regularmente pelos seguintes anos. Segundo as Metas (Bilvar *et al.*, 2012) no 1.º ano os alunos devem ser capazes de:

5. Medir o tempo

1. Utilizar corretamente o vocabulário próprio das relações temporais.
2. Reconhecer o caráter cíclico de determinados fenómenos naturais e utilizá-los para contar o tempo.
3. Utilizar e relacionar corretamente os termos «dia», «semana», «mês» e «ano».
4. Conhecer o nome dos dias da semana e dos meses do ano. (p.8)

Estes aspetos são trabalhados desde o Bibe Amarelo e reforçados durante toda a infância, é esperado das crianças no Bibe Encarnado já saibam todos estes aspetos e estejam familiarizados com eles.

Ainda de acordo com as Metas no 2.º ano do ensino básico devem ser capazes de:

7. Medir o tempo

1. Efetuar medições do tempo utilizando instrumentos apropriados.
2. Reconhecer a hora como unidade de medida de tempo e relacioná-la com o dia.
3. Ler e escrever a medida de tempo apresentada num relógio de ponteiros, em horas, meias horas e quartos de hora.
4. Ler e interpretar calendários e horários. (p.14)

E no 3.º ano devem ser capazes de:

6. Medir o tempo

1. Saber que o minuto é a sexagésima parte da hora e que o segundo é a sexagésima parte do minuto.
2. Ler e escrever a medida do tempo apresentada num relógio de ponteiros em horas e minutos.
3. Efetuar conversões de medidas de tempo expressas em horas, minutos e segundos.
4. Adicionar e subtrair medidas de tempo expressas em horas, minutos e segundos. (p.21)

Todos estes aspetos, com excepção do ponto três “Efetuar conversões de medidas de tempo expressas em horas, minutos e segundos” e do ponto quatro “Adicionar e subtrair medidas de tempo expressas em horas, minutos e segundos”, são introduzidos no 1.º ano e trabalhados e aprofundados nos restantes anos, os dois pontos referidos anteriormente (dependendo do contexto da turma) são introduzidos no final do 1.º ano ou no início do 2.º ano.

Na minha opinião não encontro nenhum inconveniente nesta alteração ao Programa e às Metas, os alunos mostraram-se capazes de acompanhar a matéria e com maturidade suficiente para a compreender. No entanto, compreendo o porquê do Programa e as Metas terem sido criadas desta forma, é necessário observar o contexto do país, em que na maioria das escolas públicas os alunos não se encontravam matriculados no Pré-Escolar sendo, consequentemente, alunos completamente diferentes em termos de desenvolvimento mental e motor dos alunos desta Escola.

Segunda-feira, 14 de maio de 2012

Tinha combinado com a professora neste dia dar uma aula de Matemática, de forma a estabelecer relações e treinar quais as estratégias que melhor funcionam com a turma. Os alunos realizaram a rotina das fichas que tinham em atraso até às 9h30m, altura em que iniciei a minha aula, tinha como tema a introdução dos sólidos geométricos.

Partindo de uma apresentação em *Powerpoint* e sólidos geométricos em madeira introduzi a matéria, pedindo a colaboração dos alunos com os seus conhecimentos, abordei as semelhanças e diferenças entre os sólidos e as figuras geométricas e as suas características.

Conclui a aula com uma proposta de trabalho, onde os alunos preenchem uma tabela com as características dos sólidos.

Terminado o intervalo a professora leu um texto e escreveu no quadro perguntas de interpretação e gramática, no final realizaram uma cópia.

Inferências e fundamentação teórica

Gostei imenso de dar a aula e aprendi bastante sobre os alunos. Devemos ter em conta que somos apenas estagiárias e que apesar observarmos a professora a dar a sua aula não é o mesmo que estarmos em frente à turma e sermos nós a lidarmos com os alunos, a dialogar com eles e a ensinar-lhes a matéria. O tempo que estagiamos com cada grupo é escasso tornando difícil estabelecer a relação necessária com os alunos para uma aprendizagem 100% bem-sucedida.

De acordo com as Metas Curriculares de Matemática (Bilvar *et al.*, 2012) para o 1.º ano é importante os alunos reconhecerem e representarem as formas geométricas, os objetivos a alcançar são:

6. Identificar, em objetos e desenhos, triângulos, retângulos, quadrados, circunferências e círculos em posições variadas e utilizar corretamente os termos «lado» e «vértice».
7. Representar triângulos e, em grelha quadriculada, retângulos e quadrados.
8. Identificar cubos, paralelepípedos retângulos, cilindros e esferas. (p.7)

Este tipo de aprendizagens é necessário para uma estimulação eficaz das capacidades espaciais dos alunos.

Terça-feira, 15 de maio de 2012

Foram distribuídas fichas onde os alunos descreveriam com quatro frases uma imagem. Terminado o exercício a professora escreveu vários exercícios gramaticais no quadro de ardósia para os alunos copiarem e realizarem.

De forma a podermos treinar as nossas capacidades a professora sugeriu que realizássemos, a minha colega e eu, um ditado mudo com os alunos.

Um pouco antes do recreio os alunos foram até ao ginásio para assistirem a uma apresentação da empresa Açores. Esta atividade tinha como objetivo dar a conhecer o arquipélago dos Açores e as suas ilhas, como material de apoio utilizaram cartazes, vídeos e uma apresentação em Powerpoint.

Após a atividade realizaram o recreio, quando voltaram para a sala, a professora entregou aos alunos uma ficha com operações de multiplicação, divisão e subtração, situações problemáticas e numeração romana. Os alunos que terminassem faziam a tabuada do 5.

Inferências e fundamentação teórica

Existem diversos tipos de ditado, em voz alta, o mudo, o musical, de palavras, de figuras, etc. No ditado mudo o professor escreve no quadro uma palavra, ou frase, deixa durante uns momentos para os alunos lerem e de seguida apaga, apenas nessa altura os alunos podem escrever o que leram.

Jean (2000, p.109) estabelece algumas regras na realização de ditados em voz alta, que “aquela ou aquele que dita, lê o texto três vezes: uma primeira vez, na totalidade, uma segunda vez, por excertos (...) uma leitura final do texto todo”. Na sua opinião quando se realiza um ditado em voz alta o professor deve ler o texto todo e só depois ditá-lo por excertos, esses excertos devem ter em consideração as capacidades dos alunos, e no final realiza uma leitura final para os alunos acompanharem e corrigirem algo, se necessário. Condemarín e Chadwick (1987, p.185) acrescentam que o professor deve ainda “escrever no quadro-negro o vocabulário que oferece dificuldade (...) semântica ou ortográfica” e no final entregar aos alunos uma cópia do texto ou escreve-lo no quadro de forma a que os alunos “controlem seus acertos e erros ortográficos”. Este tipo de atividade implica que os alunos leiam com atenção o texto e estimula a sua consciência ortográfica. Ainda de acordo com Jean (2000, p.110) o ditado ajuda na aquisição ou melhoria da ortografia.

Considero os ditados importantes para a melhoria da consciência fonológica dos alunos, da associação de fonemas com grafemas e da ortografia, acho importante a utilização de diferentes ditados, evita-se o aborrecimento dos alunos e inspira-se o desafio e a motivação.

Sexta-feira, 18 de maio de 2012

A manhã começou com a área de Português, em que os alunos realizaram exercícios de transformação de frases da forma negativa para a forma positiva. Terminados os exercícios a minha colega iniciou a sua aula em que o tema era o euro.

Distribui por cada aluno notas e moedas e depois explicou a história das moedas e as proporções entre cêntimos e euros. A pares, pediu que resolvessem situações problemáticas de simulação de compra com troco.

A seguir ao recreio os alunos realizaram uma ficha de consolidação da matéria dada.

Inferências e fundamentação teórica

Permitir aos alunos o manuseamento de moedas e notas é uma estratégia que lhes agrada, de acordo com as Metas Curriculares da Matemática (Bilvar *et al.*, 2012) no domínio da Geometria e Medida do 1.º ano devem conseguir:

6. Contar dinheiro

1. Reconhecer as diferentes moedas e notas do sistema monetário da Área do Euro.
2. Saber que euro é composto por cêntimos.
3. Ler quantias de dinheiro decompostas em euros e cêntimos envolvendo números até 100.
4. Efetuar contagens de quantias de dinheiro envolvendo números até 100, utilizando apenas euros ou apenas cêntimos.
5. Ordenar moedas de cêntimos de euro segundo o respetivo valor. (p.8)

A abordagem à contagem de dinheiro com recurso a situações problemáticas com material alternativo foi interessante, Caldeira (2009b, p.103) define a resolução de problemas como “uma tentativa, para resolver questões não estruturadas, para as quais não existe uma técnica específica, em que se pretende descobrir um caminho que leve a uma ou várias soluções, através de operações mentais”, o facto de ter usado as notas e moedas resultou num forte exercício mental para os alunos, pois exigia uma elasticidade mental que necessitam de trabalhar.

A aula da colega foi bastante interessante e interativa, o facto de ter abordado a resolução de problemas com manuseamento de dinheiro foi enriquecedora para os alunos e, simultaneamente, esclareceu muitas dúvidas, que as crianças iam colocando.

Segunda- feira, 21 de maio de 2012

Como habitual enquanto a turma não se encontrava completa, a professora colocou os alunos a realizarem as fichas em atraso. Uma das fichas que alguns alunos se encontravam a preencher, consistia na descoberta de erros nas imagens (uma cadeira só com três pernas, etc.), os alunos tinham de descrever o que havia de errado na imagem.

Quando a turma se encontrava completa distribuiu por cada par de alunos uma caixa de Calculadores Multibásicos. Realizou vários exercícios na base 6, 7 e 10, trabalhou as operações com e sem transporte e a leitura de números por classes e ordens.

Foi distribuída uma ficha pelos alunos, nessa encontrava-se uma imagem que representava uma subtração nos calculadores, o objetivo era que os alunos pintassem a representação do resultado. Tinham ainda de escrever a leitura do resultado por classes e ordens, identificar o algarismo de maior e menor valor absoluto e relativo, ler o número até as centenas de milhar e resolver várias operações.

Inferências e fundamentação teórica

O uso dos Calculadores Multibásicos é bastante comum devido ao seu variado interesse pedagógico, de acordo com Caldeira (2009b, p.188) o material permite a

i) Exploração de atributos; ii) Associação e comparação; iii) Contagem de quantidades; iv) Ordenação; v) Jogos em várias bases; vi) Compreensão do sistema decimal; vii) Leitura de números inteiros; viii) Introdução da base decimal (e actividades com outras bases); ix) Operações aritméticas (e provas); x) Situações problemáticas.

O uso deste tipo de materiais, segundo Alsina (2004, p.33) “facilita a compreensão tanto do significado das operações numéricas como das relações que existem entre essas operações”, e cita ainda Canals referindo que os exercícios e as situações problemáticas deverão “trabalhar-se de forma sistemática e gradual (...) tendo em conta o princípio da dificuldade crescente” (p.32).

Devido a todas essas vantagens e tendo em conta esse princípio, este é um material de enorme interesse pedagógico e que trás imensos benefícios para os alunos.

Segunda-feira, 28 de maio de 2012

A professora começou a manhã com uma ficha de Matemática, nesta os alunos tiveram de resolver várias operações e frações.

Terminada essa ficha a professora foi distribuido pelos alunos as Calculadoras Papy. Trabalhou as classes e as ordens e diferentes representações de quantidades: colocava as peças e os alunos identificavam a quantidade representada, indicava a quantidade e os alunos representavam com as peças. Depois de diversos exercícios, a professora propôs o desafio de representarem o dobro de uma quantidade já colocada na placa. Só depois de os alunos tentarem de várias formas, com a professora a orientar e respeitando as regras das calculadoras, é que a professora explicou o procedimento correto. De forma a consolidar o aprendido, entregou aos alunos fichas de trabalho com a imagem da Calculadora Papy para realizarem exercícios escritos.

Terminado o intervalo a professora distribuiu um texto, realizou a leitura modelo e, no final, pediu a alguns alunos para repetirem a leitura. De seguida, entregou aos alunos uma folha para copiarem um texto e, por baixo, as perguntas de interpretação e gramática que ia passando no quadro.

Inferências e fundamentação teórica

Na área de Matemática a professora começou a aula baseada na técnica do ensino pela descoberta, de uma maneira simplista significa que o professor orienta e os alunos descobrem. É uma técnica que segundo Haigh (2008, p.120) nem sempre pode ser utilizada porque “às vezes temos de dizer aos alunos os factos da questão diretamente e isto é totalmente apropriado para muitos aspectos do nosso ensino” refere também que se envolvermos ativamente os alunos na aprendizagem do conhecimento eles têm mais probabilidades de retê-lo e compreendê-lo.

Ao longo das aulas que observei neste ano pude constatar em vários momentos que a professora utiliza várias estratégias de ensino conforme o objetivo que pretende alcançar e vai adaptando a sua atitude dependendo do aluno com quem interage e de acordo com a predisposição da turma. Quem interage diariamente com um grupo de

crianças facilmente se apercebe que existem certas atividades que podem correr bem num dia, enquanto que noutro seria impensável sequer implementá-las, é por isso imprescindível um professor saber avaliar a sua disposição no início da manhã e adaptar as suas atividades à turma.

Terça-feira, 29 de maio de 2012

A professora começou a manhã com uma banda desenhada, foi realizada a sua leitura e a interpretação e análise gramatical foi feita através de exercícios escritos.

A meio da manhã foi-nos sugerido pela professora a introdução do EGA, ou seja, a classificação das palavras quanto à sílaba tónica. Utilizamos uma apresentação em *Powerpoint* para contar uma história, a minha colega deu a regra da sílaba forte e explicou a realização da divisão silábica, as palavras foram previamente escolhidas de forma a poderem ser utilizadas com o EGA. Eu continuei a aula a partir deste ponto, expliquei o EGA e a classificação das palavras, pedi depois aos alunos para encontrarem no texto palavras e que as classificassem. No final da aula a professora distribuiu pelos alunos uma ficha de consolidação.

Depois do intervalo foi entregue uma ficha de Matemática para trabalharem o triplo e a metade, a leitura de números e a representação do tempo e situações problemáticas com todas as operações.

Inferências e fundamentação teórica

Durante a aula tive oportunidade de esclarecer algumas dúvidas que os alunos tinham ainda na divisão da palavra em sílabas. Freitas, Alves e Costa (2007, p.14) defendem que o treino da consciência silábica e fonémica deve ser feito logo que as crianças entram na escola pois “as crianças portuguesas (...) revelam um fraco ou inexistente desenvolvimento da consciência fonémica à entrada na escola”. No caso destes alunos já dominavam os fonemas mas, ainda precisavam de trabalhar as sílabas, ensinamos ainda vários truques para dividirem corretamente as palavras em sílabas e para tomarem consciência da sílaba tónica e poderem classificá-la.

Sexta-feira, 1 de junho de 2012

Neste ano o dia da criança calhou a uma sexta-feira, tendo isso em atenção a diretora da escola, em conjunto com as educadoras e professoras, organizou diversas

atividades lúdicas para os alunos. As crianças passaram grande parte do dia no recreio onde foi colocado um insuflável de futebol humano. Foi pedida a colaboração das estagiárias para ficarem a supervisionar vários jogos dispersos pelo recreio, eram eles: o jogo do saco, saltar à corda, jogos de arcos, jogo da macaca, jogo da corda e futebol.

Durante a tarde puderam ainda visionar um filme.

Inferências e fundamentação teórica

Durante este dia as crianças tiveram a possibilidade de escolher quais os jogos em que queriam participar, Serrano (1990) refere que

É através do jogo que a criança descobre o mundo que a rodeia, se integra no sociedade e com ela se relaciona e, principalmente, realiza as suas experiências. A criança aprende jogando e dessa forma o jogo vai influenciar decididamente a sua personalidade. (p.85)

A possibilidade de contacto entre as várias faixas etárias dos alunos e os jogos que realizaram em conjunto permitiu-lhes socializar com outros colegas e lidar com as suas diferenças. Houve momentos em que surgiam alguns conflitos que foram rapidamente solucionados, este tipo de situações ao longo do tempo e desde que corretamente mediadas são benéficas para a construção da personalidade das crianças.

Segunda-feira, 4 de junho de 2012

Como habitual enquanto aguardavam a chegada dos colegas os alunos foram realizando fichas em atraso.

Às 9h30m foi distribuída pelos alunos a Prova de Português que ficaram a realizar até ao intervalo.

Depois do intervalo a professora escreveu no quadro operações que os alunos copiavam para a folha e realizavam, quem terminasse antes da hora de almoço realizavam a tabuada do 3 e do 5.

Inferências e fundamentação teórica

Durante a prova houve alunos que realizaram rapidamente os exercícios pedidos e outros que se demoraram e acabaram por deixar por resolver um ou outro exercício.

É importante ter em atenção que por vezes os alunos não resolvem rapidamente um exercício não por não o saberem resolver mas sim por não conseguirem compreender o enunciado. Meirieu (1998) refere que

tratando-se de um exercício, temos de estar atentos, por um lado, às dificuldades surgidas a partir de uma leitura deficiente da instrução ou do enunciado e, por outro, às que sobrevêm da incapacidade de resolução e procurar, e encontrar, a informação e o material úteis. (p.69)

É imprescindível chamar a atenção dos alunos para realizarem uma leitura atenta do enunciado de forma a perceberem o seu significado e o que está a pedir que façam de forma a realizarem corretamente o exercício.

Terça-feira, 5 de junho de 2012

Neste dia a minha colega deu uma manhã de aulas, com os seguintes temas: na área de Português os determinantes artigos definidos e indefinidos, para; na de Matemática tinha que utilizar um material manipulável e no de Estudo do Meio o tema era o ciclo da água.

Iniciou com a área de Português onde leu um texto um texto sobre o ciclo da água. Através de uma frase retirada do texto introduziu a matéria, como exercício distribuiu um envelope que continha uma frase que os alunos tinham de ordenar e colar numa folha, de seguida tinham que circundar os determinantes artigos definidos de uma cor e os indefinidos de outra cor.

Na área de Matemática utilizou o 5.º Dom de Fröbel, e sem dizer qual a construção que iriam realizar, foi dando pistas para realizarem a construção do peixe. As pistas consistiam em operações que os alunos tinham que realizar de forma a saberem quais as peças a colocar.

Finalmente, na área de Estudo do Meio explicou o percurso e os conceitos inerentes através de uma maquete e imagens. Para concluir realizou uma experiência mostrando os estados por que a água passa ao realizar o seu ciclo.

Inferências e fundamentação teórica

Durante a manhã de aulas a minha colega teve um bom desempenho e a soube conduzir a aula. Achei que a experiência foi uma estratégia bem-sucedida para a conclusão da aula e a total compreensão dos alunos acerca dos efeitos da

temperatura sobre a água que se encontram interligados com o tema. Segundo Ferreira e Nogueira (2005, p.7):

a atividade científica é um lugar privilegiado de articulação entre prática e acção e entre reflexão e conceptualização. É assim natural para as crianças a aprendizagem das ciências da natureza com base num método experimental que as implica diretamente e lhes permite pouco a pouco o acesso aos conceitos científicos.

A conclusão da aula foi um pouco apressada, mas a minha colega conseguiu realizar uma pequena reflexão com os alunos sobre a experiência e onde se realiza cada transformação de estado. Os alunos gostaram de observar as transformações e de compreender o porquê da mudança.

Sexta-feira, 8 de junho de 2012

Para esta manhã de aulas a professora tinha combinado com a professora de Expressão Plástica a sua ida para os alunos terminarem a decoração do vaso de manjerico. Até à chegada dessa professora os alunos ficaram a realizar as fichas em atraso.

Depois da professora de Expressão Plástica terminar a atividade com os alunos a minha colega deu uma aula com o material de Cuisenaire onde, com uma história, trabalhou o valor das peças, o dobro, a dezena e a meia dezena, a dúzia e a meia-dúzia e a adição e subtração.

Antes da hora de almoço ainda tiveram cinquenta minutos de Educação Física.

Inferências e fundamentação teórica

O uso de materiais manipulativos está ligado ao jogo pois são materiais fisicamente apelativos às crianças pelas suas cores e forma. O primeiro contacto das crianças com o material deve ser de forma lúdica de forma a poder explorá-lo livremente, de acordo com Alsina (2004, p. 6) a utilização de materiais matemáticos está intrinsecamente ligado com o jogo que se for utilizado “de forma programada e sistemática poderá ajudar os alunos a interiorizar conhecimentos matemáticos que, com uma metodologia expositiva e magistral, passariam com mais dificuldade”. Apesar das crianças jogarem porque o jogo é um prazer em si mesmo, o facto de os professores o utilizarem como estratégia é o facto de que permite a resolução de problemas simbolicamente e mobiliza vários processos mentais.

As aulas de Educação Física são extremamente importantes durante o desenvolvimento das crianças, segundo o Programa de Expressão Físico-Motora estas aulas têm como objetivos ao longo do 1.º ciclo do ensino básico,

- (i) Elevar o nível funcional das capacidades condicionais e coordenativas: Resistência Geral; Velocidade de Reacção simples e complexa de Execução de acções motoras básicas, e de Deslocamento; Flexibilidade; Controlo de postura; Equilíbrio dinâmico em situações de «voo», de aceleração e de apoio instável e/ou limitado; Controlo da orientação espacial; Ritmo; Agilidade.
- (ii) Cooperar com os companheiros nos jogos e exercícios, compreendendo e aplicando as regras combinadas na turma, bem como os princípios de cordialidade e respeito na relação com os colegas e o professor.
- (iii) Participar, com empenho, no aperfeiçoamento da sua habilidade nos diferentes tipos de actividades, procurando realizar as acções adequadas com correcção e oportunidade. (p.39)

Para as crianças estes momentos são relaxantes e quebram a rotina de sala de aula, permitindo o gasto de energias e consequentemente permitindo uma melhor concentração quando voltam para a sala.

Segunda-feira, 11 de junho de 2012

Este dia foi reservado para a revisão de matéria, pois todo o conteúdo do programa já tinha sido cumprido. Realizaram várias fichas sobre a matéria abordada ao longo do ano.

Depois do intervalo dei uma aula avaliada pela diretora do Jardim-Escola, tinha como tema de Matemática a construção do castelo com o 5.º Dom de Fröbel, em Português trabalhei os determinantes artigos definidos e indefinidos, em Estudo do Meio dei os movimentos de rotação e translação.

Iniciei a aula com a área de Estudo do Meio, utilizei uma apresentação em *Powerpoint* com imagens e vídeos e um material didático constituído por bolas insufláveis de vários tamanhos que representam os nove planetas, a Lua e o Sol do sistema solar, desse material utilizei apenas o Sol e o planeta Terra. Durante o *Powerpoint* questionei as crianças sobre o que sabiam acerca dos movimentos e as suas consequências, se achavam que era o Sol que andava à volta da Terra ou o inverso, porque é que havia alturas do ano que fazia calor e outras vezes frio. Depois de ouvir as suas respostas e questionar as suas razões expliquei como se processavam os movimentos. Com o material didático chamei a atenção dos alunos para a diferença de tamanhos, de forma a melhor compreenderem os movimentos pedi a ajuda de dois alunos e orientei cada um na representação dos movimentos e de seguida dos dois em simultâneo.

De seguida passei para a área de Português onde realizei a leitura modelo de uma poesia e de seguida fiz algumas perguntas de interpretação. Pedi aos alunos para ordenar uma frase que se encontrava dentro de um saco que tinha entregue previamente e realizamos a sua análise, no final fizemos uma revisão dos determinantes artigos definidos e indefinidos.

Fiquei com o conteúdo de Matemática por lecionar pois durante a aula de Estudo do Meio não fiz uma correta gestão do tempo.

Inferências e fundamentação teórica

Durante todas as minhas aulas programadas questiono sempre os alunos sobre os seus conhecimentos da matéria, tendo esses conhecimentos por base reestruturo os seus conhecimentos e completo-os, por outras vezes corrigo pois são conceções erradas sobre o tema.

Nesta manhã de aulas não consegui respeitar o tempo da minha planificação, era a primeira vez que o tema era abordado neste ano e as crianças sentem um enorme fascínio pelo Universo, sendo portanto um tema que as excita e pelo qual têm enorme curiosidade.

De acordo com Arends (1995, p.80) “um dos problemas mais difíceis encarados pelos professores é o de saber quanto tempo é «necessário». (...) isso depende do conhecimento das capacidades e aptidões dos alunos, assim como da tarefa particular de aprendizagem”.

O facto é que a minha planificação não contava com esse fascínio e as questões que os alunos colocavam sobre o tema eram imensas, além de que o próprio tema é difícil das crianças compreenderem pelo abstrato. No entanto, tenho consciência que como era uma aula avaliada e cronometrada deveria ter-me cingido ao plano e dito às crianças que numa outra aula responderia às suas questões. Por outro lado adorei o entusiasmo que as crianças tinham sobre o tema e gostei imenso de puder satisfazer a sua curiosidade, são estes momentos que um professor deve aproveitar para dar a conhecer a matéria aos alunos, o seu entusiasmo e infindáveis questões mostraram-me que estavam interessadas e motivadas para aprender.

Terça-feira, 12 de junho de 2012

A manhã iniciou-se com a área de Português, a professora realizou a leitura modelo de um texto e “passou” no quadro perguntas de interpretação e de gramática que os alunos por sua vez copiaram para as suas folhas e realizaram.

Depois dos exercícios “dei” a aula de Matemática que não consegui no dia anterior. Com uma apresentação em *Powerpoint* orientei a construção do castelo, através dessa construção trabalhei as frações e duas situações problemáticas.

Durante a minha aula ocorreu um simulacro, onde a professora orientou os alunos nos corretos procedimentos a realizar, quando terminou o simulacro e os alunos voltaram para a sala terminei a minha aula.

Quando voltaram do intervalo a professora deu aos alunos operações com diferentes níveis de dificuldade.

Inferências e fundamentação teórica

Apesar de não ser muito comum a abordagem das frações no 1.º ano do ensino básico é importante que as crianças trabalhem as frações simples. As Normas (National Council of Teachers of Mathematics [NCTM], 2007, p.95) referem que nestas idades devemos abordar as frações simples através da associação a situações do dia-a-dia, expressando-as através de uma linguagem simples. Referem ainda que “as experiências informais (...) irão ajudar ao desenvolvimento das bases de uma aprendizagem mais aprofundada”.

Durante a aula fui estimulando a imaginação das crianças criando em conjunto uma história sobre quem viveria no castelo e através dessa história contextualizei duas situações problemáticas envolvendo os conceitos de meios, terços e quartos. Considero pertinente referir que as crianças mostraram-se motivadas, atentas e entusiasmadas ao trabalhar com este material, isso mostrou que a professora introduziu este material de forma lúdica, divertida e que estimulasse as crianças a gostarem de trabalhar com este material.

Sexta-feira, 15 de junho de 2012

Para este dia tinha planeado com a professora leccionar a minha manhã de aulas, comecei por Português onde li através de uma apresentação em *Powerpoint* a história do livro “Adivinha o quanto eu gosto de ti” de Sam McBratney, de seguida e

utilizando palavras retiradas da história abordei novamente a classificação das palavras quanto à sua acentuação e expliquei o EGA. Realizei com os alunos uma ficha de exercícios de classificação de palavras.

Na aula da área de Matemática realizei várias situações problemáticas utilizando como material de apoio os Calculadores Multibásicos.

Na aula da área de Estudo do Meio explorei o tema de materiais que flutuam ou não na água através da realização de uma experiência, antes da experiência entreguei uma ficha para os alunos apontarem o que achavam que iria acontecer, dessa forma pude perceber as concepções alternativas existentes na turma relativamente à flutuação de objetos. Ao longo da experiência os alunos foram apontando os resultados, para concluir expliquei o porquê de alguns objetos flutuarem e outros não, abordei ainda a capacidade da moldagem de um material para que flutue.

Terminada a aula foram para a aula de Educação Física.

Inferências e fundamentação teórica

Resumidamente a experiência consistia na colocação de vários objetos num recipiente transparente cheio de água em frente da turma para poderem observar os resultados da experiência. Martins, Veiga, Teixeira, Vieira, Vieira, Rodrigues e Couceiro, (2007, p. 9) refere que os objetivos desta experiência são “compreender o comportamento dos objectos distintos em líquidos (flutuação/não flutuação) e quais os factores condicionantes de tal comportamento”.

Como existem conceitos inerentes a esta atividade que são demasiado complicados para as crianças compreenderem, criei então uma experiência que abordasse os vários conceitos para que os alunos pudessem comprovar e compreender o que acontece de uma forma simplificada.

É importante abordar as concepções alternativas em todas as aulas e com todas as matérias. As concepções alternativas são, segundo Cachapuz (citado por Martins *et al.*, 2007, p.28), as “ideias que aparecem como alternativas a versões científicas de momento aceites” que são encaradas como “modelos explicativos resultantes de um esforço consciente de teorização”, ou seja, os alunos procuram explicações para fenómenos que nunca lhes explicaram e criam concepções que podem ou não estar incorretas, o professor deve conhecer essas concepções alternativas e corrigi-las ou completá-las.

Segunda-feira, 18 de junho de 2012

Nesta manhã a turma trabalhou um texto, a professora realizou a leitura modelo e os alunos copiaram-no para uma folha enquanto a professora ia “passando” no quadro perguntas de interpretação e de gramática sobre o mesmo texto.

Depois do intervalo a professora de Expressão Plástica voltou à sala para terminar um trabalho, este consistia na colagem e decoração de uma tela com animais de plástico colados, com cola branca, ao gosto de cada criança.

Inferências e fundamentação teórica

Na aula da área de Expressão Plástica a professora trabalhou a colagem, especificamente utilizou a técnica de colagem tridimensional, de acordo com Díez-Hochleitner, García & Sanchudrilán (1997, p. 1209) a colagem “parte de formas isoladas, mais ou menos simples, para chegar a uma composição global (...) e distribuindo de tal forma os elementos que se obtenha uma composição harmoniosa (figurativa ou não)”, já a técnica de colagem tridimensional consiste “em colar qualquer objecto com volume, produzindo a sensação de que o suporte sobressai”.

Este tipo de atividades de expressão plástica desenvolvem a consciência tridimensional nas crianças assim como a paixão pelas artes e a sua própria auto-estima e confiança em si mesmos.

Sexta-feira, 22 de junho de 2012

A primeira parte da manhã foi ocupada com a Área de Projeto, onde cada um dos alunos copiava um excerto de um texto sobre as plantas. Estes excertos iriam ser utilizados para a construção de vários livros sobre os temas que envolvem as plantas.

Após o intervalo a professora escreveu várias operações no quadro e uma situação problemática que os alunos irião copiar para uma folha e concretizarem.

Depois de terminado o trabalho proposto foram para a aula de educação física até a hora de almoço.

Inferências e fundamentação teórica

A Área de Projeto é uma das três Áreas Curriculares Não Disciplinares que foram introduzidas em 2001 no Currículo Nacional do Ensino Básico, sendo as outras

o Estudo Acompanhado e a Formação Cívica, tendo sido introduzidas através do Decreto de Lei n.º 6/2001.

São caracterizadas por serem espaços no horário que são dedicadas ao desenvolvimento de competências e atitudes transversais, sem conteúdos atribuídos. A Área de projecto tem, segundo o Ministério de Educação (2004, p.18) como objetivos a “concepção, realização e avaliação de projectos, através da articulação de saberes de diversas áreas curriculares, em torno de problemas ou temas de pesquisa ou de intervenção, de acordo com as necessidades e os interesses dos alunos”.

Os temas da Área de Projeto foram organizados e coordenados de acordo com o Projeto Educativo da Escola, este projeto tinha como objetivos a aproximação entre as crianças e a natureza.

Segunda-feira, 25 de junho de 2012

Como as aulas já tinham terminado os alunos passaram o dia a brincar ora no recreio ora na sala jogando jogos de tabuleiros ou dirigiam-se ao cantinho da leitura para ler livros. Eu e a minha colega estivemos a construir em esferovite uma árvore para a sala, que iria ser decorada com o tema da Área Projeto.

Inferências e fundamentação teórica

A oportunidade de leitura recreativa deverá ser estimulada e motivada por parte da professora. Ao longo deste momento de estágio observei por várias vezes alunos a lerem livros quando terminavam os trabalhos. Antão (1997, p.9) defende que é necessário revalorizar e revitalizar o exercício da leitura no quotidiano, diz que “é necessário (...) provar que ler é indispensável e que (...) constitui uma actividade nobre que irreversivelmente transmite cultura e saber, desenvolvendo o espírito e formando os cidadãos da aldeia global em que temos de viver e conviver”.

É da responsabilidade do professor a escolha dos livros que compõem a biblioteca da sala que devem ser de acordo com as competências de leitura e de forma a alargar os gostos de leitura dos alunos.

1.9.1. 7.ª Secção: 3.º Ano

Esta secção refere-se ao período de estágio decorrido entre 25 de setembro de 2012 e 16 de novembro de 2012. Decorreu na sala do Bibe Azul Claro referente à faixa etária dos 8 anos, ou seja ao 3.º ano de escolaridade.

1.9.2. Caracterização da turma

Os dados relativos a esta turma foram fornecidos pela professora cooperante. A turma é composta por vinte e nove crianças e todos eles frequentam este Jardim-Escola desde o Bibe Amarelo conhecendo-se desde então e chegam a partilhar atividades fora do ambiente escolar.

Devido ao ritmo de trabalho que lhes foi inculcado em anos anteriores são alunos com um bom ritmo de aprendizagem, motivados e participativos.

Existem cinco alunos que apresentam alguma dificuldade em acompanhar o ritmo dos restantes pois distraem-se facilmente, um desses alunos apresenta também dificuldades ao nível do cálculo matemático tendo por isso apoio e um trabalho individualizado sendo por vezes acompanhada por um adulto. Um outro aluno apresenta dificuldades ao nível da leitura e da escrita e a outro foi diagnosticada dislexia.

1.9.3. Caracterização do espaço

A sala do 3.º ano tem uma boa iluminação natural, mas é pouco espaçosa, sendo essa iluminação providenciada por uma parede com grandes janelas e uma outra com janelas retangulares perto do tecto. A parede onde se encontra a porta de acesso à escola é também onde se encontra o quadro interativo (é este o que a professora utiliza principalmente) e na parede oposta encontram-se os cabides onde os alunos penduram os seus pertences. Ao longo das paredes encontram-se cartazes com o resumo da matéria (Figura 20).

Na outra parede encontram-se os armários de arrumação com os materiais da sala, dossiers e livros dos alunos, assim como um quadro de ardósia e a secretária da professora.

No espaço livre encontram-se dispostas as 29 carteiras, a disposição varia conforme a estratégia de controlo de comportamento da professora.

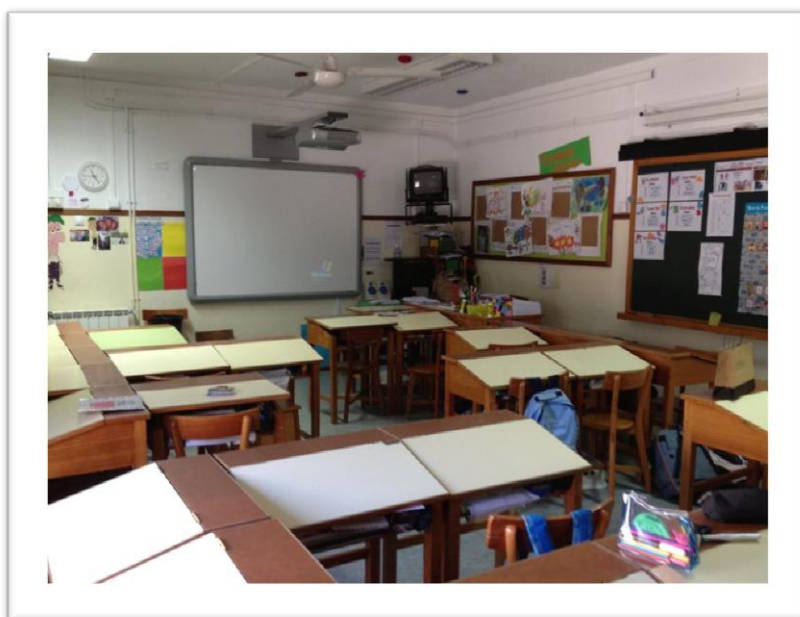


Figura 20 - Sala do 3.º ano

1.9.4. Horário do 3.º ano

O Horário desta turma (Quadro10) foi-nos cedido pela professora responsável.

Quadro 10 - Horário do 3.º ano

Horas	2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira
9h - 10h	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
10h - 11h	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
	Recreio				
11h30 - 12h	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
12h - 12h50	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
13h - 14h30	Almoço e Recreio				
14h30 - 15h20	Estudo do meio	Inglês	Expressão plástica	História	Música
15h20 - 16h10	História	Estudo do meio	Expressão plástica	Ed. Física	Estudo do Meio
16h10- 17h	Ed.Física	Música	Música	Estudo do Meio	Estudo do Meio
17h	Saída				

1.9.5. Rotinas

Como nas restantes turmas o acolhimento dos alunos é realizado no ginásio onde convivem e realizam jogos orientados por uma professora.

O primeiro momento de higiene decorre após o acolhimento referido acima, os alunos dirigem-se à casa de banho quando o terminam, após o intervalo da manhã e antes de se dirigirem para o refeitório para o almoço às 13 horas. É de salientar que sempre que necessitam os alunos, com a autorização da professora, dirigem-se à casa de banho.

Às 11h e durante 30 minutos os alunos brincam livremente no espaço exterior, que é partilhado por todos os alunos do primeiro ciclo. Durante o recreio as crianças fazem um pequeno lanche constituído por algumas bolachas ou uma peça de fruta.

O almoço ocorre às 13 horas no refeitório da escola em conjunto com as restantes turmas do 1.º ciclo do Ensino Básico.

1.9.6. Relatos Diários

Terça-feira, 25 de setembro de 2012

Quando chegaram à sala depois do seu momento de higiene a professora distribuiu um exercício de ditado com um texto lacunar. O texto era a letra de uma canção e ao ouvirem a música tinham que preencher os espaços vazios, a professora repetiu a música três vezes devido à sua dimensão.

Terminado o exercício de ditado reviu com os alunos os seus conhecimentos acerca da classe dos nomes.

Depois do intervalo a professora abordou o tema da leitura de números por classes, ordem e questionou-os sobre os valores absoluto e relativo, por fim pediu que lessem o número até uma determinada ordem.

No final da manhã realizou operações referentes à adição e subtração.

Inferências e fundamentação teórica

Encontrando-se a turma no início do ano é necessário a professora saber o que os alunos aprenderam até ao final do ano passado e o quanto se lembram depois das férias, tendo por isso a professora feito revisões sobre as mais variadas matérias.

Meirieu (1998, p.82) defende que para “uma revisão eficaz é preciso reformular todo o material, voltar a trabalhá-lo, vertê-lo para uma forma diferente, transpô-lo para novos códigos, resumindo, fazer dele algo de novo para poder trabalhar”. Basicamente é necessário transformar a matéria para que as crianças a compreendam melhor e a apreendam totalmente.

Segunda-feira, 1 de outubro de 2012

A manhã começou com a correção de trabalhos de casa de Matemática, consistiam em exercícios de leitura de números, operações e situações problemáticas.

Terminada a correção a professora distribuiu uma caixa do material de Cuisenaire e realizou o jogo dos comboios com os alunos, abordando a adição e partindo para a multiplicação, explicando que para representar uma multiplicação é necessário cruzar as peças.

Foram ao intervalo e quando voltaram realizaram uma proposta de trabalho até à hora de almoço.

Inferências e fundamentação teórica

Nos últimos tempos existe um grande debate sobre os trabalhos de casa, se devem ou não ser aplicados, a sua frequência e a sua quantidade. Existem pedagogos que defendem os trabalhos de casa como Meirieu (1998, p.14) que diz serem “necessários”, mas em “pouca quantidade”, devendo ser mais objetivos e acessíveis de forma a desenvolverem a autonomia, a responsabilidade e a organização, mas que o seu principal objetivo seja aumentar nos alunos o “interesse em aprofundar os seus conhecimentos e o gosto pelo trabalho pessoal”, Villas-Boas (2000, p.5) corrobora dizendo que os trabalhos de casa são importantes pois aumentam “o aproveitamento escolar, em certas circunstâncias relacionadas com o tipo de trabalho de casa e com o tempo de demora da correção”. Concordo plenamente com a opinião dos autores, desde que de uma forma moderada e motivadora os alunos deverão ter trabalhos de casa, mas apenas ao fim de semana.

Nas turmas em que estagiei, até ao momento, observei momentos em que as professoras mandavam trabalhos de casa (na Associação são denominados como “desafios escolares”) mas apenas ao fim de semana. Apesar da Associação e os seus representantes serem da opinião que os alunos deveriam ser dispensados dos

trabalhos de casa foi a pedido de alguns pais que se fez a cedência e as professoras mandam “desafios escolares” para os alunos resolverem durante o fim de semana.

Terça-feira, 2 de outubro de 2012

Durante este dia o 3.º ano foi até ao Castelo de São Jorge onde uma guia contou brevemente um pouco da história de Portugal. A guia optou por encarnar na personagem de D. Afonso Henriques contando toda a história como se fosse o próprio a conta-la.

Inferências e fundamentação teórica

Os alunos do 3.º ano encontravam-se neste momento a estudar a história de D. Afonso Henriques e a formação de Portugal, as professoras levaram então os alunos ao Castelo de São Jorge e ao pequeno museu aí presente. As visitas de estudo a museus, de acordo com Guedes e Moreno (2002, p. 11), são consideradas “uma actividade extra-curricular, devendo, no entanto, acompanhar o curriculum enquanto complemento de formação pedagógica contínua”.

As professoras responsáveis pela organização certificaram-se que os alunos tinham conhecimento de vários assuntos referentes ao Castelo e à vida de D. Afonso Henriques, foram também esclarecendo algumas dúvidas que surgiam aos alunos e tinham planeadas algumas atividades de reflexão sobre a visita aquando a chegada ao Jardim-Escola.

Terça-feira, 9 de outubro de 2012

Para esta manhã as professoras do 3.º ano tinham planeado levar os alunos para o ginásio de forma a realizarem uma experiência sobre o sistema digestivo, para tal antes de se dirigirem para lá reviram toda a matéria sobre esse sistema.

A experiência decorreu normalmente, consistia na reprodução do que acontece aos alimentos ao serem digeridos ao longo do sistema digestivo.

Voltaram para a sala e durante o resto da manhã estiveram a organizar os seus dossiers, tendo interrompido a tarefa para poderem usufruir do recreio.

Ainda antes da ida para o almoço a professora distribuiu pelos alunos a primeira “missão da divisão” que consistia em duas divisões por um algarismo.

Inferências e fundamentação teórica

A “missão” embarca todas as operações e é uma estratégia adotada por várias professoras do Jardim-Escola, neste caso a professora focou-se na divisão pois é, das quatro operações, aquela em que esta turma tem mais dificuldades. De acordo com as Normas (NCTM, 2007, p.173) “do 3.º ao 5.º ano, os alunos deverão continuar a desenvolver o sentido de número, embora com mais ênfase na multiplicação e na divisão” referem ainda que a compreensão das operações deve ser trabalhada a partir de várias situações problemáticas e do “trabalho continuado com números maiores, assim como decimais”. Esta é a regra da “missão da divisão”, começa com operações mais simples e vai aumentando a dificuldade por níveis, mal o aluno consiga resolver facilmente as divisões do primeiro nível passa para o seguinte.

Segunda-feira, 15 de outubro de 2012

Chegados à sala a professora escolheu seis alunos e distribuiu por eles uma folha branca, a cinco deles pediu para escrever um algarismo e um deles seria a vírgula, em conjunto representariam um número decimal. A pedido da professora colocavam-se lado a lado pela ordem que quisessem, mas representando sempre um número decimal. Através de perguntas dirigidas a professora trabalhou com a turma a leitura de números e os algarismos de maior e menor valor absoluto e relativo. No quadro interativo escreveu um número e pediu que os alunos que passassem para a folha e colorissem o algarismo que representasse determinada classe, realizou novamente as várias leituras.

De seguida trabalhou os ângulos e realizaram exercícios de marcação com o transferidor e compasso.

Depois do intervalo realizaram um exercício ortográfico e com o mesmo texto trabalharam os constituintes da frase e a análise sintática.

Antes de se dirigirem para o almoço ainda avaliou os conhecimentos dos alunos da tabuada.

Inferências e fundamentação teórica

Na área de Matemáticas e de acordo com as Metas Curriculares do Ensino Básico para Matemática (Bilvar *et al.*, 2012) o professor deve pedir aos alunos a

“realização de diversas tarefas que envolvem a utilização de instrumentos de desenho e de medida (régua, esquadro, compasso e transferidor, programas de geometria dinâmica), sendo desejável que os alunos adquiram destreza na execução de construções rigorosas e reconheçam alguns dos resultados matemáticos por detrás dos diferentes procedimentos” (p.29).

Pude observar que os alunos não se encontravam à vontade com o uso destes instrumentos (compasso e transferidor), muitos deles referiram que nunca o tinham usado e que mostravam alguma frustração na sua manipulação. O compasso é um instrumento que pode ser usado em várias áreas, na Matemática e em desenho são objetos muito utilizados em diversas situações. É um instrumento indispensável na geometria e se introduzido de uma forma criativa pode ser um instrumento que os alunos apreciem a sua manipulação, deve ser portanto utilizado regularmente em diversas atividades.

Terça-feira, 16 de outubro de 2012

A professora iniciou a manhã com a análise sintática de frases, a minha colega de estágio foi desafiada pela professora a realizar a análise com os alunos do último exercício. Antes do intervalo realizou ainda a introdução dos tipos de sujeito e realizaram exercícios de consolidação.

Quando voltaram do intervalo foi distribuído pelos alunos o 5.º Dom de Fröbel e trabalharam as suas características do cubo e as frações (meios e quartos). Arrumaram o material e a professora distribuiu outra missão da divisão.

Inferências e fundamentação teórica

Durante a aula do 5.º Dom de Fröbel a professora realizou várias equivalências entre as frações e os números decimais, Caldeira (2009b, p.304) refere que os professores no “ensino dos decimais devem incluir experiências informais que relacionem fracções com decimais, de forma que os alunos comecem a estabelecer conexões entre os dois sistemas”, salienta ainda a “equivalência entre quantidades” (2009, p.304). A professora salientou várias vezes a importância destas duas representações e a sua equivalência. É importante, os alunos compreenderem bem

estas duas maneiras de representar uma quantidade, pois no quotidiano encontramos várias vezes estas duas representações.

Sexta-feira, 19 de outubro de 2012

Depois de corrigirem uns exercícios que foram para trabalho de casa a professora levou os alunos até aos autocarros que os levariam até ao teatro Tivoli onde iriam assistir ao musical infantil “Viagem pelo Corpo Humano”. No musical era abordado especificamente o sistema imunitário, sendo a história sobre uma menina que ficou doente.

Inferências e fundamentação teórica

As idas ao teatro nos jardins-escola são bastante comuns dentro da Associação, de acordo com Bastos (1999, p.235) “a ida ao teatro está intimamente relacionada com a vida escolar”. Ao longo do meu estágio conclui que existem opiniões diversas sobre as idas ao teatro entre os alunos, enquanto que alguns adoravam assistir a peças de teatro, outros consideravam uma atividade aborrecida. A professora abordou os alunos numa conversa posterior referindo que devemos respeitar as opiniões de cada um, mas mais ainda o trabalho dos atores guardando essas opiniões para si próprios e conversando mais tarde com os colegas.

A mesma autora refere ainda que é fundamental que os alunos

estejam de alguma forma preparados para o espectáculo a que vão assistir, quer pelo estudo prévio do texto que serviu de suporte ao espectáculo, quer pela leitura do programa do espectáculo, ou por qualquer actividade que o predisponha para o que vai ver (p.236)

Este tipo de preparativos varia de professora para professora, no caso da professora responsável por esta turma, abordou o tema previamente e fez questão que os alunos dessem a matéria referente ao corpo humano que iria ser abordada no teatro de forma a compreenderem completamente o teatro.

Segunda-feira, 22 de outubro de 2012

Durante a primeira parte da manhã os alunos realizaram a prova de Estudo do Meio e História de Portugal.

E depois do intervalo trabalharam os verbos no infinitivo e realizaram uma ficha de exercícios.

No final da manhã todo o 1.º Ciclo do Ensino Básico reuniu-se no ginásio para assistirem a uma atividade, esta consistia na vinda de um contador de histórias. Realizou várias estratégias de conto, contou a história do Chapelinho Vermelho, dramatizou a história da Carochinha recorrendo a um cenário, através de um vídeo mudo animou a história de Os Três Porquinhos.

Inferências e fundamentação teórica

A hora do conto não deve ser considerada como uma atividade reservada para os alunos mais novos, durante a hora do conto pude observar as várias faixas etárias e as suas reações ao conto, as que mais participavam e que pareciam mais fascinadas eram os alunos mais velhos. Albuquerque (2000, p. 30) refere que as crianças mais velhas “vão revelando a tendência generalizada para diminuir os elementos de imaginário, passando a privilegiar progressivamente o real quotidiano, ao mesmo tempo que vão aproveitando mais estas narrativas para transmitir conhecimentos vários” mas apesar dessa tendência defende que “(...) cada vez que uma criança, ouvindo uma história, se envolve naturalmente na enfabulação, vai aprender uma série de mecanismos que o impelem a revê-los, rearranjá-los e a fantasiar sobre ele, de modo a permitir-lhes encontrar respostas para os seus problemas individuais” (pp. 16-17).

Resumindo, apesar de uma tendência crescente para o desaparecimento do imaginário dos “contos de fadas” nas crianças mais velhas, estas ainda podem se envolver num conto e rearranjá-los conforme as suas necessidades e problemas.

Terça-feira, 23 de outubro de 2012

Para este dia foi marcada manhã de aulas da minha colega, como temas tinha na área de Português tinha os quantificadores numerais, no de Matemática tinha o círculo, a circunferência, o raio e o diâmetro e na de Estudo do Meio tinha um jogo de revisão de conceitos dos sistema respiratório e digestivo.

Na aula de Português trabalhou um texto, que era receita de um bolo de iogurte, rica em quantificadores numerais, podendo assim partir para a matéria. Realizaram ainda um exercício consistia em dobrar as quantidades de ingredientes de forma a poderem realizar dois bolos.

De seguida lecionou a aula de Matemática, fazendo a passagem através da forma do bolo, circular. E deu os conceitos referidos acima, numa folha dividida em

quatro partes orientou os alunos na realização de exercícios, a aula foi interrompida a meio pelo intervalo e retomada quando voltaram à sala.

Terminada esta aula a colega dividiu a turma, elegeu chefes de grupo e realizou um jogo de consolidação da matéria dada referente aos dois sistemas mencionados acima. Os alunos tinham de responder às perguntas colocadas pela minha colega, caso acertassem era-lhes entregue uma peça de um puzzle, caso falhassem a pergunta passava a outro grupo, ganhava o grupo que completasse o puzzle primeiro.

Inferências e fundamentação teórica

Para a realização do jogo a minha colega teve que organizar, previamente, a sala de forma a conseguir mais tarde realizar o jogo sem criar tempos mortos e perder tempo na organização da sala. Gregório (citado por Morgado, 2004, p.95) defende a importância de que o espaço de sala de aula seja organizado, facilite a movimentação dos alunos, o acesso fácil aos materiais e a realização de diferentes atividades. Como a sala de aula é pequena para a quantidade de alunos é necessário organizar as carteiras para as diferentes atividades que se vão realizando ao longo do ano.

Morgado (2004, p. 95) defende ainda que os espaços educativos deveriam ser “confortáveis e agradáveis”, permitir a realização de varias atividades em simultâneo, deveriam ser funcionais, fáceis de manter e arrumar por parte dos alunos. Eu concordo com o autor, desta forma o trabalho em sala de aula torna-se mais fácil e o ambiente mais acolhedor.

Sexta-feira, 26 de outubro de 2012

Na primeira parte da manhã os alunos realizaram a prova de Português

Terminada a prova a professora realizou revisões de Matemática e entregou uma ficha de exercícios aos alunos e desafiou-me a corrigir os primeiros exercícios com a turma.

Inferências e fundamentação teórica

A professora depois de esclarecidas as dúvidas existentes para a prova de Matemática entregou uma ficha de exercícios. Os exercícios, segundo Thorndyke (citado por Serrazina, 2002, p.32), assentam em duas teorias, a teoria de tentativa/erro e simultaneamente a repetição de um comportamento, esta deve ser “acompanhada

de resultados positivos, o que remete para a lei do efeito como principal abordagem da aprendizagem” (p.112).

É necessário que os alunos errem e que sejam orientados na descoberta do seu próprio erro, esta descoberta e consciencialização do erro leva ao aumento do sentido de responsabilidade assim como à interiorização dos procedimentos necessários à sua resolução.

Segunda-feira, 29 de outubro de 2012

Neste dia as professoras da Equipa de Supervisão Pedagógica estiveram na Escola. Hoje tive uma aula surpresa, com o tema as áreas com o material Geoplano.

Iniciei a aula com a revisão do conceito de área e estabelecendo com os alunos que um quadrado no geoplano equivalia a uma medida de área. Utilizei várias estratégias em que pedia aos alunos uma figura e eles calculavam a área e o inverso pedia uma figura com “x” unidades de área e os alunos mostravam-me o que tinham realizado. Abordei ainda o conceito de áreas equivalentes e desafiei os alunos a criar no geoplano uma paisagem e a identificar a área de cada uma das figuras.

Terminada a aula e arrumado o material a professora distribuiu a prova de Matemática, tiveram de interromper para irem ao recreio mas foi retomada quando voltaram.

Depois da prova a professora realizou um exercício ortográfico que consistia num ditado musical de preenchimento de lacunas, a música era “Foste tu” de João Portugal.

Às 11h houve a reunião de estágio com todas as estagiárias e as professoras para a avaliação das aulas surpresa.

Inferências e fundamentação teórica

No início da minha aula surpresa senti-me insegura e nervosa pois nunca tinha observado uma professora dar uma aula sobre as áreas utilizando o material Geoplano, por isso foquei-me em tudo o que sabia sobre as áreas e como dá-las com outros materiais e improvisei. Os nervos passaram e a aula correu bem, os alunos aderiram bem aos desafios que lhes propus e mostraram-se entusiasmados com os exercícios.

Serrazina e Matos (1996, p.105) afirmam que “a chave para uma boa compreensão do significado de uma medida está numa boa compreensão do processo envolvido” para isso é necessário dar aos alunos “mais tempo” para “realizar medições utilizando unidades informais”, referem ainda que “esta abordagem inicial vai permitir sedimentar simultaneamente o significado da grandeza que se está a medir (...) e o significado da utilização das unidades”.

Antes de se introduzir as fórmulas de cálculo é necessário os alunos terem plena consciência do que é a área, são frequentes os casos de alunos que posteriormente confundem as fórmulas de perímetro, área e volume. Para evitar essas situações os mesmos autores sugerem que “alunos devem passar por muitas experiências concretas construídas por eles próprios, até chegarem à compreensão da utilização de fórmulas” (p.114).

O objetivo da minha aula foi que os alunos compreendessem o conceito de área e o de áreas equivalentes de forma a não existirem dúvidas no futuro, no entanto tenho consciência que é necessário um trabalho contínuo para eliminar essas dúvidas.

Terça-feira, 30 de outubro de 2012

Na primeira parte da manhã a professora fez a avaliação da leitura dos alunos, utilizando o texto lido interpretaram-no e foi distribuída uma ficha com exercícios gramaticais. Realizaram ainda a cópia do texto trabalhado.

Depois do intervalo a professora aproveitou a minha aula surpresa e depois de rever os conceitos que abordei realizou exercícios práticos de cálculo de área, algo que eu não tinha abordado.

Inferências e fundamentação teórica

As tarefas que a professora distribui diariamente pela turma são adaptadas ao nível médio de aprendizagem dos alunos, à matéria que a professora quer que apreendam e exige capacidades diferenciadas conforme o exercício pedido, neste caso e de acordo Arends (1995, p.114) as tarefas entregues na sala de aula designam “aquilo que é esperado dos alunos e as exigências cognitivas (...) e sociais que lhes são colocadas para poderem completar a tarefa”, estas tarefas ajudam não só os alunos a aprenderem mas também modelam o seu comportamento na sala.

É de salientar o facto de que estas estruturas mudam consoante o tema trabalhado e influenciam os pensamentos e ações dos alunos, assim como estimulam a sua cooperação e envolvimento, é imprescindível que a professora estimule e ensine as estratégias de aprendizagem específicas e apropriadas que os ajudem a resolver essas mesmas tarefas.

Sexta-feira, 2 de novembro de 2012

Devido ao feriado de quinta-feira as professoras fizeram *roulement*, tendo ficado a professora da turma em que estagiamos com ambas as turmas. A professora autorizou os alunos a ligarem os computadores portáteis (Magalhães) para jogarem durante um pouco.

Durante a manhã realizaram um trabalho que consistia em desenharem numa folha A4 uma folha de árvore ao seu gosto para decorarem o trabalho de Área Projeto.

O professor do Clube de Ciências, pediu para dar na parte de manhã a sua aula, uma vez que as duas turmas estavam juntas. O tema da aula foi os sismos, o professor mostrou um *Powerpoint* com várias imagens de sismos, alguns vídeos e como atuar em caso de sismo.

De seguida foram para o ginásio com o professor de música de forma a ensaiar a versão musical dos poemas do livro Bichos, Bichinhos e Bicharocos de Sidónio Muralha que foram gravadas e incluídas numa reedição do livro.

Inferências e fundamentação teórica

O Clube de Ciências é uma atividade extra-curricular que foi inserida em 2003 na Escola. São aulas leccionadas por dois professores que dinamizam aulas abordando a Zoologia, Botânica, Geologia, Ecologia, Paleontologia, Física, Química, Astronomia, Neurociências e Educação Ambiental. Costa (2012, p.11) diz que as aprendizagens desenvolvidas nestas aulas vão de encontro aos Princípios Orientadores da Ação Pedagógica do 1.º Ciclo do Ensino Básico pois são “aprendizagens ativas, significativas, diversificadas e integradas em outras áreas de conteúdo”, refere ainda que os objetivos principais são “o despertar da curiosidade na transversalidade do saber e reconstruir o seu próprio conhecimento”.

Durante estas aulas os professores distribuem protocolos, que desenvolvem o pensamento crítico, e são preenchidos no decorrer da aula. O mesmo autor defende

que nestes momentos são “criadas condições ao estímulo, à problematização e ao questionamento acerca do saber numa aprendizagem construtivista”.

Os alunos nestas aulas aderem bastante bem e mostram-se sempre muito participativos, motivados e atentos. Devido ao seu entusiasmo os professores têm de estabelecer desde o início quais as regras e procedimentos que os alunos devem ter, Arends (1995, p.192) afirma que “é importante que o professor se assegure de que os alunos compreenderam os propósitos de cada regra e da sua fundamentação moral ou prática”. Muitas vezes os alunos não cumprem as regras pois não percebem a razão da sua existência, se o professor de sala explicar claramente o porquê de tal regra o aluno irá perceber a sua importância e cumpri-la, no entanto não se deve mostrar condescendente ou moralista, têm apenas de ser claros e dar explicações úteis que os alunos compreendam.

Segunda-feira, 5 de novembro de 2012

Neste dia de estágio a professora pediu à colega uma aula surpresa com o material de Cuisenaire abordando os conceitos de perímetro e área.

Começou por abordar o perímetro, “deu” o conceito e lembrou o seu cálculo através do material, pediu aos alunos para reproduzirem uma figura que desenhara no quadro interativo e pediu-lhes para calcularem o perímetro, de seguida fez o inverso “deu” o perímetro e os alunos fizeram a figura. Através da fórmula de cálculo do perímetro realizaram alguns exercícios, de seguida utilizou a mesma estratégia para a área, os alunos de seguida foram para o intervalo.

Terminado este distribuímos uma ficha de Matemática com situações problemáticas com áreas e perímetros.

Inferências e fundamentação teórica

Já antes tinha referido a importância dos materiais manipulativos, no caso do ensino (ou revisão) de conceitos como o perímetro, cuja explicação mais simples é “a soma dos comprimentos de todos os seus lados” (Grosso, 2004, p.130) e da área que “é a extensão de uma porção limitada de superfície” (Caldeira, 2009a, p.163), Grosso (2004, p. 28) corrobora o anteriormente mencionado ao defender que “vemos aumentar a nossa eficácia [de ensino] se lhes proporcionarmos [às crianças] actividades associadas à manipulação de objectos, explorando a curiosidade natural dos seres humanos”.

Aborda ainda um outro aspeto ainda não mencionado, quando refere que

contudo, o aumento de eficácia das aprendizagens não é proporcional ao aumento das tarefas de manipulação. Essas tarefas devem ser intercaladas com situações mais reflexivas, com maior esforço de memorização, em que se privilegia a actividade mental, em que se trabalha não com objectos concretos mas antes com representações dos mesmos, dando lugar a um processo de distanciamento do concreto e de aproximação ao abstracto. (p.28)

Resumindo, o autor defende o uso de materiais manipulativos mas sem exagero, tendo isto em atenção a minha colega agiu bem ao introduzir o tema com recurso aos materiais mas partindo depois para uma representação gráfica e cálculo escrito das medições do perímetro e área.

Terça-feira, 6 de novembro de 2012

Esta terça-feira estava reservada para a minha manhã de aulas, tinha como tema para a área de Português os graus dos adjetivos, para a área de Matemática a centésima e para Estudo do Meio tinha que introduzir o sistema circulatório.

Na aula de Português realizei a leitura do texto “O meu irmão é um grande artista” de Alice Vieira e através desse texto revi com os alunos as subclasses dos adjetivos que já conheciam e introduzi as seguintes subclasses dos adjetivos: o superlativo absoluto sintético e o superlativo absoluto analítico. Pedi a alguns alunos para lerem para a turma a ficha informativa que tinha alguns exemplos, esclarecendo todas as dúvidas que surgissem e passamos à prática através da resolução de uma ficha que foi depois entregue e corrigida.

Na aula de Matemática comecei por mostrar uma cartolina onde se encontrava representada a unidade dividida numa face em dez e na outra face dividida em cem a partir do qual expliquei as décimas e centésimas. Pedi a alguns alunos para lerem a ficha informativa e depois de esclarecidas as dúvidas realizaram uma ficha de exercícios sobre a leitura e escrita de números e operações com números decimais.

Finalmente, na aula de Estudo do Meio questioneei as crianças sobre os seus conhecimentos acerca do sistema circulatório e a partir de uma apresentação em *Powerpoint* com imagens e vídeos levei os alunos, dentro do possível, a construírem os seus próprios conhecimentos.

Inferências e fundamentação teórica

Segundo a Organização Curricular e Programas do 1.º Ciclo (2004), o sistema circulatório faz parte do Programa do Ensino Básico de Estudo do Meio que é, nas escolas públicas, abordado no 3.º ano do Ensino Básico, os alunos no final do ano deverão saber:

- (i) Identificar fenómenos relacionados com algumas das funções vitais:
 - digestão (sensação de fome, enfartamento...);
 - circulação (pulsação, hemorragias...);
 - respiração (movimentos respiratórios, falta de ar...).
- (ii) Conhecer as funções vitais (digestiva, respiratória, circulatória, excretora, reprodutora/sexual).
- (iii) Conhecer alguns órgãos dos aparelhos correspondentes (boca, estômago, intestinos, coração, pulmões, rins, genitais):
 - localizar esses órgãos em representações do corpo humano. (p.108)

Como já referi anteriormente os alunos desta Escola encontram-se mais avançados na matéria e abordei com eles as partes constituintes do coração, os vasos sanguíneos, o sangue e o percurso efetuado por este.

Sexta-feira, 9 de novembro de 2012

Para este dia estava programada uma visita de estudo do 3.º e 4.º ano às grutas de Santo António que se prolongou até às 17 horas.

Os alunos foram divididos em vários grupos e levados para a visita pedagógica à gruta. A cada um dos grupos o guia falou das percaucões a ter dentro da gruta e ao longo da visita abordou a história da sua descoberta, o facto de ter mais de 50 000 anos e as suas caraterísticas únicas. Falou ainda de várias curiosidades acerca da gruta, das estalactites e estalagmites e sobre o que as suas formas sugeriam: elefantes, caveiras, faces, etc.

Inferências e fundamentação teórica

Como já referido anteriormente as visitas de estudo são de extrema importância, permitem ao aluno a observação de perto de fenómenos que, de outra forma, seriam apenas conceitos e imagens num livro. Esta visita em concreto permitiu aos alunos aperceberem-se da beleza das grutas que de outra forma seria impossível perceberem.

Muitos dos alunos nunca tinham visitado uma gruta e ficaram maravilhados colocando várias questões e dando as suas opiniões.

1.10.1. 8.^a Secção: 4.º Ano

Esta secção refere-se ao período de estágio decorrido entre 19 de novembro de 2012 e 1 de fevereiro de 2013. Decorreu na sala da Bibe Azul Escuro referente à faixa etária dos 10 anos, ou seja ao 4.º ano de escolaridade.

1.10.2. Caracterização da turma

Esta turma conta com 28 alunos sendo que 11 são rapazes e 17 são raparigas com idades compreendidas entre os nove e os dez anos de idade.

Todos os pais são presentes, preocupados e demonstram um grande interesse pelo desenvolvimento dos filhos.

É importante salientar que um dos alunos é doente oncológico desde os cinco anos e que apresenta uma nova patologia rara que o obriga a estar ausente pelo menos durante o 2.º período.

A turma revela uma dinâmica interpessoal muito própria tendo apenas dificuldade na resolução de conflitos.

Nas aprendizagens a turma demonstra ritmos diferentes, sendo contudo evidente uma dificuldade generalizada referente à consolidação de conceitos e conteúdos básicos.

Relativamente às dificuldades de aprendizagem existem três alunos a usufruir de apoio individualizado.

1.10.3. Caracterização do espaço

A sala do 4.º ano encontra-se no primeiro andar deste Jardim-Escola perto do ginásio da sala do 4.º ano. No corredor que leva à sala encontra-se também as casas de banho que são frequentadas apenas pelos alunos do 4.º ano.

Na sala (Figura 21) existe um quadro interativo e ao seu lado encontra-se a secretária da professora. Ao longo das paredes encontram-se placares e na parede oposta às janelas encontra-se o quadro de ardósia que a professora usava antes do quadro interativo ser instalado. Ao fundo da sala encontra-se o cantinho da leitura e dos jogos, os cabides dos alunos e os armários onde a professora guarda o material e os *dossiers* dos alunos.

As secretárias dos alunos encontram-se distribuídas em U com algumas delas colocadas também no meio.

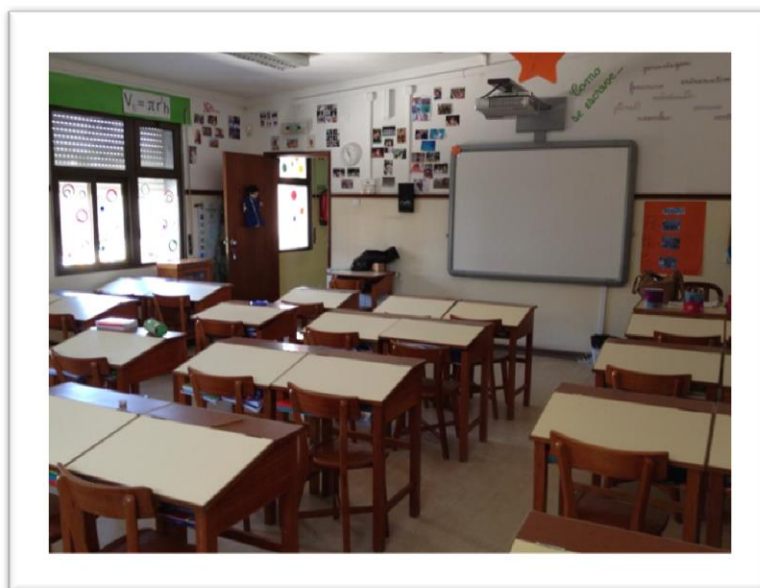


Figura 21 - Sala do 4.º ano

1.10.4. Horário do 4.º ano

O horário (Quadro 11) foi-nos cedido pela professora titular de turma, de forma a podermos tomar consciência das atividades dos alunos e da distribuição das horas das disciplinas e organização do tempo.

Quadro 11 – Horário do 4.º ano

Horas	2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira
9h-10h	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
10h-11h	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
Recreio					
11h30-12h	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
12h-12h50	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
13h-14h30	Almoço e recreio				
14h30-15h20	História	História	Inglês	Estudo do meio	História
15h20-16h10	Ed.Física	Estudo do meio	Expressão Plástica	Música	Experiências
16h10-17h	Estudo do meio	Música	Expressão Plástica	Ed. Física	Inglês
17h	Saída				

1.10.5. Rotinas

O acolhimento dos alunos do 4.º ano decorre como nos restantes anos, os alunos conforme vão chegando dirigem-se até ao ginásio e aguardam, vigiados por uma professora, até a sua professora os chamar para a seguirem até à sala, arrumam os seus pertences e vão até à casa de banho, terminado o momento de higiene voltam para a sala. Aí a professora distribui um desafio matemático, usualmente envolvendo problemas de lógica ou exercícios de escrita criativa, ou os alunos terminam trabalhos em atraso até todos os colegas chegarem.

Os momentos de higiene repetem-se três vezes durante a manhã, ao chegarem, no intervalo e antes do almoço. É de ressaltar que sempre que os alunos sintam necessidade de ir à casa de banho a professora permite esse momento.

O intervalo decorre entre as 11 horas e as 11h 30m, aí os alunos podem brincar, conviver e relacionar-se livremente. Apesar de não referido anteriormente é de salientar que uma professora de cada ano se encontra sempre a vigiar o recreio, estando portanto no recreio do 1.º ciclo quatro professoras presentes durante o recreio e no Pré-Escolar três.

Às 13 horas os alunos, depois do terceiro momento de higiene, dirigem-se até ao refeitório para almoçar.

1.10.6. Relatos Diários

Terça-feira, 20 de novembro de 2012

A professora iniciou a manhã com exercícios matemáticos, distribuiu um desafio de Matemática que consistia na descoberta de um número através de pistas.

De seguida corrigiu as fichas do dia anterior e após a correção trabalharam um texto intitulado “Bolo Podre”, era uma receita que interpretaram e acerca da qual responderam a perguntas gramaticais.

Depois do recreio a professora distribuiu uma ficha com situações problemáticas de lógica com operações. Quando a terminaram a professora realizou a sua correção no quadro interativo assim como ao desafio matemático resolvido nessa manhã.

Inferências e fundamentação teórica

Os alunos ao longo do 1.º ciclo deverão ter experiências frequentes que envolvam a resolução de problemas, é um processo que deverá proporcionar a aprendizagem de conceitos e capacidades, de acordo com as Normas (NCTM, 2007, p.213) os bons problemas e as tarefas “envolvendo resolução de problemas estimulam os alunos a reflectir e a comunicar (...) servem diversos propósitos, tais como, estimular os alunos a desenvolver e aplicar estratégias, familiarizá-los com novos conceitos e proporcionar um contexto para a aplicação das capacidades”, Caldeira (2009a, p. 121) corrobora e completa ao afirmar que “um dos principais objectivos da resolução de problemas é possibilitar o desenvolvimento de estratégias” recorrendo ao “uso da tentativa e erro, a organização de uma lista ou de uma tabela, o desenho de um diagrama, a identificação de uma regularidade, a dramatização de um problema”.

Estes alunos demonstraram, durante o período de estágio, boa elasticidade mental, demonstrando-se capazes de utilizar várias estratégias para a resolução de um problema. Esta é uma capacidade que deve ser trabalhada ao longo do 1.º ciclo.

Sexta-feira, 23 de novembro de 2012

Para este dia a professora planeou uma avaliação dos conhecimentos matemáticos dos alunos, para isso entregou uma ficha com exercícios de tabuada, leitura de números, operações e situações problemáticas.

Os que não conseguiram terminar antes do recreio fizeram-nos depois, tiveram também para corrigir umas simetrias de uma outra ficha.

Ainda durante o segundo momento da manhã o fotógrafo da escola foi à sala para fotografar os alunos para o seu livro de curso.

Inferências e fundamentação teórica

A tabuada é um dos conteúdos que os alunos têm de decorar por si mesmos, a professora várias vezes faz a chamada da tabuada para testar e motivar os alunos a decorá-la. De acordo com as Metas Curriculares do Ensino Básico de Matemática (2012, p.17) os alunos do terceiro ano devem saber “de memória” todas as tabuadas.

As simetrias, como referido anteriormente, são trabalhadas ao longo dos anos com a dificuldade dos exercícios a aumentar conforme o aumento da capacidade dos alunos na sua resolução. Abrantes, Serrazina e Oliveira (1999, p. 89) afirmam que “a

simetria proporciona oportunidades para os alunos verem a geometria do mundo da arte ou da natureza”, os alunos podem e devem ter oportunidades de observação da natureza e aplicar a capacidade de criar e observar simetrias no mundo ao seu redor.

Segunda-feira, 26 de novembro de 2012

Durante a manhã e até à hora do recreio a professora fez revisões de Português para uma prova que os alunos iam fazer, realizou a correção dos trabalhos de casa e distribuiu uma ficha que tinha como objetivo esclarecer eventuais dúvidas na escrita de palavras terminadas em “-ansia” ou “-ância”.

Na segunda parte da manhã trabalharam os gráficos de barras, as grandezas e medidas, algumas delas através de situações problemáticas.

Inferências e fundamentação teórica

As razões para a utilização de gráficos no quotidiano são variadas, Antão (1997, p. 62) afirma que "para além da leitura funcional inerente, os gráficos podem ser utilizados tanto para introduzir um assunto como durante a sequência da exposição do mesmo ou ainda como conclusão da análise de determinado tema. A metodologia variará consoante o objectivo que se pretende atingir (impacto inicial, complementaridade do tema ou efeito de síntese do assunto tratado)".

Na área do ensino a leitura dos gráficos deve ser treinada para se tornar quase instantânea, o mesmo autor refere que são utilizados para “fazer diversas comparações e distinções de modo rápido entre dois ou mais fenómenos. Essas comparações e distinções são apoiadas na visualização dos dados, assumindo, assim, um carácter muito mais concreto do que os simples quadros de indicações numéricas” (p. 59). No entanto os alunos devem ser destros em ambas as estratégias de visualização de dados, devendo ser capazes de interpretar, ler e comparar os dados expostos quer em gráficos quer em quadros.

27 de novembro de 2012 a 5 de dezembro de 2012

Nestes dias antecedentes à festa de Natal a professora pediu ao grupo de estágio para ajudarmos na realização dos cenários para a festa de natal do 4.º ano. Estivemos a desenhar, pintar e construir cenários para o teatro.

Sexta-feira, 7 de dezembro de 2012

Para este dia existiam duas atividades planeadas fora da escola, a primeira consistia numa visita à Feira Internacional de Lisboa (FIL) onde se encontrava uma exposição com várias bancas com atividades dedicadas às crianças, estas foram organizadas por várias escolas e/ou empresas que têm como público-alvo as crianças.

A segunda era uma atuação onde cantaram várias músicas intrinsecamente ligadas à Associação como a “Lágrima Celeste”, o hino dos jardins-escola, entre outras de forma a divulgarem as Ludotecas João de Deus e a Associação.

Inferências e fundamentação teórica

Esta visita de estudo não se encontrava inserida em nenhuma disciplina. No entanto como qualquer outra visita de estudo incluiu “paragens, locais de pausas para repouso, alimentação, lazer” (Almeida,1998, p.52).

Os alunos mostraram-se entusiasmados por se encontrarem na FIL numa exposição que foi a eles dedicada, foram a várias bancas, inclusive a da Associação de Jardins-escola João de Deus onde realizaram atividades Matemáticas como o jogo da glória, jogos de lógica e observação através de microscópios.

Segunda-feira, 10 de dezembro de 2012

Neste dia realizou-se a festa de Natal e estive até às 16 horas a apoiar as festividades.

Inferências e fundamentação teórica

As festas de Natal são sempre vividas com grande euforia e nervosismo por parte dos alunos, a expectativa de actuarem para os pais, no entanto “cada família vive a escola com diferentes graus de interesse, envolvimento e expectativas.” (Reis, 2008, p.58). A mesma autora afirma também que:

grande parte destas actividades de envolvimento parental contempladas no projecto educativo consistem na participação dos pais em acontecimentos na escola (Festas de Natal, Dia do Pai e da Mãe, ...), sendo que actividades que envolvem uma participação mais proactiva dos pais e uma presença mais sistemática dos pais nas escolas (participação em projectos, participação em actividades de voluntariado na escola) aparecem com pouca frequência nos projectos educativos. (p.157)

No entanto nesta escola os professores convidam os pais a participar ativamente, como já foi referido anteriormente, com trabalhos em conjunto com os filhos, vindas à escola para “dar” aulas, contar histórias, etc.

Este tipo de relação entre pais e professores/escola é importante para as crianças pois educa-as, inspira-as e motiva-as a serem mais e melhores.

Sexta-feira, 14 de dezembro de 2012

Como este era o último dia de aulas do 1.º período a professora apenas corrigiu o trabalho de casa, um exemplar das provas de aferição. Após a correção foram para o intervalo e quando regressaram a professora colocou um filme para verem.

Inferências e fundamentação teórica

É bastante usual durante o ano os professores entregarem provas de aferição de anos anteriores aos alunos de forma a treinarem os seus conhecimentos. Estanqueiro (2012) retifica dizendo que “fazem melhor ainda os professores que oferecem modelos de provas, testes de anos anteriores (...) para que os alunos possam treinar-se por escrito” (p.93), esta prática ajuda os alunos a consciencializarem-se acerca das suas próprias dificuldades e dúvidas. Se não for possível a entrega destas o professor deve realizar exercícios baseados nos que apareceram em anos anteriores.

Terça-feira, 11 de janeiro de 2013

Nesta manhã a professora avaliou a capacidade de resolução de operações.

Entretanto as professoras da Equipa de Supervisão Pedagógica apareceram na sala e pediram ao meu grupo de estágio para assistir a uma aula surpresa de uma colega do grupo de estágio presente na sala da turma A.

Foi escolhido um texto para ser trabalhado com a turma por essa minha colega, teria de realizar a sua interpretação e abordar temas gramaticais. Realizou a leitura modelo e solicitou que alguns alunos também lessem partes do texto, através de perguntas dirigidas interpretaram o texto e realizaram exercícios gramaticais no quadro interativo, explorou as classes de palavras e realizou a análise sintática de duas frases. Terminou com uma pergunta inferencial referente ao texto.

Terminada a aula o meu grupo de estágio dirigiu-se para a reunião sobre as aulas.

Inferências e fundamentação teórica

Através de pequenos exercícios para a avaliação a professora pode inferir acerca da matéria, conteúdos e processos de pensamento que os alunos dominam, desta forma pode rever e esclarecer dúvidas que os alunos tenham. As Normas (NCTM, 2007, p.25) abordam a avaliação Matemática e afirmam que “a avaliação deverá reflectir a Matemática que todos os alunos deverão saber e saber e ser capazes de produzir, devendo concentrar-se no conhecimento e compreensão dos alunos, bem como na sua destreza na execução de procedimentos”, ou seja quando o professor avalia os alunos estes já devem ter tido tempo e experiências suficientes com o conteúdo abordado de forma a terem as ferramentas necessárias a uma boa resolução dos exercícios avaliados.

As Normas já referidas abordam ainda um outro aspeto da avaliação, “ao fornecer informações acerca do progresso individual e coletivo dos alunos, em direção a esses objectivos, a avaliação poderá ajudar a assegurar que todos caminhem de forma produtiva na direção certa” (p.25).

É portanto preciso ter dois pontos em atenção quando se realiza uma avaliação, o primeiro ponto é que os alunos dominam a matéria e o segundo que a avaliação deve ser utilizada como um marco orientador do caminho que devemos percorrer para os alunos alcançarem os objetivos necessários para o seu sucesso.

Segunda-feira, 14 de janeiro de 2013

A colega de estágio tinha programado a sua manhã de aulas para este dia, os seus temas eram: na área de Português o texto descritivo, na área de Matemática o histograma e na área de Estudo do Meio a introdução da 4.^a Dinastia.

Iniciou a manhã com Português, realizou a leitura modelo de um texto descritivo e pediu a alguns alunos para lerem por parágrafos. De seguida abordou as regras do texto descritivo e depois de alguns exercícios de treino desafiou os alunos a criarem o seu próprio texto tendo por base uma imagem por ela escolhida.

Na aula de Estudo do Meio reviu o final da 3.^a Dinastia, introduziu a 4.^a e abordou os principais acontecimentos no seu decorrer. Entregou depois do intervalo uma ficha de consolidação sobre o conteúdo abordado.

Na aula de Matemática introduziu o histograma e realizou a sua interpretação, abordou ainda a moda, a média, a mediana e o seu cálculo. Entregou também uma proposta de trabalho mas os alunos não a concluíram.

Inferências e fundamentação teórica

A minha colega logo no início da aula estipulou que para os alunos participarem teriam de colocar o mão no ar, e apenas quando ela lhes desse permissão poderiam falar. Esta é uma regra que altera completamente o decorrer de uma aula, torna-a mais ordenada e fomenta o respeito pelo outro, uma outra estratégia que ela adotou, e eu própria também adoto, foi a das perguntas dirigidas. Consiste na formulação de perguntas e dirigi-la a um aluno por oposição às perguntas para a turma que acabarão por ser respondidas em coro. Estanqueiro (2012, p.44) menciona que “as perguntas dirigidas à turma solicitam a participação voluntária sem forçar a resposta daqueles que preferem manter-se calados”, é também uma ótima estratégia para evitar “que respondam sempre os mesmos”.

Pessoalmente, utilizo ambas em momentos diferentes, as perguntas dirigidas utilizo sempre nas aulas, por outro lado as perguntas com resposta em coro utilizo apenas em momentos em que me quero certificar que toda a turma decorou um nome, ou sabe um facto concreto, por exemplo “Vou contar até três e no final quero que todos me respondam, como se chama o terceiro planeta a contar do Sol?”, e quando chego ao três os alunos respondem em coro “Terra”. São estratégias diferentes, com resultados e objetivos diferentes, se bem aplicadas serão úteis na sala de aula.

Sexta-feira, 18 de janeiro de 2013

Para esta manhã tinha combinado com a professora lecionar as minhas aulas. Como temas tinha o texto expositivo, na área de Português, o diagrama de Venn, na área de Matemática e as formas de relevo na área de Estudo do Meio.

Para Português optei por primeiro abordar as características de um texto descritivo através de uma ficha informativa e mostrei vários exemplos (um excerto de um texto caracterizando o nosso país, dois textos dos seus próprios manuais). Em conjunto criámos um texto expositivo sobre o dicionário e de seguida pedi aos alunos

para consultarem o dicionário sobre a sua própria definição. De seguida solicitei que copiassem ambas as definições para a sua folha diária.

Na aula de Matemática apresentei através de um *flipchart* uma curta biografia de John Venn e através de uma ficha informativa abordei as regras e características do diagrama de Venn. Realizei vários exercícios no quadro que os alunos resolviam oralmente e copiavam para o caderno.

Terminei a manhã com a aula de Estudo do Meio sobre os tipos de relevo, abordei através de uma apresentação em *Powerpoint* os conceitos de montanha, serra, cordilheira, planalto, planície e altitude e o seu cálculo. Enquanto abordava cada conceito mostrava no *Powerpoint* imagens da sua maior representação no nosso planeta. Para concluir entreguei uma ficha para realizarem.

Inferências e fundamentação teórica

Existem tantos manuais pelos quais os professores podem optar que escolher um torna-se uma tarefa difícil, no entanto o manual é um bom recurso, mas de acordo com Sanches (2001, p. 26) não deverá ser o único a ser utilizado, nem se deve serguir à risca o que é proposto, a autora comenta que é preciso “recriar o manual” e que o melhor “é apostar em vários e deles ir tirando ideias e sugestões que vão sendo utilizados, oportunamente, ao mesmo tempo que vamos introduzindo outros materiais”. Dentro do mesmo tema a autora refere ainda que os livros de exercícios são “um ótimo recurso para sistematizar uma matéria, para diferenciar tarefas na sala de aula, para trabalho de casa”, conclui dizendo que “serão bons ou maus entre si mesmos, mas sê-lo-ão de acordo com a utilização que deles se fizer”.

A utilização de dicionário na sala de aula deve ser uma prática frequente, Antão (1997, p. 70) diz que “o uso do dicionário revela-se indispensável em todos os graus de ensino, já que o vocabulário activo (...) vai aumentado à medida que o conhecimento cresce. Todas as disciplinas (...) deveriam fazer uso dele”. É também uma ótima ferramenta pois para o utilizarem os alunos deverão ser capazes de:

“i. dominar a ordem alfabética; ii. saber descodificar as abreviaturas e siglas; iii. distinguir as funções dos diferentes tipos de letras; iv. conhecer o papel desempenhado pelos sinais de pontuação usados nos verbetes; v. localizar palavras pela palavra-chave; vi. conhecer a forma de entradas das palavras no dicionário.” (p. 27).

É também importante pois através dos dicionários existentes na sala os alunos podem fazer confrontar significados, descobrir palavras derivadas, entre outros exercícios produtivos.

Segunda-feira, 21 de janeiro de 2013

No primeiro momento da manhã a professora distribuiu uma ficha com situações problemáticas e quando todos a terminaram corrigiu no quadro.

De seguida entregou uma caixa de Cuisenaire a cada par de alunos de forma a partilharem o material e realizou exercícios de potências, áreas, volumes e perímetros em que os alunos realizam no concreto os exercícios mas os cálculos eram feitos mentalmente.

Inferências e fundamentação teórica

Ao longo do ano são realizadas várias fichas/propostas de trabalho, Bartolomeis (1999, p.23) defende a sua utilização pois “estas poderão sempre servir-lhe como meios que o ajudam a analisar situações, a estabelecer relações, a refletir sobre consequências, de modo a reforçar os seus poderes críticos e a obter alguns elementos para melhorar a qualidade das suas intervenções”. Como já referido anteriormente o professor deve através do *feedback* dado pelos alunos, quer seja escrito ou oral, ajustar os seus planos de ensino.

Quando ensinamos as crianças devemos ter especial atenção à clareza com que nos expressamos, quando utilizamos materiais didáticos devemos ter uma atenção redobrada, Arends (1995, p.277) sugere três passos que devem ser tomado para manter a clareza de discurso “(i) assegurar que o conteúdo é totalmente compreendido; (ii) memorizar e praticar as ideias principais, antes da exposição; (iii) seguir anotações escritas, durante a exposição”. No entanto não concordo completamente com Arends, o professor tem o dever de dominar o conteúdo sem ser necessário apontamentos ou anotações, caso existam dúvidas pode sempre pedir aos alunos para fazer trabalho de pesquisa ou anotar a dúvida, pesquisar em casa e esclarecê-la na aula seguinte.

Terça-feira, 22 de janeiro de 2013

Quando todos os alunos se encontravam na sala a professora “leu” o livro álbum “A Onda” de Suzy Lee. Como tarefa entregou uma imagem retirada do álbum e os alunos inspirados pela imagem teriam de realizar uma composição, corrigia-a e os alunos tinham de copiar as palavras corrigidas cinco vezes.

Terminada esta proposta introduziu o modo Imperativo dos verbos, partindo da palavras explicou em que consistia este verbo e como se conjuga.

De seguida realizou um ditado gráfico com uma corrida de carros onde tinham de numerar os carros, pintá-los e escrever um diálogo.

Depois do intervalo estiveram a realizar uma avaliação das operações, da leitura de números e dos problemas de lógica.

Inferências e fundamentação teórica

A leitura de álbuns é rara na sala de aula, muitas vezes devido à dificuldade que as professoras têm em fazer a sua leitura, segundo Antão (1997, p.62) “ler uma imagem é descrevê-la” é “necessário explicar a simbologia contida na imagem (...) explicar situações e analisar personagens (as posições em cena, as expressões do rosto”.

A leitura de álbuns é rica pelas várias possibilidades de interpretação, a história existente por detrás do livro “A onda” é muito rica e enternecedora, as crianças facilmente se identificam na menina que brinca com o mar. A leitura de álbuns é também uma ótima estratégia para o trabalho da criatividade, interpretação e imaginação dos alunos.

Sexta-feira, 25 de janeiro de 2013

No primeiro momento da manhã os alunos resolveram uma ficha com situações problemáticas para avaliação.

De seguida foram distribuídas duas fichas que eram de duas colegas de estágio que pediram à professora para realizarem nesta turma para o capítulo dos Dispositivos de Avaliação.

Ainda antes do almoço os alunos resolveram umas fichas sobre “palavras a excluir” e uma outra sobre a distinção de palavras onomatopeias e onomatopaicas.

Durante a tarde concluíram a ficha das situações problemáticas sobre a subtração e adição com números decimais.

A professora entregou uma ficha biográfica com lacunas sobre D. Afonso Henriques em que os alunos tinham que as preencher. No final os alunos leram o texto por parágrafos.

Inferências e fundamentação teórica

A História de Portugal é um conteúdo que se encontra incluído na área de Estudo do Meio, Proença (1990, p. 56) diz que esta disciplina deve ser “encarada como uma História em construção na qual ele, aluno, como parte integrante da humanidade também participa”. O autor refere ainda que o ensino de História “permite ainda favorecer o aparecimento do espírito crítico no aluno que pelo contacto e análise de fontes e interpretações diversas, aprende a reconhecer a relatividade e multiplicidade do saber” (p.56). Refere ainda uma característica imprescindível para a aprendizagem dos alunos, que o “ensino da História deve privilegiar a construção de esquemas cognitivos e o desenvolvimento de competências, em vez da memorização de conhecimentos” (p.58).

Resumindo, para que o ensino da História seja bem-sucedido deve-se incutir nos alunos a consciência de que ele também faz parte da história da humanidade, e de que as suas atitudes são importantes. Deve-se optar por estratégias que criem o espírito crítico nos alunos, que os ensinem a pesquisar, desenvolvam competências, entre outros aspetos importantes. É também imprescindível despertar a consciência dos alunos para os acontecimentos atuais ao redor do mundo, e plantar a “sementinha” da paixão pela História.

Segunda-feira, 28 de janeiro de 2013

Até ao intervalo a professora esteve a corrigir os trabalhos de casa, consistiam em provas finais de Matemática de anos anteriores para que os alunos pudessem treinar para as suas provas e tirar dúvidas.

Para este dia estava combinado que a minha colega de estágio desse uma aula de treino de uma hora. Tinha como tema de Estudo do Meio a introdução à classe dos dinossauros, para Português tinha a banda desenhada e para Matemática a leitura de números utilizando os Calculadores Multibásicos.

Introduziu a aula de Estudo do Meio através de um jogo onde os alunos tinham de descobrir o que se encontrava dentro de uma mala através do tato. Os alunos sugeriram várias coisas através das pistas que a minha colega ia dando como o objeto ser um osso, um dente, um fóssil entre outros mas nenhum adivinhou que fosse um dinossauro de plástico. Depois de introduzido o tema apresentou em Powerpoint as

classes, subclasses e as características gerais dos dinossauros assim como o período em que viveram e a sua extinção.

A aula seguinte foi da área de Português onde abordou a banda desenhada, entregou uma ficha com uma banda desenhada onde os balões se encontravam vazios. Depois de abordar as suas características pediu aos alunos que preenchessem as lacunas e no final pediu a algumas alunos para lerem a sua banda desenhada e leu a história da banda desenhada original.

A última área foi a Matemática onde realizou a leitura de números com o material de Cuisenaire, abordou ainda os algarismos de maior e menor valor relativo e absoluto.

Inferências e fundamentação teórica

A correção de trabalhos com os alunos é uma estratégia que promove a consciencialização do erro e a compreensão do processo correto de resolução do exercício. No entanto quando o professor corrige e posteriormente entrega os trabalhos, é da minha opinião que deve comentar o desempenho dos alunos de uma maneira positiva e motivadora, Estanqueiro (2010, p. 96) define como “um bom hábito, caso se trate de comentários orientadores e motivadores. Todos os alunos apreciam palavras de encorajamento e de esperança.”

A colega durante a aula abordou a banda desenhada que, de acordo com Antão (1997, p.41) constitui um “género próprio, comprovado pela sua linguagem específica e pela sua indiscutível sedução” Esta arte, apesar da sua pesquisa do movimento, não é cinema; apesar do seu *domínio do texto*, não é, (...) literatura; apesar da sua exploração do grafismo e da cor, não é pintura. Trata-se de uma actividade criativa e um poderoso meio de comunicação. Explorada através da estratégia escolhida pela minha colega torna-se um poderoso meio de estimulação à criatividade, imaginação e criação de texto.

Terça-feira, 29 de janeiro de 2013

Depois das rotinas habituais a professora entregou uma ficha com um gráfico de caule-e-folhas com perguntas de interpretação que os alunos realizaram ao longo da manhã. Enquanto realizavam a ficha um aluno que se encontrava ausente por motivos de saúde apareceu para uma visita de uma hora autorizada pelo médico. A professora deixou os alunos brincarem com o colega até se ir embora.

Terminada a ficha do gráfico de caule-e-folhas a professora distribuiu uma outra ficha com problemas de lógica em tabela.

Realizou ainda outra ficha, desta vez na área do Português, tinha um poema intitulado “Segredos e Brinquedos” de Matilde Rosa Araújo, a professora orientou a sua análise e fez perguntas de interpretação.

Realizou ainda com os alunos uma ficha de distinção de letras «ss/c/ç».

Inferências e fundamentação teórica

Para que os alunos sejam motivados e se sintam interessados diariamente, o professor deve saber criar um ambiente propício ao ensino da Matemática, de acordo com as Normas (NCTM, 2007) um professor deve:

- (i) transmitir a ideia de que a Matemática é um assunto a ser explorado e criado tanto individualmente com em colaboração com outros;
- (ii) respeita os alunos e as suas ideias e encoraja a sua curiosidade e espontaneidade;
- (iii) encoraja os alunos a extrair e justificar as suas próprias conclusões;
- (iv) selecciona actividades que permitem que os alunos construam novos significados, através do desenvolvimento e do alargamento dos conhecimentos que já possuem;
- (v) utiliza devidamente os recursos disponíveis;
- (vi) respeita e dá resposta aos diversos interesses e contextos linguísticos, culturais e sócio-económicos dos alunos, quando cria e propõe actividades Matemáticas;
- (vi) defende e encoraja uma participação activa e um estudo continuado da Matemática por todos os alunos. (p.117)

Um dos conteúdos da área de Matemática abordados no 1.º ciclo do ensino básico passa pela representação de dados utilizando várias estratégias, as Normas (NCTM, 2007, p.205-207) defendem a familiarização dos alunos com a recolha de dados, a sua representação, síntese, comparação e interpretação de dados. Sublinham ainda a importância dos alunos se familiarizarem-se com as várias representações de dados (tabelas, diagramas, tabelas, gráficos) através da sua criação, referem também a importância da compreensão e interpretação do mesmo. Sugere ainda que os alunos “deverão ainda recorrer a programas informáticos que os ajudem a ordenar e a representar os dados”.

A professora regia o seu ensino da Matemática com a maioria dos conselhos abordados acima, questionava e espiciava os alunos na descoberta da Matemática, na procura das respostas às suas próprias perguntas e na justificação das respostas encontradas. Os alunos mostravam-se sempre motivados nas aulas e respondiam bem às estratégias implantadas pela professora.

Sexta-feira, 1 de fevereiro de 2013

Para este dia tinha combinado com a professora lecionar uma aula avaliada por uma professora da equipa de Supervisão Pedagógica. Como temas tinha o *Brachiosaurus* para a área de Estudo do Meio, para a área de Matemática tinha a interpretação de um gráfico de barras e na área de Português tinha a notícia.

Comecei com aula de Português, entreguei uma notícia e interpretei com os alunos o texto, abordando também as partes constituintes da notícia e a que tipo de texto pertence.

A aula seguinte foi a de Estudo do Meio onde “dei” a conhecer o *Brachiosaurus*, abordei todas as suas características e outras curiosidades através de uma apresentação em Powerpoint e de vários vídeos.

Depois do intervalo lecionei a aula de Matemática, utilizei o material de Cuisenaire para criar um gráfico de barras. Abordei as partes constituintes de um gráfico de barras e através de pistas construímos o gráfico e através de perguntas dirigidas orientei os alunos na interpretação do gráfico.

Finalmente levei os alunos até ao ginásio onde tinha previamente montado um jogo em que o objetivo era os alunos transportarem uma bola de ping-pong, que representava o ovo de um *Brachiosaurus*, através de um jogo de estafetas com várias estações até ao ninho.

Como terminei a aula a horas ainda havia tempo para a colega fazer o jogo que não tinha tido tempo na aula anterior. Consistia no jogo da glória em tamanho grande, para avançarem tinham de acertar nas questões que lhes eram colocadas sobre os dinossauros.

Inferências e fundamentação teórica

Apesar do tempo que os alunos têm para brincar e jogar e as atividades lúdicas que por vezes a professora de Educação Física proporciona, os jogos realizados na sala de aula ou iniciados nela têm propósitos e objetivos diferentes a serem alcançados. Smole (1996, p.9) afirma que "brincar é para a criança um momento mágico. Brincando ela alimenta a sua vida interior, libertando assim a sua capacidade de criar e reinventar o mundo", diz ainda que “o brincar proporciona a aquisição de novos conhecimentos, desenvolve habilidades de forma natural e agradável (...) é uma das necessidades básicas da criança, é essencial para um bom desenvolvimento motor, social, emocional e cognitivo”. Resumindo, é da sua opinião que é benéfico

para a criança brincar e se envolver no jogo, pois imagina e cria mundos diferentes, adquire novos conhecimentos e desenvolve-se física, social e mentalmente, além de melhorar as suas capacidades sociais.

Os jogos e brincadeiras permitem ainda à criança “aprender sem notar”, Kishimoto (citado por Smole,1996, p.137), corrobora afirmando que “o jogo estimula a exploração e a solução de problemas e, por ser livre de pressões e avaliações, cria um clima adequado para a investigação e a busca de soluções”.

CAPÍTULO 2 - PLANIFICAÇÕES

Este capítulo encontra-se subdividido em subcapítulos centrados nas seguintes questões: O que é a planificação? Quais as finalidades da planificação? Como se planifica? Organizei-o desta forma pois muitos professores consideram este processo desnecessário, muitos por não saberem o que é, outros por terem uma ideia errada acerca do processo.

Será focado ainda o Modelo T de Aprendizagem, de Martiniano Pérez, pois este é o modelo utilizado pela Associação dos Jardins-escola João de Deus, de uma forma adaptada e o que utilizo para planificar as minhas aulas.

Após tudo isto irei fundamentar as estratégias, escolhas e materiais, entre outros pontos considerados relevantes, de quatro planificações por mim criadas de diferentes Domínios/Áreas e aqui apresentadas.

2.1. Fundamentação teórica

2.1.1. O que é a planificação?

Para percebermos o que é a planificação devemos saber que existe um currículo, que é uma seleção de aprendizagens consideradas importantes para as crianças, tal como Ribeiro e Ribeiro (1990, p. 59) explicam “o planeamento curricular seleciona e estrutura experiências e resultados de aprendizagem que se pretendem alcançar, definindo, assim, um produto – o currículo”. É neste currículo que se encontra todas as orientações que um professor deve seguir para ensinar aos alunos o que é considerado importante para a vida em sociedade.

No 1.º Ciclo do Ensino Básico, assim como nos restantes ciclos de aprendizagem o professor deve, de acordo com o Decreto-Lei n.º 240/2001, artigo 4.º promover “aprendizagens no âmbito de um currículo, no quadro de uma relação pedagógica de qualidade, integrando, com critérios de rigor científico e metodológico, conhecimentos das áreas que o fundamentam” (p.5571).

Devemos ter em atenção que na Educação Pré-Escolar os educadores devem delimitar os objectivos de aprendizagem de acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar e as Metas de Aprendizagem para o Pré-Escolar.

O Decreto-lei n.º 241/2001, artigo 3.º refere que “na Educação Pré-Escolar, o educador de infância concebe e desenvolve o respectivo currículo, através da planificação, organização e avaliação do ambiente educativo, bem como das actividades e projectos curriculares, com vista à construção de aprendizagens integradas.” (p.5572).

Ou seja, no Pré-Escolar o educador cria um currículo orientado através de documentos fornecidos pelo Ministério de Educação, no 1.º Ciclo o currículo encontra-se criado e o professor, orientando-se por ele, programa as suas atividades para o ano.

Ribeiro e Ribeiro (1990, p.59) corroboram e definem planificação como um ato que “partindo do currículo, programa atividades de ensino-aprendizagem que seleciona, organiza e sequênciava no tempo e concretiza-se num plano de ensino”, a isto se dá o nome de planificar. Uma outra definição de planificar, desta vez de acordo com Escudero (citado por Zabalza, 2000), é

prever possíveis cursos de acção de um fenómeno e plasmar de algum modo as nossas previsões, desejos, aspirações e metas num projeto que seja capaz de representar (...) as nossas ideias (...) e como poderíamos levar a cabo, um plano para as concretizar. (pp. 47 - 48)

Deve-se ainda ter em atenção o facto de que devemos adaptar a planificação às características do grupo/turma onde serão aplicadas.

2.1.2. Quais as finalidades da planificação

Muitos professores perguntam “para quê planificar?”, Clark e Ynger (citados por Zabalza, 2000, pp. 48-49), depois de uma investigação concluíram que existem três razões: (i) para definir uma orientação que nos dê confiança, segurança, etc.; (ii) para a determinação dos objetivos a alcançar no termo do processo de instrução (apenas para a preparação de materiais e distribuição do tempo, etc.); (iii) para estruturar as estratégias de atuação (organizar os alunos, começar as atividades, avaliação, etc.).

Ainda assim, muitos docentes duvidam da importância das planificações na escola, mas Clark e Peterson (citados por Zabalza, 2000, p. 54) defendem que o principal objetivo de planificar é “transformar e modificar o currículo para o adequar às características particulares de cada situação de ensino”. Ou seja, apesar de todas as escolas terem de ensinar exatamente o mesmo a todas as crianças, ao planificarmos estamos a adaptar o currículo (Ribeiro e Ribeiro, 1990, p. 449), as aprendizagens ao grupo de crianças que vamos ensinar, adaptando-o às características do grupo e simultaneamente fazer uma seleção limitada dos conteúdos e ideias a transmitir, definir uma estrutura e sequência de apresentação que sirva de “ponte” entre o que o aluno sabe e o que vai aprender.

2.1.3. Como se planifica?

Esta é uma questão que muitos professores colocam na sua prática educativa. Existem três tipos de planificação: a longo prazo, médio prazo e curto prazo.

Os planos a longo prazo servem para seleccionar e distribuir os conteúdos a abordar ao longo de um ano letivo, segundo Arends (1995, pp. 60-61) abordam apenas temas e atitudes gerais, a matéria a dar e os ciclos do ano letivo.

Os planos a medio prazo têm como objetivo a estruturação de um período de aulas e necessitam de ser mais concretos que os anteriores, o mesmo autor acima referido diz que esta planificação “associa num conjunto uma série de objetivos, conteúdos e actividades que o professor tem em mente” (p.60)

Os planos a curto prazo são os sobre os quais os professores mais se devem dedicar, segundo Arends (1995, p.59) refere que “normalmente, os planos diários esquematizam o conteúdo a ser ensinado, as técnicas motivacionais a serem exploradas, os passos e actividades específicas preconizadas para os alunos, os materiais necessários e os processos de avaliação”. Ribeiro e Ribeiro (1990) acrescentam que devem estar explanados os:

tipos de estratégias, actividades, experiências de aprendizagem a prosseguir, salientando o papel ou actuação do professor e as acções dos alunos nas situações e meios de ensino-aprendizagem que se seleccionam e sequenciam da forma mais eficaz que for possível. (p.65)

É frequente o professor ter uma aula planeada mas a turma não se encontrar receptiva às actividades planeadas, as planificações devem ser flexíveis, Zabalza (2000, p.55) afirma que “modelos de planificação rígidos, em que tudo é previsto, são pouco úteis, pois, mais tarde ou mais cedo, a própria dinâmica imprevisível do grupo turma acabará por impor-se», o professor deve portanto “apostar decididamente em ser ele próprio o co-responsável pelo projecto e pela gestão do seu próprio trabalho na aula” (p.46).

Existem vários modelos de planificação, no entanto as usadas esta Escola são adaptadas do modelo T de Aprendizagem de Martiniano Pérez, que de acordo com Pérez e López (2001) podem ser de longa, média ou curta duração.

Pais e Monteiro (1996, p. 37), afirmam que «não podemos dizer que este ou aquele modelo é melhor ou que é mais correcto. O essencial é que o modelo escolhido agrade ao professor, que se sinta bem a trabalhar com ele», encontra-se então nas mãos do professor a escolha do modelo a que melhor se adapte e com o qual se encontre confortável.

O modelo T de Martiniano Pérez permite ao professor sistematizar numa única folha os elementos do currículo a serem aprendidos durante um ano, período, mês, semana, dia ou aula dependendo da preferência do professor e ainda assim:

integrar os modelos básicos do currículo (capacidades e valores como objetivos e conteúdos e métodos (...)) para que seja percebido de uma maneira global e a partir dele o professor possa construir uma imagem mental para a sua atividade profissional. (p.72)

As planificações que realizei foram adaptadas para apenas uma manhã, podendo ser então consideradas planificações a curto prazo. Arends (1995, p. 59) diz que estes planos diários “esquemam o conteúdo a ser ensinado, as técnicas motivacionais a serem exploradas, os passos e actividades específicas preconizadas para os alunos, os materiais necessários e os processos de avaliação”. Segundo Pérez (s.d., p. 7), este modelo de planificação trata ainda de “agrupar os objetivos fundamentais (capacidades-valores) e complementares (destrezas e atitudes) com conteúdos (formas de saber) e métodos/ actividades gerais numa visão global e panorâmica”.

No quadro 12 apresento o desenho das planificações adaptadas do modelo T utilizadas na Escola, modelo esse em que me baseei para planificar as minhas aulas.

Quadro 12 – Exemplo de uma planificação baseada no modelo T de aprendizagem

Plano de atividade		
Conteúdos conceptuais		Procedimentos/Métodos
Capacidades.d.estrezas	Objetivos	Valores/atitudes
Materiais:		

Para melhor compreender este modelo é necessário abordar determinadas palavras-chave: conteúdos, métodos-procedimentos, capacidades-destrezas e valores-atitudes.

Pérez (s.d., p.7) define conteúdo como uma “forma de saber” e o método-procedimento é “uma forma de fazer”. A capacidade é definida como uma “habilidade geral que utiliza ou pode utilizar um aprendiz para aprender, cujo componente fundamental seja cognitivo”, a destreza é também uma habilidade, apenas mais “específica”, pois para o autor “um conjunto de destrezas constitui uma capacidade”. Por exemplo, para desenvolver a capacidade da expressão escrita, é necessário trabalhar com os alunos várias destrezas como a ortografia, as regras ortográficas, a caligrafia, a elaboração de textos e a redação correta.

A relação entre valores e atitudes é bastante simples, segundo o autor os valores desenvolvem-se e estruturam-se “por meio de atitudes” sendo indispensável a “componente afectiva”, a atitude é uma “predisposição estável face a...”, novamente, “um conjunto de atitudes constitui um valor”. Por exemplo, para os alunos valorizarem a responsabilidade devemos estimular atitudes como a atenção, a autonomia, a cooperação e o esforço.

2.2. Planificações

Irei agora apresentar e explicar quatro planificações elaboradas por mim que me auxiliaram no planeamento, estruturação e reflexão sobre a adaptação de estratégias de ensino a conteúdos.

Serão apresentadas em quadros, duas referentes ao ensino do Pré-Escolar e duas ao 1.º Ciclo do Ensino Básico.

2.2.1. Planificação de Iniciação à Leitura e à Escrita

No quadro Quadro 13 apresento uma planificação referente a uma aula de Iniciação à Leitura e à Escrita no Bibe Azul, correspondente à faixa etária dos 5 anos.

Esta aula de 20 minutos foi lecionada a um grupo de vinte e nove crianças no dia 28 de outubro de 2011.

Quadro 13 - Planificação de uma aula de Iniciação à Leitura e à Escrita

Plano de Aula			
Iniciação à Leitura e à Escrita			
Conteúdos		Procedimentos	
Dinamização da Cartilha: • Vocabulário • Leitura • Escrita		➤ Ler uma história com o livro como suporte; ➤ Fazer a leitura preparatória das palavras do quadro, levando os alunos a ler, pelo método da Cartilha Maternal. ➤ Realizar uma proposta de trabalho;	
Capacidades/ Destrezas	Objetivos	Valores/Atitudes	
➤ Coordenação óculo-manual; ➤ Expressão oral: ○ Vocabulário; ○ Interpretação.		➤ Promover o gosto pela leitura; ➤ Criatividade: ○ Imaginação; ○ Curiosidade.	
Recursos:			
Livro “Trinta por Uma Linha” de António Torrado; Ficha.			
Planificação baseada no Modelo T de Aprendizagem			
A planificação poderá sofrer alterações dependendo do contexto vivido com os alunos.			

Comecei a aula com a leitura de um texto presente no livro “Trinta por Uma Linha” de António Torrado, intitulava-se “Os ratos das botas”. Sim-Sim (2009) afirma que para as crianças “ler é sempre uma forma de viajar” e o seu entusiasmo pela aprendizagem da leitura é a “consequência lógica da descoberta da função do registo escrito” através “dos livros de histórias que lhe lêem, das revistas que folheia, dos jornais que vê os adultos lerem (...)” (p.7), inicia-se assim o caminho que as leva até à literatura.

Magalhães (2009, p.58) define literatura como “representação ficcional do mundo” e considera a Literatura Infantil importante nesta faixa etária de forma a motivar as crianças para a leitura e enfatiza que

[...] junto da faixa etária dos 3 aos 6 anos, é determinante uma propedêutica do ato de ler. Esta deve visar a aquisição de algumas das competências fundamentais ao ato de ler: o desenvolvimento das competências linguísticas e sociolinguísticas; o progressivo domínio espaço – temporal; o treino da capacidade de concentração; a exercitação da memória. (p. 61)

Estas são apenas algumas das razões pelas quais o educador/professor deve realizar leituras em voz alta frequentemente, para manter esse entusiasmo nas crianças pois como a autora refere “o entusiasmo por aprender a ler esvai-se, muitas vezes, à medida que a aprendizagem a leitura se processa” (Sim-Sim, 2009, p.7), devemos portanto optar por estratégias motivadoras de aprendizagem da leitura que motivem os alunos para essa mesma aprendizagem.

Elegi então a realização da dinamização da Cartilha, que se baseia na participação de vários alunos na decifração da leitura de uma palavra, em conjunto a turma consegue portanto ler uma palavra. Esta estratégia que, quando bem dominada pela educadora, consegue transmitir entusiasmo aos alunos e uma sensação de sucesso e vitória. Para realizar esta estratégia escolhi palavras que todos os alunos conseguissem ler e construí um suporte em cartolina para afixar no quadro as palavras escolhidas.

“A facilidade em aprender a ler resulta das oportunidades que são fornecidas às crianças para se tornarem conhecedoras das propriedades que caracterizam a linguagem escrita” Viana (2002, citado por Ruivo, 2009, p. 56), posto isto a adoção desta estratégia permitiu às crianças uma outra oportunidade de leitura permitindo assim a sua aprendizagem.

Finalmente distribuí uma proposta de trabalho para realizarem a distinção entre dois grafemas, o <f> e o <t>. Rebelo (2000) afirma que “a aquisição das formas gráficas é lenta e não é idêntica em todas as crianças; depende das experiências vividas, do contacto maior ou menor com o material escrito. É preciso um certo esforço da parte do jovem aprendiz para memorizar formas visuais que se assemelham e lhe podem causar confusão, tais como: m, n, u, v ou p, q, b, d.” (p.163), refere ainda que “a escrita exige a transcrição rigorosa das palavras, o reconhecimento dos grafemas que correspondem aos sons do oral e só com treino e prática em diversas situações conseguirá progredir o jovem aprendiz da língua” (p.167). Esta proposta tinha como objetivo evitar no futuro dificuldades na distinção destes dois grafemas e tomar

consciências de quais os alunos que tinham dificuldades na distinção de forma a esclarecer as dúvidas existentes.

2.2.2 Planificação do Domínio da Matemática

Apresento no quadro 14 uma planificação referente a uma aula do Domínio da Matemática aplicada ao Bibe Encarnado, que corresponde à faixa etária dos 4 anos, no dia 10 de fevereiro, na altura encontravam-se presentes 27 crianças. Teve a duração de 20 minutos.

Quadro 14 – Planificação de uma aula do Domínio da Matemática

Plano de Aula Domínio da Matemática		
Conteúdos	Procedimentos	
Blocos Lógicos: ● Tabela de dupla entrada.	● Colocar as crianças sentadas em volta das quatro mesas; ● Explorar os atributos dos Blocos Lógicos; ● Orientar o grupo na realização de alguns exercícios na tabela.	
Capacidades.d.estrezas	Objetivos	Valores/Atitudes
Raciocínio lógico: ● Fluidez mental; ● Analisar. Orientação espacio-temporal: ● Reconhecer; ● Localizar; ● Identificar.		Responsabilidade: ● Ser ordenado; ● Comprometer-se. Criatividade: ● Imaginação; ● Ser engenhoso; ● Ser original.
Material: Blocos Lógicos; Tabela de dupla entrada; Proposta de trabalho.		
Planificação baseada no Modelo T de Aprendizagem A planificação poderá sofrer alterações dependendo do contexto vivido com os alunos.		

Comecei a aula pedindo aos alunos que se sentassem nas cadeiras e questionei-os acerca do material, Rosa (1998, pp.20-22) afirma que o brincar, nestes casos, não deve ser encarado como uma “estratégia de ensino” ou como um “«recurso» facilitador da aprendizagem” mas sim como uma “possibilidade de abertura de um campo onde os aspectos da subjetividade se encontram com os elementos da realidade externa para possibilitar uma experiência criativa com o conhecimento”. Quando trabalhamos com materiais manipulativos devemos certificar-nos que se encontra distribuído por todos os alunos, os Blocos Lógicos, especificamente

“exercitam a lógica” e a sua “função principal é dar às crianças a oportunidade de realizarem as primeiras operações lógicas, como sejam a correspondência e a classificação” (Caldeira, 2009a, p. 369).

Depois de explorado o material, explicado e exemplificado o que era pedido, fui pedindo a participação dos alunos na resolução do resto da tabela. Optei por chamar apenas um aluno de cada vez e deixá-lo em conjunto com os colegas resolver o que lhe tinha sido pedido, Alarcão (1996, p.76) defende que os alunos deste modo os alunos arriscam-se a expressar “os seus pontos de vista, avançar com as suas descobertas e exprimirem o seu pensamento”, quando o fazem estão a “explicar uns aos outros a maneira como resolvem um problema” e a “clarificar as suas ideias para si próprios e para os outros”, desta forma aumentam também a sua auto estima e confiança. Os alunos iam resolvendo no lugar conforme o colega resolvia no quadro.

2.2.3. Planificação da Área de Matemática

No quadro 15 apresento uma planificação referente a uma aula da Área de Matemática leccionada ao Bibe Castanho, correspondente à faixa etária dos 6 anos, no dia 12 de junho de 2012. Teve uma duração de 25 minutos e todos os 28 alunos estavam presentes.

Quadro 15 – Planificação de uma aula de Matemática

Plano de Aula Matemática		
Conteúdos	Procedimentos	
- Frações; - Situações problemáticas; - Cálculo mental.	Sentar os alunos nos respetivos lugares; Iniciar a aula a distribuindo as caixas do 5.º dom de Föebel; Trabalhar as características do cubo, e as frações; Realizar a construção do castelo com o apoio de um <i>Powerpoint</i> ; Trabalhar a construção através da realização de situações problemáticas.	
Capacidades/d.estrezas	Objetivos	Valores/Atitudes
- Raciocínio lógico: - Fluidez mental; - Analisar. - Orientação espácio-temporal: - Reconhecer; - Localizar; - Identificar.	- Responsabilidade: - Ser ordenado; - Comprometer-se. - Criatividade: - Imaginação; - Ser engenhoso; - Ser original.	
Material utilizado: Computador, quadro interativo, 5.º Dom, ficha.		
Planificação baseada no Modelo T de Aprendizagem A planificação poderá sofrer alterações dependendo do contexto vivido com os alunos.		

Inferências e fundamentação teórica

Quando se trabalha com materiais manipulativos, devemos ter o cuidado de o fazer com as crianças sentadas nas suas carteiras e com os tampos das mesas para cima de modo a não caírem peças do material, foi desta forma que decidi iniciar a aula e por essa mesma razão.

Os materiais manipulativos são utilizados como material de apoio pelas professoras, pois permite a aprendizagem de conteúdos através do jogo lúdico. Caldeira (2009b, p. 341) refere que a “importância dos jogos no ensino da Matemática, vem sendo debatida a algum tempo, sendo bastante questionado o facto da criança, realmente aprender Matemática brincando”. No entanto neste tipo de atividades o aluno “brinca” e ao mesmo tempo é trabalhado o cálculo mental, as frações, situações problemáticas, e pode ser também contada uma história, de modo a contextualizar toda a atividade. Desta forma, e de acordo com a mesma autora, as crianças criam oportunidades “para a construção do conhecimento, através da descoberta, e invenção, elementos indispensáveis para a participação ativa no seu meio” (p. 341).

Assim sendo planeei a aula com base nestes tópicos, através de uma história sobre a construção de um castelo levei as crianças a realizarem a construção e criei várias situações problemáticas envolvendo essa temática.

Sendo este um material manipulado, prima pela oportunidade oferecida de se trabalhar o cálculo mental, Palhares (2004) defende que “o cálculo mental tem de ser explorado desde muito cedo. Tem por base a memorização de tabuadas e a experiência, mas envolve o desenvolvimento de estratégias pessoais, o que leva a uma aquisição progressiva do sentido do número, isto é, a desenvolver e aprofundar a perspicácia sobre as estruturas numéricas. As propriedades das operações estão na base destas estratégias” (p.187). A professora deve orientar os alunos na criação de estratégias de cálculo mental para que o aluno possa aprofundar as suas capacidades nos anos seguintes.

Apesar do nervosismo inicial, pois esta foi a primeira vez que lecionei com este material, rapidamente ganhei confiança e a aula decorreu sem percalços. Orientei facilmente os alunos na construção, não revelando o que estavam a construir. Desta forma criei um elemento surpresa e mantive a sua atenção no que estavam a realizar. Tive uma boa prestação nesta aula, e gostei imenso de a “dar”.

2.2.4. Planificação da área de Estudo do Meio

No quadro 16 apresento uma planificação referente a uma aula da área de Estudo do Meio lecionada a 29 alunos na faixa etária dos 8 anos. Decorreu no dia 6 de novembro de 2012 e teve uma duração de 30 minutos.

Quadro 16 – Planificação de uma aula de Estudo do Meio

Plano de aula Estudo do Meio		
Conteúdos Conceptuais	Procedimentos / Métodos	
Sistema circulatório: Grande e pequena circulação	- Rever a matéria dada sobre o sistema circulatório; - Introduzir nova matéria através de uma apresentação em <i>Powerpoint</i>; - Apelar à participação ordenada dos alunos ao longo da apresentação; - Consolidar a matéria através da realização de exercícios.	
Capacidades / Destrezas	Objetivos	Valores / Atitudes
- Pensamento e sentido crítico: - Interpretar; - Análise de informação; - Raciocínio lógico: - Aplicação conceptual; - Realizar inferências e deduções.		- Criatividade: - Ser curioso; - Ser engenhoso; - Respeito: - Aceitar; - Aprender.
Material: Quadro interativo, fichas informativas e formativas.		
Planificação baseada no Modelo T de Aprendizagem A planificação poderá sofrer alterações dependendo do contexto vivido com os alunos.		

Muitas vezes a revisão da matéria dada é encarada como um aborrecimento e um “repetir de matéria”, no entanto para Meirieu (1998) “rever é inventariar, reclassificar, comparar, pesquisar a origem, reelaborar alguma coisa que, se bem que se fundamente em conhecimentos adquiridos, os deve integrar um projeto novo.” (p.82). Quando um professor faz revisões da matéria lecionada anteriormente, tem a perceção dos conhecimentos dos seus alunos, ou seja consegue “ver” se estes ainda têm algumas dificuldades ou não na matéria e deve revê-la de uma maneira nova e diferente.

Para dar esta matéria optei por aproveitar o quadro interativo, mostrei vídeos, uma apresentação em *Powerpoint* e algum conteúdo interativo aos alunos. Vasconcelos (2004) aconselha os professores sobre alguns pontos de partida importantes para esta área do conhecimento: “a promoção de um ambiente interessante e variado e a identificação de oportunidades para a aprendizagem da ciência do dia-a-dia (p.80).

Durante a aula estimulei o diálogo e a discussão através de questões que implicavam que os alunos através dos seus conhecimentos construíssem o seu próprio saber, Soares e Ribeiro (2000) referem que

na sua prática pedagógica o professor torna-se um mediador da relação dos estudantes com o conhecimento e desencadeador de reflexões, a fim de possibilitar aos alunos a construção do saber, a capacidade de aprender a aprender e o desenvolvimento ético, político, pessoal profissional e a cidadania. (p.4)

Durante o meu diálogo com os alunos considerei importante manter uma postura firme mas incentivadora, para que mesmo os alunos mais tímidos se sentissem confortáveis para participar. Incentivava também os alunos que erravam a procurar uma outra solução, Voli (1998, p.147) afirma que a postura do professor na sala de aula “motiva seus alunos a entrar por si mesmos em uma situação de auto-estima e, portanto, de autodisciplina, auto-responsabilidade e auto-realização”.

Como já referi a planificação é de extrema importância, dá ao professor ou educador uma segurança, pois sabe o que vai fazer quando chega a sala, que todos os materiais já estão preparados e que tem tudo organizado para a aula decorrer sem percalços. Estando o professor livre dessas preocupações pode focar-se nos alunos, estimulá-los e ajudar o seu desenvolvimento, esclarecer dúvidas e levá-los a descobrir o mundo em volta por eles mesmos.

No entanto devemos ter em consideração que a planificação é apenas as ideias do docente colocadas em papel, e que por vezes não podem ser ou não conseguimos cumpri-las “à letra”. Os alunos são seres vivos, com vontade própria e, por vezes, não conseguimos prever o seu humor, a vontade de aprender ou o seu entusiasmo, ou não. Não basta escrevermos num papel o que queremos fazer num dia e esperar que os alunos sejam máquinas que reagem tal e qual como previmos. Estão entusiasmados com a chegada das férias de Natal, se calhar seria melhor abandonarmos a ideia de uma experiência e optarmos pela leitura de um conto. Estão cansados e mais calmos depois da aula de Educação Física? Será o momento ideal para aplicar a tal aula com experiência que não realizamos no outro dia.

Não devemos esquecer que planificamos para melhorar o nosso trabalho, e sendo este ensinar as crianças, devemos portanto adaptar ou modificar as planificações consoante o grupo/turma.

CAPÍTULO 3 - DISPOSITIVOS DE AVALIAÇÃO

Neste capítulo encontram-se quatro dispositivos de avaliação que foram realizados no decorrer do Estágio Profissional, dois no Pré-Escolar e os outros dois no 1.º ciclo.

Neste capítulo, após a fundamentação teórica é feita a contextualização de cada atividade que será avaliada juntamente com a descrição dos parâmetros e critérios de avaliação que foram estabelecidos.

De seguida, apresentarei uma grelha de avaliação com as notas e a interpretação dos resultados.

3.1. Fundamentação teórica

A avaliação é uma parte integrante, e por vezes complicada, do sistema educativo, é essencial avaliar de um modo justo e correto e para isso é necessário clarificar algumas questões acerca desta temática, como: O que é avaliar? Qual o seu significado? Para que serve? Porque se avalia? O que se avalia?...

A avaliação de acordo com Ribeiro e Ribeiro (1990) é definida como:

uma operação que prepara, acompanha e remata o processo de ensino-aprendizagem e que é o motor do seu constante aperfeiçoamento, pretendendo, em última análise, conduzir todos os alunos a um sucesso pleno no programa de estudos que seguem. E se este resultado nem sempre é alcançado, pela ausência de condições de vária ordem, ele representa uma meta de que todo o professor deve tentar aproximar-se. (p. 338)

É uma parte imprescindível do sistema educativo, e deve ser desempenhada com coerência e justiça, Pais e Monteiro (1996, p.46) referem que a dificuldade de avaliar surge do fato de que o educador/professor ao fazê-lo está “a emitir juízos de valor, a privilegiar saberes, maneiras de ser e de estar. Por muito objetiva que se queira a avaliação, ela dependerá sempre dos intervenientes, dos momentos e das situações concretas”.

Devemos ter em atenção que o processo de avaliação deve ser adaptado a cada nível da educação em termos de princípios, procedimentos e práticas adequados às especificidades do grupo/turma.

Na educação Pré-Escolar a avaliação das crianças é feita tendo por base a observação por parte de todos os profissionais que interagem com as crianças no seu dia-a-dia (educadores, auxiliares de educação, etc.).

De acordo com as Orientações Curriculares para o Pré-Escolar (1997):

a avaliação realizada com as crianças é uma atividade educativa, constituindo também uma base de avaliação para o educador. A sua reflexão, a partir dos efeitos que vai observando, possibilita-lhe estabelecer a progressão das aprendizagens a desenvolver com cada criança (p.27)

É através desta observação que o educador avalia as crianças e planeia as atividades seguintes de modo a desenvolver o grupo.

A avaliação na Educação Pré-Escolar assume uma dimensão marcadamente formativa, desenvolvendo-se num processo contínuo e interpretativo que procura tornar a criança protagonista da sua aprendizagem, de modo a que vá tomando consciência do que já conseguiu, das dificuldades que vai tendo e como as vai ultrapassando.

No caso do 1.º Ciclo do Ensino Básico, no Decreto-Lei n.º 139/2012 de 5 de julho encontra-se a seguinte afirmação “a avaliação constitui um processo regulador do ensino, orientador do percurso escolar e certificador dos conhecimentos adquiridos e capacidades desenvolvidas pelo aluno”, Arends (1995, p.256) corrobora dizendo que a avaliação “pode ser definida como uma função desempenhada pelos professores que lhes permite tomar decisões conscientes sobre a sua instrução e os seus alunos”.

Ainda de acordo com o Decreto atrás mencionado, a avaliação tem como objetivo melhorar o ensino através da verificação dos seus conhecimentos, capacidades, comportamentos, valores e atitudes desenvolvidas na escola. Existem três modalidades de avaliação: a diagnóstica, a formativa e a sumativa.

A avaliação diagnóstica é a que se realiza no início de cada ano de escolaridade e que serve para “fundamentar estratégias de diferenciação pedagógica, de superação de eventuais dificuldades dos alunos, de facilitação da sua integração escolar e de apoio” (Decreto-Lei n.º 139/2012 de 5 de julho).

A avaliação formativa, segundo Arends (1995) pode ser definida como uma avaliação a ser feita antes ou durante a instrução dos alunos para informar os professores acerca dos seus conhecimentos e competências de forma a planear consistentemente as suas aulas, ocorre após a instrução e é utilizada pelos professores para “determinar as classificações dos alunos e as informações enviadas aos alunos e seus pais” (p.229). No entanto, de acordo com o Decreto-Lei n.º 139/2012 de 5 de julho a avaliação formativa é contínua e sistemática e “recorre a uma variedade de instrumentos de recolha de informação adequados à diversidade da aprendizagem e às circunstâncias em que ocorrem”, permitindo assim a recolha de informação sobre “o desenvolvimento da aprendizagem, com vista ao ajustamento de processos e estratégias”.

Por último, a avaliação sumativa, ainda de acordo com o Decreto-Lei Já referido:

“traduz-se na formulação de um juízo global sobre a aprendizagem realizada pelos alunos, tendo como objetivos a classificação e certificação, e inclui: a) A avaliação sumativa interna, da responsabilidade dos professores e dos órgãos de gestão e administração dos agrupamentos de escolas e escolas não agrupadas; b) A avaliação sumativa externa, da responsabilidade dos serviços ou entidades do Ministério da Educação e Ciência designados para o efeito.”

Existe ainda a autoavaliação que, de acordo com Pais e Monteiro (1996, p.28), “consiste na regulação do processo de aprendizagem pelo próprio aluno”, neste caso é o próprio aluno que avalia a sua prestação na sala de aula, baseando-se nos seus conhecimentos, resultados de avaliações, participação, comportamento, entre outros aspetos que podem ser levados em conta.

Para as avaliações que desenvolvi ao longo do estágio construí grelhas de avaliação com vários parâmetros e critérios, e recorri a uma escala de avaliação, para Tendbrink (2002, p.257) as escalas de avaliação são “instrumentos úteis para observar o desempenho e as realizações dos estudantes”. A escala de avaliação utilizada foi uma baseada na escala de avaliação de Likert (Quadro 17), esta escala foi utilizada para a avaliação do Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Quadro 17 - Escala de avaliação utilizada

Cotação	Classificação
0 a 2,9 valores	Fraco
3 a 4,9 valores	Insuficiente
5 a 6,9 valores	Suficiente
7 a 8,9 valores	Bom
9 a 10 valores	Muito Bom

3.2. Avaliação da atividade de Domínio da Matemática

3.2.1. Contextualização

O dispositivo de avaliação que se segue é referente a uma proposta de trabalho que realizei no grupo dos 4 anos no Domínio da Matemática. A atividade foi realizada por 26 crianças, no contexto de sala de aula e teve a duração de 30 minutos.

A respetiva proposta de trabalho encontra-se no anexo 1.

3.2.2. Descrição de parâmetros e critérios de avaliação

No quadro 18 encontram-se referidos os parâmetros, os critérios de avaliação e as suas respectivas cotação desta proposta de trabalho. De seguida encontram-se descritos esses mesmos parâmetros.

Interpertação e execução de orientações dadas: Pretende-se que as crianças interpretem e exeutem as orientações dadas corretamente utilizando as suas noções espaço-temporais através da observação de uma imagem.

As orientações foram as seguintes:

Pinta a árvore que se encontra mais à direita;

Pinta a nuvem que está mais próxima do sol;

Pinta o pássaro que está em cima da árvore de azul;

Pinta dois pássaros que estão a voar de amarelo;

Pinta duas flores de rosa, duas de amarelo e duas de roxo.

Motricidade: é avaliada a capacidade da criança de pintar o espaço respeitando os limites, de uma forma cuidada e uniforme.

Quadro 18 - Cotações e critérios definidos para a atividade do Domínio da Matemática.

Parâmetros	Critérios		Cotação	
1. Interpertação e execução de orientações dadas	Pinta a árvore que se encontra mais à direita	1	9	9
	Resposta incorreta	0		
	Pinta a nuvem que está mais próxima do sol	1		
	Resposta incorreta	0		
	Pinta o pássaro que está em cima da árvore de azul	2		
	Resposta incorreta	0		
	Pinta dois pássaros que estão a voar de amarelo	2		
	Resposta incorreta	0		
	Pinta duas flores de rosa, duas de amarelo e duas de roxo	3		
	Resposta incorreta	0		
2. Motricidade	Pinta respeitando os limites	1	1	1
	Não pinta respeitando os limites	0		
Total				10

3.2.3. Grelha de avaliação

De seguida apresento a grelha de avaliação na atividade do Domínio da Matemática, conforme se pode ver no quadro 19.

Quadro 19 - Grelha de avaliação da ficha da atividade do Domínio da Matemática

Parâmetro	1.	2.	Total	
Cotação	9	1	10	
Alunos				Classificação
1	9	1	10	Muito Bom
2	8	0,7	8,7	Bom
3	5	0,8	5,8	Suficiente
4	6	1	7	Bom
5	4	1	5	Suficiente
6	9	0,7	9,7	Muito Bom
7	9	0,6	9,6	Muito Bom
8	9	1	10	Muito Bom
9	3	0,7	3,7	Insuficiente
10	7	0,7	7,7	Bom
11	8	0,9	8,9	Bom
12	8	0,7	8,7	Bom
13	6	0,5	6,5	Suficiente
14	9	0,7	9,7	Muito Bom
15	5	1	6	Suficiente
16	8	0,9	8,9	Bom
17	9	0,7	9,7	Muito Bom
18	7	0,6	7,6	Bom
19	9	0,9	9,9	Muito Bom
20	9	0,7	9,7	Muito Bom
21	6	0,8	6,8	Suficiente
22	9	1	10	Muito Bom
23	8	1	9	Muito Bom
24	7	0,7	7,7	Bom
25	8	0,9	8,9	Bom
26	7	0,6	7,6	Bom
Media Aritmética	7,4	0,8	8,2	

3.2.4. Descrição da grelha

Através da grelha de avaliação é possível verificar que a maioria das crianças alcançaram os objetivos propostos, no quadro 20 apresento uma legenda dos resultados obtidos.

Quadro 20 - Escala da avaliação do Domínio da Matemática

		Número de alunos
Entre 0 e 2,9	Fraco	0
Entre 3 e 4,9	Insuficiente	1
Entre 5 e 6,9	Suficiente	5
Entre 7 e 8,9	Bom	10
Entre 9 e 10	Muito Bom	10
Total		26

Podemos observar que dos 26 alunos que realizaram a proposta de trabalho, um obteve Insuficiente, cinco alunos obtiveram Suficiente, dez alunos obtiveram Bom e dez alunos obtiveram Muito Bom.

No primeiro parâmetro nove alunos obtiveram cotação máxima, no segundo parâmetro apenas sete alunos obtiveram cotação máxima. A média das cotações no primeiro parâmetro foi de 7,4 valores num máximo de 9 valores, no segundo foi de 0,8 em 1 valores.

A cotação mais baixa atribuída foi de 3,7 valores (aluno 9) e a mais alta foi de 10 valores obtida por três crianças (aluno 1, 8 e 22), a média aritmética foi de 8,2 valores.

3.2.5. Apresentação dos resultados em gráfico circular

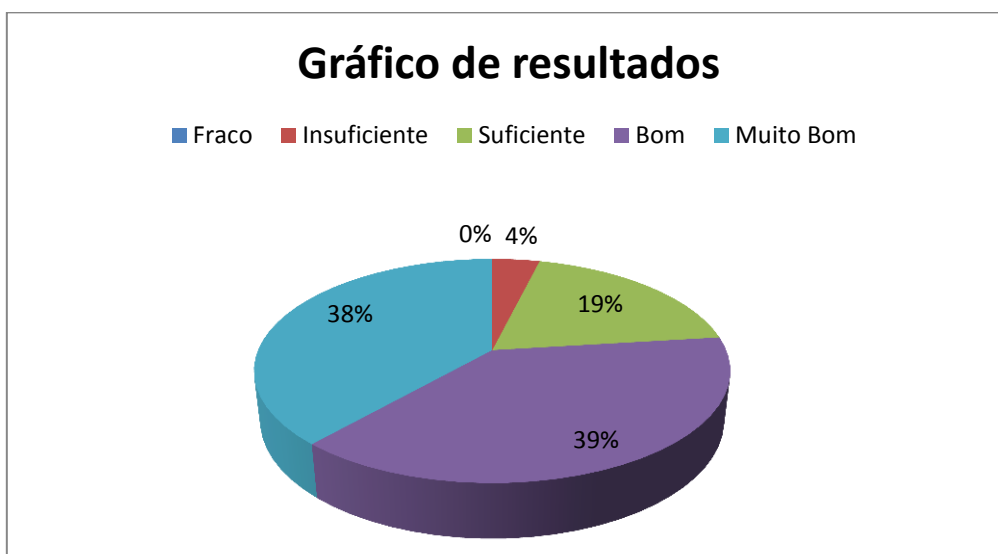


Figura 22 - Gráfico de resultados da atividade do Domínio da Matemática

3.2.6. Análise do gráfico

Observando o gráfico circular apresentado (figura 22) é possível verificar que 38% do grupo obteve uma classificação de Muito Bom, 39% obtiveram Bom, 19% obteve Suficiente e os restantes 4% obtiveram Insuficiente.

3.3. Avaliação da atividade do Domínio da Iniciação à Leitura e à Escrita

3.3.1. Contextualização

O dispositivo de avaliação que se segue é referente a uma proposta de trabalho que realizei na faixa etária dos cinco anos no Domínio da Iniciação à Leitura e à Escrita. A atividade foi realizada por 28 crianças, no contexto de sala de aula e teve a duração de 30 minutos.

A respetiva proposta de trabalho encontra-se no anexo 2.

3.3.2. Descrição de parâmetros e critérios de avaliação

No quadro 21 encontram-se referidos os parâmetros, os critérios de avaliação da proposta de trabalho aplicada. De seguida, encontram-se descritos esses mesmos parâmetros.

Identificação da letra <f> através da pintura de uma imagem: pretende-se que as crianças pintem todos os espaços da imagem que tenham a letra <f>.

Identificação da letra <t> através da pintura de uma imagem: espera-se que as crianças pintem todos os espaços da imagem que contenham a letra <t>.

Motricidade: é avaliada a capacidade da criança ao pintar o espaço respeitando os limites, de uma forma cuidada e uniforme.

No quadro 21 apresento as cotações atribuídas a estes critérios e parâmetros.

Quadro 21 – Cotações e critérios definidos para a atividade de Iniciação à Leitura e à Escrita

Parâmetros	Critérios		Cotação	
1. Identificação da letra <f> através da pintura de uma imagem	Pinta corretamente 3 espaços	3	3	8
	Pinta corretamente 2 espaços	2		
	Pinta corretamente 1 espaços	1		
	Não pinta corretamente nenhuma imagem	0		
2. Identificação da letra <t> através da pintura de uma imagem	Pinta corretamente 5 espaços	5	5	
	Pinta corretamente 4 espaços	4		
	Pinta corretamente 3 espaços	3		
	Pinta corretamente 2 espaços	2		
	Pinta corretamente 1 espaços	1		
	Não pinta corretamente nenhuma imagem	0		
3. Motricidade	Pinta respeitando os limites	1	1	2
	Não pinta respeitando os limites	0		
	Pinta uniformemente	1	1	
	Não pinta uniformemente	0		
Total				10

3.3.3. Grelha de avaliação

De seguida apresento a grelha de avaliação (Quadro 22) na atividade de Iniciação à Leitura e à Escrita.

Quadro 22 - Grelha de avaliação da proposta de trabalho de Iniciação à Leitura e à Escrita.

Parâmetro	1.	2.	3.		Total	
Cotação	3	5	1	1	10	
Alunos						Classificação
1	3	5	1	0,8	9,8	Muito Bom
2	3	5	0,7	1	9,7	Muito Bom
3	3	5	0,8	0,8	9,6	Muito Bom
4	3	5	0,5	0,9	9,4	Muito Bom
5	3	5	0,7	0,5	9,2	Muito Bom
6	3	5	0,6	1	9,6	Muito Bom
7	2	5	0,9	0,7	8,6	Bom
8	3	5	0,9	0,6	9,5	Muito Bom
9	3	5	0,9	0,8	9,7	Muito Bom
10	3	4	0,8	1	8,8	Bom
11	1	5	0,9	0,7	7,6	Bom
12	3	5	1	0,6	9,6	Muito Bom
13	3	5	0,7	0,8	9,5	Muito Bom
14	3	5	0,2	0,9	9,1	Muito Bom
15	3	5	0,5	1	9,5	Muito Bom
16	3	5	0,7	0,6	9,3	Muito Bom
17	3	5	0,4	0,9	9,3	Muito Bom
18	3	5	0,9	0,7	9,6	Muito Bom
19	3	4	1	0,6	8,6	Bom
20	3	3	1	1	8	Bom
21	3	5	1	0,9	9,9	Muito Bom
22	3	5	0,7	0,9	9,6	Muito Bom
23	2	5	0,2	0,8	8	Bom
24	0	5	1	0,5	6,5	Suficiente
25	3	5	0,7	0,9	9,6	Muito Bom
26	3	4	0,4	1	8,4	Bom
27	3	5	0,6	1	9,6	Muito Bom
28	3	5	0,8	0,5	9,3	Muito Bom
Media Aritmética	2,8	4,8	0,7	0,8	9,1	

3.3.4. Descrição da grelha

Através da grelha de avaliação é possível verificar que os resultados foram na sua grande maioria satisfatórios, no quadro 23 apresento uma legenda dos resultados obtidos.

Quadro 23 - Escala da avaliação de Iniciação à Leitura e à Escrita.

		Número de alunos
Entre 0 e 2,9	Fraco	0
Entre 3 e 4,9	Insuficiente	0
Entre 5 e 6,9	Suficiente	1
Entre 7 e 8,9	Bom	7
Entre 9 e 10	Muito Bom	20
Total		28

Podemos observar que dos 28 alunos que realizaram a proposta um obteve Suficiente e sete alunos obtiveram Bom e vinte alunos obtiveram Muito Bom.

No primeiro parâmetro apenas 4 alunos não obtiveram cotação máxima, o mesmo ocorreu no segundo parâmetro. A média das cotações no primeiro parâmetro foi de 2,8 valores num máximo de 3 valores, no segundo foi de 4,8 em 5 valores.

A cotação mais baixa atribuída foi de 6,5 valores obtida por um aluno (24) e a mais alta foi de 9,9 valores, também aferida por um aluno (21), a média aritmética foi de 9,1 valores.

3.3.5. Apresentação dos resultados em gráfico circular

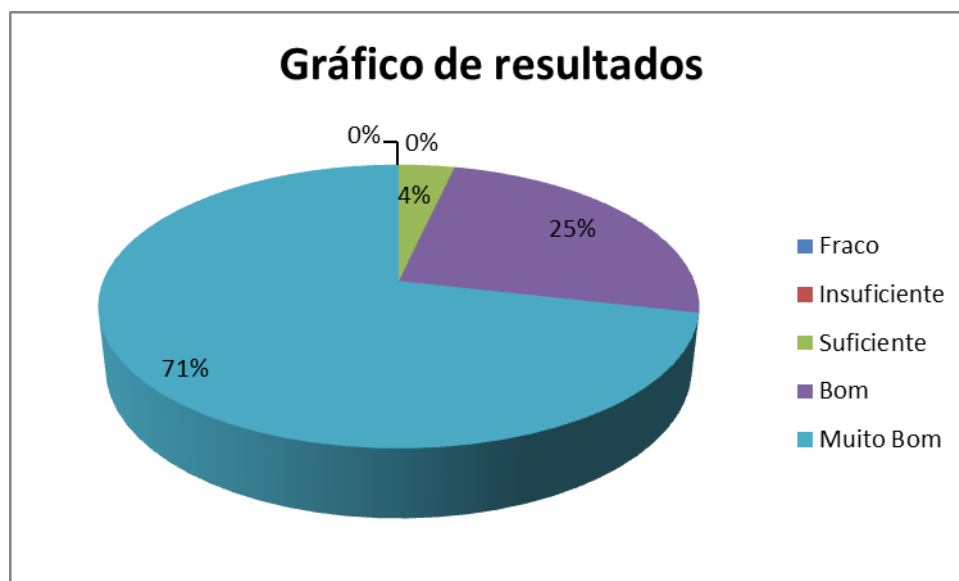


Figura 23 - Gráfico de resultados da atividade de Introdução à Leitura e à Escrita

3.3.6. Análise do gráfico

Observando o gráfico circular apresentado (Figura 23) é possível verificar que 71% da turma obteve uma classificação de Muito Bom, 25% obtiveram Bom e os restantes 4% obtiveram Suficiente.

Os resultados obtidos foram bastante satisfatórios e que os alunos mostraram gostar de realizar este tipo de trabalho.

3.4. Avaliação da atividade da Área de Português

3.4.1. Contextualização

O dispositivo de avaliação que se segue é referente a uma proposta de trabalho que realizei no 3.º ano na área de Português. A atividade foi realizada por 28 crianças, no contexto de sala de aula e teve a duração de 30 minutos.

A respetiva proposta de trabalho encontra-se no anexo 3.

3.4.2. Descrição de parâmetros e critérios de avaliação

No quadro 24 encontram-se referidos os parâmetros, os critérios de avaliação e respetivas cotações da ficha de Português. De seguida, encontram-se descritos esses mesmos parâmetros.

Identificação do adjetivo: Pretende-se que a criança consiga identificar na frase o adjetivo, e demonstrá-lo circundando-os.

Reconhecimento do grau do adjetivo: Pretende-se que a criança seja capaz de identificar o grau em que o adjetivo se encontra.

Apresentação: Pretende-se que a criança tenha uma atitude assídua com as suas propostas de trabalho.

Ortografia: Pretende-se que os alunos tenham atenção aos erros ortográficos.

Quadro 24 - Cotações e critérios definidos para a atividade da Área Curricular de Português

Parâmetros	Critérios		Cotação	
1. Identificação do adjetivo	Circundou 4 adjetivos.	4	4	8
	Circundou 3 adjetivos	3		
	Circundou 2 adjetivos	2		
	Circundou 1 adjetivo	1		
	Circundou outra palavra descontar	-0,1		
	Não respondeu.	0		
2. Reconhecimento do grau do adjetivo	Identificou corretamente todos os graus dos adjetivos	4	4	
	Identificou parcialmente o grau de um dos adjetivos	- 0,5		
	Não identificou o grau de um dos adjetivos	- 1		
3. Apresentação	Muito cuidada	1	1	2
	Cuidada	0,5		
	Pouco cuidada	0		
4. Ortografia	Cada erro descontar	-0,1	1	
Total				10

3.4.3. Grelha de avaliação

Apresento no quadro 25 a grelha de avaliação da atividade de Português.

Quadro 25 - Grelha de avaliação da atividade de Português

Parâmetros	1.	2.	3.	4.	Total	Classificação
Cotações	4	4	1	1	9	
Alunos						
1	4	4	0,5	0,8	9,3	Muito Bom
2	4	4	1	0,9	9,9	Muito Bom
3	4	4	1	0,7	9,7	Muito Bom
4	4	4	1	0,5	9,5	Muito Bom
5	4	4	1	0,8	9,8	Muito Bom
6	0	4	1	0,6	5,6	Suficiente
7	4	4	1	1	10	Muito Bom
8	4	4	1	0,9	9,9	Muito Bom
9	4	4	1	0,8	9,8	Muito Bom
10	0	4	1	1	6	Suficiente
11	4	4	1	0,9	9,9	Muito Bom
12	4	4	1	1	10	Muito Bom
13	4	4	1	1	10	Muito Bom
14	4	4	1	0,9	9,9	Muito Bom
15	4	4	1	0,6	9,6	Muito Bom
16	4	4	1	0,9	9,9	Muito Bom
17	0	4	1	0,6	5,6	Suficiente
18	4	4	1	0,8	9,8	Muito Bom
19	4	4	1	0,8	9,8	Muito Bom
20	4	4	1	1	10	Muito Bom
21	4	4	1	1	10	Muito Bom
22	0	4	1	0,8	5,8	Suficiente
23	4	4	1	0,6	9,6	Muito Bom
24	4	4	1	0,8	9,8	Muito Bom
25	4	4	1	0,8	9,8	Muito Bom
26	4	4	1	1	10	Muito Bom
27	4	4	1	0,6	9,6	Muito Bom
28	0	4	0,5	0,5	5	Suficiente
Média aritmética	3,3	4,0	1,0	0,8	9,1	

3.4.4. Descrição da grelha

Através da observação dos resultados da avaliação do exercício é possível verificar que os resultados foram maioritariamente satisfatórios, no quadro 26 apresento uma legenda dos resultados obtidos.

Quadro 26 - Escala da avaliação de Português

		Número de alunos
Entre 0 e 2,9	Fraco	0
Entre 3 e 4,9	Insuficiente	0
Entre 5 e 6,9	Suficiente	5
Entre 7 e 8,9	Bom	0
Entre 9 e 10	Muito Bom	20
Total		25

Podemos observar que dos 25 alunos que realizaram a ficha cinco (6, 10, 17, 22 e 28) obtiveram Suficiente e 20 alunos obtiveram Muito Bom.

Os cinco alunos que obtiveram cotação zero no primeiro parâmetro foram os mesmos cinco alunos que tiveram cotações mais baixas, entre os 5 e os 6 valores.

Relativamente ao segundo parâmetro todos os alunos obtiveram nota máxima e nos restantes dois parâmetros foram variadas as cotações obtidas.

A cotação mais baixa atribuída foi de 5 valores obtida por um aluno e a mais alta foi de 10 valores, obtida por seis alunos. A média aritmética foi de 9,1 valores.

3.4.5. Apresentação dos resultados em gráfico circular

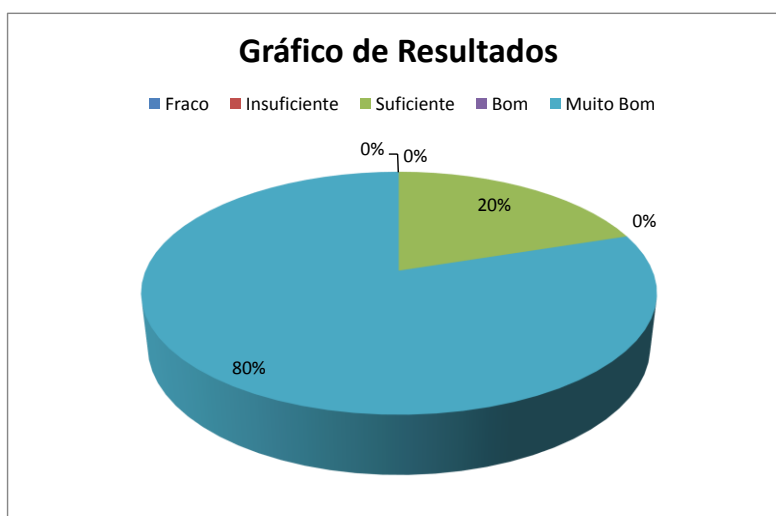


Figura 24 - Gráfico de resultados da atividade de Português

3.4.6. Análise do gráfico

Avaliando o gráfico circular apresentado anteriormente (Figura 24) é possível verificar que 80% da turma obteve uma classificação de Muito Bom e os restantes 20% obtiveram Suficiente.

De acordo com os dados obtidos a professora deverá focar-se mais no ensino e aprendizagem dessas cinco crianças, e criar estratégias de concentração e atenção para esses mesmos alunos.

3.5. Avaliação da atividade da Área de Estudo do Meio

3.5.1. Contextualização

O dispositivo de avaliação que se segue é referente a uma proposta de trabalho que realizei no 3.º ano na área de Estudo do Meio. A atividade foi realizada por 23 alunos, no contexto de sala de aula e teve a duração de 30 minutos.

A respetiva proposta de trabalho encontra-se no anexo 4.

3.5.2. Descrição de parâmetros e critérios de avaliação

No quadro 27 encontram-se referidos os parâmetros, critérios de avaliação e respetivas cotações desta proposta de trabalho. De seguida encontram-se descritos os parâmetros e critérios.

Legendar a imagem: Pretende-se que a criança legende corretamente os nove espaços da imagem referentes às partes constituintes do coração humano.

Ortografia: Pretende-se que os alunos tenham atenção aos erros ortográficos.

Quadro 27 - Cotações e critérios definidos para a atividade na Área de Estudo do Meio

Parâmetros	Critérios		Cotação
1. Legendar a imagem	Escreveu corretamente 9 espaços	9	9
	Escreveu corretamente 8 espaços	8	
	Escreveu corretamente 7 espaços	7	
	Escreveu corretamente 6 espaços	6	
	Escreveu corretamente 5 espaços	5	
	Escreveu corretamente 4 espaços	4	
	Escreveu corretamente 3 espaços	3	
	Escreveu corretamente 2 espaços	2	
	Escreveu corretamente 1 espaço	1	
	Não escreveu em nenhum espaço	0	
2. Ortografia	Cada erro descontar	- 0,1	1
Total			10

3.5.3. Grelha de avaliação

No quadro 28 apresento a grelha de avaliação da atividade de Estudo do Meio.

Quadro 28 - Grelha de avaliação da ficha da atividade de Estudo do Meio

Parâmetro	1.	2.	Total	Classificação
Cotação	9	1	10	
Alunos				
1	9	0,8	9,8	Muito Bom
2	8	0,2	8,2	Bom
3	8	0,8	8,8	Bom
4	6	0,8	6,8	Suficiente
5	9	0,5	9,5	Muito Bom
6	9	0,9	9,9	Muito Bom
7	9	0,6	9,6	Muito Bom
8	9	0,6	9,6	Muito Bom
9	9	0,4	9,4	Muito Bom
10	9	0,5	9,5	Muito Bom
11	8	0,6	8,6	Bom
12	8	0,6	8,6	Bom
13	9	0,8	9,8	Muito Bom
14	9	0,9	9,9	Muito Bom
15	8	0,5	8,5	Bom
16	9	0,6	9,6	Muito Bom
17	9	0,3	9,3	Muito Bom
18	8	0,7	8,7	Bom
19	9	0,6	9,6	Muito Bom
20	9	1	10	Muito Bom
21	9	0,5	9,5	Muito Bom
22	9	0,5	9,5	Muito Bom
23	6	0,6	6,6	Suficiente
Media Aritmética	8,5	0,6	9,1	

3.5.4. Descrição da grelha

Observando a grelha é possível verificar que quinze alunos alcançaram a cotação máxima no primeiro parâmetro e que apenas um aluno (20) alcançou cotação máxima também no segundo parâmetro, obtendo assim o resultado máximo de 10 valores, tendo sido a cotação mais baixa a de 6 valores.

No total 15 alunos obtiveram Muito Bom na sua classificação, seis obtiveram Bom e dois obtiveram Suficiente. No quadro 29 podemos observar estas informações em tabela.

De forma a visualizarmos melhor os resultados apresento o quadro 29.

Quadro 29 - Escala da avaliação de Português

		Número de alunos
Entre 0 e 2,9	Fraco	0
Entre 3 e 4,9	Insuficiente	0
Entre 5 e 6,9	Suficiente	2
Entre 7 e 8,9	Bom	6
Entre 9 e 10	Muito Bom	15
Total		23

A cotação mais baixa atribuída foi de 6,6 valores e a mais alta foi de 10 valores, a média aritmética foi de 9,1 valores.

3.5.5. Apresentação dos resultados em gráfico circular

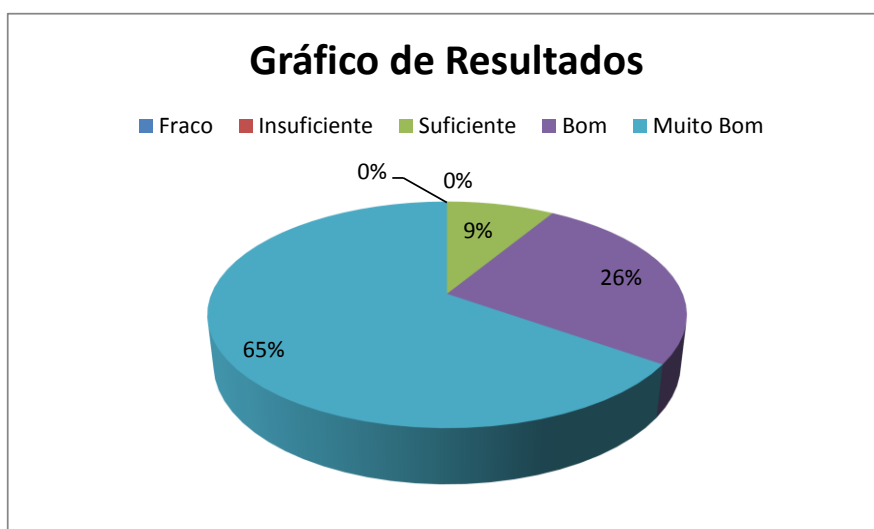


Figura 25 - Gráfico de resultados da atividade de Estudo do Meio

3.5.6. Análise do gráfico

Através do gráfico circular apresentado (figura 25) é possível verificar que 65% da turma obteve uma classificação de Muito Bom, 26% obteve Bom e os restantes 9% obtiveram Suficiente.

Posso inferir que os alunos devem realizar mais exercícios: sopa de letras, palavras cruzadas, soletração de palavras por forma a melhorarem a correção ortográfica.

REFLEXÃO FINAL

Nas próximas páginas e para terminar, apresento a Reflexão Final onde expresso várias considerações sobre o Mestrado, faço um balanço sobre o trabalho dos últimos meses, abordo ainda as limitações ao trabalho realizado e sugestões de novas pesquisas.

Considerações Finais

O balanço que faço sobre o Estágio Profissional ao longo deste período é bastante positivo, de todas as Unidades Curriculares existentes, quer na Licenciatura, quer no Mestrado, foi a que mais me motivou ao longo destes quatro anos e meio. A oportunidade de ver crianças a crescer e ajudar a que alcancem tudo aquilo a que se propõem, que se tornem cidadãos e pessoas equilibradas, felizes e bem-sucedidas é extremamente recompensante em termos pessoais.

Todos os profissionais, professoras, educadoras, pessoal não-docente, tanto do Jardim-Escola onde estagiei como da Escola Superior sempre se mostraram disponíveis para me ajudar a ultrapassar os desafios com que me ia deparando. Galveias (2008, p. 13) refere que na prática de supervisão é necessário “criar um clima favorável, uma atmosfera afectivo-relacional positiva, de entreajuda, recíproca, aberta, espontânea, autêntica, cordial, empática entre o supervisor e o professor em formação”.

Graças à interligação entre a teoria e a prática existente neste curso foi possível aprender e praticar imenso para ser uma boa profissional, Dewey (citado por Alarcão e Tavares, 2003, p.19), atesta que a “formação profissional dos professores deve ter uma componente teórica e uma componente prática”. O meu estágio foi portanto um momento rico em aprendizagens, pessoais e profissionais, que irão orientar-me no futuro, no sentido de me tornar uma boa profissional.

“Se os alunos futuros professores sentirem genuinamente o que é ensinar e aprender através de experiências autênticas, há maior probabilidade de encararem a situação de uma forma pessoalmente mais significativa”, Loughran (citado por Flores e Simão, 2009, p.27). As experiências que vivi, a observação das aulas dadas pelas professoras/educadoras, a possibilidade de dar eu aulas e experimentar diversos ambientes e vivenciar várias situações, de observar as colegas e viver ambientes de sala de aula tão diferenciados, forneceram-me bases e prepararam-me o melhor possível para o mundo da educação.

Ainda durante o estágio, sempre que uma das estagiárias dava uma aula, programada ou surpresa, as professoras (de sala e/ou as professoras da Equipa de Supervisão) davam, posteriormente durante uma reunião, um *feedback* onde abordavam os aspetos positivos da aula dada e quais poderíamos melhorar e sugeriam-nos metodologias e estratégias, considero esta prática de extrema importância. Por vezes, durante as aulas na Escola Superior, as professoras da Equipa de Supervisão abordavam situações que observavam no estágio e conversávamos de forma a resolvermos as situações, partilhas vivências e chegarmos a um consenso sobre o melhor método/ atitude/ estratégia a adotar. Para Moreira e Alarcão (citados por Severino, 2007, p.57) “A reflexão é retrospectiva e prospectiva: olha-se para o que foi feito de modo a localizar problemas na estratégia de acção utilizada, procurando dela retirar algum significado”. Considero que todos estes momentos contribuíram imenso para a minha aprendizagem e consciencialização do que é necessário para ser uma boa profissional. A possibilidade de durante o estágio experimentarmos dar aulas numa escola, sala e turma real, podermos aprender com os erros e assim podermos melhorar a nossa prestação para que os alunos aprendam e, principalmente, aprendam a gostar de aprender é fundamental para a formação de bons professores. Alegria, Loureiro, Marques e Martinho, (2001, p. 45) afirmam isso mesmo ao referirem que o estágio proporciona “aos estagiários condições para exercer numa escola, em contexto real, as funções de professor”.

O facto de poder estagiar com uma colega foi uma mais-valia pela possibilidade de partilha de ideias e materiais, a constante crítica construtiva, o continuo suporte de ajuda e força. A relação entre colegas profissionais nas escolas deve-se basear nestes valores, de entreaajuda, suporte e apoio, o ideal seria a constante troca de ideias, materiais e a discussão de casos de turma. Por vezes, uma colega com mais experiência pode ter passado por uma situação que a outra esteja a passar, ou uma colega com menos experiência ter conhecimento de novas estratégias ou métodos que possa partilhar e ajudar, a mais experiente.

Ao longo do curso pude refletir sobre a minha prática, e observei grandes melhorias, recordo a primeira aula que dei, numa turma do segundo ano sobre os valores, como estava nervosa, a péssima escolha de estratégias e reflito sobre o que teria feito de diferente, basicamente tudo. Olhando para essa aula orgulho-me do que sou hoje e do quanto melhorei, e penso que, para ser professora, é preciso praticar imenso e nunca parar de tentar melhorar, pesquisar e encontrar novas estratégias,

inovar na sala de aula e, acima de tudo, esforçarmos-nos para sermos bons professores e conseguirmos dar o melhor de nós, Pacheco (1995, p. 33) defende que “o conhecimento do professor provém significativamente da prática e esta é algo que se aprende e treina, mas que não se ensina.”

A realização deste relatório permitiu-me consolidar e aprofundar vários conhecimentos, através das imensas pesquisas que realizei pude selecionar e afirmar a minha opinião sobre certas práticas. Através desta realização pude aprofundar os vários métodos de planificação, para além dos que nos deram a conhecer nas aulas, assim como os métodos de avaliação e praticar os mesmos.

Para terminar considero ter sido muito bom para a minha formação ter optado por realizar o Mestrado em Educação Pré-Escolar e o do Ensino do 1.º ciclo do Ensino Básico.

Limitações

Durante a realização deste relatório senti algumas dificuldades em encontrar fundamentação teórica para alguns conteúdos, que eram do meu agrado, fundamentar tentando ao mesmo tempo que os livros fossem atuais e de autores fidedignos. Outra limitação referente à fundamentação foi o facto de várias vezes os livros disponíveis na Biblioteca da Escola encontrarem-se requisitados por outras colegas, e por vezes com lista de espera, optei, portanto, por recorrer a outras bibliotecas.

Relativamente ao estágio, penso ser um fator menos positivo na minha formação o facto das horas de estágio estarem distribuídas por três manhãs, impossibilitando-nos de observar as atividades da tarde. Consequentemente as atividades observadas focaram-se mais em atividades Matemáticas e de Português, e, consequentemente, os assuntos das fundamentações tornaram-se um pouco repetitivos.

Novas Pesquisas

Embora tenha terminado o meu curso tenho consciência de que o mundo da educação encontra-se em crescente evolução e inovação, todos os dias aparecem novos estudos, leis, investigações e temos a responsabilidade de nos mantermos a par da evolução da sociedade.

Por isso, tenho intenção de me manter a par das pesquisas e investir em formações, nomeadamente na área de Necessidades Especiais e Escrita Criativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abrantes, P., Serrazina, L. & Oliveira, I. (1999). *A Matemática na Educação Básica*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ajuriaguerra, J., Auzias, M., Coumes, F., Denner, A., Lavondes-Monod, V., Perron, R. & Stambak, M. (1988). *A escrita infantil, evolução e dificuldades*. Brasil: Artes Médicas.
- Albuquerque, F. (2000). *A hora do conto*. Lisboa: Editorial Teorema.
- Alarcão, I. (org.) (1996). *Formação reflexiva de professores*. Porto: Porto Editora.
- Alarcão, I. & Tavares, J. (2003). *Supervisão da Prática Pedagógica. Uma Prespetiva de Desenvolvimento e Aprendizagem*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Alcatrão, I. & Roldão, M. C. (2008). *Supervisão. Um contexto e desenvolvimento profissional dos professores*. Portugal: Edições Pedagogo.
- Alegria, M., Loureiro, M. Marques, M., Martinho, A. (2001). *A prática pedagógica na formação inicial dos professores*. Lisboa: Areal Editores.
- Almeida, A. (1998). *Visitas de Estudo. Concepções e eficácia na aprendizagem*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Almeida, A. (2006). Factores de Pré-Disposição para o Ambiente: Importância do seu Conhecimento em Educação Ambiental. in: *Da Investigação às Práticas – Estudos de Natureza Educacional*. Vol. VII N.º1. Lisboa: Escola Superior de Educação de Lisboa.
- Andrade, M. (1995). *Educação para a saúde: Guia para professores e educadores*. Lisboa: Texto Editora.
- Antunes, C. (2008). *Professores e professorurus: reflexões sobre a aula e práticas pedagógicas diversas*. Brasil: Editora Vozes.
- Antão, J. (1997). *Elogio da Leitura*. Po: Edições Asa.
- Arends, R. (1995). *Aprender a Ensinar*. Lisboa: McGraw Hill.
- Azcue, J. (2012). *A escola onde se aprende*. Lisboa: Pricípia Editora.
- Alsina, A. (2004). *Desenvolvimento de Competências Matemáticas com Recursos Lúdico-manipulativos*. Porto: Porto Editora.
- Barnes, R. (2002). *Teaching Art to Young Children 4-9*. Inglaterra: Routledge Falmer.
- Barrody, A. (2002). Incentivar a aprendizagem Matemática das crianças. Em: B. Spodek (Org.). *Manual de Investigação em educação de infância*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Barros, M. & Palhares, P. (1997). *Emergência da Matemática no Jardim-de-Infância*. Porto: Porto Editora.
- Bastos, G. (1999). *Literatura Infantil e Juvenil*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Bartolomeis, F. (1999). *Avaliação e orientação: objectivos, instrumentos, métodos*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Bilvar, A., Grosso, C., Oliveira, F. & Timóteo, M. (2012). *Metas de Aprendizagem: Ensino Básico. Matemática*. Lisboa: Ministério de Educação.
- Brazelton, T. B. & Sparrow, J. D. (2006). *A criança dos 3 aos 6 anos. O desenvolvimento emocional e do comportamento*. Portugal: Editorial Presença.
- Caldeira, F. (2009a). *A Importância dos Materiais para uma Aprendizagem Significativa da Matemática*. Tese de Doutoramento. Universidad de Málaga. Facultad de Ciencias de la Educación.
- Caldeira, F. (2009b). *Aprender a Matemática de uma forma lúdica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Carmo, H. & Ferreira, M. M. (1998). *Metodologia da investigação: guia para aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Castro, J. & Rodrigues, M. (2008). *Sentido de número e organização de dados*. Lisboa: Ministério de Educação.
- Carvajal, A., García, L. & Sanchidrián, C. (1997). *Enciclopédia da Educação Infantil. Recursos para o desenvolvimento do currículo escolar. Expressão Corporal e Dramatização*. Portugal: Nova Presença.
- Catita, E. (2007). *Estratégias Morfológicas para o ensino do meio físico e social do Pré-Escolar*. Porto: Areal Editores.
- Cervera, J., Fuentes, P. & Fernández, H. (1997). *Enciclopédia da Educação Infantil. Recursos para o desenvolvimento do currículo escolar. Expressão musical*. Portugal: Nova Presença.
- Condemarín, M. & Chadwick, M. (1987). *A escrita criativa e formal*. Brasil: Artes Médicas.
- Cordeiro, M. (2010). *O Livro da Criança. Do 1 aos 5 anos*. Portugal: A esfera dos livros.
- Costa, P. (2012). *Clube de Ciências*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

- Cury, A. (2006). *Pais Brilhantes, Professores Fascinantes. Como formar jovens felizes e inteligentes*. Lisboa: Editora Pergaminho.
- Damas, E., Oliveira, V., Nunes, R. & Silva, L. (2010). *Alicerces da Matemática, guia prático para professores e educadores*. Porto: Areal Editores.
- Day, C. (2004). *A Paixão pelo Ensino*. Porto: Porto Editora.
- Deus, M. L. (1997). *Prático da Cartilha Maternal*. Lisboa: Associação dos Jardins Escola João de Deus.
- Díez-Hochleitner, M. P., García, L. & Sanchidrián, C. (1997). *Enciclopédia da Educação Infantil. Recursos para o desenvolvimento do currículo escolar. Expressão plástica*. Portugal: Nova Presença.
- Egan, K. (1994). *O uso da narrativa como técnica de ensino*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Estanqueiro, A. (2010). *Boas práticas na Educação - O Papel dos Professores*. Lisboa: Editorial Presença.
- Ferreira, P. & Nogueira, S. (2005). *O fio de meada*. Lisboa: Rafa Editora.
- Flores, M. & Simão, A. (2009). (Org.) *Aprendizagem e desenvolvimento profissional de professores: contextos e perspetivas*. Portugal: Edições pedagogo.
- Freitas, M., Alves, D. & Costa, T. (2007). *O conhecimento da Língua: Desenvolver a Consciência Fonológica*. Lisboa: Ministério de Educação.
- García, S., Gil, P. & Zaloña, P. (1997). *Enciclopédia da Educação Infantil. Recursos para o desenvolvimento do currículo escolar. Comunicação Linguística*. Portugal: Nova Presença.
- Guedes, C. C. & Morena, J. (2002). *Guião para professores "a escola vai ao museu"*. Lisboa: Instituto de inovação educacional.
- Guimarães, E., Brito, A., Junior, L. & Silva, D. (s.d.). *Jardim-Zoológico e o Ensino de Ciências: um olhar a partir de Piaget*.
- Gomes, J. (2000). *Da nascente à voz - contributos para uma pedagogia da leitura*. Lisboa: Caminho
- Grosso, C. (2004). *Grandezas e Medidas. Área e Volumes*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Grupo Técnico das Publicações do IAC. (1995) *Convenção sobre os direitos da criança*. Lisboa: Instituto de Apoio à Criança.

- Guerra, M. (2006). *Arqueologia dos sentimentos*. Porto: Asa Editores.
- Haigh, A. (2010). *A arte de ensinar: Grandes ideias, Regras simples*. Lisboa: Academia do Livro.
- Hohmann, M., Banet, B. & Weikart, D. (1979). *A Criança em Acção*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Jean, G. (2000). *A Leitura em Voz Alta*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Leite, C. & Rodrigues, M. (2001). *Jogos e contos numa educação para a cidadania*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Liégeois, J. (2001). *Minoria e escolarização: o rumo cigano*. Lisboa: Ministério de Educação.
- Magalhães, V. F. (2008). A promoção da leitura literária na infância: um mundo de verdura a não perder. In O. Sousa e A. Cardoso (Eds.). *Desenvolver competências em Língua Portuguesa*. Lisboa: Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais da Escola Superior de Educação de Lisboa; pp. 55-73.
- Maluf, A. (2008). *Atividades lúdicas para Educação Infantil: conceitos, orientações e práticas*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Martins, I.; Veiga, M.; Teixeira, F.; Vieira, C.; Vieira, R.; Rodrigues, A. e Couceiro, F. (2007). *Educação em ciências e ensino experimental: Formação de professores*. Lisboa: Ministério da Educação
- Meirieu, P. (1998). *Os trabalhos de casa*. Lisboa: Editorial Presença.
- Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação/ Departamento da Educação Básica.
- Ministério da Educação (2004). *Programas do 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação (2007). *Programa de Matemática do 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação (2009). *Programa de Português do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Moller, M. (2009). *O Método de Iniciação à Leitura da Escola «Ave-Maria»*. Lisboa: Príncípia Editora.

- Morgado, J. (2004). *Qualidade na Educação: Um desafio para os professores*. Lisboa: Editorial Presença.
- Nabais, J. A. (s.d.). *À descoberta da Matemática com os cubos-barras de cor*. Lisboa: Centro de Psicologia Aplicada à Educação.
- National Council of Teachers Mathematics. (2007). *Princípios e normas para a matemática escolar*. Lisboa: Associação de Professores de Matemática.
- Neto, C. (1997). *Jogo & Desenvolvimento da Criança*. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana.
- Pais, A. & Monteiro, M. (1996). *Avaliação, uma prática diária*. Lisboa: Presença.
- Palhares, P. (2004). *Elementos de Matemática para professores do Ensino Básico*. Lisboa: Lidel.
- Papalia, D., Olds, S. & Feldman, R. (2001). *O mundo da criança*. Lisboa: McGraw-Hill.
- Pérez, M. R. (s.d). *Desenho curricular de aula como modelo de aprendizagem - ensino*. Comunicação apresentada no Seminário Internacional I. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Pérez, M. & López, E. (2001). *Diseños curriculares de aula : un modelo de planificación como aprendizaje-enseñanza*. Buenos Aires: Novedades Educativas.
- Perrenoud, P. (2000). *Dez novas competências para ensinar*. Brasil: Artes Médicas.
- Proença, M. (1990). *Ensinar/Aprender História – questões didáctica aplicada*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Rebelo, J. (1993). *Dificuldades da leitura e da escrita em alunos do ensino básico*. Porto: Edições Asa.
- Reis, M. P. C. P. (2008). *A relação entre pais e professores. Uma construção de proximidade para uma escola de sucesso*. Tese de Doutoramento. Universidad de Málaga. Facultad de Ciencias de la Educación.
- Ribeiro, A. & Ribeiro, L. (1990). *Planificação e avaliação do ensino – aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Robinson, N. (2002). *Origami para principiantes: um guia simples em três etapas para criar especialistas na arte de dobrar papel*. Lisboa: Dinalivro.
- Rodrigues, D. (2002). *A infância da Arte, a arte da infância*. Porto: Edições ASA.

- Rosa, S. (1998). *Brincar, conhecer, ensinar*. Brasil: Cortez.
- Ruivo, I. (2009). *Um novo olhar sobre o método de leitura João de Deus*. Tese de Doutoramento. Universidad de Málaga. Facultad de Ciencias de la Educación.
- Sanches, I. (2001). *Comportamentos e Estratégias de Actuação na Sala de Aula*. Porto: Porto Editora.
- Santos, E. (2000). *Hábitos de leitura em crianças e adolescentes*. Coimbra: Quarteto.
- Serrano, J. (1990). *Educação do Movimento*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Serrazina, L. (2002). *A formação para o ensino da Matemática na educação Pré-Escolar e no 1.º ciclo do ensino básico*. Porto: Porto Editora.
- Serrazina, L. & Matos, J. (1996). *O Geoplano na sala de aula*. Lisboa: Associação de Professores de Matemática.
- Severino, M. (2007). *Supervisão em Educação de infância: supervisores e estilos de supervisão*. Portugal: Editora Novembro.
- Sim-Sim, I. (2007). *O ensino da leitura: a compreensão de textos*. Lisboa: Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Smole, K. C. S. (1996). *A Matemática na educação infantil – A teoria das inteligências múltiplas na prática escolar*. Brasil: Artmed.
- Spodek, B. & Saracho, O. (1998). *Ensinando crianças de três a oito anos*. Brasil: Artes Médicas.
- Tendbrink, T. (2002). *Evolucion guia practica para profesores*. Madrid: Narcea.
- Vasconcelos, T. (2004). *Manual de desenvolvimento curricular para a educação de infância*. Lisboa: Texto Editores.
- Villas-Boas, M. (2000). *Reuniões de pais*. Lisboa: Ministério de Educação.
- Zabalza, M. A. (1998). *Qualidade em Educação Infantil*. Lisboa: Artes Médicas.
- Zabalza, M. A. (2000). *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*. Porto: Edições Asa.

Decretos-Lei e Circulares

Decreto-Lei n.º 49/1990, de 12 de setembro.

Decreto-Lei n.º 6/2001, de 18 de janeiro.

.

Decreto-Lei n.º 240/2001, de 30 de agosto.

Decreto-Lei n.º 241/2001, de 30 de agosto.

Decreto-Lei n.º 139/2012, de 5 de julho.

Circular nº 17/DSDC/DEPEB/2007

Circular n.º 4/DGIDC/DSDC/2011

Referências Electrónicas

Barros, C. (2008). *Era uma vez... sobre os contos tradicionais infantis na literatura infantil*. Recuperado em 2013, abril 3 de <http://sociedadepsicologia.wordpress.com/2008/07/18/era-uma-vez-sobre-os-contos-tradicionais-na-literatura-infantil/>

Barreto, A. (s.d.). Guia de Actividades Curriculares para a Educação Pré-Escolar. Recuperado em 2013, abril 29, de https://portoncv.gov.cv/dhub/porton.por_global.open_file?p_doc_id=440

Carvalho, A. *Associação de Jardins Escola João de Deus. Linhas de Força do Método João de Deus*. Recuperado em 2012, fevereiro 11 de <http://jideusolivais.blogspot.com/>

Galveias, M. (2008). *Prática Pedagógica: cenário de formação profissional*. Recuperado em 2012, janeiro 2 de <http://www.eses.pt/interaccoes>

Ministério da Educação. *O Plano Nacional de Leitura*. Recuperado em 2012, janeiro 17 de <http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/pnlvt/apresentacao.php?idDoc=6>

Ministério da Educação (2012). Educação para a Cidadania – linhas professoras da Equipa de Supervisão. Recuperado em 2013, fevereiro 16 de <http://www.dgidc.min-edu.pt/educacaocidadania/index.php?s=directorio&pid=71>

Moreira, M. (2008). *Modelo João de Deus*. Recuperado em 2012, abril 12 de <http://apei.no.sapo.pt/novo/jornadas/jd.html>

Ruivo, I. (Outubro de 2006). *João de Deus: Método de leitura com sentido*. Actas do VI Encontro Nacional (IV Internacional) de Investigação em Leitura, Literatura Infantil e Ilustração. Braga: Universidade do Minho, Outubro de 2006. Recuperado em 2012, abril 12 de http://195.23.38.178/casadaleitura/portalfbeta/bo/documentos/ot_metodo_leitura_joao_deus_b.pdf

Stover, E. (2012). *What Are the Benefits of Using PowerPoint and Slide Presentations in the Classroom*. Recuperado em 2012, julho 17 de http://www.ehow.com/facts_5008796_using-powerpoint-slide-presentations-classroom.html

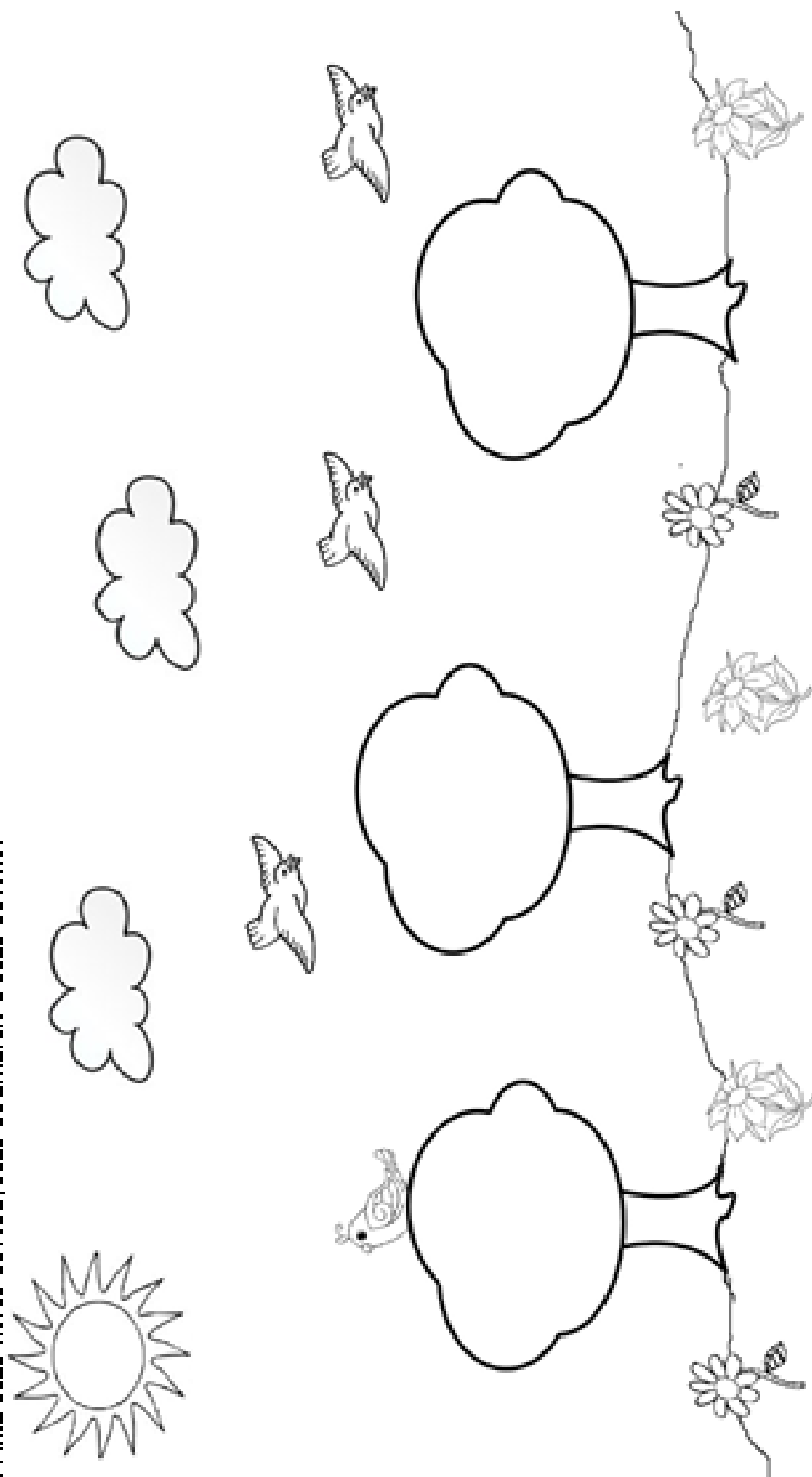
Vos, J. (2008). *Can Preschool Children Be Taught a Second Language?* Recuperado em 2013, abril 29 de http://www.earlychildhoodnews.com/earlychildhood/article_view.aspx?ArticleId=60

ANEXOS

Anexo 1

Jardim-Escola João de Deus
Bibe Encarnado

1. Pinta a árvore que se encontra mais à direita.
2. Pinta a nuvem que está mais próxima do sol.
3. Pinta o pássaro que está em cima da árvore de azul.
4. Pinta dois pássaros que estão a voar de amarelo.
5. Pinta duas flores de rosa, duas de amarelo e duas de roxo.



Nome: _____ Data: _____

Anexo 2

Jardim-Escola João de Deus

1. Pinta de **laranja** os espaços ocupados pela letra **f**.
2. Pinta de **verde** os espaços ocupados pela letra **t**.

f / t



Nome: _____ Data: ____/____/____

Anexo 3

Nome: _____ Data: _____

FIGHA FORMATIVA

LÍNGUA PORTUGUESA

1. Lê o texto com atenção:

1.1. Sublinha no texto todos os adjetivos que encontrares.

1.2. Nos seguintes excertos do texto circula o adjetivo e diz em que grau se encontra:

“O meu irmão é mais novo do que eu.” (l.1) → _____

“acha o meu irmão engraçadíssimo” (l.3) → _____

“eu tenho muitos ciúmes dele” (l.4) → _____

“Lindíssimo!” (l.9) → _____

“o meu irmão era mesmo, mesmo muito engraçado” (l.20) → _____

Anexo 4

Nome: _____ Data: _____

FICHA FORMATIVA

ESTUDO DO MEIO

1. Observa a figura 1.

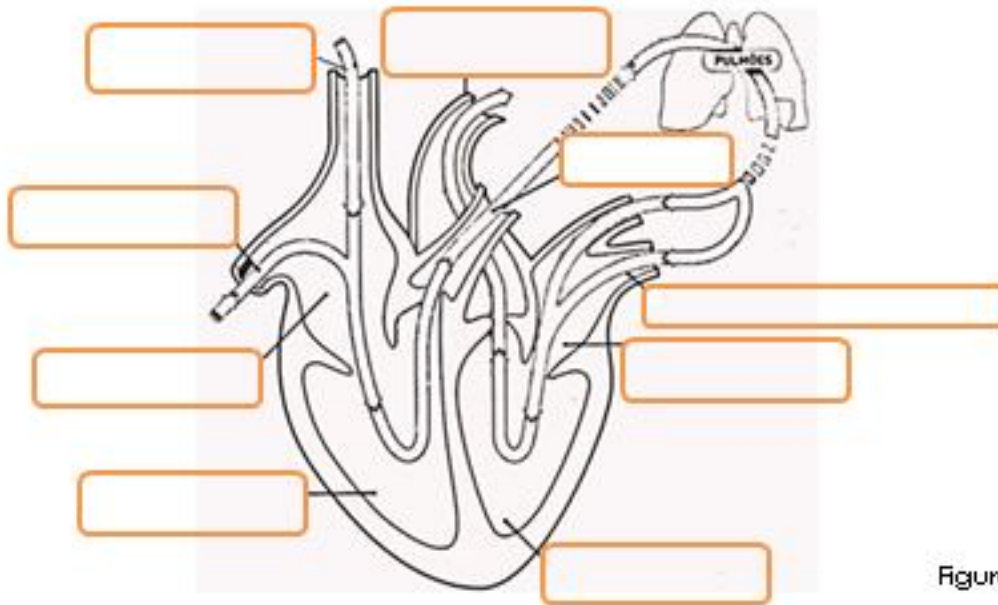


Figura 1

1.1. Legenda a figura.